Cabala: Comentários de um Pedreiro Sobre a Torá

Shemot - Êxodo

Roberto Lage Ben-Guedes

O Sentido do Nada Infinito – 30/04/2016

RLG-Êxodo-2026-001

Cabala: Comentários de um Pedreiro Sobre a Torá

Shemot - Êxodo

Roberto Lage Ben-Guedes

Edição do Autor
23 Maio de 2026, 7 Sivan de 5786

É proibida a comercialização deste Livro - 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ben-Guedes, Roberto Lage

Cabala [livro eletrônico]: Comentários de um Pedreiro Sobre a Torá: Shemot: Êxodo / Roberto

Lage Ben-Guedes. -- São José dos Campos, SP:
Ed. do Autor, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-15097-9

1. Bíblia - Estudos
2. Bíblia. A.T. Êxodo - Comentários
3. Bíblia. A.T. Êxodo - Crítica e interpretação
4. Bíblia. A.T. Êxodo - Leitura
5. Judaísmo - História
6. Maçonaria - História I. Título.

26-366648.0 CDD-222.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Êxodo: Torá: Bíblia: Comentários 222.12

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

É proibida a comercialização deste Livro - 3

Agradecimentos

Ao **Eterno D'us**, por ter-nos permitido escrever esse texto!!!

Ao meu Pai e minha mãe, por toda a dedicação que tiveram para com minha formação!!!

As nossas famílias, pela tolerância às muitas horas dedicadas a confecção deste!!!

Aos amigos do Grupo de Estudos de Cabala (GEK), pela oportunidade de crescimento conjunto!!!

Aos Pedreiros pelas longas horas de debates!!!

*Escuta, Israel! O **Eterno** é nosso **D'us**, o **Eterno** é um!*
Torá Devarim 06:04, pg. 524.

Salmo do Amor Fraternal

1.	*Cântico de ascensão de David*
2.	*Como é bom e agradável viverem irmãos juntos em harmonia!*
3.	*É como o óleo precioso que unge a cabeça de Aarão, e do qual escorrem gotas para sua barba e daí para orla das suas vestes.*
4.	*É como o orvalho de Hermon, que vem cair sobre as montanhas de Tsión, como bênçãos ordenadas pelo Eterno. Sejam elas perpétuas em sua vida!*

Salmo 133, Tanakh pg. 1863

Sumário

01 - Introdução 1
02 - Parashat Shemot – Nomes - Servidão Institucional 2
03 - Parashat Vaerá – E apareci - As Sete Pragas 15
04 - Parashat Bô – Vinde - As Três Últimas Pragas - Êxodo 27
05 - Parashat BeShalách - Expulsou – O Mar Se Abre 39
06 - Parashat Yitrô – Jetro – A Tora Foi Entregue 51
07 -Parashat Mishpatim - Ordenanças - Leis 66
08- Parashat Terumá - Oferenda - Tabernáculo 77
09 - Parashat Tetsavê – Ordenarás - Sacerdotes 89
10 - Parashat Ki Tissá - Quando Receberes - As Tábuas 101
11 - Parashat Vayakhel – E Reuniu – Mishcan 115
12- Parashat Pecudê – Contas - Inauguração 127
13 – Referências 136

01 – Introdução

Prezados Pedreiros! Primeiro quero agradecer ao Eterno D'us, Bendito Seja, por ter-me proporcionado a oportunidade de ter tido contato com estes ensinamentos, que são fundamentais para a vida. O objetivo deste texto é fazer um breve relato do que ocorre no **Livro Shemot (שְׁמוֹת) (Êxodo).** Este texto está alicerçado e direcionado pelos imensos conhecimentos apresentados pelo Rabi Menachem M. Schneerson e resumidamente apresentados no Livro Sabedoria Todo Dia, ISBN 978-0-8266-0654-9, realçados neste texto na cor azul.

Para cada capítulo da Torá, o Rabi Menachem M. Schneerson apresenta em seu Livro uma leitura diária, voltada a interpretação de uma parte do respectivo capítulo, contendo assim 7 leituras uma para cada dia da semana. Suportado por essas interpretações, em parte ou no todo, procurei me apoiar também em textos tradicionais da Cabala Judaica Tradicional para uma maior compreensão do conhecimento apresentado pelo Rabi Menachem M. Schneerson.

Por outro lado, acredito que o percurso realizado por um Mestre dentro da Organização dos Pedreiros Livres representa uma jornada espiritual. Nossos estudos têm uma forte base no Judaísmo e na Cabala Judaica Tradicional. Para compreender plenamente o conhecimento apresentado durante as reuniões e nos diferentes graus, é essencial estudar especialmente a Torá e o Tanakh, além de explorar o vasto legado deixado pelos Sábios judaicos, de abençoada memória. Evidentemente, estes relacionamentos com a Organização e com os graus, não estão explícitos. Mas, para àqueles que tiveram acesso a um determinado nível, encontrarão os fundamentos ao longo dos cinco Livros da Torá, do Tanakh e nos respectivos comentários aqui apresentados. Sigo a orientação de que os nossos documentos não forem feitos para revelar abertamente as informações, mas para escondê-las de forma que, somente àqueles que se aprofundam, de fato, na busca do conhecimento encontrá-los-ão.

Para aqueles que não pertencem à Ordem dos Pedreiros, ressalto que os comentários apresentados aqui podem contribuir significativamente para a compreensão dos textos Sagrados, especialmente no contexto do **Livro Shemot**. Embora as informações aqui apresentadas possam parecer inéditas para alguns, na verdade, elas foram reveladas há séculos por nossos Sábios de abençoada memória.

Como normalmente falo e repito, não sou o autor destas palavras. Sou apenas um carteiro a entregar cartas. Se ao ler no todo ou em parte este livro, algo lhe tocou o coração, a carta encontrou o seu destino e o carteiro cumpriu a sua missão. Desta forma, é proibida a venda deste livro. Por isso, procurei fazê-lo em um formato digital, o qual as pessoas possam ter livre acesso. Assim, caro Leitor, se você deseja ter este livro impresso, pode imprimi-lo, mas, não o comercialize.

O livro sobre **Shemot**, ou em qualquer dos outros livros da Torá que escrevi, o foco é o interior de uma pessoa. Tudo ocorre dentro. A começar por Adão e Eva e percorrendo os fatos Bíblicos, toda interpretação está voltada para o seu interior. Do mais elevado Ser ao mais desprezível, todos estão dentro das pessoas neste momento. Portanto, a terra a ser conquistada são os nossos pensamentos, falas e ações. Os 10 espiões falaram poeira de maledicências sobre a terra de Israel e os outros 2 também espiões foram verdadeiros, mas todos estão dentro de nós. Cada povo a ser conquistado representava um sentimento contrários aos apresentados nas sete emoções da Árvore da Vida. Por exemplo, na Árvore da Vida tem o sentimento de Misericórdia. Um dos povos a serem conquistados apresentava a característica da avareza. Mas, ambos os sentimentos de Misericórdia e avareza estão dentro de nós. Portanto, quando se fala que é preciso conquistar tal povo, é que precisamos superar dentro de nós o sentimento de avareza. Assim, o pensamento básico aqui apresentado nos comentários da Tora tem foco no interior do Ser Humano. Não existe nada além Dele (HaShem).

Este é o 2º de 5 volumes de comentários dos respectivos Livros da Torá. Anteriormente foram produzidos outros 4 Livros que são: O Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala; Cabala Cartas Para o Mestre; Cabala Uma Janela Para a Alma: Massach e Abraão e Isaac a Luz da Cabala, todos encontram-se no site da Amazon.

02 - Parashat Shemot – Nomes - Servidão Institucional

Sinopse

Em menos de um século, o número de israelitas aumentou de tal modo que o faraó temeu que pudessem tomar o controle do reino. Para evitar isso, começou a recrutar os israelitas para trabalhar em seus projetos nacionais de construção. Infelizmente, com exceção dos membros da tribo de Levi, os israelitas começaram a se descuidar de sua herança moral e tornaram-se vulneráveis às artimanhas do faraó, que ardilosamente apelou à sua lealdade patriótica ao Egito. Assim, o faraó conseguiu escravizar todos eles, com exceção dos levitas. O Rebe nos mostra que o maior risco do '*exílio*' (o mundo profano), para uma pessoa que vive atualmente, é psicológico, ou seja, lhe é interno e muito maior do que é decorrente do mundo que a cerca. Quando o Pedreiro se identifica excessivamente com os valores, linguagens e expectativas do ambiente em que vive, ele pode perder contato com sua essência. Assim como no Egito daquela época, a assimilação começa de forma sutil. Muitas vezes ela é apresentada como lealdade, adaptação sem consequências ou sucesso social, até que a pessoa se vê servindo a sistemas que consomem sua energia, sem retorno real ao que de fato é sua essência. *O Egito é o protótipo de todos os exílios. Em todos eles, a cultura dominante impõe educar nossos filhos* (neófitos) *à sua maneira, prometendo que é esse o caminho para obter sucesso material e social. Assim como no Egito, resistir a essas promessas e assegurar que nossos filhos cresçam apreciando os valores da Torá é o que vai garantir a felicidade material, social e espiritual deles, como também uma vida livre das amarras do exílio.* Lembre-se: Se você fizer o que quer, você não é livre, pois é escravo do desejo. "*Você só é livre quando faz o que não quer*". Essa é uma frase do filósofo alemão Immanuel Kant, um dos principais pensadores do Iluminismo. Kant defende que a liberdade está em ser dono de si mesmo e não escravo dos desejos, vícios ou qualquer outra influência externa. Para ele, a liberdade verdadeira só pode ser trazida pela autonomia, pela inteligência, pelo uso correto da vontade. Kant também defende que ser livre não é fazer o que se quer e bem entende. Mas fazer o que se deve, agir pelo dever. Ele vê a principal causa da insuficiência de todos os sistemas éticos antigos e modernos nessa falha da concepção de liberdade. Por isso, o verdadeiro Pedreiro faz aquilo que é certo. *Quando nos deparamos com obstáculos no cumprimento de nossa missão Divina, devemos compreender que podemos receber a intervenção favorável de D'us se confiarmos que Ele irá nos ajudar. Confiar no auxílio de D'us não quer dizer que não devemos adotar os cuidados necessários para evitar dificuldades ou resolver nossos problemas; somente significa que devemos confiar que Ele vai coroar de sucesso nossos esforços.* Assim, o faraó, Moshê, Midiã e o poço formam uma sequência única que ensina que a consciência libertadora primeiro é percebida como ameaça, depois se recolhe, fortalece sua confiança e somente então se torna apta a conduzir a libertação. *No Egito a escravidão dos israelitas se intensificava; então, D'us apareceu diante de Moshê sobre o Monte Sinai e falou com ele de um arbusto em chamas que, milagrosamente, não se consumia*. Em Shemot 03:14, D'us instrui Moshê a empregar especificamente o Nome "*Eheiê Asher Eheiê*" (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה), que usualmente é utilizado somente como *Eheiê* (א-ה-י-ה), porque este Nome expressa, de modo preciso, a forma como a Presença Divina se relaciona com Israel naquele momento histórico. Diferentemente de outros Nomes, que descrevem atributos como poder, julgamento ou misericórdia, *Eheiê* indica presença ativa, dinâmica e futura. *D'us disse a Moshê que agora iria redimir o povo israelita para lhe conceder a Torá e conduzi-lo à Terra de Israel. Moshê perguntou como poderia explicar o Seu silêncio durante o século de escravidão israelita. D'us replicou que, realmente, Ele estava compartilhando a dor do povo durante esse longo exílio, mas que isto tinha um propósito, e que Sua misericórdia atua todo o tempo, inclusive quando está oculta. D'us, então, falou a Moshê que, se ele lhes informasse que havia chegado o momento da redenção, os israelitas iriam acreditar nele apesar das queixas sobre o tratamento que tinham recebido do Todo-poderoso".* O texto ensina que o crescimento interior ocorre de forma progressiva, em etapas como consciência, resistência, refinamento, integração e ação. Isto é um processo no qual a pessoa aprende a libertar sua essência e a conduzir sua vida com sentido e coerência. *A lição para nós neste caso é que, cada vez que nos confrontamos com um 'rei egípcio', ou seja, com alguém que - seja de bom grado ou pela força - procure nos impor elementos de um estilo de vida contrário a nossos*

valores e princípios, devemos reconhecer o perigo inerente em sucumbir à tal pressão. É importante que o Pedreiro veja que o sangue (Dam) representa a força vital em estado bruto, isto é, a energia da vida ainda por refinar. A Cabala ensina que enquanto a luz (Or) representa revelação e expansão, o sangue representa custo, esforço e sacrifício, ou seja, aquilo que vincula a espiritualidade à realidade concreta. O sangue permite ao Ser Humano agir para o bem ou para o mal. Refinado por valores e consciência, torna-se um canal de santidade. Sem refinamento, alimenta a violência, os desejos e o egoísmo. Assim, ***Moshê se voltou a D'us e disse: 'D'us, por que maltratou a este povo?'*** *No fundo, Moshê não estava questionando a justiça de D'us, mas, sim, tentando compreendê-la. Moshê e o povo israelita haviam herdado a fé em D'us dos patriarcas e matriarcas. Esta fé realmente era muito forte, mas, para redimi-los do Egito e receber a Torá, não bastava que sua relação com D'us fosse apenas uma herança de seus antepassados: eles tinham que gerar a sua própria fé e convicção. Somente quando uma pessoa internaliza a sua fé e se convence dela é que esta pode permear todo o seu ser.* Cabalisticamente, esse movimento marca a transição de uma fé situada em níveis superiores e abstratos para uma fé que permeia Malkhuth (nosso reino). Isto é, a experiência concreta da vida. O Rebe destaca que questionar, nesse sentido, está longe de ser uma rebeldia, mas é uma busca por integração. Somente uma fé que passou pelo crivo da pergunta pode transformar o indivíduo e prepará-lo para receber a Torá.

1.(Shemot) - Êxodo - 01:01-17 - – "*A promessa de D'us de converter a família de Jacob em uma grande nação no Egito foi realizada rapidamente. De fato, em menos de um século, o número de israelitas aumentou de tal modo que o faraó temeu que pudessem tomar o controle do reino. Para evitar isso, começou a recrutar os israelitas para trabalhar em seus projetos nacionais de construção. Infelizmente, com exceção dos membros da tribo de Levi, os israelitas começaram a se descuidar de sua herança moral e tornaram-se vulneráveis às artimanhas do faraó, que ardilosamente apelou à sua lealdade patriótica ao Egito. Assim, o faraó conseguiu escravizar todos eles, com exceção dos levitas*.

Identidade Israelita. Estes são os nomes dos filhos de Israel que chegaram ao Egito. O exílio físico dos israelitas era a escravidão forçada; seu exílio espiritual, a escravidão psicológica à cultura do país em que viviam. Apesar de muitos se assimilarem por causa do exílio, outros lutaram para manter sua identidade, recusando-se a abandonar sua língua e seus nomes israelitas porque acreditavam no seu destino, na sua missão.

Foi somente após revelar sua identidade interior como reação ao desafio do exílio que o povo israelita esteve em condições de receber a Torá. O propósito da Torá é nos ensinar como trazer a consciência Divina aos aspectos mais mundanos da vida, inclusive àqueles que inicialmente se opõem à Divindade. No exílio, o povo israelita aprendeu como superar até mesmo essas forças.

O mesmo se aplica a nosso exílio atual: apegarmo-nos tenazmente às nossas tradições, até mesmo àquelas que não parecem importantes, vai acelerar a nossa redenção. Os desafios que superamos nos purificam e nos preparam para as elevadas revelações Divinas que acompanharão a iminente Redenção final".

Lembremo-nos que, anteriormente, vimos que em função dos anos de seca intensa no Egito, José comprou toda a terra dos egípcios, pois a fome havia se agravado. Mas, a terra dos levitas permaneceu fora da aquisição de José, como pode ser visto em Torá B47:22, a saber: "*Somente a terra dos sacerdotes não comprou, porque ela era porção fixada para os sacerdotes, da parte do faraó, e comiam a porção que lhes dava o faraó; portanto, não venderam sua terra*". Eles, os sacerdotes levitas, gozavam de privilégios especiais, pois se dedicavam ao bem-estar espiritual do povo. E isto explica a "*facilidade*" com que Moshê e Aarão se aproximavam do faraó.

O livro de Êxodo começa listando novamente os nomes dos filhos de Jacob para nos mostrar que a mesma família que desceu como um clã retornará para a Terra Prometida como uma nação. Segundo a tradição, D'us os conta por nome para demonstrar apreço. Mesmo ao entrarem no exílio, os filhos de Jacob, conservam sua identidade própria e ou coletiva. Ou seja, permanecem longe de se transformar em um conjunto de pessoas sem definição. Com isto, está vivo em suas mentes que são portadores de uma missão e cada um corresponde a um aspecto essencial da totalidade.

Em seguida Shemot (Êxodo) ressalta que a promessa Divina feita a Jacob foi cumprida rapidamente. A família de Jacob que desceu ao Egito tornou-se numerosa e forte. A Torá demonstra com isso que o exílio jamais foi um obstáculo à bênção. No texto do Rebe, acima apresentado, destaca que esse crescimento rápido despertou temor político no faraó.

O tempo passa e surge um "*novo rei que não conhecera José*". O Rebe interpreta que esse esquecimento é uma negação consciente da contribuição espiritual que Jacob e seus descentes deram ao Egito. Este fato nos apresenta que a identidade espiritual do povo israelita começa a incomodar. O poder estabelecido reinterpretada essa identidade como uma ameaça. A Torá, ao registrar esse momento, demonstra que a escravidão nasce primeiro na mente do opressor, antes de se materializar em decretos. How Exile Leads To Redemption in www.chabad.org.

As parteiras recusam-se a cumprir a ordem do faraó por "*temerem a D'us*". O Rebe conecta esse ato à ideia de que a resistência espiritual é o pré-requisito para receber a Torá, pois somente quem reafirma sua identidade diante da opressão, pode contribuir decisivamente para uma elevação do mundo material a um novo patamar. Pela ação das parteiras Aarão e Moshê nasceram.

O Rebe nos mostra que o maior risco do '*exílio*' (o mundo profano), para uma pessoa que vive atualmente, é psicológico, ou seja, lhe é interno e muito maior do que é decorrente do mundo que a cerca. Quando o Pedreiro se identifica excessivamente com os valores, linguagens e expectativas do ambiente em que vive, ele pode perder contato com sua essência. Assim como no Egito daquela época, a assimilação começa de forma sutil. Muitas vezes ela é apresentada como lealdade, adaptação sem consequências ou sucesso social, até que a pessoa se vê servindo a sistemas que consomem sua energia, sem retorno real ao que de fato é sua essência.

A libertação interior ocorre quando o Pedreiro reafirma conscientemente quem é, quais os seus valores que orientam suas escolhas. Essa fidelidade interior de modo algum o afasta do mundo. Isto lhe dá a capacidade de transformar o cotidiano, em veículos de consciência, integridade e sentido, preparando o próprio Pedreiro para níveis mais elevados de clareza espiritual. Isto, tal qual os israelitas que resistiram a assimilação no exílio.

2.(Shemot) - Êxodo - 01:18-02:10 – "*Trinta anos de trabalhos forçados não conseguiram enfraquecer o espírito dos israelitas nem diminuir a sua fertilidade. O faraó, então, intensificou a sua escravidão, obrigando-os a realizar tarefas sem sentido. Depois de cinco anos submetendo-os a estes trabalhos desmoralizantes, nasceu Moshê, filho de Amram, neto de Levi (filho de Jacob) e de Yocheved, filha de Levi. Os astrólogos do faraó previram que acabava de nascer o futuro redentor dos israelitas; logo, para evitar a redenção, ele decretou que todo recém-nascido do sexo masculino deveria ser morto.*

Afogar-se no Egito. O faraó ordenou a seu povo: "'Vocês devem atirar no Nilo todos os meninos que nascerem, mas deixem as meninas viverem'. Ao instruir seu povo: 'deixem as meninas viverem', o faraó pretendia que as meninas judias fossem criadas como egípcias. Por isso, ele decretou a morte física dos meninos e a morte espiritual das meninas. O decreto que exigia jogar os meninos no rio Nilo também se refere à imersão dos israelitas na cultura egípcia, uma vez que os egípcios adoravam o Nilo como a fonte de seu sustento e sua cultura.

O Egito é o protótipo de todos os exílios. Em todos eles, a cultura dominante impõe educar nossos filhos (neófitos) *à sua maneira, prometendo que é esse o caminho para obter sucesso material e social. Assim como no Egito, resistir a essas promessas e assegurar que nossos filhos cresçam apreciando os valores da Torá é o que vai garantir a felicidade material, social e espiritual deles, como também uma vida livre das amarras do exílio*".

O faraó pretendia que as meninas israelitas fossem criadas como egípcias. Por isso, ele decretou a morte física dos meninos e a morte espiritual das meninas. Simbolicamente, a imersão nas águas do Nilo também se refere a imersão dos israelitas na cultura egípcia, uma vez que os egípcios adoravam o Nilo como fonte de seu sustento e de sua cultura. A cultura dominante impõe educar nossos filhos à sua maneira, prometendo que esse é o caminho para obter sucesso material e social. Assim, resistir a essas promessas vai assegurar também uma vida livre das amarras do exílio. Manter a nossa cultura é que proporciona meios para se obter, de fato, a liberdade.

Caro Pedreiro! Este texto apresenta um alerta para todos os tempos. Um dia, isto também poderá ocorrer com a nossa Organização. Cultura externa a nossos Templos e tradições outras poderiam ser, gradativamente, impostas para dentro de nossa Ordem. A assimilação ocorre paulatinamente. Assim, poderíamos nos tornamos escravos de nossas paixões. Mas, devemos nos lembrar que viemos aqui para vencer as nossas paixões e submeter a nossa vontade.

Lembre-se: Se você fizer o que quer, você não é livre, pois é escravo do desejo. "*Você só é livre quando faz o que não quer*". Essa é uma frase do filósofo alemão Immanuel Kant, um dos principais pensadores do Iluminismo. Kant defende que a liberdade está em ser dono de si mesmo e não escravo dos desejos, vícios ou qualquer outra influência externa. Para ele, a liberdade verdadeira só pode ser trazida pela autonomia, pela inteligência, pelo uso correto da vontade. Kant também defende que ser livre não é fazer o que se quer e bem entende. Mas fazer o que se deve, agir pelo dever. Ele vê a principal causa da insuficiência de todos os sistemas éticos antigos e modernos nessa falha da concepção de liberdade. Por isso, o verdadeiro Pedreiro faz aquilo que é certo.

O faraó percebe que sua estratégia de fazer com que as parteiras matassem os meninos está fracassando. O mesmo ocorre com a imposição de trabalho forçado. A intimidação igualmente falhou em quebrar a identidade espiritual dos israelitas. A interpretação do Rebe destaca que, após décadas de escravidão física, o faraó recorreu a um método mais profundo que é o de trabalhos sem sentido. Este tipo de trabalho tem por objetivo destruir a dignidade e a identidade internas. A Torá sugere que a opressão mais perigosa é a perda de significado. Muito além da exaustão física, um povo que deixa de perceber propósito em sua existência, torna-se vulnerável à assimilação e ao controle psicológico.

O nascimento de Moshê ocorre no auge dessa tentativa de destruir a identidade espiritual do povo israelita. A Torá nos apresenta que a redenção surge quando a escuridão encontra seu máximo. Mas, também ela surge em um ambiente onde a identidade é preservada. A adaptação passiva não propicia o ambiente adequado para que a redenção surja. Assim, Moshê nasce de Amram e Yocheved, descendentes de Levi, a tribo que manteve sua fidelidade espiritual durante o exílio.

Mas, o nascimento de Moshê proporciona uma inversão da ação ordenada pelo faraó, pois aquilo que deveria ser instrumento de morte, transforma-se em meio de salvação. Yocheved se abstém de entregar seu filho ao Nilo em razão de estar insubmissa à cultura egípcia. Prudentemente, ela o envolve em uma arca cuidadosamente preparada, simbolizando proteção espiritual dentro de um ambiente hostil. A destruição da identidade espiritual decorre da ausência de limites e não da exposição ao mundo, ou ao ambiente que nos carca. A arca simboliza a existência destes limites. Além disto, o fato de Moshê ter sido criado dentro da casa do faraó nos mostra que a verdadeira liberdade consiste em viver dentro do mundo profano sem, contudo, ser absorvido por ele. https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/901527/jewish/Nasce-Mosh.htm

"*O Talmud explica que o faraó decretou que os meninos israelitas fossem lançados no rio porque seus astrólogos haviam previsto que a água seria o catalisador para a queda do libertador dos israelitas. Com base nisso, o Midrash explica que a mãe de Moshê, que estava ciente do destino especial do filho, esperava que, assim que Moshê fosse colocado na água, os astrólogos vissem que o libertador dos israelitas já havia sido lançado na água e o decreto contra os meninos seria anulado, e ela seria livre para trazer seu filho de volta para casa. Foi isso exatamente que aconteceu, mas naquele momento já era tarde demais. A filha do faraó já havia encontrado Moshê*".
https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/498452/jewish/Why-Was-Moses-Put-in-a-Basket-in-the-River.htm/utm_source/chatgpt.com

3.(Shemot) - Êxodo - 02:11-25 – "*Yocheved colocou secretamente seu filho Moshê num cesto e o ocultou nos juncos do rio Nilo. O cesto foi descoberto por Bitia, filha do faraó, que adotou a criança. Bitia contratou a Yocheved como ama de leite de Moshê, e assim ele cresceu na sua própria família até que ele teve doze anos; ele só foi para a casa do faraó por volta desta idade. O faraó sabia que Moshê era israelita, mas esperava que, ao educá-lo como egípcio, sua inteligência e talentos excepcionais pudessem ser de utilidade para seu governo. Moshê tinha dezoito anos quando viu um capataz egípcio golpear impiedosamente a um israelita; enfurecido, matou o capataz. Tal como temia Moshê, o fato chegou aos ouvidos do faraó, que o sentenciou à morte.*

Em D'us confiamos. O faraó soube do incidente. Moshê deveria ter confiado na proteção Divina, mas como não o fez, a acabou perdendo. Consequentemente, o faraó soube do episódio e procurou matá-lo. Se Moshê não tivesse tido medo e não tivesse manifestado este temor nada de mal teria acontecido.

Do mesmo modo, quando nos deparamos com obstáculos no cumprimento de nossa missão Divina, devemos compreender que podemos receber a intervenção favorável de D'us se confiarmos que Ele irá nos ajudar. Confiar no auxílio de D'us não quer dizer que não devemos adotar os cuidados necessários para evitar dificuldades ou resolver nossos problemas; somente significa que devemos confiar que Ele vai coroar de sucesso nossos esforços.

Nossos sábios nos ensinam que foi o mérito da sua confiança em D'us o que levou os israelitas a serem libertados do Egito. Da mesma forma, nossa confiança de que D'us vai nos redimir de nosso atual exílio é o que acelerará a Redenção"

Em Torá Sefer Shemot 02:15, a Torá encadeia-se em cinco fases a saber: "*o faraó ouve, tenta matar Moshê, Moshê foge, detém-se em Midiã e senta-se sobre o poço*".

A Torá nos mostra que a essência de Moshê tornou-se pública quando o faraó "*ouve sobre o caso*". Moshê deixou de ser apenas um príncipe egípcio, pois passou a agir guiado por um senso de justiça e moral superior. O faraó reage tentando matar Moshê que simboliza a consciência libertadora. Ou seja, a consciência libertadora é, por si só, uma ameaça ao sistema opressor. Assim, o faraó visa eliminar a liderança antes que ela amadureça. Depois de passar 40 anos na Etiópia, Moshê pensou que era hora de se casar e estabeleceu-se em Midian. Rashi Chumash Shemot 02:15, pg. 12.

O poço simboliza a fonte oculta de vida (Torá). Ao posicionar-se ao lado do poço, Moshê demonstra deliberadamente que a liderança autêntica decorre da conexão com valores essenciais, em vez de depender exclusivamente do exercício de autoridade externa. A tradição vê aqui o mesmo padrão realizado pelo servo de Abraão (Eliézer) e por Jacob, pois se sentaram próximo de um poço, com finalidade semelhante.

Este versículo ilustra que a redenção ocorre em etapas, pois primeiro o opressor identifica a ameaça e responde, depois o redentor se distancia, busca apoio espiritual enquanto está oculto e, finalmente, retorna. O faraó, Moshê, Midiã e o poço não são elementos isolados, mas etapas de um único movimento que descreve como a consciência libertadora nasce, se protege e se prepara para agir no mundo.

Isto mostra ao Pedreiro que a libertação é um processo que ocorre em etapas. É possível perceber que a Providência Divina coordena os acontecimentos desde o nascimento de Moshê, ocultando-o no cesto entre os juncos, depois protegendo-o dentro do próprio sistema opressor (a casa do faraó), em seguida tem sua essência revelada ao agir contra a injustiça, o que leva o faraó a reconhecê-lo como uma ameaça e tentar eliminá-lo. Nesse ponto, Moshê entra em uma fase que corresponde ao ocultamento (fuga para Etiópia, desloca-se depois para Midiã e o assentar-se junto ao poço). Essa fase foi necessária para ele poder reconstruir sua confiança e conexão com D'us, antes de retornar como libertador.

O Rebe, acima, explica que a fuga de Moshê decorreu de uma falha momentânea de sua confiança em D'us, o que lhe exigiu um período de afastamento e amadurecimento espiritual. Assim, o faraó, Moshê, Midiã e o poço formam uma sequência única que ensina que a consciência libertadora primeiro é percebida como ameaça, depois se recolhe, fortalece sua confiança e somente então se torna apta a conduzir a libertação.

4. (Shemot) - Êxodo - 03:01-15 – "*Moshê fugiu do Egito e finalmente chegou a Midian. Aos setenta e sete anos de idade se casou com Tzipora, filha de Yitrô – o chefe local - e começou a pastorear rebanhos do seu sogro. Yitrô havia renunciado à idolatria, e por isso tinha sido condenado por seu povo ao ostracismo. Enquanto isso, no Egito a escravidão dos israelitas se intensificava; então, D'us apareceu diante de Moshê sobre o Monte Sinai e falou com ele de um arbusto em chamas que, milagrosamente, não se consumia.*

Mostrar a D'us que Ele nos importa. Quando viu o arbusto em chamas, Moshê disse: 'Deixa-me sair daqui e ir ali para contemplar essa notável visão'. Quando Moshê disse estas palavras, estava expressando a aspiração que é o fundamento de toda a relação com D'us. Tal aspiração é o que nos torna humanos, ou melhor, seres que se esforçam para elevar-se acima da existência animal em busca de profundidade intelectual e autoaperfeiçoamento espiritual.

Esta ambição nos permite concentrar nosso intelecto na meditação solitária e subir na escada da consciência Divina. Seja qual for o nível de consciência que venhamos a obter, sempre aspiramos elevarmo-nos ainda mais. A força desta aspiração libera nosso potencial humano, fortalecendo nosso intelecto, nossas emoções e nossos sentidos. Constantemente somos abençoados com novas ideias e com compreensão renovada, o que nos conduz a uma relação mais profunda com D'us.

Assim como consta no versículo seguinte, somente depois que 'D'us viu que Moshê se voltou para ver' é que de 'dentro da sarça, Ele o chamou'".

Qual é o Seu Nome? – No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, na pg. 76, podemos encontrar que "*em Shemot 13 e 14 Moshê pergunta a D'us "veameru li ma shemo ma omar alehem" (ואמרו לי מה שמו מה אמר אלהם) e dirão para mim:* ***Qual é o seu nome? Que direi a eles?*** *Podemos nos questionar aqui por que motivo o povo perguntaria qual o nome de D'us, afinal nas rezas se menciona o nome (יהוה)! Além disto, Ele O revelou a Moshê quando se juntou com os anciões do povo bem como através das sofê tevot das palavras acima, que unidas formam (יהוה).*

Outro fato carioso é que Moshê sabia que a escravidão deveria durar 400 anos e este tempo ainda não havia chegado! ***Como então D'us queria já mandá-lo para libertar o povo? Afinal Ele modificaria Suas palavras?*** *Encontramos a resposta através do passuc (versículo) 14, em que D'us diz 'Ehei-ê asher Ehei-ê' (א-ה-י-ה אשר א-ה-י-ה) - Serei O que Serei. A Guematria do nome (א-ה-י-ה) soma (1+5+10+5=21) e multiplicado por 21 (pois aparecem duas vezes neste passuc) resulta em 441. Este valor é o mesmo da Guematria da palavra emet (אמת) (1+40+400=441) - verdade. Ou seja, D'us e Seu nome são verdadeiros, mas por causa do severo jugo da escravidão que os egípcios impuseram*

sobre o povo, a <u>redenção aconteceria antes do tempo previsto</u>, de forma a cumprir-se o pacto de D'us.

É possível interpretar esta pergunta e sua resposta de outra forma. ***Por que Moshê pergunta a D'us qual Seu nome?*** *Afinal em suas próprias palavras (ואמרו לי מה שמו מה אמר אלהם) 'veameru li ma shemo ma omar alehem'* ***Moshê já não demonstrava que sabia que Seu nome era (יהוה)?***

A resposta é que Moshe sabia, porém, a sua dúvida era a respeito de qual forca Divina (e com qual nome Ele se manifestaria no mundo) a fim de salvar o povo da escravidão? *Então D'us lhe responde que será com o nome (א-ה-י-ה) e não (יהוה) que salvaria nosso povo, pois é esta denominação que é utilizada para salvar de desgraças e que simboliza a verdade, conforme mencionado na Guematria acima.*

O carimbo de D'us é a emet (אמת) (1+40+400=441) – a verdade. Quando Moshê Lhe questiona qual referência que ele pode transmitir ao povo para garantir-lhes que tudo o que ele lhes está informando se concretizará, D'us lhe responde que a garantia é Seu nome (א-ה-י-ה) que simboliza a verdade, de acordo com a Guematria acima citada.

Ainda podemos aprender mais a respeito do nome 'Ehei-e' (א-ה-י-ה) Serei. No passuc 14, D'us responde a Moshê que é este nome que deve ser empregado, dentre os vários existentes. Neste passuc, esta denominação é utilizada três vezes e isso vem representar os três patriarcas, já que também com eles, D'us utilizou-se deste nome: com Avraham em Bereshit 12:02, Itschac em Bereshit 26:03 e Jacob em Bereshit 31:03.

*A Guematria deste Nome (א-ה-י-ה) soma 21, e é a mesma da Guematria das rashê tevot somadas dos nomes de Avraham (**א**הרהם), Itschac (צחק**י**) e Jacob (עקב**י**) (10+10+1=21)*".

Obs.: "***E foi o fim de 430 anos de escravidão*****"**. Os 430 anos são contados desde o pacto com Abraão (B15:18). No Egito os israelitas permaneceram por 210 anos, dos quais 116 como escravos. Em Torá Shemot 06:20 e Torá Sefer Êxodo 12:41 pg. 189. Rashi nos apresenta o cálculo sobre Shemot 12:40-41, pg. 57. A extensão total do tempo que os israelitas viveram no Egito e em outros lugares como estrangeiros desde a profecia feita por D'us a Abraão "*entre as metades*" (15 de Nissan de 2018) foi de exatamente 430 anos: 30 anos de quando D'us fez a aliança até o nascimento de Isaac (Seder Olam Rabá 1), 60 anos do nascimento de Isaac até o nascimento de Jacob (B25:26), 130 anos do nascimento de Jacob até sua chegada ao Egito (B47:09) e 210 anos no Egito. Ao fim de 430 anos, na quele mesmo dia, todas as hostes de D'us saíram do Egito. Assim, que chegou a hora marcada, D'us não retardou o Êxodo nem por um instante.

Em Shemot 03:14, D'us instrui Moshê a empregar especificamente o Nome "*Eheiê Asher Eheiê*" (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה), que usualmente é utilizado somente como *Eheiê* (א-ה-י-ה), porque este Nome expressa, de modo preciso, a forma como a Presença Divina se relaciona com Israel naquele momento histórico. Diferentemente de outros Nomes, que descrevem atributos como poder, julgamento ou misericórdia, *Eheiê* indica presença ativa, dinâmica e futura.

D'us se apresenta como Aquele que Se revela acompanhando o povo dentro do processo, dizendo, em essência: "*Eu serei convosco em cada etapa do exílio e da redenção*". A tradição explica que este Nome comunica consolação e esperança. Assim como D'us esteve com Israel neste sofrimento, estará com eles em todos os sofrimentos futuros. (Rashi Shemot 03:14, pg. 15). Além disso, *Eheiê* está associado à Sefirá de Kether, a raiz da vontade Divina que antecede qualquer manifestação definida. Por isso, é o Nome adequado para o início da redenção, quando a libertação ainda não é visível, mas já está assegurada em sua essência. Assim, D'us escolhe *Eheiê* porque a missão de Moshê não exige

apenas autoridade, mas a capacidade de transmitir ao povo que a redenção não vem de um ato isolado, e sim da Presença contínua de D'us com os israelitas.

Porque Eheiê está associada a Sefirá Kether? Como sabemos, *Eheiê* significa '*Serei*', isto é, um processo, que ainda não está estabelecido. Kether é a Sefirá anterior a toda definição, situada acima de Hokhmah (sabedoria) e Bina (entendimento). Enquanto Hokhmah já é um '*insight*' e Bina uma estrutura conceitual, Kether é a vontade primordial (ratzon ha'elyon). Portanto, um Nome verbal no futuro e corresponde, precisamente, a esse nível pré formal.

Ao fim da interpretação dos versículos Shemot 03:01-15, penso ser importante olharmos bem de perto os versículos Shemot 03:14-15: "**14** *E disse D'us: serei O que serei* (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה). *E disse: Assim dirás aos filhos de Israel: Serei enviou-me a vós*. **15** *Disse D'us a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Eterno* (יְהוָה)*, o D'us de vossos pais, o D'us de Abraão, o D'us de Isaque e o D'us de Jacob, enviou-me a vós; este é o meu nome para sempre, e este é o meu memorial para todas as gerações*." Essa observação é decorrente de que as traduções do idioma hebraico para o português podem ocasionar certa incompreensão em relação ao que, verdadeiramente, o texto original nos apresenta.

Neste caso, apresento uma interpretação pessoal sobre o tema, a saber: Quando D'us diz: "*este é o meu nome para sempre, e este é o meu memorial para todas as gerações*", a Torá não está instruindo que o Nome Eheiê (אֶהְיֶה) passe a substituir todos os demais Nomes Divinos. Ou que D'us deva ser identificado exclusivamente por esse nome. Trata-se do nome que representa a Presença Divina (a essência) ao longo do desenvolvimento deste momento que os Israelitas estão vivendo. Sendo também a designação pela qual essa essência é recordada, invocada e transmitida por diferentes gerações.

Eheiê pertence a um nível mais elevado e oculto, associado a Kether, a raiz da vontade Divina. Ele expressa o Ser em "*devir*" (*Eu serei*). Isto é, a presença de D'us antes de qualquer forma definida. Por isso, Eheiê é revelado a Moshê no contexto da missão. D'us não é apenas Aquele que é, mas Aquele que Se manifesta conforme a necessidade espiritual do momento.

O verbo (אֶהְיֶה) Eheiê está na 1ª pessoa do singular imperfeito do verbo Haya (ser / estar), o qual pode ser traduzido como "*serei*" ou "*estarei*". O imperfeito hebraico descreve algo não fixado ou não concluído. Eheiê não define o que D'us é, mas afirma a Sua presença contínua e aberta. Isso foi traduzido conceitualmente como "*ser em processo*", ou "*devir*". Ou seja: "*devir*" não é um tempo verbal hebraico. É uma interpretação cabalística do uso do aspecto imperfeito. Eheiê significa, portanto, "*serei*", mas aponta para uma presença dinâmica e não limitada.

A seguir temos "*O Eterno (YHWH), o D'us de vossos pais… este é o meu memorial de geração em geração*". A Cabala explica que YHWH é o Nome pelo qual D'us deve ser lembrado, transmitido e relacionado no tempo. "*Memorial*" não significa pronúncia técnica do Nome, mas relação consciente. É o Nome que permite que a presença Divina desça das esferas ocultas para este mundo.

A tradição ainda observa outro detalhe importante. A palavra "*le'olam*" (eternamente ou para sempre) (לְעֹלָם) é escrita na Torá e neste local sem a letra Wav, permitindo também a leitura na forma "*le'elem*", ou seja, "*oculto*". Os sábios interpretam isso como uma indicação de que esse Nome (YHWH) é para ser contemplado internamente e não deve ser tomado para uso direto. Assim, "*este é o meu nome eternamente*" significa que este é o Nome que sustenta a realidade em silêncio, enquanto "*este é o meu memorial*" indica o Nome pelo qual D'us é acessível à consciência humana.

Portanto, não devemos chamar D'us apenas de Eheiê, nem nos lembrar Dele somente por esse Nome. Eheiê revela quem D'us é em Sua essência dinâmica; YHWH revela como essa essência se relaciona conosco ao longo das gerações. A plenitude espiritual está em reconhecer a ambos. Eheiê é a fonte

oculta da Presença Divina e YHWH é o Nome pelo qual essa Presença é vivida, lembrada e transmitida ao longo das gerações.

5. (Shemot) - Êxodo - 03:16-04:17 – "*D'us disse a Moshê que agora iria redimir o povo israelita para lhe conceder a Torá e conduzi-lo à Terra de Israel. Moshê perguntou como poderia explicar o Seu silêncio durante o século de escravidão israelita. D'us replicou que, realmente, Ele estava compartilhando a dor do povo durante esse longo exílio, mas que isto tinha um propósito, e que Sua misericórdia atua todo o tempo, inclusive quando está oculta. D'us, então, falou a Moshê que, se ele lhes informasse que havia chegado o momento da redenção, os israelitas iriam acreditar nele apesar das queixas sobre o tratamento que tinham recebido do Todo-poderoso".*

A promessa da Redenção. D'us falou para Moshê dizer ao povo: 'Lembrei-Me dê vocês e do que tem sido feito a vocês no Egito'. Apesar dos israelitas terem descido a um nível de espiritualidade perigosamente baixo, inclusive chegando a cultuar a ídolos, D'us não disse a Moshê para reprimi-los ou adverti-los de que, se não mudassem seu comportamento, o exílio continuaria. Muito pelo contrário: Ele instruiu a lembrá-los dos méritos de seus antepassados e a anunciar que, graças a esses méritos e ao mérito de seu sofrimento, eles seriam redimidos em breve. Somente muito tempo depois, quando ele tinha uma alternativa para eles - um mandamento para que eles cumprissem - é que Moshê disse aos israelitas para parar de adorar aos ídolos.

Do mesmo modo, a maneira mais efetiva para atingir e aproximar os corações de nossos companheiros israelitas de D'us é mostrar-lhes beleza de sua herança e estimulá-los com a promessa da Redenção".

Nos versículos Shemot 03:16–18, D'us orienta Moshê a reunir os anciãos de Israel, pois a redenção começa pela ativação da consciência coletiva (egrégora). Os anciãos representam as luzes internas (Orot Pnimiim) do povo, que estão associadas à Sefirá de Bina. Em Bina ocorre a compreensão amadurecida e transforma promessa em convicção. Antes de qualquer confronto com o Egito externo, é necessário despertar a percepção interna (essência) de que a redenção já foi decretada. A expressão "*certamente vos visitei*" indica uma revelação que já ocorreu no plano superior, embora ainda seja imperceptível no plano material.

Como já foi apresentado nas observações sobre a Bereshit Parashat Vayigash, vimos que bens que começam em níveis muito elevados, inicialmente podem ser sentidos ou interpretados como não sendo algo tão bom assim. A conduta de Nachum Ish Gam Zu, cuja resposta a todas as ocorrências de sua vida era o comentário "*Gam Zu Letovah*", "*Também isto é para o bem*". Este comentário não somente significa que um evento que aparentava ser mal, eventualmente evoluiria para o bem, mas que esse evento em si mesmo, em virtude de sua fonte, era igualmente bom. Mesmo que em sua forma presente, sua inerente bondade seja revelada em alguma data posterior. Tanya Iguéret HaCôdesh, Carta onze, pg. 215.

Em seguida, D'us antecipa a resistência que o faraó vai apresentar aos pedidos de Moshê e descreve os sinais e o despojamento do Egito. Este despojamento expressa o princípio da elevação das centelhas Divinas. Portanto, a saída do Egito é uma libertação e não fuga. Consiste, portanto, em retirar do exílio a energia espiritual que estava aprisionada. A oposição sistemática do faraó é uma condição necessária para que as forças ocultas do bem sejam extraídas do domínio da Kelipá (casca espiritual).

Moshê tem dúvida se as pessoas iriam acreditar nele. Assim, D'us responde com três sinais. **1º)** A vara que vira serpente, **2º)** a mão leprosa e **3º)** a água se transforma em sangue. Esses sinais correspondem à retificação dos três níveis da realidade que são a ação, a emoção e a vitalidade. A serpente representa o intelecto distorcido. A lepra, a separação emocional e o sangue, a força vital

corrompida. Os sinais são os processos de transformação que um Ser Humano precisa viver. Eles nos ensinam que a libertação exige corrigir os níveis mais profundos da nossa percepção.

Moshê declara sua limitação na fala (veja o texto acima o bem que vem de níveis elevados). Sua dificuldade (deficiência) é consequência dele estar ligado, neste momento, a um nível espiritual muito elevado e essa ligação não consegue ser traduzida em palavras. A libertação, portanto, exige que ocorra um processo de descida da Luz para a realidade concreta. Desta forma, D'us designa Aarão como porta-voz de Moshê. Aarão sabia usar as palavras para o bem. Aarão foi sempre um porta-voz. Aarão fazia a paz entre as pessoas. Usava a comunicação para o bem. Aarão conseguia ver o bem em tudo. O silêncio de Aarão no evento do falecimento de seus dois filhos mostra isso.

D'us disse "*toma esta vara*". Essa expressão nos mostra que a libertação exige mais do que apenas ideias ou sentimentos elevados. Precisa de ação. Por isso, a vontade Divina atravessa todos os níveis da realidade até se manifestar no mundo físico.

Do ponto de vista do Pedreiro, estes versículos descrevem um processo de transformação interior. Primeiro, a pessoa é chamada a reconhecer a sua limitação, enraizada em seus hábitos, medos etc. A resposta, normalmente, faz surgir em seguida uma resistência interna. Essa resistência é simbolicamente representada pelo "*faraó interior*", que tenta preservar as antigas estruturas.

Os sinais dados a Moshê refletem os conflitos internos entre pensamento, emoção e a vitalidade, da pessoa, mostrando-nos que a mudança verdadeira exige de cada um de nós uma reeducação no âmago de nosso Ser.

A dificuldade de falar simboliza a incapacidade inicial de expressar quem àquela pessoa é de fato. Isto é, a distância entre a consciência e a ação. Com a entrada de Aarão, este nos ensina que a integração entre clareza interior e comunicação prática é essencial para que a transformação seja sustentável. Por fim, a vara representa a necessidade de traduzir intenções elevadas em práticas concretas no cotidiano.

Assim, o texto acima nos ensina que o crescimento interior ocorre de forma progressiva, em etapas associadas a consciência, a resistência, o refinamento, a integração e a ação. Isto é um processo no qual a pessoa aprende a libertar sua essência e a conduzir sua vida com coerência.

6.(Shemot) - Êxodo - 04:18-31 – "*Moshê insistiu com D'us que os israelitas não iriam crer que Ele o tinha enviado; por isso, Ele lhe concedeu o poder de realizar alguns milagres, para provar que se encontrava em uma missão Divina. No final, Moshê argumentou que tinha dificuldades em falar e isso o impediria de ser um líder efetivo. D'us respondeu que o seu irmão mais velho, Aharon, era um orador talentoso e que falaria em seu lugar. D'us logo lhe informou que o faraó se recusaria a libertar os israelitas, e que somente o faria depois de sofrer pragas milagrosas. Por esta razão, instruiu Moshê a pegar seu cajado, com o qual realizaria estes milagres.*

O cajado de D'us. Moshê levou o cajado de D'us em suas mãos. Como veremos, apesar de Moshê ter tratado o faraó com honras de rei e muito respeito, não fez concessões sobre as suas exigências, relativas às necessidades espirituais e físicas de seu povo. Falou com 'o cajado de D'us em suas mãos', ou seja, com autoridade e determinação.

A lição para nós neste caso é que, cada vez que nos confrontamos com um 'rei egípcio', ou seja, com alguém que - seja de bom grado ou pela força - procure nos impor elementos de um estilo de vida contrário a nossos valores e princípios, devemos reconhecer o perigo inerente em sucumbir à tal pressão. No final, este 'faraó' nos dirá para nos afogarmos (ou afogar nossos filhos) a cultura

materialista. Diante disso, devemos insistir, de maneira respeitosa, mas firme, em viver de acordo com os valores da Torá".

Em Shemot 04:18 Moshê volta para Jetro, seu sogro. [Rashi comenta que, como Moshê havia se comprometido a ficar com Jetro, ele tinha obrigação de pedir sua permissão para partir. Mesmo assim, ele não lhe revelou a natureza de sua missão, ou para não o assustar ou porque D'us não o autorizara.

Vai-te em paz, foi a expressão usada por Jetro. Nossos sábios aprendem uma rica lição desta breve passagem: devemos nos despedir de alguém que vai viajar desejando-lhe "*Lech LE Shalom*" - caminha rumo à paz, à perfeição – Shelemot (שלמות) – a plenitude espiritual, como Jetro desejou a seu genro Moisés.

Por outro lado, quando nos despedimos de uma pessoa falecida, devemos dizer "*Lech BE Shalom*" - vai em paz, pois certamente ela já adquiriu em vida essa tão almejada meta de vida: a plenitude espiritual. Porém, se isto não ocorreu durante sua vida, ela não mais poderá alcançá-la]. Torá Sefer comentários pg. 162.

Um evento que nos chama a atenção ocorre em Shemot 04:24-26. Moshê encontra um anjo e este quis matá-lo. Tzipora vendo o que estava ocorrendo, cortou o prepúcio de seu filho e jogou-o aos pés de Moshê, dizendo que ele era um esposo sanguinário. **O que está por detrás destes versículos?**

Os sábios explicam que Moshê havia adiado a circuncisão (berit milá) de seu filho. A circuncisão é o sinal da aliança e o primeiro mandamento transmitido a Abraão. Para alguém que tem a responsabilidade de anunciar a libertação e depois receber a Torá, essa omissão cria uma incoerência espiritual grave. O anjo vem, portanto, impedir que Moshê avance na missão enquanto a base da aliança não estiver completa. A lição que os Pedreiros podem tirar destes eventos é clara. Quanto mais elevada a missão, menor a margem para contradições. O ataque ocorre no caminho porque é precisamente durante as transições importantes que falhas não resolvidas emergem com força. https://www.sefaria.org/Rashi_on_Exodus.4.24.2?lang=bi.

Tzipora percebe o que está acontecendo e age com rapidez. Ela foi capaz de traduzir princípios espirituais em ação concreta. Ao realizar a circuncisão, ela restaura a aliança no plano físico, ou seja, restaura a associação do espiritual com o material.

A expressão "*esposo de sangue*" mostra para Moshê que a missão dele passa pelo sangue da aliança. A missão de libertação do povo israelita que a Moshê foi designada, requer impor limite, disciplina e sacrifício. Ao lançar o prepúcio aos pés de Moshê, Tzipora força Moshê a reconectar a sua missão com o pacto.

É importante que o Pedreiro veja que o sangue (dam) representa a força vital em estado bruto, isto é, a energia da vida ainda por refinar. A Cabala ensina que enquanto a luz (Or) representa revelação e expansão, o sangue representa custo, esforço e sacrifício, ou seja, aquilo que vincula a espiritualidade à realidade concreta. O sangue permite ao Ser Humano agir para o bem ou para o mal. Refinado por valores e consciência, torna-se um canal de santidade. Sem refinamento, alimenta a violência, os desejos e o egoísmo.

Sempre que nos deparamos com as pressões internas ou externas realizadas por um rei egípcio (faraó) e elas buscam nos conduzir a um estilo de vida contrário aos nossos valores; o verdadeiro perigo não está apenas na imposição em si, mas em permitirmos que nossa força vital bruta seja capturada e direcionada para caminhos contrários aos nossos valores éticos.

Do ponto de vista simbólico, o sangue representa essa energia intensa que pode servir tanto à elevação quanto à degradação. Quando não é refinado, torna-se combustível para o ego desordenado. Quando submetido a valores e disciplina, transforma-se em sacrifício consciente e ação construtiva.

Assim, a resposta à pressão exercida pelo Egito (seja interior ou exterior|) poderia nos induzir a uma negação da vida, da sua própria intensidade e da sua complexidade. Mas, muito ao contrário, a resposta tem de estar associada ao refinamento da vida, pois somente quando canalizamos a força vital ou à Luz (Or) da consciência e dos princípios espirituais e fundamentais, é que o Ser Humano (o Pedreiro) preserva sua integridade, age com liberdade interior e converte desafios em instrumentos de crescimento e santificação.

7.(Shemot) - Êxodo - 05:01-6:01 – "*Moshê despediu-se de Yitrô e partiu para o Egito. Como D'us havia previsto, quando Moshê exigiu do faraó que libertasse os israelitas, ainda que por três dias, este se recusou. Em vez disso, o faraó ordenou que se deixasse de fornecer palha aos israelitas para fazerem tijolos, e exigiu que mantivessem sua cota diária de tijolos e recolhessem a palha necessária eles mesmos. Os israelitas se queixaram a Moshê, que, ao ver o sofrimento deles, perguntou a D'us porque o havia enviado para tal missão se esse era o resultado*".

*Questionar os caminhos de D'us. Moshê se voltou a D'us e disse: '**D'us, por que maltratou a este povo?**' No fundo, Moshê não estava questionando a justiça de D'us, mas, sim, tentando compreendê-la. Moshê e o povo israelita haviam herdado a fé em D'us dos patriarcas e matriarcas. Esta fé realmente era muito forte, mas, para redimi-los do Egito e receber a Torá, não bastava que sua relação com D'us fosse apenas uma herança de seus antepassados: eles tinham que gerar a sua própria fé e convicção. Somente quando uma pessoa internaliza a sua fé e se convence dela é que esta pode permear todo o seu ser.*

Ironicamente, a maneira como transformamos a fé herdada em algo que é nosso é através do questionamento; não por ter dúvidas ou pelo mero prazer de questionar, mas para compreendê-la verdadeiramente.

Foi por isso que, em resposta ao desejo de Moshê de compreender Seus caminhos, D'us lhe disse que o propósito do exilio era possibilitar ao povo alcançar um nível de consciência Divina ainda mais elevado do que aquele que se atinge ao basear-se somente no que herdamos dos patriarcas"

Se olharmos mais de perto o que a Torá nos apresenta em Shemot 05:01–06:01, percebemos que a libertação está longe de iniciar com um alívio imediato. Ele começa de fato com um endurecimento, seguido de agravamento, para somente então, gerar uma ruptura verdadeira.

Quando Moisés e Aarão se apresentam ao faraó, ocorre o primeiro choque entre a Luz reveladora e a estrutura do exílio. A fala "*Deixa ir o meu povo*" introduz uma luz que vem de um nível superior (associado a Hokhmah/Kether), enquanto o faraó representa a kelipá (Egito). Ou seja, uma consciência autocentrada e que não reconhece nada além de si mesma. Por isso ele lança a pergunta, com eloquência "***Quem é o Senhor?***". Esse encontro provoca, portanto, reação. Na Cabala, quando uma Luz elevada incide sobre uma estrutura ainda não preparada, o efeito inicial é contração e resistência. É como olharmos para uma Luz muito intensa, cerramos os nossos olhos. Assim, parece-nos que estamos na total escuridão, pois não percebemos quão forte é a Luz que nos ilumina (a Torá).

O agravamento do trabalho, com a retirada da palha e a exigência da mesma produção, expressa o fortalecimento da casca. A kelipá sente que sua existência está ameaçada e, por isso, intensifica o controle. Em termos simbólicos, a palha representa os elementos auxiliares, as pequenas concessões que tornam a vida no exílio suportável. Ao removê-las, o faraó força o povo a experimentar uma vivência do exílio em sua essência mais dura, despojada de quaisquer atenuações ou confortos, com

toda a sua crueza e sofrimento. Isso é um desnudamento da ilusão. Enquanto o exílio ainda oferece palha, ele pode ser tolerado. Quando se torna absurdo e desumano, sua falsidade é revelada.

A reação do povo contra Moshê e Aarão é igualmente significativa. Essa reação contrária nos mostra que ainda está ausente no interior das pessoas a condição de poder perceber ou distinguir entre o que é o mensageiro da libertação e o que é a dor que o processo da própria libertação provoca. Tudo tem custo. Assim, antes que a libertação aconteça, há um momento em que ela é percebida como ameaça à estabilidade conhecida pelas pessoas que estavam escravizadas. Por isso, até mesmo Moshê, que simboliza a consciência superior, também entra em crise e questiona sua missão.

O Eterno responde a Moshê com a expressão "*Agora verás…*". Isto nos mostra que, até este momento, o processo estava ocorrendo no plano superior (veja acima citação de Bereshit Parashat Vayigash). O endurecimento do faraó, portanto, faz parte da redenção. Ou seja, o faraó a tornou necessária e inevitável. Somente quando a kelipá (a casca) se revela totalmente é que ela pode ser quebrada, pois não resta mais nada energia da ilusão para sustentá-la. Veja que, para quebrar a casca de um cocô, primeiro retira-se a palha. Depois o que restou deve passar pelo fogo. A casca torna-se extremamente dura. Mas, é justamente, neste momento que ela está pronta para ser quebrada. E a polpa é revelada.

Portanto, olhando mais de perto os versículos citados acima e a interpretação do Rebe, percebemos o processo inicial efetivo da libertação. Quando Moshê confronta o faraó e a situação do povo piora, a Cabala explica que isso está muito distante de representar um desvio do plano Divino. Mas representa a ativação deliberada de um mecanismo espiritual no qual a kelipá (estrutura do exílio) se fortalece antes de ruir.

O trabalho pesado, com a retirada da palha, revela o exílio sem disfarces. O povo percebe que se tornou impossível haver qualquer acomodação para que se continue vivendo dentro deste sistema. Nesse contexto, o clamor dos israelitas e a crise de Moshê é o início da internalização desta consciência. Até então, a relação com D'us era majoritariamente herdada dos patriarcas. Agora, por meio do sofrimento, da frustração e da pergunta sincera "***por que fizeste mal a este povo?***", essa fé começa a descer do nível da tradição recebida para o da convicção pessoal.

Cabalisticamente, esse movimento marca a transição de uma fé situada em níveis superiores e abstratos para uma fé que permeia Malkhuth (nosso reino). Isto é, a experiência concreta da vida. O Rebe destaca que questionar, nesse sentido é uma busca por integração e está longe de ser rebeldia. Somente uma fé que passou pelo crivo da pergunta pode transformar o indivíduo e prepará-lo para receber a Torá.

O texto acima apresentado fundamenta-se nos artigos "***Por Que o Exílio?***"; "*What Is Galut (Exile)?*" e "*Chapter 2: The Aim and Purpose of Exile (From Exile to Redemption)*", em www.chabad.org.

03 - Parashat Vaerá – E apareci - As Sete Pragas

Sinopse

De onde podemos obter esta força para crer em D'us de maneira tão completa que possamos vê-Lo inclusive nos momentos mais obscuros do exílio? *D'us responde a esta questão dizendo: 'Eu apareci a Avraham, Yitschaci e Yaakov'. Os patriarcas e matriarcas possuíam uma fé inabalável e nós a herdamos deles. Se a nutrirmos apropriadamente, nós também 'veremos' a D'us mesmo quando Sua bondade não for facilmente perceptível.* O Rebe nos mostra que viver os momentos finais do exílio com fé, mesmo quando ela parece invisível, é precisamente o mérito que permite atravessá-lo com dignidade e transformá-lo no limiar da redenção. *A Torá menciona algumas vezes Moshê antes de Aharon, e em outras ocasiões, é Aharon quem é citado antes de Moshê. Isto nos mostra que às vezes necessitamos primeiro estudar a Torá ou cumprir algum mandamento para poder nos relacionar apropriadamente com D'us nas preces. Em outras situações, ao contrário, precisamos primeiro nos conectar com Ele através das orações antes de estudar a Torá ou cumprir os mandamentos para poder estudar ou atuar com uma devoção altruísta a Ele.* O Tanya explica que a vida espiritual se sustenta tanto pela iluminação que desce (Torá) quanto pelo esforço que sobe (Avodá). Mas, é *claro que sempre devemos transmitir a mensagem de D'us de forma agradável e pacífica, assim como Ele ordenou a Moshê dirigir-se respeitosamente ao faraó. Contudo, devemos enfrentar nossos 'faraós' com força e sem temor. Se nos mantivermos fiéis à mensagem de D'us, poderemos romper o poder da escuridão e ajudar a trazer ao mundo a luz redentora de D'us.* Assim, devemos assumir a responsabilidades pelos nossos atos. Ao invés de buscar a culpa nos outros, procurar o que nós podemos e devemos mudar. Refletir sobre as consequências de longo prazo dos nossos atos. Somente assim um dia poderemos consertar os nossos atos e chegar à perfeição. Corações endurecidos, corações perversos, somente enxergam a um palmo diante de seus narizes. *Assim como D'us tinha instruído; Moshê e Aharon se apresentaram diante do faraó e sua corte para exigir a libertação dos israelitas da escravidão. O faraó pediu provas de que eles realmente eram enviados de D'us. Seguindo as orientações d'Ele, Moshê pediu a Aharon que jogasse o seu cajado no solo, o qual imediatamente transformou-se em uma serpente. Entretanto, esta maravilha não impressionou ao faraó, pois os seus feiticeiros podiam fazer o mesmo. Então, D'us fez Moshê transformar em sangue as águas do rio Nilo, que foi a primeira das dez pragas.* A aplicação da primeira praga ao coração da civilização egípcia, que é o rio Nilo, demonstra essa autoridade anteriormente estabelecida. A água representa fluxo, continuidade e vida. Ao transformar a água em sangue, D'us demonstra que a própria fonte da vitalidade egípcia está sob Seu controle. E que o fluxo que sustentava o Egito pode ser interrompido ou revertido. Isso é a continuação do episódio das serpentes. Pois, depois de mostrar que o poder espiritual egípcio pode ser absorvido, D'us mostra que o sistema vital inteiro do Egito depende Dele. Rashi Shemot 07:12, pg. 33. *À praga do sangue seguiu-se às dos sapos e dos piolhos. O propósito da cultura. D'us instruiu Moshê para dizer a Aharon: 'Estenda seu cajado e bata no pó da terra e ele transformar-se-á em piolhos'. O piolho é um parasita; vive nos animais e nas pessoas sem contribuir em nada em suas vidas. É, portanto, uma metáfora do mal, pois a maldade se desenvolve absorvendo a força vital da santidade em vez de existir por seus próprios méritos.* Juntas, essas pragas (sangue, rãs e piolhos) revelam que o verdadeiro exílio está longe de começar com grandes transgressões, mas quando a vitalidade se torna estagnada (sangue), a consciência se dispersa (rãs) e o coração perde a capacidade de se afetar (piolhos) é onde a pessoa entra em um estado no qual a Alma Divina é ignorada. *A quarta praga foi o súbito ataque de uma horda variada de animais selvagens. D'us pediu a Moshê que informasse ao faraó que esta horda não atacaria a província de Goshen, onde viviam os israelitas. D'us instruiu a Moshê que dissesse ao faraó: 'Farei uma distinção salvadora entre o Meu povo e o teu povo'. O aspecto mais temível desta praga era que a horda de animais selvagens atacava de maneira caótica em vez de uma espécie por vez. A anarquia e o terror que inspiravam eram semelhantes ao que acontece quando se rompem os limites morais que mantém intacta à sociedade.* Quando a pessoa internaliza a diferença entre valores Sagrados e não sagrados, a energia caótica, simbolizada pelas feras, deixa de dominar e pode ser contida. Assim, arov (feras) nos ensina que a conexão com D'us ocorre pela avaliação consciente

da situação. Ou seja, estando a consciência iluminada pela Torá, saberemos distinguir o que deve ser integrado e o que deve ser rejeitado. *Da esma maneira, somente se nos elevarmos acima de nossas limitações naturais e nos conectarmos com D'us é que poderemos ser ao mesmo tempo exigentes e misericordiosos, tanto para nosso benefício como para o dos outros.* Do Coração à Mente - Não é coincidência que as primeiras sete pragas estejam registradas em uma seção da Torá, ao passo que as três últimas estão em outra. As primeiras sete pragas – sangue, sapos, piolhos, feras, epidemia, furúnculos e granizo – refletiam a perversão egípcia das sete emoções – confiança, conexão, submissão, ambição, compaixão, rejeição e amor. As três últimas – gafanhotos, trevas e morte dos primogênitos – representam a corrupção mais grave das faculdades intelectuais e a dimensão supra consciente da alma egípcia. Quando as emoções e instintos de alguém são prejudicados, a mente sã e objetiva oferece esperança de cura. Porém, quando a mente começa a pregar peças feias, o caminho para a cura torna-se dolorosamente desafiador.

1.(Vaerá) - Shemot - 06:02-13 — "*Ao final da parashá anterior, Moshê ficou perturbado com a contradição entre a sua fé na bondade de D'us e o aparente maltrato que Ele fazia ao povo israelita. Por isso, D'us disse a Moshê: 'Você deve aprender dos patriarcas e matriarcas. Eles acreditaram em Mim de forma inquestionável, mesmo que Eu fiz promessas a eles que não cheguei a cumprir durante seu período de vida'. 'Ver' a D'us. D'us falou a Moshê e lhe disse: 'Eu sou D'us. Eu apareci a Avraham, a Yitschaci e a Yaakov'. Quando nos parece que algo está errado no modo como D'us conduz o mundo, Ele anseia que O questionemos. Mas, ao mesmo tempo, devemos continuar a crer de maneira absoluta na realidade e bondade d'Ele.*

De onde podemos obter esta força para crer em D'us de maneira tão completa que possamos vê-Lo inclusive nos momentos mais obscuros do exílio? *D'us responde a esta questão dizendo: 'Eu apareci a Avraham, Yitschaci e Yaakov'. Os patriarcas e matriarcas possuíam uma fé inabalável e nós a herdamos deles. Se a nutrirmos apropriadamente, nós também 'veremos' a D'us mesmo quando Sua bondade não for facilmente perceptível.*

Esta fé nos permite viver completamente os momentos finais de nosso exílio clamando pelo seu final e o exigindo! -, e aproveitando ao máximo seus últimos momentos. Com este mérito, apressamos a Redenção messiânica".

Em Êxodo 06:02-03, D'us afirma que Se revelou a Abraão, Isaac e Jacob como El Shaddai, mas que não foi conhecido por eles pelo Nome YHWH. A tradição entende que isso significa uma diferença no modo como os Patriarcas viveram a experiência Divina. Os Patriarcas confiaram na bondade Divina mesmo quando ela não se manifestava de modo visível. Assim, D'us apresenta a Moshê um modelo espiritual mais profundo que é a capacidade de sustentar a confiança absoluta em meio à contradição aparente.

O Nome El Shaddai representa a atuação Divina dentro das fronteiras da natureza. Segundo Rashi foi sob esse Nome que os Patriarcas receberam promessas, mas sem vê-las plenamente cumpridas, pois sua missão era de estabelecer as bases espirituais do povo, para que no futuro tivessem sustentação suficiente para a libertação. Rashi Chumash Shemot, pg. 28 (Hebraico).

Quando o texto declara "*Eu apareci a Abraão, Isaac e Jacob*", a leitura Chassídica enfatiza o verbo "*apareci*" (va'era), que sugere uma forma de "*ver*" D'us não apenas com o intelecto, mas com a certeza interior. A Cabala entende esse "*ver*" como uma percepção espiritual estável, enraizada na alma que é invariante, mesmo diante de circunstâncias externas complexas. O Rebe explica que essa força é herdada dos Patriarcas e Matriarcas. Contudo, somente herdar essa força é insuficiente. É preciso nutrir e internalizar essa fé (força) para que ela se torne experiência viva, capaz de sustentar a pessoa mesmo nos momentos mais obscuros do exílio (mundo profano).

Já o Nome YHWH representa a Presença Divina que transcende as limitações naturais. Ramban (Nachmânides) explica que esse Nome está ligado à fidelidade absoluta de D'us em realizar Suas palavras na história, por meio de sinais, milagres e redenção aberta. Quando D'us diz que esse Nome

não foi "*conhecido*" pelos Patriarcas, significa que eles não O experimentaram como o D'us que rompe o exílio e transforma a realidade histórica. https://www.sefaria.org/Ramban_on_Exodus.6.2?lang=pt e https://www.sefaria.org/Ramban_on_Exodus.6.3?lang=pt. A geração dos Patriarcas conheceu a D'us como fundamento; a do Êxodo conheceu D'us como libertador.

Portanto, em Êxodo 06:06–08, D'us passa das palavras de identidade às promessas de redenção ativa "*Eu vos tirarei… Eu vos resgatarei*". Esse movimento indica a transição da fé latente para a fé operante. O Rebe ensina que a redenção exige mais do que crença passiva. Ela requer uma fé que clama, exige e age, mesmo quando o exílio ainda persiste. Paradoxalmente, é essa postura de confiar plenamente em D'us enquanto se protesta contra o exílio, que caracteriza a maturidade espiritual do povo e acelera a redenção. A Quadrupla Promessa da Redenção - A nacionalidade de Israel está ligada à conexão com Deus. - Chabad.org

Isto pode ser percebido no gesto simbólico que está presente em Shemot 06:08, sobre o qual a Torá Sefer pg. 168 faz o seguinte comentário: A Torá destaca o texto: "(*Levantei a Minha mão). Antigamente, fazia-se um juramento solene levantando-se a mão. Abrahão levantou a mão para jurar que não se aproveitaria de nada que não lhe pertencesse (B14:22). D'us empregando na Torá a linguagem dos homens, disse também 'Nassati et Iadi' (levantei Minha mão)*".

Por fim, Shemot 06:09–13 descreve que o povo não conseguiu ouvir Moshê "*por causa da angústia de espírito e do duro trabalho*". A Cabala interpreta como sendo uma contração da consciência causada pelo sofrimento prolongado. Ainda assim, D'us insiste na missão de Moshê, indicando que a redenção independe da prontidão emocional do povo, mas sim da fidelidade ao processo. O Rebe nos mostra que viver os momentos finais do exílio com fé, mesmo quando ela parece invisível, é precisamente o mérito que permite atravessá-lo com dignidade e transformá-lo no limiar da redenção.

Praticamente, hoje em dia inexiste a escravidão. Mas, percebemos que as pessoas se equivocam ao pensar que trabalho duro (escravidão) é somente aquele que nos é imposto por outros. O homem é aquele que determina a si mesmo a escravidão. O trabalho está longe de ser uma corrida desenfreada à fortuna, sendo, portanto, incompatível com o excesso que arruína a saúde e pode levar à morte.

Este trabalho exagerado (escravidão) pode levar o Ser Humano (Pedreiro) a esquecer que ele é uma composição de corpo (Guf - O corpo é o receptáculo físico), alma (Nefesh - força vital que anima o corpo) e espírito (Ruach – consciência orientadora). E o espírito precisa e tem o direito de ser alimentado. Tornar feliz a humanidade essa é a questão. Para tanto, a humanidade será feliz e terá um futuro promissor, se cada um dedicar um pouco de energia (tempo) àquele trabalho espiritual que visa o aperfeiçoamento da própria pessoa.

Você só é livre quando faz o que não quer! Essa frase de Immanuel Kant nos convida a uma jornada de reflexão sobre a essência da verdadeira liberdade. A liberdade não está simplesmente em seguir nossos desejos imediatos, mas sim em resistir a eles quando entram em conflito com a razão e a moralidade. Ou seja, liberdade é fazer o que não se quer. Porque se você fizer o que você deseja, você é escravo do desejo. Preciso vencer as minhas paixões e submeter a minha vontade. Kant 2019.

Obs.: Quem desejar se aprofundar na questão corpo, alma espírito é interessante estudar o livro Portal das Reencarnações (Shaár Haguilgulim) do Rabino Isaac Luria 2024.

2.(Vaerá) – Shemot 06:14-28 – "*A Torá nos relata a linhagem de Moshê e Aharon (Aarão), pois isto foi um fator importante na aceitação deles como líderes pelo povo israelita - Moshê e Aharon- Moshê foi o transmissor da Torá, a qual recebeu de D'us. O fator 'Moshê' em nossas vidas é, portanto, o estudo de Torá de D'us e o cumprimento de Seus mandamentos. Aharon foi o primeiro Cohen Gadol (Sumo Sacerdote). O fator 'Aharon' em nossa vida é a prece, porque é através dela que se chega a D'us", como no passado com os sacrifícios que se ofertavam por meio dos sacerdotes.*

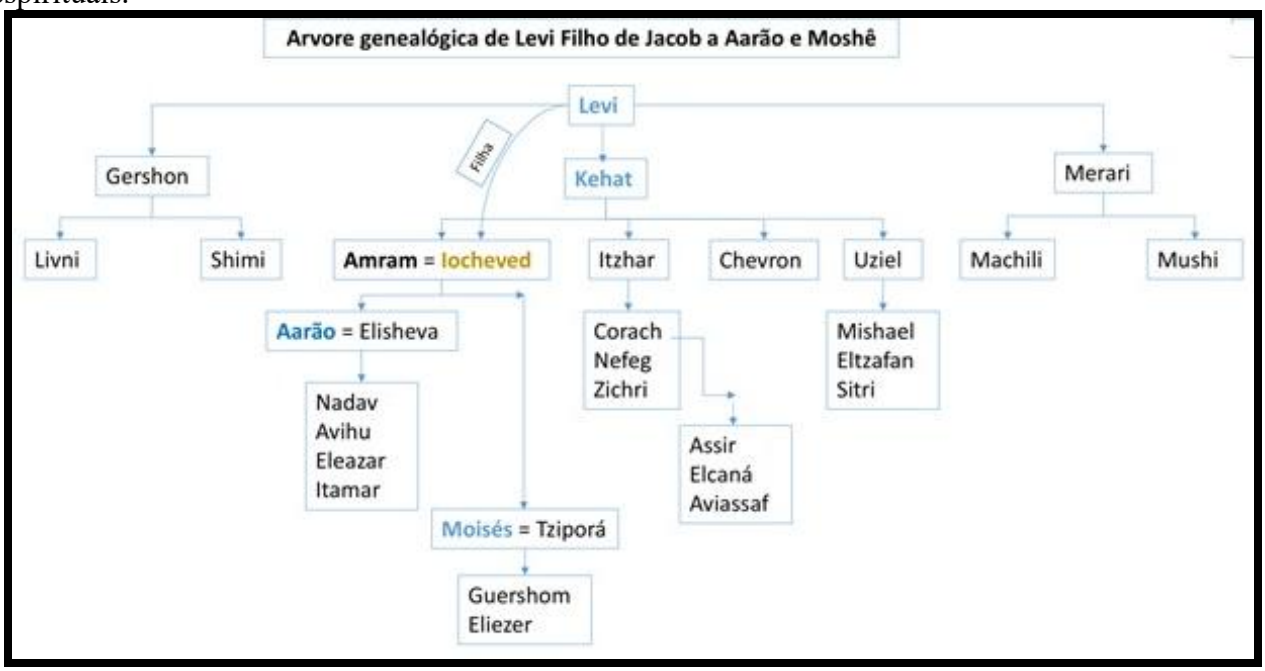
A Torá menciona algumas vezes Moshê antes de Aharon, e em outras ocasiões, é Aharon quem é citado antes de Moshê. Isto nos mostra que às vezes necessitamos primeiro estudar a Torá ou cumprir

algum mandamento para poder nos relacionar apropriadamente com D'us nas preces. Em outras situações, ao contrário, precisamos primeiro nos conectar com Ele através das orações antes de estudar a Torá ou cumprir os mandamentos para poder estudar ou atuar com uma devoção altruísta a Ele".

Uma informação importante que está associada a Parashat Shemot, é o fato que a intensificação da escravidão no Egito está associada ao tempo real de permanência dos israelitas no Egito. Essa informação se encontra nos comentários da Tora a Lei de Moisés, anteriormente citada e na página 169. Há um destaque de Shemot 06:20 para '*Yocheved, sua tia*' – Yocheved, mãe de Moshê e Aharon e irmã de Kerat, havia se casado com seu sobrinho Amram, filho de Kerat. Esse tipo de união foi proibido mais tarde (Vayikrá - Levítico 18:12). Entretanto, quando Yocheved deu à luz a Moshê, ela tinha a idade de 130 anos, pois segundo a tradição, ela havia nascido na chegada de Jacob ao Egito. Juntando estes 130 anos aos 80 que Moshê viveu a partir de seu nascimento no Egito, chegamos à conclusão de que os Hebreus permaneceram no Egito por 210 anos. Ou seja, é importante que os Pedreiros fiquem atentos a essas informações, pois frequentemente há associação de que os hebreus (depois israelitas) ficaram no Egito por 430 anos, o que de fato, não ocorreu. O tempo de permanência no Egito foi de 210 anos.

Neste conjunto de versículos, a Torá apresenta a genealogia das tribos, culminando na linhagem de Levi. Rashi Shemot 06:14 pg. 30 explica que, num momento de crise com o agravamento da escravidão, era necessário reafirmar a origem de Moshê e Aharon para que sua liderança fosse aceita. A Cabala vê nisso um princípio interior, pois a liderança espiritual só é recebida quando está enraizada em identidade, transmissão e fidelidade às gerações anteriores.

Quando a Torá detalha a descendência de Amram, Yocheved, Moshê e Aarão, a tradição entende essa passagem como a revelação de dois canais espirituais complementares. Conforme a interpretação do Rebe, Moshê representa o canal da Torá e dos mandamentos, isto é, a transmissão objetiva da vontade Divina ao intelecto e à ação humana. Aarão, por sua vez, representa o canal da prece e do serviço do coração, isto é, o movimento ascendente do Ser Humano em direção a D'us. O Tanya explica que a vida espiritual se sustenta tanto pela iluminação que desce (Torá) quanto pelo esforço que sobe (Avodá) (עֲבוֹדָה). Avodá é o servir a D'us e a humanidade, transformando tarefas diárias em atos espirituais.



Fonte: Rashi Shemot pg. 30 – Linhagem de Moshê e Aarão.

3.(Vaerá) – Shemot 06:29-07:07 – "*D'us deu instruções específicas para Moshê e Aharon sobre como falar ao faraó. Como falar como faraó. A finalidade das palavras respeitosas, mas enérgicas dirigidas ao faraó era para desarticular as forças do mal no momento de sua maior intensidade. Do*

mesmo modo, em nossa vida há momentos em que nossos 'faraós' interiores, ou seja, nossos instintos animais, parecem nos dominar. Nesses momentos, a melhor maneira de superar os instintos é canalizar nosso 'Moshê' interno e nos enfurecer contra eles, insultá-los e humilhá-los.

O mesmo vale para nossa missão de nos opormos à negatividade do mundo em geral. É claro que sempre devemos transmitir a mensagem de D'us de forma agradável e pacífica, assim como Ele ordenou a Moshê dirigir-se respeitosamente ao faraó. Contudo, devemos enfrentar nossos 'faraós' com força e sem temor. Se nos mantivermos fiéis à mensagem de D'us, poderemos romper o poder da escuridão e ajudar a trazer ao mundo a luz redentora de D'us".

Neste ponto, aparece uma questão importante: **Porque D'us endureceu o coração do faraó?** Penso que é para que ele pudesse exercer livremente o livre arbítrio. De certa forma, a análise abaixo proferida pelo professor e Rabino Efraim Birbojm, 24/01/2020, nos dá uma visão do significado do "*porquê*" das palavras que o Eterno D'us endureceu o coração do faraó. No fundo é o caminho percorrido pelo perverso.

Ao lermos a Parashá Vaerá (וָאֵרָא) ("E apareci") Shemot (Êxodo) 06-09, "*E apareci*", quando finalmente iniciou-se o processo de salvação do povo israelita da escravidão egípcia. D'us começou a mandar as pragas que, aos poucos, foram destruindo completamente toda a infraestrutura do maior império da época. Porém, apesar de toda a morte e destruição que as pragas causavam, o faraó continuava em sua obstinação de não deixar o povo israelita sair. Em certo momento Moshê ameaçou o faraó, afirmando que, caso ele se recusasse a libertar o povo israelita, D'us golpearia todo o país com uma peste que dizimaria todo o gado. Moshê ainda avisou ao faraó: "*D'us fará uma distinção entre o gado de Israel e o gado do Egito, de modo que nenhum animal morrerá dentre o gado dos filhos de Israel*" (Shemot 09:04). E foi exatamente o que aconteceu. Porém, apesar das palavras de Moshê, o faraó enviou uma delegação para investigar o que havia acontecido em Goshen. Eles viram, com seus próprios olhos, que nenhum animal dos israelitas havia morrido durante aquela praga.

Isso não seria suficiente para derreter o coração endurecido de qualquer pessoa normal? Não seria razoável, depois de testemunhar este fenômeno milagroso, o faraó desistir e libertar o povo israelita? Porém, qual foi a reação do faraó? "*O faraó endureceu seu coração e ele não enviou o povo*" (Shemot 09:07). **O que significa este comportamento completamente ilógico do faraó?**

O Rav Simcha Zissel Ziv Broida zt"l (Lituânia, 1824 - 1898), mais conhecido como Alter MiKelem, explica que se todo o gado do Egito tivesse morrido, o faraó teria ficado realmente nervoso. Porém, como o gado dos israelitas não havia morrido durante a praga, o faraó disse a si mesmo: "*Não tem problema o gado egípcio ter morrido, eu ainda posso usar o gado dos israelitas. Eu tenho espaço para manobras. Não me sinto acuado contra a parede.* ***Já que tenho uma solução, por que me preocupar?***".

O mesmo pode ser visto em relação à praga dos sapos. Quando o faraó se rebaixou e pediu a Moshê que retirasse os sapos, D'us fez com que todos os sapos morressem. O Egito ficou tomado de sapos mortos, exalando um cheiro insuportável. O versículo então declara qual foi a reação do faraó: "*E o faraó viu que havia alívio, e ele endureceu seu coração*" (Shemot 08:11). **Mas, a que alívio o versículo se refere?** A explicação mais simples é que o faraó se sentiu aliviado ao ver que a praga havia finalmente terminado. Porém, o Rav Shlomo Ephraim zt"l (Polônia, 1550 - Praga, 1619), mais conhecido como Kli Yakar, ressalta que a expressão "*E o faraó viu que havia alívio*" não é repetida em nenhuma das outras pragas, mesmo depois que elas cessaram. Então o que significa "***E viu que havia alívio*****"?**

O Kli Yakar explica que em todas as outras pragas, quando elas terminavam, o problema se resolvia. A única praga na qual os problemas continuaram mesmo após o seu término foi a praga dos sapos, pois depois que a praga terminou, o país ficou infestado com montanhas de sapos mortos. Após o fim desta praga, o faraó viu que havia um "*alívio*". A expressão "*Harvachá*", que pode ser traduzida como alívio, também significa "*amplidão e espaço*". O faraó estava declarando que a praga dos sapos não

o havia incomodado, pois o Egito era um país amplo, isto é, eles tinham muitas terras para onde escapar do cheiro dos sapos mortos.

A reação do faraó, diante das tragédias que assolaram todo o seu povo é impressionante. Depois dos sapos ele disse: "*Não tem problema, podemos ir para as partes do país onde não há sapos fedendo*". Depois da peste ele disse: "*Não tem problema que os animais egípcios morreram, eu posso me virar com os animais dos israelitas*"**. Como entender este tipo de reação? E o que isto ensina para as nossas vidas?**

Explica o Alter MiKelem que estas reações do faraó representam um padrão de comportamento encontrado entre os Reshaim (perversos). Eles têm uma "*miopia*" ao julgar o que está ocorrendo em suas vidas, de forma que conseguem apenas enxergar o "*aqui e agora*", sem pensar nas implicações futuras do que aconteceu. Se em determinado momento eles podem sair do problema, então eles assim o fazem, ignorando as implicações mais amplas de suas atitudes, mesmo que elas o levem a um final desastroso. Os Reshaim ignoram o futuro e o contexto verdadeiro das questões.

De acordo com o Rav Yssocher Frand, este ponto de vista do faraó é compartilhado por outros Reshaim (perversos) da história. Talvez uma das atitudes mais simbólicas deste tipo de comportamento foi apresentada por Essav. Ele voltou do campo, cansado e faminto. Ele disse a Yaakov, que cozinhava: "*Despeje em minha boca desta coisa muito vermelha, porque estou exausto*" (B25:30). Yaakov ofereceu a ele um prato de lentilhas, mas em troca pediu a primogenitura. Essav disse: "***Eu vou morrer, então para que me serve a primogenitura?***" (B25:32). Essav demonstrou só se importar com o agora, sem pensar nas consequências futuras de seu ato.

Isto fica ainda mais evidente na resposta de Yaakov: "*Jura-me, como este dia*" (B25:33). **O que significa "*como este dia*"?** Segundo o Rav Ovadia Sforno zt"l (Itália, 1475-1550), Yaakov estava dizendo ao seu irmão: "*Essav, você é do tipo de pessoa que só está interessada no 'agora', no momentâneo. Você é alguém que não consegue distinguir entre os prazeres imediatos de uma tigela de sopa e o valor a longo prazo da primogenitura*". Esta é a filosofia de vida de Essav. Esta é a filosofia de vida do faraó. Esta é a filosofia de vida dos tolos que só estão interessados em comer, beber e aproveitar os prazeres momentâneos (o "*outro lado*"), sem refletir sobre o que ocorrerá no dia seguinte.

Infelizmente não são poucos os que atualmente vivem desta maneira. Jovens que entram no mundo das drogas por alguns instantes de prazer e pessoas cada vez mais ligadas aos prazeres gastronômicos, sem se importar com a saúde. Muitos vivem de maneira vã, se preocupando apenas com os prazeres imediatos, mas esquecendo do verdadeiro objetivo da vida. Vivem como se não houvesse amanhã, sem se importar com as futuras consequências de seus atos, sem refletir que as consequências dos nossos atos neste mundo serão eternas.

Além disso, esta atitude de não pensar na consequência futura dos nossos atos também impede a pessoa de enxergar seus erros, fazendo com que ela viva sempre de maneira a justificar suas atitudes, jogando sobre os outros a responsabilidade pelos fracassos. Pessoas assim nunca consertam seus erros, pois a culpa é sempre dos outros, nunca é dela. Se há uma fuga, um "*alívio*" imediato, então não tem problema. Já a Torá nos ensina o contrário. Assim, devemos assumir as responsabilidades pelos nossos atos. Ao invés de buscar a culpa nos outros, devemos procurar o que nós podemos e necessitamos mudar. Além, evidentemente, de refletir sobre as consequências de longo prazo dos nossos atos. Somente assim, um dia, poderemos consertar os nossos atos e chegar à perfeição. Corações endurecidos, corações perversos, somente enxergam a um palmo diante de seus narizes.

Mas, ainda resta a questão importante: **Porque D'us não ágil de pronto e o fez por meio de Moisés?** Neste ponto é importante revisitar conceitos que estão associados ao caminho curto e o caminho longo; bem como ao pão da vergonha. Compreendendo estes conceitos, penso que a resposta a essa questão encontra-se resolvida por meio do estudo do pensamento Caminho Curto e Longo - Caminho Longo e Curto, bem como do estudo a respeito do Pão da Vergonha.

4.(Vaerá) – Shemot 07:08-08:06 – "*Assim como D'us tinha instruído; Moshê e Aharon se apresentaram diante do faraó e sua corte para exigir a libertação dos israelitas da escravidão. O faraó pediu provas de que eles realmente eram enviados de D'us. Seguindo as orientações d'Ele, Moshê pediu a Aharon que jogasse o seu cajado no solo, o qual imediatamente transformou-se em uma serpente. Entretanto, esta maravilha não impressionou ao faraó, pois os seus feiticeiros podiam fazer o mesmo. Então, D'us fez Moshê transformar em sangue as águas do rio Nilo, que foi a primeira das dez pragas.*

Calor e entusiasmo. A primeira das dez pragas foi a transformação das águas frias do rio em sangue quente, o que significava a transformação da fria indiferença em relação à Divindade, em um caloroso entusiasmo por ela. Esta tinha que ser a primeira das pragas, porque tal indiferença impediria os egípcios de serem afetados por qualquer demonstração do poder de D'us e de Sua intervenção na vida.

Uma lição semelhante se aplica a qualquer um que lute para sair da escravidão de seu 'Egito' interior, ou seja, da tirania dos instintos materiais e dos desejos de seu corpo que ainda não foram refinados. Nosso primeiro passo neste processo é substituir a frieza e a indiferença diante das coisas judaicas e sagradas por um caloroso e apaixonado entusiasmo por D'us, Sua Torá e Seus mandamentos".

Ao final do capítulo 7 a Torá descreve que a vara (cajado) de Aarão (associada a Moshê) transforma-se em serpente, assim como as varas dos magos do Egito. Mas, a vara de Moshê engole todas as outras. A vara (מטה) (mateh – Edusp pg. 358) poder, domínio e canalização da vontade, enquanto a serpente (נָחָשׁ) (nachash) representa a energia vital bruta, astúcia e força instintiva quando desligada da orientação Divina. O fato dos magos também produzirem serpentes indica que o Egito detinha poderes reais dentro do domínio da natureza e da ilusão. Isto é, a kelipá possui força e coerência próprias. Não era fraude. Contudo, quando a vara de Moshê engole as demais, a Torá ensina que a santidade não nega a existência do poder profano, mas o absorve, submete e integra, demonstrando superioridade estrutural. A fonte Divina é capaz de conter e redirecionar todas as forças inferiores. https://www.zoharonline.org/Zohar-portugues-Vaera

A mensagem é que a redenção, em vez de destruir a energia instintiva do mundo, visa antes recolocá-la sob direção correta. Por isso, após engolir as serpentes, a vara reassume sua forma original. A autoridade Divina demonstra que pode descer ao nível da serpente e voltar sem se perder, algo que o poder egípcio não consegue fazer. Assim, o episódio ensina que apenas a liderança ancorada na vontade Divina consegue lidar com as forças do mundo sem ser dominado por elas.
https://www.sefaria.org/Ramban_on_Exodus.7.9?lang=pt

{Cada um de nós recebeu uma opção na vida. Podemos refinar e melhorar os dez atributos da árvore da vida para que eles expressem nossa luz Divina interior, ou podemos perverter e corrompê-los, usando-os de maneiras imorais e doentias. O antigo Egito, com seu programa demoníaco de eliminar sistematicamente um povo inteiro, os hebreus, da face da terra, preferiram embarcar no segundo caminho. A nação egípcia original perverteu todos os dez atributos de sua alma. A energia negativa engendrada pela perversão de tantos espíritos humanos retornou ao Egito na forma das dez pragas que assolaram o país.

Em nossas vidas pessoais, o Egito reflete um estado de disfunção psicológica, na qual um ou muitos atributos da alma tornam-se distorcidos e defeituosos, atrapalhando a capacidade humana de ser verdadeiro – concretização e realizações. Isso é indicado no nome hebraico para Egito, Mitsráim, que pode ser traduzido como "*inibições*" ou "*restrições*". Quando deixamos de enfrentar os próprios demônios, nossos atributos pervertidos podem voltar-se para nós, também, na forma de pragas psicológicas.

As Dez Pragas correspondem às Dez Sefirot (de baixo para cima). **A primeira praga foi Sangue** que está associado a Confiança Destrutiva – Malkhuth. A primeira praga, na qual o Rio Nilo se transformou em sangue, era um símbolo físico da confiança destrutiva que se tornou a característica do Egito, tanto do ponto de vista geográfico quanto psicológico. Em vez de uma confiança construtiva que edifica o caráter espiritual e promove a sensibilidade para com o próximo, a confiança "*egípcia*" fomenta o domínio e a exploração. Quando a percepção de confiança da pessoa se torna realmente corrupta, isso pode levar a gerar rios de sangue, como os egípcios de fato fizeram.

O Rio Nilo incorporava a fonte de confiança e segurança egípcias. Como no Egito cai pouca chuva, a agricultura e o sustento do país dependem completamente do rio. Portanto, os antigos egípcios endeusaram o Nilo. Suas águas transformadas em sangue refletem o estado perverso de uma nação que torna sua confiança em sangue, usando sua posição de força e poder para assassinar e abater incontáveis Seres Humanos inocentes}. https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

Mas, qual a relação entre o episódio das serpentes e a primeira praga? No episódio das serpentes, a Torá mostra que o poder egípcio é real. Os magos conseguem transformar varas em serpentes. Porém, quando a serpente de Aarão engole as demais, isso demonstra que a santidade em vez de destruir a energia instintiva do mundo, visa antes recolocá-la sob direção correta. Como o cajado é símbolo de poder, domínio e canalização da vontade, esse milagre demonstrou o poder e o domínio de D'us sobre o Egito. Rashi Shemot 07:12, pg. 32.

A aplicação da primeira praga ao coração da civilização egípcia, que é o rio Nilo, demonstra essa autoridade anteriormente estabelecida. A água representa fluxo, continuidade e vida. Ao transformar a água em sangue, D'us demonstra que a própria fonte da vitalidade egípcia está sob Seu controle. E que o fluxo que sustentava o Egito pode ser interrompido ou revertido. Isso é a continuação do episódio das serpentes. Pois, depois de mostrar que o poder espiritual egípcio pode ser absorvido, D'us mostra que o sistema vital inteiro do Egito depende Dele. Rashi Shemot 07:12, pg. 33.

A serpente e o sangue estão ligados à mesma raiz simbólica. Ambos representam energia vital não refinada. A serpente expressa essa energia no plano do instinto e o sangue a expressa no plano do corpo e da sobrevivência. O que estes versículos nos apresentam é que esse processo ocorre degrau por degrau. Primeiro, demonstra-se que a força instintiva do Egito pode ser dominada. Em segundo lugar, observa-se que a integridade física também pode ser afetada. Dessa forma, a praga do sangue antes de se configurar como uma penalidade arbitrária, torna-se sim na materialização do princípio evidenciado no episódio das serpentes.

5.(Vaerá) – Shemot 08:07-18 – "*À praga do sangue seguiu-se às dos sapos e dos piolhos. O propósito da cultura. D'us instruiu Moshê para dizer a Aharon: 'Estenda seu cajado e bata no pó da terra e ele transformar-se-á em piolhos'. O piolho é um parasita; vive nos animais e nas pessoas sem contribuir em nada em suas vidas. É, portanto, uma metáfora do mal, pois a maldade se desenvolve absorvendo a força vital da santidade em vez de existir por seus próprios méritos.*

Assim como o piolho adere a uma pessoa unicamente quando essa se descuida da higiene, também o mal apenas prolifera quando permitimos que se reduza a nossa consciência de D'us; isto, por sua vez, nos induz a cometer faltas ou a desenvolver uma apatia em relação à santidade que nos torna vulneráveis às seduções do materialismo.

Ao infestar os egípcios de piolhos, D'us lhes demonstrou que sua indiferença em relação à Divindade os havia convertido em 'parasitas'. Todas as conquistas deles em termos de literatura, arte, arquitetura, ciência e assim por diante, tinham servido apenas para inflar seus egos e melhorar suas vidas materiais. Desta maneira, estavam drenando a vitalidade das forças da santidade do mundo em vez de acrescentar mais a sua santidade".

É importante observarmos que as três primeiras pragas (sangue, rãs e piolhos) foram rogadas por Aarão. [O Midrash conta que "*Disse D'us a Moshê: As águas, que cuidaram de ti quando fostes*

lançado ao Nilo ... e a terra, que veio em teu auxílio quando mataste o egípcio, não é justo que sejam amaldiçoadas por ti". Antes de ser uma simples demonstração de gratidão a objetos inorgânicos, é sim, uma forma de aprimorar a própria personalidade humana. A virtude da gratidão é um sentimento que pulsa no coração de qualquer pessoa que a cultive, mesmo por objetos inanimados passivos dos quais usufruímos. Se Moshê tivesse lançado estas pragas, ele é que teria sido atingido, pois ficaria gravado em seu coração um ato de ingratidão e uma atitude grosseira**]**. Torá Sefer comentários pg. 173.

{A segunda praga Sapos (rãs) – Intimidade Fria – Yessod – A segunda praga, na qual enxames de sapos (rãs) inundaram o Egito, simboliza a intimidade fria e desapaixonada que caracteriza um Ser Humano vivendo num Egito psicológico. Sapos são frios, ou seja, anfíbios de sangue frio que se desenvolvem em climas frios. As fêmeas do sapo geralmente depositam os ovos na água, onde chocam dentro de buracos frios e úmidos. Devido a isso, e ao fato de que os ovos depositados dessa maneira não recebem proteção dos pais, na Cabala os sapos refletem o estado emocional de apatia, desapego e frieza.

Essa condição rouba do Ser Humano a capacidade de vivenciar a genuína intimidade emocional com qualquer outra pessoa – cônjuge, filho ou amigo. A personalidade "*sapo*" é a da pessoa que, quando perguntada "***Qual é a diferença entre ignorância e apatia*?**" Responde: "*Não sei e não quero saber*."

A terceira praga Piolhos – Submissão Doentia – Hod - A terceira praga, na qual a poeira do Egito se transformou em piolhos, reflete os sintomas da submissão doentia. O atributo da submissão, como todos os atributos da alma, pode ser tanto produtivo quanto destrutivo. Permanecer para sempre como um humilde estudante das lições da vida é uma das mais nobres qualidades que um indivíduo pode ter. A capacidade de entregar o próprio ego a uma verdade mais elevada é o alicerce de todo o crescimento espiritual, assim como a capacidade de confessar um erro ou uma falha. "*Que minha alma seja como o pó*," é uma prece judaica diária, expressando nosso desejo de que sejamos humildes na presença dos mistérios da vida. Essa é a humildade sadia e submissão.

A submissão destrutiva "*egípcia*" é uma humildade que esmaga o espírito da pessoa e amortece seu entusiasmo pela vida. Nesse tipo de submissão, no qual alguém pensa sobre si mesmo como uma criatura sem importância, a percepção do ser como poeira inútil se desenvolve em piolhos que desmoralizam e rebaixam a vida da pessoa. Como os piolhos, esse tipo de humildade suga o sangue da pessoa, privando-a de sua vitalidade e fluxo de energia. O sagrado Rabi Aaron de Karlin colocava nessas palavras: "*Depressão não é um pecado; porém, aquilo que a depressão faz, nenhum pecado pode fazer*."**}** https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

As três primeiras pragas (sangue, rãs e piolhos) estão profundamente ligadas aos estados de indiferença, frieza espiritual e insensibilidade interior. No plano da alma, o sangue representa a vitalidade emocional; quando ele se transforma em sangue morto, inutilizável, indica que a energia interior existe, mas perdeu seu fluxo vivo. A pessoa sente, mas não se move, vive, mas sem direção.

As rãs, que saem das águas e coaxam incessantemente, simbolizam o ruído interior. É a intimidade fria. Palavras, pensamentos e impulsos que ocupam espaço, mas não aquecem o coração nem geram ação significativa, criando uma espiritualidade barulhenta e vazia. Já os piolhos, quase imperceptíveis, representam a frieza mais perigosa, que é a indiferença microscópica (poeira inútil), aquela apatia cotidiana que antes de provocar choque, corrói lentamente a sensibilidade moral e espiritual.

Juntas, essas pragas (sangue, rãs e piolhos) revelam que o verdadeiro exílio está longe de começar com grandes transgressões, mas quando a vitalidade se torna estagnada (sangue), a consciência se dispersa (rãs) e o coração perde a capacidade de se afetar (piolhos) é onde a pessoa entra em um estado no qual a Alma Divina é ignorada.

6.(Vaerá) – Shemot 08:19-09:16 – "*A quarta praga foi o súbito ataque de uma horda variada de animais selvagens. D'us pediu a Moshê que informasse ao faraó que esta horda não atacaria a província de Goshen, onde viviam os israelitas. D'us instruiu a Moshê que dissesse ao faraó: 'Farei uma distinção salvadora entre o Meu povo e o teu povo'. O aspecto mais temível desta praga era que a horda de animais selvagens atacava de maneira caótica em vez de uma espécie por vez. A anarquia e o terror que inspiravam eram semelhantes ao que acontece quando se rompem os limites morais que mantém intacta à sociedade.*

É legitimo questionar os valores morais estabelecidos pela sociedade sempre e quando nos encontramos firmemente posicionados em nosso compromisso para com os valores Divinos da Torá. Apenas quando temos claro quais são os valores autenticamente sagrados é que podemos avaliar de maneira apropriada cada elemento da cultura secular e escolher por qual optar ou rejeitar. Quando incorporamos esta distinção essencial entre valores sagrados e não sagrados, fica mais fácil melhorar nossa conexão com D'us".

{**A quarta praga Feras** (arov — feras/animais daninhos/moscas/insetos) – Ambição Selvagem – Netsah - A quarta praga, na qual um bando de feras selvagens atacou o Egito, é o símbolo físico da ambição doentia.

A ambição é um dos maiores presentes na vida. É o motor que impulsiona o Ser Humano a atingir a grandeza e fazer uma diferença no mundo, porém, se não refinarmos essa qualidade, nossas ambições podem nos transformar em "*feras selvagens*" que esmagam e destroem as pessoas que encontrarmos no caminho que trilhamos para a realização de meu objetivo}.
https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

[Diferente do que ocorreu nas três primeiras pragas, o Eterno separou Goshen, onde o povo de Israel residia, para que não fosse submetido a horda misturada. Assim, disse o Eterno, "*perceberás que Eu sou D'us não só no céu como também na terra, no meio da terra*".

A quarta praga (arov) introduz a quebra deliberada da ordem natural e moral do Egito. Arov manifesta-se como mistura caótica de forças animais, simbolizando a dissolução dos limites que sustentam a civilização. Rashi observa que não se tratava de uma única espécie, mas de uma horda desordenada, o que intensificava o terror. A Cabala nos mostra que isso é uma revelação do que ocorre quando a kelipá perde sua falsa coerência interna (ambição selvagem). O instinto bruto emerge sem contenção.

A distinção explícita entre o Egito e Goshen, onde viviam os israelitas, é central para a leitura do Rebe: "*farei uma distinção salvadora entre o Meu povo e o teu povo*". Essa separação é existencial. Goshen representa um espaço interior de discernimento, no qual os limites entre o permitido e o destrutivo permanecem claros. O Rebe ensina que questionar valores sociais é legítimo somente quando a pessoa está firmemente ancorada nos valores da Torá. A distinção Divina antes de proteger por isolamento geográfico, a distinção ocorre por meio da clareza de valores.

A Cabala e a Chassidut explicam que a verdadeira correção vem da capacidade de distinguir e escolher que a pessoa deve ter, mas vivendo dentro do mundo que nos cerca. Quando a pessoa internaliza a diferença entre valores Sagrados e não sagrados, a energia caótica, simbolizada pelas feras, deixa de dominar e pode ser contida. Assim, arov (feras) nos ensina que a conexão com D'us ocorre pela avaliação consciente da situação. Ou seja, estando a consciência iluminada pela Torá, saberemos distinguir o que deve ser integrado e o que deve ser rejeitado]. Rashi Shemot 08:19-09:16.

7.(Vaerá) – Shemot 09:17-35 – "*A quinta praga foi uma peste que afetou os rebanhos dos egípcios. A sexta praga, uma inflamação cutânea que cobria de chagas a pele dos egípcios e do seu gado. A sétima foi uma tempestade de granizo formada milagrosamente de gelo junto com fogo. Combinar misericórdia e severidade. O granizo era muito forte, com fogo incandescendo dentro dele.*

A água e o fogo originam-se e expressam os atributos Divinos da misericórdia e da severidade, respectivamente. Assim, a singularidade desta praga ao misturar gelo e fogo era de mesclar a misericórdia e severidade Divinas. Embora esta praga fosse especialmente severa, o que indicavam as duras advertências que a antecederam, tais advertências também incluíam instruções misericordiosas orientando como evitá-la.

Apenas D'us pode dominar a natureza e combinar fogo e gelo. Da mesma maneira, somente se nos elevarmos acima de nossas limitações naturais e nos conectarmos com D'us é que poderemos ser ao mesmo tempo exigentes e misericordiosos, tanto para nosso benefício como para o dos outros".

{**A quinta praga Epidemia** – Compaixão Dissimulada – Tifereth - A quinta praga, na qual uma epidemia aniquilou os rebanhos do Egito, serviu como uma incorporação física da compaixão dissimulada que, como uma epidemia, prejudica silenciosamente as pessoas sem que elas percebam. **O que é compaixão?** A Cabala declara que compaixão é mais poderosa e duradoura que o amor. O amor geralmente não enxerga as falhas do ser amado; portanto, quando as falhas emergem, elas podem enfraquecer o amor, se não o destruir totalmente. A compaixão, por outro lado, leva em consideração todos os defeitos do indivíduo e apesar disso estende o coração e uma mão amiga.

Essa é a compaixão moral, que é a capacidade da alma de sentir o sofrimento e as necessidades do próximo.

A compaixão "*egípcia daquele tempo*" é dissimulada, astuta e enganosa, e a qualidade sedutora do compassivo é usada para explorar as fraquezas das pessoas para propósitos egoístas e metas destrutivas. Quando alguém usa a compaixão dessa maneira bem refinada, inflige danos sobre uma pessoa na mesma maneira silenciosa de uma epidemia.

A sexta praga Furúnculos – Rejeição Brutal – Gueburah - A sexta praga, na qual brasas de uma fornalha ardente saltavam sobre a terra criando furúnculos sobre a pele da população do Egito, é o símbolo físico da rejeição cruel.

Na Cabala, o fogo incorpora a capacidade da alma para rejeitar. Assim como o fogo, um ato ou uma palavra de rejeição podem abater ou até destruir aquele que é rejeitado. Uma conexão adicional entre fogo e rejeição está no fato de que o fogo irrompe para cima, afastando-se da terra. A rejeição também constitui um ato de viajar interiormente e para cima no próprio mundo da pessoa, removendo o seu ser das pessoas e dos eventos que a cercam.

Porém, uma alma sadia precisa saber como rejeitar, assim como deve saber como abraçar. Com frequência a pessoa é chamada a recusar um anseio destrutivo, a cortar um relacionamento doentio, a dizer não para uma criança mimada ou a uma oferta comercial sem ética. Isso é fogo sadio. É um fogo que destrói o negativo a fim de construir o positivo.

Assim, quando nossa capacidade interior para a rejeição se transforma em amargura, ódio e crueldade, as brasas da alma tornam-se uma força destrutiva. Como os furúnculos, infectam nossas vidas e as vidas das pessoas ao nosso redor.

A sétima praga Granizo – Amor Congelado – Hessed - A sétima praga, na qual o granizo destruiu toda a produção do Egito, é o símbolo do amor egoísta. Se o fogo simboliza a rejeição, a água, descendo naturalmente de um plano mais elevado para um mais baixo, incorpora as qualidades da generosidade e da bondade. Na Cabala, o fluxo de amor é comparado a um fluxo de água, irrigando e nutrindo a alma humana com sua vibração e frescor. Porém, um homem (Pedreiro) que se acha no cativeiro "*egípcio*" conhece apenas um amor gelado, baseado inteiramente em motivos de auto interesse e considerações egoístas. O fluxo de amor dessa pessoa, como a chuva, torna-se congelado como o granizo, prejudicando seus entes queridos em vez de nutri-los.

Do Coração à Mente - Não é coincidência que as primeiras sete pragas estejam registradas em uma seção da Torá, ao passo que as três últimas estão em outra. As primeiras sete pragas – sangue, sapos, piolhos, feras, epidemia, furúnculos e granizo – refletiam a perversão egípcia das sete emoções – confiança, conexão, submissão, ambição, compaixão, rejeição e amor.

As três últimas – gafanhotos, trevas e morte dos primogênitos – representam a corrupção mais grave das faculdades intelectuais e a dimensão supra consciente da alma egípcia. Quando as emoções e instintos de alguém são prejudicados, a mente sã e objetiva oferece esperança de cura. Porém, quando a mente começa a pregar peças feias, o caminho para a cura torna-se dolorosamente desafiador**}**.
https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

04 - Parashat Bô – Vinde - As Três Últimas Pragas - Êxodo

Sinopse

O fato de D'us avisar o faraó que seria castigado por desobedecer às exigências de Moshê significa que a porta para o arrependimento ainda estava aberta. É verdade que D'us tinha 'endurecido o coração' do faraó, transformando-o numa pessoa obstinada, mas isso só significava que era mais difícil para ele se arrepender. Se o faraó tivesse reunido força interior suficiente para obedecer à sua consciência, teria deixado os israelitas saírem do Egito e, assim, ele poderia ter poupado a si mesmo e a todo o seu país da ruína iminente que os atingiu. Essa oposição se traduz, para o Pedreiro, em uma pergunta existencial. **Vivemos para conservar sistemas que nos mantêm presos ou para construir um futuro que liberte?** A Cabala ensina que o "Egito interior" é todo estado de consciência que reduz o Ser Humano a função, produção ou identidade imposta. Sair do Egito hoje significa que temos usar os bens materiais e seus recursos, tal como fez José, para promover dignidade, desenvolvimento e sentido. Assim, ser "livre e de bons costumes" é recusar a escravidão moderna das identidades e escolher conscientemente quem somos e para que possamos construir os Templos imateriais. Ser livres e de bons costumes para contribuir decisivamente, junto com nossos descendentes (neófitos), na construção de uma humanidade mais livre, consciente e feliz. E isto começa dentro de cada um de nós. A futura Redenção. D'us disse a Moshê: '*Estenda a sua mão aos céus, e haverá escuridão sobre a terra do Egito'*. D'us não forçou aos israelitas que não queriam abandonar ao Egito a sair de lá. Ao escolher permanecer ali, suas vidas perderam todo sentido e terminaram no sentido espiritual, pois eles rejeitaram assim à sua missão Divina e acabaram morrendo também fisicamente na praga da escuridão. Por outro lado, na futura Redenção, até mesmo aqueles israelitas que conscientemente não desejarem ser redimidos serão resgatados do exílio. Isto é porque, a partir do momento que D'us nos entregou a Sua Torá, Ele conectou a nossa essência com a Sua, tornando impossível nos opormos de alguma maneira à nossa conexão com Ele. Para o Pedreiro, essa ideia encontra eco simbólico ao adentrar o Templo e se deparar com o Livro da Lei. Receber a Luz é muito além de ser proprietário de um Livro Sagrado, mas permitir que essa Luz ilumine o Templo interno, orientando escolhas, valores e identidade. A advertência de que mariposas são atraídas pela luz, recorda que a luz espiritual exige vigilância constante. Ela atrai, revela e responsabiliza. Dessa forma, a praga da escuridão demonstra que a verdadeira liberdade está relacionada ao desenvolvimento de uma consciência capaz de distinguir entre luz e trevas, bem como entre propósito e estagnação. Ademais, é fundamental utilizar tal discernimento para contribuir com a construção de uma sociedade mais livre e consciente, evitando seu uso para fins de vaidade ou dominação. Depois da praga da escuridão, o faraó aceitou deixar o povo israelita sair, mas sob suas condições. Quando Moshê recusou estes termos, o faraó, encolerizado, expulsou Moshê. O desejo de poder. O faraó disse [a Moshê:] '*Retire-se daqui! No dia em que você ver [novamente] o meu rosto, morrerá!*'. Moshê respondeu: '*Você falou bem*'. Todo o mal é, na realidade, uma versão '*decadente*', isto é, uma distorção de alguma forma de santidade. O faraó era a expressão '*decadente*' da capacidade de D'us de passar por cima dos limites da natureza. Em seu modo '*decadente*', este poder se converteu na indiferença arrogante do faraó em relação a toda autoridade que não fosse a dele. Para o Pedreiro Livre o desejo de poder deve ser transformado pela compreensão e controle das forças internas e externas que influenciam a vida. O verdadeiro poder refere-se antes ao autoconhecimento e ao desenvolvimento espiritual do que ao domínio sobre os outros ou sobre o ambiente. É o desejo de se conectar com energias superiores e de exercer controle sobre nossos próprios pensamentos, emoções e ações. É um caminho de evolução espiritual, onde a pessoa busca compreender e dominar as leis do universo para alcançar um estado de equilíbrio e iluminação pessoal. Mas, também busca espalhar essa Luz para as outras pessoas. Tonar feliz a humanidade começa dentro de nós. Pense globalmente, mas atue localmente. Apesar dos israelitas terem renunciado à sua participação na cultura egípcia, os encantos do seu materialismo ainda exerciam certa fascinação sobre eles. Por isso, D'us teve de apressá-los a sair rapidamente do Egito, enquanto ainda estavam suficientemente impressionados pelas dez pragas, e dispostos a deixar o único lar que conheciam para se aventurar em algo duplamente desconhecido: o inóspito deserto e uma vida imbuída de santidade. Assim, o destruidor "*passa por cima*" (Pessach)

alheio a qualquer magia que, eventualmente, possa existir no sangue, mas ele passa por cima pela clareza de identidade e propósito existente no conjunto de pessoas presentes naquela casa e naquela ocasião. A união entre sangue, matzá e ervas amargas representa a liberdade autêntica, pois quando vitalidade, humildade e a memória da opressão se combinam, formam um Ser Humano capaz de superar a escravidão interior sem retroceder. Todo êxodo pessoal de um '*Egito*' requer que apliquemos humildemente nossa vitalidade para as boas ações, a oração e o estudo da Torá, e que tudo seja realizado com um compromisso renovado à nossa missão Divina na vida. *O cordeiro íntegro representa a exigência de inteireza interior, transformando-se na coerência entre pensamento, emoção e ação em vez da perfeição física corporal*. Na cabala e no Tanya, "defeitos" corporais são lidos simbolicamente como fragmentações da alma, isto é, áreas onde a vitalidade está *des*alinhada ao propósito Divino. Tal como Moshê havia predito, todos os varões primogênitos do Egito morreram exatamente à meia-noite. Então, os egípcios rogaram que os israelitas partissem, dando-lhes prata, ouro e vestimentas em quantidade. As mulheres israelitas, confiantes que D'us realizaria milagres para eles, também levaram tamborins para celebrar. Fé na Redenção. Os israelitas … pediram utensílios de prata e ouro aos egípcios. O início do Êxodo, marcado pela morte dos primogênitos, pela saída apressada do Egito e de certa forma barulhenta, expressam o rompimento interior com a fonte da vitalidade mal direcionada. Isto é, com a força bruta que governa a vida quando o ego, o poder e o materialismo ocupam o centro da consciência O processo redentor interior, em vez de anular essa energia (força bruta ou a alma animal), foca em redirecioná-la, elevando-a de instrumento de dominação a veículo de santidade. A exuberância de Esaú (ou do Egito) refinada pela sabedoria de Jacob (ou de Moshê) encontra seu lugar, onde Esaú (Egito) representa a potência vital e Jacob (Moshê) representa a consciência, a disciplina e a fidelidade ao propósito Divino. Quando essas duas dimensões passam a cooperar ao invés de competir, produzem uma personalidade integrada, capaz de agir intensamente no mundo sem se tornar prisioneira dele. D'us, então, disse aos israelitas que deveriam celebrar o aniversário do Êxodo a cada ano como a festividade do Pessach (Páscoa). Um dos principais aspectos desta celebração é relatar às crianças a história do Êxodo. Pelas crianças. Você deverá contar a seu filho nesse dia.

1.(Bô) – Shemot - 10:01-11 – "*Na oitava praga ocorreu um grande enxame de gafanhotos que dizimou os extensos campos de cereais do Egito. Nunca é demasiado tarde. Moshê disse ao faraó: 'Se você recusa a deixar Meu povo sair, amanhã trarei gafanhotos para o seu território'.*

O fato de D'us avisar o faraó que seria castigado por desobedecer às exigências de Moshê significa que a porta para o arrependimento ainda estava aberta. É verdade que D'us tinha 'endurecido o coração' do faraó, transformando-o numa pessoa obstinada, mas isso só significava que era mais difícil para ele se arrepender. Se o faraó tivesse reunido força interior suficiente para obedecer à sua consciência, teria deixado os israelitas saírem do Egito e, assim, ele poderia ter poupado a si mesmo e a todo o seu país da ruína iminente que os atingiu.

As lições para nós são as seguintes: primeiro, não importa quão distanciados possamos sentir que estamos de D'us, e até mesmo quando parece que Ele fechou as portas para nós, nada pode impedir nosso esforço sincero para retornarmos a Ele. Este aparente distanciamento existe unicamente para nos inspirar a tomar uma resolução mais profunda e poderosa.

Segundo, por mais longe que uma pessoa pareça estar de D'us, nunca devemos perder a esperança por ela. Com amor e amizade verdadeiros podemos encorajá-la a corrigir sua trajetória, e com ajuda de D'us, ela voltará ao seu verdadeiro e Divino eu interior".

A oitava praga Gafanhotos – Inteligência Pervertida – Binah – {A oitava praga, na qual os gafanhotos não deixaram uma só folha verde, serve como um símbolo das consequências destrutivas de uma mente corrompida.

A capacidade de escrutínio e pesquisa intelectual continuam sendo o dom mais precioso do Ser Humano. Permitem que exploremos o universo, melhoremos nossa vida e possamos descobrir o elevado chamado moral da família humana. Porém, o mesmo poder pode servir como instrumento para racionalizar todo mal praticado sob o sol e para justificar todo estilo de vida ou hábito destrutivo.

Como o gafanhoto que consumiu todas as plantas existentes no Egito, deixando atrás de si o solo estéril, a mente corrupta pode desenraizar toda estrutura moral e alicerce sagrado já estabelecido, deixando em seu rastro uma sociedade destituída de valores espirituais e princípios absolutos. Essa é a tragédia do Egito – como o intelectualismo, em que alguém tem a mente tão aberta que seu cérebro cai para fora}. https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, na pg. 119, podemos encontrar que {essa parashá apresenta como tema central a educação, abordada ao longo de toda sua estrutura. Para ilustrar isso, podemos mencionar algumas citações específicas, encontradas em seu início, meio e fim:

No início (10:02): '*E para que contes aos ouvidos de teu filho, e do filho de teu filho, como me burlei do Egito...". No meio: "Com nossos filhos e com nossas filhas...*' (10:09), '*E quando vos disserem vossos filhos: **Que culto é este para vós?**'* (12:26), e em: '*E anunciarás a teu filho naquele dia, dizendo: Por isto me fez o Eterno sair do Egito*.' (13:08). No final (13:14): '*E será quando te perguntar teu filho amanhã, dizendo: **Que é isto?** Dir-lhe-ás: com braço forte nos tirou o Eterno do Egito, da casa dos escravos'*.

Após observarmos as perguntas contidas nos Pessukim (versículos) selecionados, fica ainda mais evidente que o foco da disputa no Egito era justamente o futuro a respeito dos filhos de nosso povo. De um lado, o faraó decretou exterminar todos os varões israelitas que nascessem (Shemot 01:16 e 22), por outro lado temos Moshe argumentando (Shemot 10:09) que os filhos e filhas deveriam também sair do Egito juntamente com o povo.

Isto vem nos indicar duas visões de vida diferentes: a primeira, encabeçada pelo Faraó que apenas enxerga o povo israelita e seus filhos como força humana para construir pirâmides e cidades-armazéns, com o objetivo de glorificar o passado. A segunda, uma visão voltada para o futuro, capaz de enxergar além da saída do Egito, acreditando que estes descendentes seriam capazes de consolidar uma nação}.

Portanto, os Pedreiros devem se perguntar**: Qual o caminho que desejamos seguir? Àquele proposto pelo faraó, que tem os faróis voltados para trás e para o atraso? Ou devemos ter uma visão de futuro e olharmos adiante, após a nossa saída do Egito? Isto é, devemos contribuir, nós e nossos descendentes, para tornar feliz a humanidade? Será? Estamos ainda no Egito? Temos um faraó dentro de nós?**

Evidentemente, é necessário construir, por exemplo, armazéns para preservar alimentos e nos precaver contra adversidades futuras, tal como fez José. Mas, devemos usar essas reservas para progredir, em vez de manter as pessoas presas na escravidão contemporânea.

Livres e de Bons Costumes: A escravidão atual, muito além de manter pessoas submetidas a trabalho forçado e exploração, por meio de ameaças, violência, coerção ou abuso de poder; se refere a sistemas de dominação e a exploração das identidades das pessoas. **Prezado Pedreiro, quem de verdade somos?**

A oitava praga, a dos gafanhotos, revela que o embate no Egito é educacional e espiritual. O aviso prévio dado ao faraó, apesar do endurecimento de seu coração, demonstra que a possibilidade de arrependimento nunca é anulada, apenas se torna mais exigente. Isso indica que mesmo quando a consciência parece obscurecida, a liberdade interior ainda pode ser reconquistada por um esforço mais profundo. O Rebe enfatiza que esse princípio vale tanto para o indivíduo quanto para o outro.

Ninguém está definitivamente perdido. O distanciamento aparente existe para provocar uma decisão mais autêntica. Nesse sentido, a praga dos gafanhotos, que consome o que ainda restava do Egito, simboliza a consequência de um sistema que se recusa a mudar sua visão de mundo. Quando negligenciamos ou abandonamos uma educação voltada para o futuro, até os recursos acumulados do passado são destruídos.

A leitura educacional da parashá reforça essa ideia ao mostrar que o verdadeiro campo de batalha era o futuro representado pelos filhos (neófitos). O faraó enxerga pessoas, inclusive crianças, apenas como força de trabalho para sustentar estruturas que glorificam o passado. Moshê, ao contrário, insiste que filhos e filhas devem sair juntos, pois são eles que darão continuidade a uma nação orientada por valores.

Essa oposição se traduz, para o Pedreiro, em uma pergunta existencial. **Vivemos para conservar sistemas que nos mantêm presos ou para construir um futuro que liberte?** A Cabala ensina que o "Egito interior" é todo estado de consciência que reduz o Ser Humano a função, produção ou identidade imposta. Sair do Egito hoje significa que temos usar os bens materiais e seus recursos, tal como fez José, para promover dignidade, desenvolvimento e sentido. Assim, ser "*livre e de bons costumes*" é recusar a escravidão moderna das identidades e escolher conscientemente quem somos e para que possamos construir os Templos imateriais. Ser livres e de bons costumes para contribuir decisivamente, junto com nossos descendentes (neófitos), na construção de uma humanidade mais livre, consciente e feliz. E isto começa dentro de cada um de nós.

2.(Bô) – Shemot – 10:12-23 – "*Na nona praga, o Egito ficou imerso em uma escuridão absoluta durante seis dias. Assim como nas outras pragas, esta escuridão demonstrou aos egípcios o poder de D'us sobre eles. Além disso, essa escuridão, que não afetava aos israelitas, lhes possibilitou circular entre os egípcios e ver onde escondiam suas riquezas. No entanto, também houve israelitas que não quiseram abandonar o Egito; eles morreram durante a praga.*

A futura Redenção. D'us disse a Moshê: 'Estenda a sua mão aos céus, e haverá escuridão sobre a terra do Egito'. D'us não forçou aos israelitas que não queriam abandonar ao Egito a sair de lá. Ao escolher permanecer ali, suas vidas perderam todo sentido e terminaram no sentido espiritual, pois eles rejeitaram assim à sua missão Divina e acabaram morrendo também fisicamente na praga da escuridão. Por outro lado, na futura Redenção, até mesmo aqueles israelitas que conscientemente não desejarem ser redimidos serão resgatados do exílio. Isto é porque, a partir do momento que D'us nos entregou a Sua Torá, Ele conectou a nossa essência com a Sua, tornando impossível nos opormos de alguma maneira à nossa conexão com Ele.

Sem dúvida, podemos demonstrar exteriormente que nos opomos à nossa conexão com D'us, mas tudo isso seria apenas um ato superficial. Mais cedo ou mais tarde, nossa essência interior e profunda virá à tona e nos fará dignos de ser redimidos".

A nona praga Trevas (densa escuridão) – Uma Mente Trancada – Hokhmah – {A nona praga, na qual uma densa escuridão envolveu todo o Egito, reflete a incapacidade da alma egípcia inibida de concretizar sua faculdade de concepção. O poder da concepção é a capacidade da mente de criar uma ideia nova e original que previamente era inacessível. **Como?** Quando a mente sente com intensidade suas limitações e fronteiras, suspendendo seu ego intelectual e abrindo-se a uma luz superior, a verdade antes inacessível pode emergir e iluminar o recém-criado vácuo. Quando alguém é arrogante e desdenhoso, priva a própria mente da habilidade de sentir a iluminação, forçando-se a permanecer na escuridão, permanece para sempre restrito a uma visão estreita da vida}.
https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

Em Tora Sefer página 181, podemos encontrar que "existe um denominador comum entre as três

últimas pragas – gafanhoto, escuridão e morte – que é a escuridão. Metaforicamente a mente do faraó já está imersa em confusão e obscuridade. O cruel e irascível torturador torna-se vítima de seus próprios atos, e exaspera-se ao constatar que "para todos os filhos de Israel houve luz em suas habitações (Bo 10:23). Ou seja, para os filhos de Israel havia luz real, física, e uma luz interior espiritual, um tipo de luz que só aquele que consegue vislumbrar a liberdade que se aproxima é capaz de distinguir".

Ao adentrarmos em nossos Templos nos deparamos com o Livro da Lei. **Recebemos a Luz, mas que Luz?** A Luz que está contida no Livro da Lei. **De fato, a Luz brilha em nosso Templo Interno?** Se somos Luz, temos de ter cuidado a todo o tempo, pois as mariposas são atraídas pela luz.

A praga da escuridão marca o ponto em que o confronto entre Egito e Israel deixa de ser externo e passa a ser interior. A escuridão *é, neste caso, assumida como* confusão existencial. O faraó e sua cultura, ao recusarem repetidamente a libertação, mergulham num estado em que já não conseguem distinguir direção, propósito ou futuro. Essa praga revela o colapso da consciência egípcia, presa ao passado e à dominação, enquanto para os filhos de Israel "houve luz em suas habitações", isto é, muito além de ser apenas claridade material, é uma luz interior espiritual que permite enxergar a redenção que se aproxima. Essa mesma luz, paradoxalmente, expõe aqueles israelitas que não desejavam sair do Egito. Ao rejeitarem sua missão Divina, perderam o sentido de existência e desapareceram na escuridão, pois a redenção (libertação) exige ao menos a abertura interior para o futuro.

A leitura Chassídica do Rebe amplia esse ensinamento ao afirmar que, na redenção futura, mesmo aqueles que conscientemente resistirem serão resgatados, pois após a entrega da Torá a conexão essencial entre Israel e D'us tornou-se indissolúvel.

Para o Pedreiro, essa ideia encontra eco simbólico ao adentrar o Templo e se deparar com o Livro da Lei. Receber a Luz é muito além de ser proprietário de um Livro Sagrado, mas permitir que essa Luz ilumine o Templo interno, orientando escolhas, valores e identidade. A advertência de que mariposas são atraídas pela luz, recorda que a luz espiritual exige vigilância constante. Ela atrai, revela e responsabiliza. Dessa forma, a praga da escuridão demonstra que a verdadeira liberdade está relacionada ao desenvolvimento de uma consciência capaz de distinguir entre luz e trevas, bem como entre propósito e estagnação. Ademais, é fundamental utilizar tal discernimento para contribuir com a construção de uma sociedade mais livre e consciente, evitando seu uso para fins de vaidade ou dominação.

3.(Bô) – Shemot - 10:24-11:03 – "*Depois da praga da escuridão, o faraó aceitou deixar o povo israelita sair, mas sob suas condições. Quando Moshê recusou estes termos, o faraó, encolerizado, expulsou Moshê. O desejo de poder. O faraó disse [a Moshê:] 'Retire-se daqui! No dia em que você ver [novamente] o meu rosto, morrerá!'. Moshê respondeu: 'Você falou bem'. Todo o mal é, na realidade, uma versão 'decadente', isto é, uma distorção de alguma forma de santidade. O faraó era a expressão 'decadente' da capacidade de D'us de passar por cima dos limites da natureza. Em seu modo 'decadente', este poder se converteu na indiferença arrogante do faraó em relação a toda autoridade que não fosse a dele.*

Neste contexto, quando o faraó disse a Moshê 'no dia em que você ver o meu rosto, morrerá', ele estava alertando-o inconscientemente de que ninguém pode contemplar a infinitude de D'us e sobreviver. Moshê concordou: nenhum ser criado, finito, pode experimentar a infinitude de D'us e continuar existindo como tal: será absorvido pela experiência e se 'dissolverá' na infinitude de D'us.

Entretanto, D'us não está preso às Suas próprias regras e pode permitir a um indivíduo 'sobreviver' a essa experiência. E foi exatamente o que Ele fez com Moshê para lhe possibilitar destruir o mal do

faraó - lhe revelou Seu poder sobrenatural através das pragas.

Todos nós temos nosso 'faraó' interno, ou seja, alguma obstinada oposição ou hostilidade à santidade. Quando derrotarmos a esse 'faraó', haveremos removido todos os outros obstáculos que nos impedem de ter uma vida positiva e saudável".

A décima praga Morte dos Primogênitos – Kether – {A décima e última praga, a morte de todo primogênito egípcio, foi a mais devastadora de todas. Refletia o fato de que o abuso egípcio da alma não somente afetou suas faculdades conscientes, como distorceu e destruiu também suas forças supra conscientes. O primogênito representava, portanto, a essência da força e vitalidade humana (Bereshit 49:03; Salmos - Tehilim 78:51)

Na Cabala, o primogênito é um símbolo dos primeiros instintos e motivos formados de uma alma, que estão sob a superfície do ser consciente. Essa dimensão da personalidade é naturalmente mais difícil de esmagar porque está oculta e inacessível. Porém, um estilo de vida de vício e abuso contínuos terminarão por provocar a morte do primogênito, ou a morte do elemento supra consciente da alma da pessoa.

Essa foi a "*bala*" final que colocou um fim no ciclo pernicioso do vício e abuso egípcios. O povo israelita foi libertado e puseram-se a caminho para receber os Dez Mandamentos.

O que são os Dez Mandamentos? Correspondem às dez pragas. Assim como as dez pragas refletem a perversão das dez faculdades da alma, os Dez Mandamentos representam o caminho da cura espiritual dessas dez faculdades, permitindo que todas as dez expressem a harmonia e esplendor da essência Divina da pessoa}.
https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/2077699/jewish/A-Psicologia-das-Pragas.htm

Para o Pedreiro Livre o desejo de poder deve ser transformado pela compreensão e controle das forças internas e externas que influenciam a vida. O verdadeiro poder refere-se antes ao autoconhecimento e ao desenvolvimento espiritual do que ao domínio sobre os outros ou sobre o ambiente. É o desejo de se conectar com energias superiores e de exercer controle sobre nossos próprios pensamentos, emoções e ações. É um caminho de evolução espiritual, onde a pessoa busca compreender e dominar as leis do universo para alcançar um estado de equilíbrio e iluminação pessoal. Mas, também busca espalhar essa Luz para as outras pessoas. Tonar feliz a humanidade começa dentro de nós. Pense globalmente, mas atue localmente.

4.(Bô) – Shemot - 11:04-12:20 – "*Na décima e última praga, todos os primogênitos egípcios morreram instantaneamente à meia-noite do dia 15 de Nissan. Antes disso, D'us havia ordenado ao povo israelita preparar um carneiro ou cabrito para abater e comê-lo naquela noite. Fugir do exílio. D'us instruiu a Moshê para que dissesse ao povo: Vocês devem comer o carneiro ou cabrito apressadamente.*

Apesar de os israelitas terem renunciado à sua participação na cultura egípcia, os encantos do seu materialismo ainda exerciam certa fascinação sobre eles. Por isso, D'us teve de apressá-los a sair rapidamente do Egito, enquanto ainda estavam suficientemente impressionados pelas dez pragas, e dispostos a deixar o único lar que conheciam para se aventurar em algo duplamente desconhecido: o inóspito deserto e uma vida imbuída de santidade.

O mesmo se aplica quando saímos de um 'Egito' pessoal, ou seja, sempre que deixamos para trás a familiaridade de uma forma anterior de vida e nos elevamos a um novo nível de consciência Divina e seu correspondente estilo de vida. Para seguirmos em nosso novo caminho é crucial manter o nosso entusiasmo e ímpeto, tomando todas as medidas necessárias para não voltar aos hábitos anteriores.

Na Redenção messiânica, no entanto, esta precaução não será necessária. Uma vez que essa redenção será absoluta e abarcará toda a realidade, não haverá possibilidade de retroceder à mentalidade do materialismo".

O primogênito representa a essência da força e vitalidade humana (Bereshit 49:03; Tehilim 78:51). O curso da história humana foi ditado pelo primeiro ato "Criação/pecado" de Adam, Chava e a serpente. A Cabala nos ensina que estes três personagens básicos representam três níveis de consciência a mente, o coração e o fígado. Alguns incluem os rins (Parashá Bo 12:11).

A mente representada por Adam, é a consciência abstrata e puramente intelectual. O coração, representado por Chava, é o local das emoções e sentimentos. O fígado (e/ou rins), representado pela serpente, é o pragmatismo, a consciência envolvida com os ganhos e perdas de nossas ações (ego). Por isso, usamos o avental, para termos a cintura cingida (Bo 12:11), simbolicamente, controlando o desejo de receber (o ego).

Veja, o ego não foi *e não pode ser* morto. Em linhas gerais temos a alma animal e a alma Divina. Ao cingirmos os rins, ao usarmos o avental, queremos dizer, simbolicamente, que a alma Divina controla, especialmente a nossa fala e ações, usando a energia da alma animal para construir templos às virtudes e masmorras ao vício. Mas, isto dentro de nós.

Ao juntar os pães ázimos com as ervas amargas (Bô 12:08), o propósito é lembrarmos que o doce sabor da liberdade (taça da boa sorte) deve permitir-nos compreender a amargurada opressão (a taça da má sorte).

O pão é o alimento para o espírito, simboliza a vida, a renovação a humildade e o sacrifício. É necessário, adubar a terra, plantar, regar, retirar as ervas daninhas, colher, moer, preparar a massa e fazer o pão, esfriar para depois poder comê-lo. Antes de comê-lo devemos dar graças fazendo a bênção do pão. Na Parashat Tazria - Torá Levítico (12:01-13:59).

À décima praga e o ritual do Pêssach revelam que a saída do Egito é um rompimento interior com a fonte da vitalidade mal direcionada. O primogênito, descrito nas Escrituras como a "força inicial" da vida, simboliza a primazia do ego e do materialismo que governavam o Egito. Sua queda marca o colapso de um sistema em que a consciência humana estava subordinada ao ganho, ao poder e à repetição do passado.

Por isso, a saída precisava ser apressada. Embora os israelitas já tivessem rejeitado a idolatria egípcia, o fascínio pelo conforto material ainda os prendia. O Rebe ensina que, tanto na redenção histórica quanto nas saídas pessoais do "Egito interior", é essencial manter o ímpeto inicial da libertação, pois a hesitação abre espaço para o retorno aos antigos padrões. A redenção futura, porém, será absoluta. A conexão essencial com o Divino será tão abrangente que *nos será impossível* regre*dir a* mentalidade materialista.

Essa dinâmica se aprofunda quando a Cabala lê o ritual do Pêssach como um mapa da mente humana. Adam (mente), Chava (coração) e a serpente (fígado e/ou rins - ego) representam níveis de consciência que precisam ser reorganizados.

Cingir os rins, comer apressadamente e usar o avental significa subordin*ar o ego* à alma Divina, canalizando sua energia para a construção de virtudes, *em vez de ser canalizada para os* vícios. A união do pão ázimo com as ervas amargas ensina que a verdadeira liberdade só é íntegra quando integra memória e responsabilidade. O sabor simples e humilde do pão sem fermento recorda que a vida espiritual exige trabalho paciente. Ou seja, preparar a terra, cuidar e esperar, enquanto o amargor

impede que a liberdade se torne arrogância.

Assim, a saída do Egito, a disciplina do corpo e a educação do desejo convergem para uma mesma lição. A libertação autêntica acontece quando mente, emoção e ação estão alinhadas, permitindo que a alma Divina governe o interior e transforme a experiência humana em um caminho contínuo de santificação e maturidade.

A Cabala nos mostra que a aplicação do sangue sobre a verga superior e sobre os dois batentes laterais da porta (Shemot 12:07), é um gesto concreto. É a reorganização interior da consciência humana descrita na saída do Egito. Como já vimos anteriormente em outra Parashat, o sangue representa a força vital (dam), a energia bruta que pode servir tanto ao ego quanto à santidade. Colocá-lo do lado de fora da casa, indica que essa vitalidade *deve ser* redirecionada. A verga superior corresponde à mente (intelecto e intenção), enquanto as colunas laterais correspondem às emoções e à ação. Ao marcar esses três pontos, a Torá nos mostra que a libertação exige alinhar pensamento, sentimento e comportamento sob um mesmo compromisso espiritual. Assim, o sangue, que antes alimentava o sistema egípcio da força e do poder, agora passa a servir como sinal de pacto, declarando que a vida daquele lar agora está orientada por outro conjunto de valores.

Essa marcação da porta também se integra à ideia de saída apressada do Egito e ao controle do ego descritos anteriormente. A porta é o limiar entre interior e exterior e entre identidade e mundo. Ao marcar a porta, o povo afirma que a transformação ocorre no ponto de transição, onde escolhas são feitas. O sangue na porta diz, simbolicamente*,* que a minha força vital *tem agora um líder a direcioná-la na governança do corpo*. Ela está*, portanto,* submetida a um propósito superior.

Assim, o destruidor "passa por cima" (Pessach) alheio a qualquer magia que, eventualmente, possa existir no sangue, mas ele passa por cima pela clareza de identidade e propósito existente no conjunto de pessoas presentes naquela casa e naquela ocasião. A união entre sangue, matzá e ervas amargas representa a liberdade autêntica, pois quando vitalidade, humildade e a memória da opressão se combinam, formam um Ser Humano capaz de superar a escravidão interior sem retroceder.

5.(Bô) – Shemot - 12:21-28 – "*D'us disse aos israelitas que o animal que eles iriam comer nessa noite deveria ser chamado de 'Pêssach'. Ele deu-lhes também instruções sobre como prepará-lo e comê-lo. D'us instruiu a Moshê que dissesse ao povo: 'Peguem um feixe de hissopo e com ele apliquem o sangue do Pessach na verga e nos dois batentes'.*

O batente direito da porta representa as boas ações; o esquerdo, as orações; e a verga que se encontra acima de ambos, o estudo da Torá. Juntos, os três configuram uma vida completa e equilibrada, que nos permite cumprir a nossa missão Divina de transformar este mundo numa moradia para D'us.

A porta em si representa a nossa disposição de obedecer a vontade de D'us, já que tal compromisso é a porta de entrada para nossa participação ativa junto a Ele na retificação do mundo. O humilde hissopo que se emprega para aplicar o sangue sobre o batente da porta simboliza a abnegação pessoal que devemos cultivar para sermos receptivos à presença de D'us em nossas vidas. O próprio sangue representa a vitalidade da nossa alma animal, com a qual devemos realizar boas ações, rezar e estudar Torá.

Todo êxodo pessoal de um 'Egito' requer que apliquemos humildemente nossa vitalidade para as boas ações, a oração e o estudo da Torá, e que tudo seja realizado com um compromisso renovado à nossa missão Divina na vida".

O cordeiro sem defeitos, o Sumo Sacerdote e a frase o óleo é a coroa de D'us estão associados ao Tehilim 133. O Landmark diz que o candidato tem de ser uma pessoa isenta de defeitos. O Sacerdote tem de ser isento de defeitos. Ou seja, simbolicamente, máculas no corpo são deformidades da alma.

O Pedreiro é um Sacerdote para as nações do mundo. Por esse motivo o Pedreiro tem de ser sem defeitos. Portanto, ele tem de estar consciente do bitul (abnegação e/ou autoanulação) para ser de fato um Sacerdote. Por esse motivo, o verdadeiro Pedreiro é sem defeitos.

Pela interpretação do Rebe, o ritual do Pêssach apresenta-se como um mapa completo da vida espiritual integrada. O sangue aplicado na verga e nos dois batentes da porta traduz, em linguagem simbólica, a canalização da vitalidade da alma animal para três eixos fundamentais que são boas ações, oração e estudo da Torá. Conforme explica a tradição Chassídica, a verga superior representa a Torá porque o intelecto e a consciência orientam toda a estrutura da vida. Os batentes laterais representam a ação e a prece, isto é, o fazer concreto e o vínculo emocional com D'us. A porta em si simboliza o compromisso ou a decisão de obedecer à vontade Divina, sem o qual nenhum desses elementos se sustenta. O uso do hissopo, planta simples e humilde, ensina que essa transformação só é possível quando acompanhada de bitul (abnegação – autoanulação – humildade), pois a presença Divina se retrai onde o ego governa. Ela, a presença Divina, *está sempre presente*, pois não existe nada além Dele.

Mas, o que significa bitul (abnegação e/ou autoanulação)? "De forma geral, um ser criado, não obstante, considere sua própria existência sob uma luz inteiramente diferente: Ele '*conhece*' e '*sente*', sem qualquer sombra de dúvida, que ele desfruta de uma existência verdadeira e independente. Essa visão (inteiramente falsa) pode ocorrer quando ele foi criado a partir do nada como (tomando a forma de) um iesh (a substancialidade criada). Se, ao invés disso, ele fosse criado por um processo de ilá e alul (causa e efeito) seria impossível para ele não estar plenamente ciente do seu Criador; em sua própria visão também, ele existiria num estado de bitul bimetsiut, um estado de completa autoanulação. Embora a substância criada seja como nada diante d'Ele, pois todas as coisas, iesh (a substancialidade criada) criado, são como nada diante d'Ele, isto é, ele (o iesh) é essencialmente não existente, não somente com relação a essência de D'us, que transcende inteiramente todos os mundos e a Criação, mas também no processo da Criação, em relação a energia e a luz que flui nele. Essa força e luz derivando do Kelim (recipientes) das Dez Sefirot de Atziluth, Beriá, Yetzirah e Assiá, dentro do qual o Kav (כו), a linha da infinita luz Ein Sof foi irradiada". Tanya 7 Iguéret HaCodesh Carta 20, pg. 406. *O cordeiro íntegro representa a exigência de inteireza interior, transformando-se na coerência entre pensamento, emoção e ação em vez da perfeição física corporal.*

Na cabala e no Tanya, "*defeitos*" corporais são lidos simbolicamente como fragmentações da alma, isto é, áreas onde a vitalidade está *des*alinhada ao propósito Divino. O Sacerdote e, por extensão, o "Pedreiro como sacerdote para as nações", é aquele que trabalha para restaurar essa unidade interior, usando a energia da alma animal como matéria-prima para santidade. Assim como o óleo consagrado é chamado de "coroa" porque eleva e consagra, a vida vivida sem fissuras morais torna-se um canal adequado para a presença Divina no mundo. O êxodo pessoal consiste em integrar a vida e o desejo de forma autêntica, tornando o Ser Humano um espaço propício para D'us. Likutei Amarim 37 e 45.

6.(Bô) – Shemot - 12:29-51 – "*Tal como Moshê havia predito, todos os varões primogênitos do Egito morreram exatamente à meia-noite. Então, os egípcios rogaram que os israelitas partissem, dando-lhes prata, ouro e vestimentas em quantidade. As mulheres israelitas, confiantes que D'us realizaria milagres para eles, também levaram tamborins para celebrar. Fé na Redenção. Os israelitas ... pediram utensílios de prata e ouro aos egípcios.*

Ao levar tamborins, as mulheres demonstraram mais fé e confiança em D'us que os homens. As mulheres de nossa geração também podem liderar o caminho ao demonstrar sua fé na iminência da Redenção final. Sem dúvida, até chegar esse momento, todos devemos sentir a amargura do exílio e rezar com fervor para que D'us termine com ele. Mas, ao mesmo tempo, nossa confiança inabalável que D'us cumprirá sua promessa de Redenção deve nos preencher de uma alegria transbordante. As mulheres, fortemente calcadas na sua fé inata e profundamente arraigada, já podem começar a

celebrar a Redenção, inclusive com música e danças, o que inspirará os homens a seguir o seu exemplo".

Em Bô Shemot 12:41 encontramos "E foi ao fim de quatrocentos e trinta anos, neste mesmo dia, que saíram todos os exércitos do Eterno da terra do Egito". Esse versículo, eventualmente, pode levar a interpretações equivocadas. Esses quatrocentos e trinta anos são calculados a partir do pacto de D'us com Abraão (B15:18), incluindo todas as peregrinações que os Patriarcas fizeram, até a saída do Egito. Outro ponto importante é que desde o nascimento de Isaac até a saída do Egito foram 400 anos". Torá, pg. 189 – comentários.".

Especialmente para os homens Pedreiros, essa Parashá traz uma advertência especial. "*Temos de nos lembrar que as tentações do mundo material são tão numerosas e potentes que é preciso ter uma força quase sobre-humana para resistir a elas. É por essa razão que, fora do judaísmo, religiosidade e santidade são quase sempre sinônimos de ascetismo. É praticamente tido, por certo que, qualquer envolvimento com o mundo físico corrompe, de modo que a única opção para os aspirantes à espiritualidade é evitar todo contato com ele. A Torá, em contraposição, exige que nos envolvamos com o mundo físico. E ao mesmo tempo, nos é exigido que o controlemos, atraindo a vitalidade da materialidade para propósitos sagrados.*

Jacob entendeu que, para vencermos esse desafio, é imperativo que nos concebamos, em todas as ocasiões, como emissários de D'us no mundo. Assim nos mantemos conscientes de que antes de pensarmos que agimos apenas com nossa própria energia; sabemos que somos integralmente apoiados pela energia do Criador e, portanto, podemos sempre contar com recursos infinitos de discernimento, força e inspiração Divinos.

Para assumirmos o papel de emissários, devemos exibir abnegação em nossa dedicação à missão, bem como criatividade para cumpri-la. A devoção abnegada à nossa tarefa Divina impede que nossos interesses pessoais distorçam seus fins ou meios, o que interferiria no fluxo de energia e sabedoria Divinas a que precisamos ter acesso. A criatividade e inventividade nos possibilitam criar as estratégias específicas requeridas pelo ambiente particular em que cada um de nós opera.

Como emissários leais, devotados ao estudo e à prática dos ensinamentos da Torá (Livro da Lei), podemos seguramente apropriar-nos da força bruta indomada e da impetuosidade juvenil de Esaú e canalizá-las para o reino da santidade, sintetizando-as produtivamente com a sagacidade de Jacob. Conforme previu Isaac, essa união da exuberância da juventude com a sabedoria da idade mais avançada é a característica definidora do futuro messiânico, sendo, assim, a chave para antecipar a sua chegada. De fato, a dedicação ininterrupta do povo israelita (Pedreiros) à Torá e seus mandamentos desde a época de Jacob refinou em grande medida o Esaú metafísico, e estamos agora no limiar da retificação definitiva de Esaú com o advento da Redenção final". Rashi Bereshit Parashat Vayishlach pg. 158-159.

Todos estes textos, Êxodo 12:29–51, os comentários do Rebe, da Torá Sefer e do Rashi, descrevem um processo interno de amadurecimento espiritual. A morte dos primogênitos, símbolo da primeira força e da vitalidade dominante do Egito, indica o colapso de uma consciência centrada no poder, no controle e no materialismo.

Quando os israelitas saem levando prata, ouro e vestimentas, a Cabala lê esse gesto como a elevação da energia material, pois ao invés de se abandonar o mundo, reformula-se a sua vitalidade. Nesse ponto, o destaque dado às mulheres que levam tamborins é significativo. Elas representam a capacidade de celebrar a redenção antes que ela esteja plenamente visível. Interiormente, isso ensina que a saída do "*Egito pessoal*" exige manter, ao mesmo tempo, a memória da dor do exílio e uma alegria confiante no futuro. Uma alegria que antes de negar a realidade, a transcende.

A referência aos 430 anos nos lembra que a redenção é muito maio que apenas um único evento. Mas, é o resultado de processos acumulados ao longo do tempo, incluindo peregrinações, frustrações e amadurecimento. Internamente, isso ensina ao Pedreiro que ninguém sai do exílio interior de forma abrupta. Há uma história em formação, escolhas e refinamentos que precede a libertação consciente. A pessoa que se percebe apenas como indivíduo isolado tende a se frustrar com a demora. Aquela que se reconhece como parte de um conjunto maior, iniciado antes dela, compreende que sua vida participa de um processo mais amplo que tem direção e sentido.

Os comentários de Rashi aprofundam essa dimensão ao advertirem sobre o perigo do mundo material. Em vez do ascetismo, a Torá propõe o domínio consciente da materialidade. Interiormente, isso significa que o desejo, a ambição e a força vital, associados a Esaú, antes de serem reprimidos, devem ser canalizados. Jacob representa a consciência do emissário. Ou *Jacob* é àquele que age no mundo sabendo que opera em conjunto com forças superiores, *superando as* meramente individuais. Quando a pessoa internaliza essa identidade de emissário, ela adquire a abnegação necessária para preservar a integridade de sua missão frente a interesses pessoais.

O início do Êxodo, marcado pela morte dos primogênitos, pela saída apressada do Egito e de certa forma barulhenta, expressam o rompimento interior com a fonte da vitalidade mal direcionada. Isto é, com a força bruta que governa a vida quando o ego, o poder e o materialismo ocupam o centro da consciência. O processo redentor interior, em vez de anular essa energia (força bruta ou a alma animal), foca em redirecioná-la, elevando-a de instrumento de dominação a veículo de santidade. A exuberância de Esaú (ou do Egito) refinada pela sabedoria de Jacob (ou de Moshê) encontra seu lugar, onde Esaú (Egito) representa a potência vital e Jacob (Moshê) representa a consciência, a disciplina e a fidelidade ao propósito Divino. Quando essas duas dimensões passam a cooperar ao invés de competir, produzem uma personalidade integrada, capaz de agir intensamente no mundo sem se tornar prisioneira dele.

7.(Bô) – Shemot - 13:01-16 – "*D'us, então, disse aos israelitas que deveriam celebrar o aniversário do Êxodo a cada ano como a festividade do Pessach (Páscoa). Um dos principais aspectos desta celebração é relatar às crianças a história do Êxodo. Pelas crianças. Você deverá contar a seu filho nesse dia.*

D'us nos ordena relatar a história do Êxodo, na noite de Pêssach, a quatro tipos de filhos: o sábio, o perverso, o simples e o que nem sabe perguntar. Curiosamente, o mandamento de recontar a história do Êxodo que é a origem do Seder (ordem ou ritual) de Pêssach anual aparece justamente no contexto da descrição do 'filho que não sabe perguntar', o mais imaturo dos quatro tipos de crianças para quem devemos adaptar nossa descrição do Êxodo. Isto nos ensina que o nosso dever de contar sobre o Êxodo aplica-se principalmente a essa criança não iniciada. Precisamos encontrar as palavras adequadas para inspirar este tipo de criança com a gratidão a D'us por ter-nos libertado do antigo Egito e de todos os outros Egito (s),passados, presentes, futuros, pessoais e coletivos.

É por isso que o Êxodo do Egito foi absoluto: nenhum israelita permaneceu vivo por lá. Uma vez que o Êxodo abrangeu a todos, sua mensagem também deve abarcar cada indivíduo que possa compreendê-lo, ainda que isto implique de nossa parte um esforço fora do comum.

Ao garantir que até mesmo 'o filho que não sabe perguntar' entenda o significado do Êxodo, asseguraremos que todas as outras crianças também o façam, da mesma forma que, ao levantar a base de qualquer estrutura, o restante desta se eleva de forma automática".

A Missão do filho que não sabe o que perguntar: {Um Tzadik, um homem justo, que estava sentado com seus discípulos observou que passava uma criança com Síndrome de Down. À medida que o menino passava, o Tzadik levantou-se e cumprimentou-o com '*Baruch Habá*!'. Seus alunos não entenderam, pois, essa era uma saudação geralmente reservada para outros tsadikim.

Um estudante finalmente armou-se de coragem para perguntar ao Tzadik porque ele dirigira à criança um cumprimento tão honroso. O Tzadik explicou que somos todos trazidos a este mundo porque temos uma missão para completar.

Muitos de nós precisam voltar várias vezes a este mundo até cumprirmos nossos deveres através do estudo de Torá e Mitzvot. No entanto, as almas dos Tsadikim, dos puramente íntegros, vêm a este mundo sem benefícios para si mesmos, somente em prol dos outros. Eles já completaram sua missão no mundo. Uma criança deficiente é uma alma dessas. Devido a sua deficiência, é limitada em sua capacidade de estudar Torá e cumprir Mitzvot. Portanto deve ser porque já se retificou completamente. O único motivo para ele estar aqui é ajudar os outros a atingirem seu propósito.

'Portanto, foi por este motivo que me levantei para cumprimentar o garoto' – explicou o Tzadik. '*Ele era um Tzadik completo que está neste mundo somente para ajudar aqueles que estão ao seu redor*'.} https://www.chabad.org.br/biblioteca/historias/hist137.html

Quem desejar conhecer mais especificamente a respeito dos quatro filhos que a Torá fala, sendo um sábio, um perverso, um ingênuo e um que não sabe perguntar, sugere-se o Livro Na Mesa de Seder de Nossos Rebbes Comentários e histórias sobre a Hagadá coletados dos escritos do Lubavitch Rebbe Rabbi Menachem M. Schneerson e dos Rebbeim de Chabad antecessores por Rabbi Eli Touger. ISBN-10 1881400131 da versão em inglês.

05 - Parashat BeShalách - Expulsou – O Mar Se Abre

Sinopse

Yossef deixou instruções para os israelitas levarem seus restos mortais com eles quando saíssem do Egito. Moshê se encarregou de trasladar os restos de Yossef consigo quando os israelitas saíram do Egito, que finalmente foram enterrados em Shechém. Moshê levou com ele os ossos de Yossef. Do ponto de vista espiritual, os ossos de José foram lembrados porque a identidade espiritual não se perde com o sofrimento. O local foi conhecido porque a tradição viva atravessa o tempo. E o caixão subiu porque a redenção acontece quando passado, presente e futuro se alinham num único ato de fidelidade. O Êxodo começa, portanto, com a recuperação daquilo que o exílio tentou afundar no esquecimento, muito antes da saída física do Egito. *Aceitar os desafios espirituais. D'us sabia que o povo israelita não se sentiria completamente livre das garras do faraó enquanto o faraó estivesse vivo, e que essa ameaça potencial os impediria de receber a Torá em sua total plenitude. Por esta razão, D'us fez que o faraó se tornasse obstinado novamente inspirando-o com a ideia de perseguir os israelitas a costa do Mar dos Juncos (no Golfo de Suez). Quando o viram aproximar-se, os israelitas entraram em pânico. O faraó aproximou[-se].* Segundo o Rebe, D'us "*lutará contra o faraó*" quando alguém encara o desafio como uma forma de crescimento. Nessa jornada, o verdadeiro sacrifício é superar o medo e a autossuficiência, permitindo que a vontade Divina guie a travessia. Assim, o momento à beira do mar sintetiza o caminho espiritual da libertação. Torna-se pleno quando o desejo é aproximado do doar, o ego cede espaço à confiança e o movimento adiante, apesar do risco aparente, permite que o impossível se abra em passagem. *D'us disse a Moshê: 'Levante o seu cajado e estenda a sua mão sobre o mar'. A divisão do Mar dos Juncos foi um acontecimento milagroso e sobrenatural. No entanto, era preciso que houvesse uma ação natural que 'desencadeasse' o milagre: D'us ordenou o povo a prosseguir a viagem, e a Moshê, a levantar o cajado sobre as águas. D'us sempre exige que o Ser Humano atue primeiro para somente depois Ele realizar o milagre.* Marchem, marchem, marchem e Moshê levantou o cajado e estendeu-o sobre o mar. Mas, faltava a ação das pessoas. Moisés diz: filhos de Israel, marchem! Mas, conta o Midrash, que eles ficaram parados. Somente um homem iniciou a marcha. Foi Nach'shon filho de Aminadav. Ele entrou no mar, continuou a caminhar, as águas subiam, ele acreditou no Eterno e continuou a caminhar e a acreditar. E as águas subiram até quase cobrir o seu nariz, e o mar se abriu!!! *O mar se abriu e os israelitas puderam passar a salvo por ele. Os egípcios os seguiram dentro do mar seco; então, D'us fez as águas voltarem a seu estado natural e os afogou. Quando as ondas do mar jogaram egípcios mortos às suas margens, Moshê e Miriam, os líderes dos homens e das mulheres, respectivamente, conduziram os israelitas a louvarem a D'us por resgatá-los. Depois disso, eles recolheram o ouro, a prata e as pedras preciosas com o que os egípcios adornaram os seus cavalos. Eram tantas riquezas que no dia seguinte (22 de Nissan) eles ainda estavam ocupados recolhendo-as; por isso, Moshê teve de forçá-los a prosseguir a viagem. Ou seja, forçá-los a mudar de direção.* No nível interno do Pedreiro, a alegria é a consequência de viver com a consciência de que "*não há lugar vazio d'Ele*", em vez de ser a negação da dor. Quando a pessoa atravessa o "*mar interior*" e percebe que os desafios foram instrumentos de crescimento, a tristeza perde seu poder paralisante. A missão espiritual de elevar pessoas (riquezas do Egito), só pode ser cumprida quando alcançamos um estágio interior maduro. É aquele estágio em que a ação é intensa, mas a serenidade coexiste. Uma alegria estável é sinal de que o ego deixou de ser o centro e a confiança no Divino passou a governar a vida interior. *Mesmo quando cremos que tudo está nas mãos de D'us, ainda tendemos a pensar que nosso próprio esforço desempenha algum papel para a provisão de nosso sustento físico. No entanto, o Maná, que não era obtido por meio de algum esforço humano, não deixava dúvida de que tal ideia era equivocada.* O Maná representa a energia vital ou a 'substância espiritual' que sustenta a alma humana. Essa substância é a fonte de força espiritual, inspiração e conexão proveniente do Divino. Além disso, o Maná representa a confiança que as pessoas têm na providência e na orientação Divina, reconhecendo que o sustento e as necessidades básicas, tanto físicas quanto espirituais, são atendidas integralmente pelo Eterno D'us. *No Shabat, o Maná não caía. Entretanto, às sextas-feiras descia o dobro da porção do alimento. Esta era a única exceção à instrução de D'us de não guardar Maná*

de um dia para o outro. Assim, o Maná é um alimento que sustenta o corpo. Porém, ele é muito mais do que isto. Ele treina a alma a perceber propósito no ordinário, a aceitar que cada pessoa tem uma missão singular e a viver com humildade e alegria diante de uma sequência ininterrupta de milagres que sustenta a existência. *Na parada seguinte não havia água para beber; no entanto, em vez de confiar que D'us proveria, o povo se queixou. D'us fez com que Moshê golpeasse a rocha com o cajado, e de forma milagrosa a água brotou dela em quantidade suficiente para atender às necessidades do povo. Esta fonte de água acompanhou os israelitas durante toda a travessia pelo deserto. Mais adiante, os israelitas foram atacados pela nação de Amalec.* Amalec é, portanto, o orgulho, a vaidade e a frivolidade que a todos ameaça, indistintamente. Neste ponto, entra a dúvida sobre a fé e a confiança que devemos ter no Eterno.

1.BeShalách (Êxodo)– 13:17-14:8 – "*Yossef deixou instruções para os israelitas levarem seus restos mortais com eles quando saíssem do Egito. Moshê se encarregou de trasladar os restos de Yossef consigo quando os israelitas saíram do Egito, que finalmente foram enterrados em Shechém. Moshê levou com ele os ossos de Yossef.*

A palavra hebraica para 'osso' (étsem) (עֶצֶם) também significa essência. O povo israelita estava pronto para embarcar numa viagem pelo deserto, cujos perigos e aridez eram reflexos da sua desolação espiritual. Para sobreviver a essa viagem, Moshê assegurou-se de que o povo estivesse acompanhado pela essência e o espírito de Yossef.

A essência de Yossef é expressa em seu nome, que significa 'que Ele o acrescente' porque, quando nasceu, sua mãe Rachel rezou: Que D'us acrescente outro filho a mim (B30:24). Esta vontade contém o desejo de recepcionar calorosamente o "outro", o israelita que se encontra distanciado de D'us e de seu povo, de volta. Em um sentido mais amplo, isso inclui o desejo de transformar a realidade mundana em um veículo para a santidade, que é o objetivo para o qual foi originalmente criada.

A odisseia do exílio se assemelha a uma travessia por um deserto árido e perigoso. Para perseverar em nosso rumo através dos períodos de desolação espiritual, devemos nos imbuir da essência de Yossef; precisamos nos esforçar para trazer de volta até mesmo os indivíduos distanciados e rebeldes, mostrando-lhes que eles realmente são os queridos filhos de D'us. Quando nos mantemos fiéis a este objetivo, nos asseguramos de que, no final, nenhum israelita será abandonado".

Por que seguir para o deserto? Em B13:17 encontramos "*E foi ao enviar o faraó ao povo, não o guiou o Eterno pelo caminho da terra dos filisteus que era próximo, porque disse o Eterno: 'Que não se arrependa o povo ao ver guerra e volte ao Egito'. Nos comentários da Torá, pg. 193, nos apresenta que pelo caminho da terra dos filisteus, os israelitas poderiam chegar à terra de Canaã em onze dias, caminhando normalmente. Porém, como D'us viu que não estavam preparados para constituir um povo bem disciplinado, com suas leis e estatutos próprios, guiou-os pelo caminho oposto, para treiná-los espiritualmente, antes de ocupar a Terra prometida*".

O Tanya V.2 pg. 414, cp. 26, comenta sobre o versículo: "*Vi que a sabedoria supera a tolice como a luz supera a escuridão. Continua o Tanya proveniente de Zohar III 47b, é preciso ser o rei Salomão para entender isto:* ***a sabedoria supera a tolice?*** *E responde: é que a intenção do versículo é que justamente como a escuridão contribui para a luz, pois não podemos apreciar verdadeiramente a luz, a menos que antes tenhamos experimentado a escuridão. Da mesma forma, a insensatez e a tolice contribuem para a apreciação da sabedoria. Ela se aplica em nosso caso: a tristeza que vem antes da alegria, dá força à alegria que a segue, esta é a "vantagem", o lucro, que ganhamos com a tristeza. A própria tristeza, no entanto, é um obstáculo no caminho de quem quer servir a D'us*".

Se olharmos para o Gênesis, percebemos que o dia sucede a noite, que a contagem de dias judaicos se inicia ao nascer da primeira estrela (ao anoitecer), que o deserto precede a terra de leite e mel etc.

Como Moisés descobriu o local da sepultura de José? Em B46:17 encontramos "*E os filhos de Asher são: Imná, Ishvá, Ishvi, Beriá e* ***Serach****, sua Irmã. E os filhos de Beriá: Cheber e Malkiel*". **Sérach**, filha de Asher, sobreviveu à geração de José e contou a Moshê que os egípcios tinham jogado, no fundo do Nilo, o caixão de metal onde se encontravam os restos mortais de José (Midrash Ialcut 227), in Torá pg. 193).

O período total da permanência de Israel no Egito foi de 210 anos. José viveu 71 anos no Egito após a descida de Jacob e seus descendentes. José tinha 39 anos quando a família chegou e morreu aos 110 (B50:26). Portanto, 210 − 71 = 139 anos é o número de anos transcorridos desde a morte de José até o Êxodo. A saída do Egito, portanto, ocorreu aproximadamente 139 anos após a morte de José, conforme pode ser deduzido do conjunto de datas apresentado abaixo.

2216	José tem 17 anos quando é vendido para o Egito.
2216-2225	José trabalha 10 anos para Potifar - José tem 27 anos.
2225-2228	José fica preso por 3 anos - José tem 30 anos.
2230	Nascimento de Menashe filho de José - José tem 31 anos.
2231	Nascimento de Efraim filho de José - José tem 32 anos.
2238	Jacob com 130 anos chega ao Egito - José tem 39 anos.
2309	Morte de José com 110 anos.

Rashi Chumash Bereshit, pg. 228 a 332.

Do ponto de vista espiritual, os ossos de José foram lembrados porque a identidade espiritual não se perde com o sofrimento. O local foi conhecido porque a tradição viva atravessa o tempo. E o caixão subiu porque a redenção acontece quando passado, presente e futuro se alinham num único ato de fidelidade. O Êxodo começa, portanto, com a recuperação daquilo que o exílio tentou afundar no esquecimento, muito antes da saída física do Egito.

Porém, a filha de Asher, Serach, neta de Jacob, é conhecida como "*Guardiã da Memória*". Ela personifica a continuidade viva da identidade de Israel através do exílio. Sem a qual a redenção não poderia ocorrer de forma íntegra. Ela é uma memória viva que permite que o passado seja resgatado, o presente seja atravessado e o futuro seja possível.

Serach é o elo vivo entre gerações que o tempo histórico não explica. O Midrash relata que ela entrou viva no Egito com Jacob e ainda estava viva no momento do Êxodo. Ela é a memória redentora que não pode ser interrompida, mesmo quando o trabalho forçado, a assimilação e a violência conspiram para o esquecimento. Enquanto a maioria do povo se dobra ao presente opressor, Serach preserva a consciência do passado e a certeza do futuro. É por isso que ela conhece aquilo que ninguém mais sabe. Ou seja, onde estavam os ossos de José. Ginzberg, Louis. Legends of the Jews, 04/04/2026. https://www.sefaria.org/Legends_of_the_Jews?lang=en.

Porque os Israelitas deram voltas nestes primeiros dias que obtiveram a liberdade, como se estivessem sem rumo? Os Israelitas deixaram o Egito em 15 de Nissan, indo de Ramsés a Sucót. No dia seguinte, foram de Sucót até Etám, no limite do deserto. No terceiro dia, retornaram e acamparam em Pi-Achirót, as margens do mar. Isto ocorreu, porque o Eterno tinha "*consciência*" que o povo ainda não estava preparado para entrar na Terra Prometida. Ainda precisava passar por algumas etapas que os levariam a constituir um povo e/ou uma nação espiritualmente coesa.

2.BeShalách (Êxodo) – 14:9-14 – "*Aceitar os desafios espirituais. D'us sabia que o povo israelita não se sentiria completamente livre das garras do faraó enquanto o faraó estivesse vivo, e que essa ameaça potencial os impediria de receber a Torá em sua total plenitude. Por esta razão, D'us fez que o faraó se tornasse obstinado novamente inspirando-o com a ideia de perseguir os israelitas a*

costa do Mar dos Juncos (no Golfo de Suez). Quando o viram aproximar-se, os israelitas entraram em pânico. O faraó aproximou[-se].

O Midrash oferece outra interpretação: ao persegui-los, o faraó aproximou os israelitas para mais perto de D'us, e isso ficou evidenciado pelo seu clamor a Ele quando viram aproximar-se o exército egípcio. Sem dúvida, muitas vezes é diante de um obstáculo que se despertam nossas mais profundas reservas de energia.

Quando somos confrontados com um desafio, devemos encará-lo como uma oportunidade de crescimento espiritual em vez de tentar evitá-lo. O conforto e a complacência podem nos fazer perder de vista nossas prioridades, e debilitar assim o sentido de urgência de nossa missão Divina. As adversidades físicas ou espirituais podem nos tirar desta indiferença ao debilitar nossa autoconfiança, e nos brindar com a oportunidade de avançar em nossa relação com D'us o abrir caminho através dos obstáculos".

Qual o verdadeiro significado do sacrifício? O principal trabalho espiritual é o sacrifício. Isto significa que pegamos o nosso desejo de desfrutar, medimo-nos e verificamos que parte pode ser o sacrifício. Ao fazermos o sacrifício, o trazemos para mais perto da qualidade de receber para doar, libertando-o da sua forma egoísta de 'um animal' que vive apenas para seu próprio bem.

Queremos elevá-lo ao nível em que ele pode ser usado pelo homem, elevando-o do nível animal ao humano. Esta é a essência de todos os sacrifícios do nível inanimado (sal e água), nível vegetativo (grãos) e o nível animal (pássaros e animais), que são os níveis que são trazidos ao Templo.

Estes são os desejos dentro de uma pessoa, que são corrigidos de egoístas a altruístas. Parece como se estivéssemos a falar sobre trabalho duro, sujo e cruel, tal como sacrificar ou matar com sangue e água. E certamente essa correção do nosso desejo egoísta é trabalho duro. É por isso que precisamos atrair a Luz Superior para que ela trabalhe sobre nós. Inspirado no portal de estudos Kabbalah.info.

Pense: Saímos do Egito. Encontramo-nos agora na praia, entre o mar e as forças do faraó. Que se aproximam em fúria. Ponha-se mentalmente neste local. **O que faço? Qual o sacrifício que teremos de fazer?** A ordem que vem do Eterno é: **Marchem**! Mas, o ego nos confronta imediatamente: **Marchar para dentro do mar e morrer afogado?**

Como já compreendemos, o faraó representa o ego persistente, que mesmo após a decisão de mudar, tenta recuperar o controle por meio do medo e da urgência. O perigo forçou o povo a clamar a D'us, despertando uma dependência e uma entrega que não surgem em tempos de conforto. Assim, o obstáculo constitui o mecanismo que aproxima a pessoa de sua fonte, superando a ideia de um desvio do caminho, ao ativar reservas internas que permanecem adormecidas enquanto tudo parece seguro.

O sacrifício é, antes de uma destruição do desejo, sua retificação. Identificar qual parte do desejo de receber pode ser elevada à qualidade de doar. Os níveis inanimado, vegetativo e animal simbolizam desejos internos que precisam ser corrigidos do egoísmo para o altruísmo.

O sacrifício (trabalho de correção) é descrito como duro porque confronta diretamente o ego "*o animal*", exigindo a atração da Luz Superior para operar a transformação. Aqui surge a pergunta apresentada no Tanya: "***Por que a alma precisa descer para este mundo para ficar sempre lutando contra a má inclinação?*** *O que vale é a ação na prática, porque é só isso que consegue atrair a Luz Divina para dentro da alma animal e do corpo. O conjunto pavio chama e óleo é apresentado no Zohar onde o pavio é o corpo, a chama é a Presença Divina e o óleo são as boas ações*". Tanya Likutei Amarim cap. 35.

Estando na praia, entre o mar e o exército do faraó, vem o comando Divino, Marchem! Isto no nível interno é como se fosse o sacrifício decisivo que a pessoa deve fazer que é renunciar à ilusão de controle do ego e avançar mesmo sem garantias visíveis. Portanto, caminhar em direção ao mar é confiar plenamente que a Luz fará a abertura, isto quando o passo decisivo for dado. Essa ação está muito além de um desejo de autoaniquilação que possa ter surgido diante do dilema de se encontrar entre as tropas do faraó e o mar.

Segundo o Rebe, D'us "*lutará contra o faraó*" quando alguém encara o desafio como uma forma de crescimento. Nessa jornada, o verdadeiro sacrifício é superar o medo e a autossuficiência, permitindo que a vontade Divina guie a travessia. Assim, o momento à beira do mar sintetiza o caminho espiritual da libertação. Torna-se pleno quando o desejo é aproximado do doar, o ego cede espaço à confiança e o movimento adiante, apesar do risco aparente, permite que o impossível se abra em passagem.

3.BeShalách (Êxodo) – 14:15-25 – "*Moshê tentou acalmar aos israelitas e começou a rezar a D'us pela salvação. Mas D'us disse a Moshê que não precisava rezar: a única coisa que deveria fazer era levantar o cajado sobre o mar para que este se dividisse, permitindo aos israelitas atravessarem a salvo.*

D'us disse a Moshê: 'Levante o seu cajado e estenda a sua mão sobre o mar'. A divisão do Mar dos Juncos foi um acontecimento milagroso e sobrenatural. No entanto, era preciso que houvesse uma ação natural que 'desencadeasse' o milagre: D'us ordenou o povo a prosseguir a viagem, e a Moshê, a levantar o cajado sobre as águas. D'us sempre exige que o Ser Humano atue primeiro para somente depois Ele realizar o milagre.

Isso porque os eventos que acontecem sem nosso envolvimento não nos afetam verdadeiramente. Apenas quando realizamos algum esforço é que apreciamos o milagre de D'us. O mesmo se aplica a todas as áreas da vida: pedir as bênçãos de D'us não é suficiente; devemos também fazer algum esforço para que este possa servir como um canal para a bênção".

Devemos continuar a trabalhar (nosso sacrifício) para que o milagre se realize? "*Marchem, marchem, marchem e Moshê levantou o cajado e estendeu-o sobre o mar. Mas, faltava a ação das pessoas. Moisés diz: filhos de Israel, marchem! Mas, conta o Midrash, que eles ficaram parados. Somente um homem iniciou a marcha. Foi Nach'shon filho de Aminadav. Ele entrou no mar, continuou a caminhar, as águas subiam, ele acreditou no Eterno e continuou a caminhar e a acreditar. E as águas subiram até quase cobrir o seu nariz, e o mar se abriu*!!!" Comentários Torá Sefer, pg. 196.

Aqui é possível imaginar as questões que poderiam estar passando pela mente daquelas pessoas. Eles poderiam se perguntar "**Quem sou eu?**", em uma tentativa de imaginar a sua importância para o faraó. "**De onde vim?**" Ou seja, quem eram, os meus senhores, no Egito. Preciso esconder os meus defeitos, ou "**Quais são os meus defeitos?**". Preciso mostrar as minhas qualidades, ou "**Quais são as minhas qualidades?**" e a última "**Para onde vou?**", seja no sentido de retornar ao Egito, seja no sentido de ultrapassar o Mar de Juncos.

"*O exegeta Abraham Ibn Ezra questiona a reação de pânico dos filhos de Israel diante da aproximação dos egípcios.* ***Sendo eles seiscentos mil em idade militar, por que não saíram para o enfrentamento com seus perseguidores? Por que não decidiram lutar por suas vidas e pela liberdade de seus filhos?*** *A resposta é a seguinte: os egípcios eram os senhores dos filhos de Israel, e estes, desde a infância viveram sob o jugo dos egípcios; tinham, portanto, alma de escravos e careciam do orgulho inato dos homens livres, e sequer eram treinados na arte da guerra*". Comentários Torá Sefer, pg. 196.

E nós, Pedreiros, que vivemos no mundo profano (exílio), sob o jugo do faraó externo e/ou interno, **como, de fato, responderíamos àquelas perguntas se submetidos a situação semelhante?**

O que encontramos nos versículos 14:19-22, por que 72 é tão importante? Se fizermos a soma que é realizada dentro de um triângulo, utilizando-se dos valores associados aos caracteres Hebraicos de Yud, Hei, Wav e Hei, conectados a cada mundo, começando pela Emanação (10) Criação (15), Formação (21) e Ação (26), somando-os temos 72.

10	10
5 + 10	15
6 + 5 + 10	21
5 + 6 + 5 + 10	26
	72

Somatória dos caracteres do Nome Divino (YHWH) do primeiro caractere até completar a palavra.

De onde foram obtidos os 72 Nomes Divinos? Cada coluna do Templo representa 6 atributos Divinos. Estes atributos estão descritos no livro de Ian Mecler chamado de "A Força", pgs. 26-27 e no Livro "O Poder de Realização da Cabala", pg. 145.

Isto surgiu da observação que os versículos de Shemot (**BeShalách**) 14:19, 14:20 e 14:21 continham 72 caracteres Hebraicos.

Shemot 14:19 – (**יט** וַיִּסַּע מַלְאַךְ הָאֱלֹהִים, הַהֹלֵךְ לִפְנֵי מַחֲנֵה יִשְׂרָאֵל, וַיֵּלֶךְ, מֵאַחֲרֵיהֶם; וַיִּסַּע עַמּוּד הֶעָנָן, מִפְּנֵיהֶם, וַיַּעֲמֹד, מֵאַחֲרֵיהֶם.)
Shemot 14:20 – (**כ** וַיָּבֹא בֵּין מַחֲנֵה מִצְרַיִם, וּבֵין מַחֲנֵה יִשְׂרָאֵל, וַיְהִי הֶעָנָן וְהַחֹשֶׁךְ, וַיָּאֶר אֶת-הַלָּיְלָה; וְלֹא-קָרַב זֶה אֶל-זֶה, כָּל-הַלָּיְלָה.)
Shemot 14:21 – (**כא** וַיֵּט מֹשֶׁה אֶת-יָדוֹ, עַל-הַיָּם, וַיּוֹלֶךְ יְהוָה אֶת-הַיָּם בְּרוּחַ קָדִים עַזָּה כָּל-הַלַּיְלָה, וַיָּשֶׂם אֶת-הַיָּם לֶחָרָבָה; וַיִּבָּקְעוּ, הַמָּיִם.)

1º nome – 1º caractere do 19, 72º do 20 e 1º do 21 (והו)
2º nome – 2º caractere do 19, 71º do 20 e 2º do 21 (ילי)
3º nome – 3º caractere do 19, 70º do 20 e 3º do 21 (סיט)

Os caracteres (**יט**), (**כ**) **e (כא)**, no início dos respectivos versículos são os números 19, 20 e 21, que não são utilizados para compor os Nomes Sagrados Os caracteres que estão coloridos de azul, amarelo e verde, respectivamente, formam os três primeiros Nomes que compõem a sequência dos 72 nomes Sagrados, ou atributos Divinos, que estão associados as 12 Colunas do Templo. Portanto, para cada coluna do Templo existem 6 Atributos Divinos.

Para ficar mais fácil de compor os Nomes Divinos, basta escrever o versículo 19 na forma usual (direita pata esquerda), o 20º da esquerda para direita e o 21º da direita para esquerda. A 1ª coluna do lado direito (3 letras) formaria o 1º Nome, a 2ª coluna o 2º Nome e assim sucessivamente.

4. BeShalách (Êxodo) – 14:26-15:26 – "*O mar se abriu e os israelitas puderam passar a salvo por ele. Os egípcios os seguiram dentro do mar seco; então, D'us fez as águas voltarem a seu estado natural e os afogou. Quando as ondas do mar jogaram egípcios mortos às suas margens, Moshê e Miriam, os líderes dos homens e das mulheres, respectivamente, conduziram os israelitas a louvarem a D'us por resgatá-los. Depois disso, eles recolheram o ouro, a prata e as pedras preciosas com o que os egípcios adornaram os seus cavalos. Eram tantas riquezas que no dia seguinte (22 de Nissan) eles ainda estavam ocupados recolhendo-as; por isso, Moshê teve de forçá-los a prosseguir a viagem. Ou seja, forçá-los a mudar de direção.*

O povo israelita não estava se atrasando por cobiça; estava cumprindo o mandamento de D'us de esvaziar o Egito de todas as suas riquezas. A dimensão espiritual desta ordem era resgatar todo potencial de santidade que pudesse estar contido nelas.

*Deste fato, aprendemos duas lições: a **primeira** é que, uma vez que sabemos qual é nossa missão Divina na vida, devemos nos dedicar tanto a ela que fazer outra coisa se torna algo inimaginável para nós. Por outro lado, tão logo percebemos que é o momento de mudar de direção, devemos dedicarmo-nos à nova missão com o mesmo entusiasmo com que cumprimos a anterior.*

*A **segunda** lição é que, do mesmo modo como os israelitas não quiseram deixar nenhuma riqueza egípcia sem ser elevada a D'us por eles, temos que desejar trazer toda e qualquer pessoa para mais perto de D'us. Até que não recebamos uma orientação clara para nos concentrarmos em outros assuntos, devemos considerar cada pessoa afastada de D'us, como uma pérola de valor inestimável à espera de ser redimida do Egito*".

A Nossa missão está associada ao fato de que o Ser Humano deve estar feliz e alegre a todo momento? "*O Ser Humano deve estar feliz e alegre a todo momento e hora e viver verdadeiramente por sua fé em D'us, que o anima e age com ele com benevolência a cada momento. A pessoa deve manter uma disposição de ânimo feliz em todos os momentos, a despeito das adversidades da vida mencionados nos 28 momentos diferentes, conforme listados em Cohêlet 03:02.*

Mas, aquele que se entristece e lamenta demonstra que ele está padecendo de alguma aflição e sofrimento e que lhe carece alguma bondade; ele é (que D'us o livre) assim como um herege, que nega a onipresença de D'us. Pois se ele acreditasse verdadeiramente, ele perceberia que na luz do semblante do Rei existe vida, força e alegria; e que estão em Seu lugar, de modo que, realmente, não lhe falta nada.

Para nossos Sábios da Verdade, os cabalistas, rejeitaram fortemente o atributo da tristeza, pois ele contradiz a verdadeira fé de um israelita que 'Não há nenhum lugar destituído d'Ele'. Aquele que acredita de verdade, no entanto, não ficará perturbado por qualquer sofrimento, seja ele qual for.

Portanto, com respeito a todas as questões mundanas, 'sim' e 'não' são o mesmo para ele, e são iguais de verdade. Mas para aquela pessoa a quem 'sim' ou 'não' nas questões mundanas não são o mesmo, demonstra que ele é um membro dos érev rav, que agem para obter benefícios para eles mesmos, e ama a si próprio a ponto de se remover sob a mão de D'us (isto é, da autoridade de D'us), e vive como a vida dos gentios, tudo ocasionado por seu amor-próprio". Tanya Iguéret HaCôdesh Carta onze, pg. 216.

A travessia do mar e o cântico representam, internamente, o momento em que o medo é superado. O retorno das águas sobre os egípcios simboliza a eliminação definitiva da voz interna ameaçadora que persiste, mesmo após ter sido tomada a decisão de mudar.

O cântico de Moshê e Miriam reflete a satisfação resultante do reconhecimento de que o sucesso foi sustentado por uma força superior e que não era decorrente do resultado exclusivo da própria ação. A obtenção dos bens egípcios representa a elevação e integração de recursos emocionais e materiais previamente empregados de modo egoísta, agora orientados para uma finalidade espiritual. Ainda assim, Moshê incentiva o povo a avançar, ensinando que manter-se apegado a um estágio espiritual anterior, mesmo elevado, pode levar à estagnação.

No nível interno do Pedreiro, a alegria é a consequência de viver com a consciência de que "*não há lugar vazio d'Ele*", em vez de ser a negação da dor. Quando a pessoa atravessa o "*mar interior*" e percebe que os desafios foram instrumentos de crescimento, a tristeza perde seu poder paralisante. A missão espiritual de elevar pessoas (riquezas do Egito), só pode ser cumprida quando alcançamos um estágio interior maduro. É aquele estágio em que a ação é intensa, mas a serenidade coexiste. Uma alegria estável é sinal de que o ego deixou de ser o centro e a confiança no Divino passou a governar a vida interior.

5.BeShalách (Êxodo) – 15:27-16:10 – "*Guiados pela coluna de nuvem de D'us, o povo prosseguiu em seu caminho ao Monte Sinai. No dia 15 de iyar, a matzá acabou. D'us começou então a alimentá-*

los com o Maná - man (מָן) - uma espécie de alimento que a cada manhã descia do céu e que se tornou o seu 'pão de cada dia'.

Mesmo quando cremos que tudo está nas mãos de D'us, ainda tendemos a pensar que nosso próprio esforço desempenha algum papel para a provisão de nosso sustento físico. No entanto, o Maná, que não era obtido por meio de algum esforço humano, não deixava dúvida de que tal ideia era equivocada.

Mesmo assim, D'us só permitia que o povo israelita recolhesse o alimento necessário para um dia a cada dia. Se tivesse permitido que o armazenassem, à medida que o estoque estivesse cheio, os israelitas não sentiriam que eram totalmente dependentes d'Ele. Por outro lado, D'us quis que o povo saísse e recolhesse o Maná em vez de entregá-lo 'em domicílio'. Desta forma, Ele os estava preparando para sua posterior entrada no mundo real, pois se para obtê-lo não fosse preciso despender nenhum esforço humano, o povo teria ignorado isso como sendo um milagre a parte, um evento que seria irrelevante, posteriormente, para a sua vida no mundo real. Como lhes foi exigido por D'us recolher diariamente o Maná, eles aprenderam que o esforço humano e as bênçãos d'Ele operam de forma conjunta.

O episódio do Maná nos ensina que nossa subsistência sempre vem do céu e que, mesmo quando parece que este é fruto de nosso trabalho, na verdade é um presente de D'us".

Em Torá Shemot 15:27 está escrito: "*E vieram a Elim, e ali havia doze fontes de água e setenta palmeiras, e acamparam ali, perto das águas*". Depois de partirem deste local e se encontrarem no deserto de Sin, os israelitas queixam-se pela falta de comida e se lembraram do Egito. Shemot 16:02-03. A Torá está deliberadamente colocando um contraste entre plenitude de um lado e escassez de outro.

Em Elim, os israelitas chegam a um estado de equilíbrio: *doze fontes de água* e *setenta palmeiras*. Tradicionalmente, os doze correspondem às doze tribos, isto é, a estrutura básica da identidade coletiva. Os setenta nos faz recordar as setenta almas de Israel e às setenta nações, simbolizando, portanto, a totalidade das expressões humanas e espirituais. Elim é um oásis onde tem água (Torá, vida espiritual) e palmeiras (crescimento, retidão e doçura) onde tudo isso coexiste em harmonia. Trata-se de uma ocasião em que há plenitude nos aspectos físico, emocional e espiritual. Entretanto, Elim caracteriza-se mais como um momento de pausa do que como um destino. A Torá ressalta que Israel apenas acampou nesse local, sem estabelecer residência fixa.

A queixa imediata revela que a libertação externa é insuficiente para extinguir automaticamente a mentalidade de escassez. Mesmo após experimentar a abundância real, o povo recorda o Egito, porque era conhecido e não porque o Egito fosse melhor. O Ser Humano tende a romantizar o passado opressor quando o futuro exige confiança contínua. Elim mostra que a presença de recursos é insuficiente para resolver a ansiedade interior. A travessia do deserto exige aprender a viver da confiança diária. Por isso, logo depois de Elim, vem o teste do Maná. Ou seja, este teste nos ensina que a verdadeira segurança reside na relação viva e renovada com o Divino, em vez de se situarem em fontes fixas ou palmeiras abundantes

Assim, o contraste entre Elim e a reclamação seguinte ensina que momentos de plenitude em vez de encerar o processo de redenção; eles o aprofundam. Elim revela o que é possível. O deserto revela o que ainda precisa ser transformado.

Para o nível interno de um Pedreiro, isso significa que mesmo após experiências de clareza, fé ou realização (IInic∴), o Ser Humano ainda pode ouvir a "*voz do Egito*" dentro de si. A Torá não condena esse movimento. Ela o expõe para ensinar que a verdadeira liberdade é aprender a caminhar no deserto

(mundo profano) sem desejar voltar à escravidão, confiando que o sustento, material e espiritual virá no tempo certo. Portanto, muito além de buscarmos viver exclusivamente em oásis ocasionais (Loja), limitando assim nossa interação com o mundo profano, devemos interagir, pois é nesta interação que vamos, de fato, obter a transformação almejada.

De que constituía o Maná? Nos comentários da Torá, pg. 202, encontramos que "*o Maná era como um pequeno grão redondo e branco que caia dos céus, como chuva, todos os dias, exceto aos sábados. Antes de recolhê-lo pela manhã parecia que estava guardado numa caixa, pois o orvalho o cobria por cima e por baixo (Talmud, Iomá 75). Para comer este 'pão do céu', deviam moê-lo, amassá-lo ou cozinhá-lo, a fim de com ele fazer tortas. Os israelitas se alimentaram com o Maná durante 40 anos, aproximadamente*".

O que representa o Maná? O Maná pode ser entendido como sendo a nutrição espiritual, proveniente da providência Divina. O Maná representa a energia vital ou a 'substância espiritual' que sustenta a alma humana. Essa substância é a fonte de força espiritual, inspiração e conexão proveniente do Divino. Além disso, o Maná representa a confiança que as pessoas têm na providência e na orientação Divina, reconhecendo que o sustento e as necessidades básicas, tanto físicas quanto espirituais, são atendidas integralmente pelo Eterno D'us.

6.BeShalách (Êxodo) – 16:11-36 – "*No Shabat, o Maná não caía. Entretanto, às sextas-feiras descia o dobro da porção do alimento. Esta era a única exceção à instrução de D'us de não guardar Maná de um dia para o outro.*

Esta é a primeira menção explícita na Torá relativa à obrigação de observar o Shabat. É apropriado que o Shabat esteja relacionado com o Maná, uma vez que ambos compartilham de um propósito comum: destacar nossa absoluta dependência de D'us como verdadeira fonte de todo sustento. A crença de que o esforço humano é o único fator determinante em nosso êxito dificulta justificar a renúncia de um dia completo de trabalho, de abrir mão desta entrada de dinheiro. Não trabalhar no Shabat é uma clara afirmação de nossa fé em que nosso sustento se encontra nas mãos de D'us, e de que nosso trabalho é somente um recipiente para o sustento, o canal através do qual podem fluir Suas bênçãos".

Milagres contínuos tendem a ser negligenciados como verdadeiros e grandes milagres. O Maná enquadra-se nesta lista? Observando a Torá, pg. 204 podemos encontrar um comentário referente aos 40 anos em que os filhos de Israel se alimentaram do Maná. "*O exegeta Abraham Ibn Ezra comenta que o Maná foi o maior de todos os milagres realizados por D'us, maior até que a abertura do mar, pois ele desceu do céu diariamente por quarenta anos, atendendo às necessidades de cada um dos israelitas, enquanto os outros milagres eram eventos isolados*".

Essa observação do exegeta Abraham Ibn Ezra, permite-nos, gradativamente, perceber que aquilo que está próximo a nós não o enxergamos. É importante ter a consciência de que o meu nível de ocultação é somente meu. A minha missão é somente minha. Cada pessoa tem uma missão a ser realizada. A minha verdade mostra o tamanho de minha ocultação e essa é a minha realidade.

Milagres de milagres fizeram que nós estivéssemos vivendo este momento. Há um propósito na criação. Reconhecer que dia após dia, noite após noite, num momento de graça, o Eterno D'us nos concedeu a graça de acordar, de ver a luz do sol, de ver a chuva, de ouvir os pássaros, de saborear a água, de ter um dom em nossas mãos, que se traduz em bondade e perfeição puras; isto é muito difícil. Repito: Uma sequência infinita de milagres de milagres permitiu e permite a nossa existência.

Para um Pedreiro que está olhando para o seu Interior, o Maná desafia a ideia de que o esforço humano, por si só, garante o sustento e a segurança. A regra de não acumular, com a exceção da dupla

porção na sexta-feira, ensina que o trabalho é apenas um recipiente, enquanto a fonte é verdadeiramente Divina. O Shabat, ligado desde o início ao Maná, cristaliza essa verdade. Ao suspender o trabalho, a pessoa afirma que sua identidade e seu valor não se reduzem à produtividade. Esse processo contribui gradativamente para superar a necessidade pela busca constante de tentar controlar o futuro, promovendo a habilidade de manter o foco no momento presente e, ao mesmo tempo, confiar em D'us.

A observação de Abraham Ibn Ezra, de que o Maná foi o maior dos milagres por sua continuidade diária durante quarenta anos, aprofunda essa lição interior. Os milagres mais transformadores são os que se tornam próximos. Por esse motivo, passam despercebidos aos olhos de quem está habituado a vê-los todos os dias.

Este é um ponto decisivo da vida interior de uma pessoa. O nível de ocultação é individual. A realidade está permeada de dádivas constantes, mas a percepção depende da atenção e da gratidão. Reconhecer o milagre de acordar, de respirar, de ver a luz, de possuir um dom para o bem, exige uma educação do olhar semelhante à do Maná. Colher o suficiente para hoje, com consciência.

Assim, o Maná é um alimento que sustenta o corpo. Porém, ele é muito mais do que isto. Ele treina a alma para perceber propósito no ordinário, a aceitar que cada pessoa tem uma missão singular e a viver com humildade e alegria diante de uma sequência ininterrupta de milagres que sustenta a existência.

Muitas vezes os Pedreiros se sentem entediados. Pensamos genericamente que não temos objetivo e que a Organização não faz nada. Mas, tal qual o Maná que cai todos os dias e já não o percebemos, deixamos de observar os objetivos básicos (Yessod). Para podermos tornar feliz a Humanidade, precisamos tornar feliz a nós mesmos em primeiro lugar. Para sermos felizes, precisamos nos conhecer integralmente. Conhecer o quanto de bem que existe dentro de nós e o quanto de coisas não tão boas também existem dentro de nós. O objetivo do Mestre Pedreiro é transformar as trevas em luz! É transformar o amargo em doce! É transformar o nosso coração de pedra "amargo" em um coração "doce" em sentimentos! A Chave de Marfim está em nossa mão!

7.BeShalách (Êxodo) – 17:01-16 – "*Na parada seguinte não havia água para beber; no entanto, em vez de confiar que D'us proveria, o povo se queixou. D'us fez com que Moshê golpeasse a rocha com o cajado, e de forma milagrosa a água brotou dela em quantidade suficiente para atender às necessidades do povo. Esta fonte de água acompanhou os israelitas durante toda a travessia pelo deserto. Mais adiante, os israelitas foram atacados pela nação de Amalec.*

O ataque físico da nação de Amalec foi a manifestação exterior do ataque espiritual que vem do 'Amalec interior' das pessoas, isto é, das dúvidas sobre o modo como D'us intervém em suas vidas.

Este Amalec interior continua atacando-nos até hoje tentando semear a dúvida e aplacando nosso fervor religioso. Sabe que D'us existe, mas tenta nos persuadir de que Ele é grande demais para se preocupar com os detalhes de nossas observâncias judaicas. Dúvidas geram dúvidas e, ao final, nosso Amalec interior termina nos convencendo de que D'us não se envolve com a vida humana, o que faz com que abandonemos nossa busca pela Divindade e espiritualidade.

Da mesma maneira que o Êxodo do Egito acontece em todas as gerações e todos os dias, assim também é a guerra com Amalec. Diariamente devemos calar a voz da dúvida interior, a que tenta deter nosso progresso espiritual. Se conseguirmos sair do nosso Egito interior e superar o nosso Amalec interior, estaremos prontos para receber novamente a Torá e entrar em nossa Terra Prometida.

A implementação bem-sucedida deste processo de crescimento espiritual em termos individuais vai acelerar o seu cumprimento coletivo, e assim conduzirá o mundo à sua Redenção messiânica".

É importante ressaltar aqui que, por dez vezes consecutivas os filhos de Israel provocaram o Eterno, durante a sua permanência no deserto. **Quais foram essas ocorrências?**

São as seguintes:

1) No Mar Vermelho (Shemot 14:10-12): Quando viram o exército do faraó se aproximando, murmuraram e questionaram Moisés sobre terem sido trazidos ao deserto para morrer.

2) Águas amargas de Mara (Shemot 15:23-24): Murmuraram contra Moisés porque não encontraram água potável.

3) No Deserto de Sim (Shemot 16:02-03): Reclamaram sobre a falta de comida, idealizando a época do Egito.

4) Maná e Codornizes (Shemot 16:19-20): Alguns desobedeceram e guardaram maná até a manhã seguinte, contra a instrução de Moisés.

5) Maná novamente (Shemot 16:27-28): Saíram para colher maná no sétimo dia, embora tivessem sido instruídos a não o fazer.

6) Água de Refidim (Shemot 17:01-04): Queixaram-se novamente da falta de água, testando D'us.

7) No Sinai (Shemot 32:1-10): Fizeram o bezerro de ouro enquanto Moisés estava no Monte Sinai.

8) Tabeira (Números 11:01-03): O povo murmurou, provocando a ira de D'us, resultando em um incêndio entre eles.

9) Queixume pelo Maná (Números 11:04-06): Lamentaram-se pela falta de variedade no alimento, desprezando o Maná.

10) Relato dos Espias (Números 14:01-04): Rejeitaram o relatório positivo dos espias Caleb e Josué, preferindo voltar ao Egito.

O que demonstrou esses acontecimentos? Esses eventos demonstraram a falta de confiança e fé no cuidado e provisão de D'us durante o Êxodo. Entretanto, para todos os atos que praticamos, há consequências derivadas. Por exemplo em Shemot 17:01-04, os filhos de Israel queixaram-se novamente da falta de água. Os inimigos dos filhos de Israel (Amalec), vendo que eles não confiavam em D'us e que havia uma contenda entre eles, imediatamente, fizeram guerra contra os israelitas. O ataque de Amalec foi despropositado, pois D'us não havia incluído as terras de Amalec como sendo dos filhos de Israel.

Mas, de fato quem é Amalec? Essa Parashá e a anterior (Bô), tratam, entre outros temas, de nossa confiança em D'us. Em Shemot 17:08 encontramos a palavra Amalec (עֲמָלֵק), cuja Guematria é 70+40+30+100=240. No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 189, podemos ler que "*este nome tem a mesma Guematria da palavra safek (ספק) - 60+80+100=240, que é dúvida, pois tal povo nos induziu a termos dúvidas sobre a fé e a confiança em D'us, adquirida pelos filhos de Israel no Egito*".

Essa Parashat nos ensina que devemos ficar atentos? Verdadeiramente sim, temos de ficar alerta contra Amalec sempre. No livro acima citado na pg. 190, encontramos "*que o nome Amalec* (עֲמָלֵק) *simboliza o orgulho e a vaidade, raízes de todas as más qualidades humanas. Tal simbolismo provém do valor da Guematria (240), o mesmo que ram (רם) - 200+40=240, que significa elevar.*

Em Devarim 08:14 temos explicitado que a vaidade nos faz esquecer o Criador, bem como em Ieshaiáhu 02:12. Além disto, podemos observar que essa ideia implícita está nas letras deste nome, que pode ser dividido em am (עמ) - 70+40 = 110 - povo e kal (קל) – 100+30 = 130 - leviano e frívolo".

Em função do que aprendemos em nossos Templos, muitos Pedreiros passam a se destacar, por exemplo, na sociedade profana. Mas, Amalec logo pode aparecer na forma de orgulho, vaidade frivolidade etc. E, rapidamente, poderemos nos esquecer do Criador. Repito: Amalec é, portanto, o orgulho, a vaidade e a frivolidade que a todos ameaça, indistintamente. Neste ponto, entra a dúvida sobre a fé e a confiança que devemos ter no Eterno.

É proibida a comercialização deste Livro - 50

06 - Parashat Yitrô – Jetro – A Tora Foi Entregue

Sinopse

Depois de tomar conhecimento sobre o Êxodo do Egito, a divisão do mar e a guerra com Amalec, Yitrô foi encontrar-se com Moshê e o povo israelita, que havia acampado em Refidim, próximo do Monte Sinai. Yitrô, que já tinha renunciado à idolatria, sentiu que era o momento de dar o próximo passo e tornar-se um israelita. Yitrô ouviu tudo o que D'us havia realizado por Moshê e por seu povo, Israel. Ou seja, o temor a D'us é uma condição prévia para o serviço Divino. Todo Israelita (Pedreiro) é capaz de alcançar este nível, contemplando como D'us permanece diante dele. Ele examina seus rins (avental) e coração (para ver) se ele está servindo ao Eterno de forma adequada (ponto no coração). Este pensamento o levará a produzir, pelo menos, em alguma medida temor em sua mente. Isto o possibilitará a estudar a Torá de forma apropriada, bem como a cumprir tanto os mandamentos positivos como os negativos. *Para completar a história de Yitrô, a Torá avança quatro meses até chegar ao dia 11 de Tishrei de 2449 da Criação, o dia em que Moshê desceu do Monte Sinai pela última vez. No dia seguinte [da sua descida do Monte Sinai], Moshê se sentou para julgar o povo.* Antes de ensinar e aplicar a lei de Talião, Moshê colocou Juízes sobre o povo. Portanto, olhando mais de perto o que está escrito, a lei não se destinou a permitir que um indivíduo, como pessoa particular, tivesse o direito de retaliação pessoal. Sempre existiu a necessidade da presença de um Juiz e a norma associada, destinada a guiá-lo na avaliação do crime, prescrever a pena que se devia aplicar por qualquer ato julgado violento ou injusto. *No começo, Moshê tentou responder a todas as perguntas do povo e resolver as disputas, sozinho. Yitrô mostrou as várias desvantagens deste método e sugeriu a Moshê estabelecer uma hierarquia de juízes, reservando para si unicamente aqueles casos que eram demasiado difíceis de se resolver através dos juízes das cortes inferiores. D'us disse a Moshê que o plano de Yitrô era superior ao plano de Moshê*. O "*nascimento de um sistema judicial*" representa o estabelecimento de uma governança interior saudável, onde valores elevados orientam a vida, mas são aplicados de forma acessível e humana. Isso revela que a Torá nos foi dada para regular emoções, escolhas e conflitos cotidianos. A espiritualidade autêntica transforma o trivial não o excluí. Assim, o impacto desses versículos é histórico e/ou social, mas também é profundamente espiritual e existencial. *A Torá, então, retorna aos fatos que ocorreram após a divisão do mar, a guerra de Amalec e a chegada de Yitrô ao Monte Sinai. Os israelitas chegaram aos pés do Monte Sinai no dia 1.º de Sivan do ano 2448 da Criação. A presença de D'us se recusa a viver em meio à discórdia e a falta de harmonia. Somente quando os israelitas* (Pedreiros) *estão unidos em harmonia entre si é que eles podem atingir a harmonia com D'us necessária para receber a Sua Torá.* O destaque dado às mulheres, ou a "*casa de Jacob*", demonstra que a base dessa união está no lar, na educação moral e na sensibilidade que gera harmonia. Assim, a Torá ensina que a união não anula a individualidade; ao contrário, ela a eleva e a integra em uma missão coletiva orientada por D'us. *D'us entregou ao povo israelita os seiscentos e treze mandamentos contidos na Torá. Desses seiscentos e treze, dez D'us nos deu explicitamente: crer em D'us, não adorar ídolos, respeitar o nome de D'us, observar o Shabat, honrar os pais, não assassinar, não cometer adultério, não sequestrar, não dar falso testemunho e não desejar a casa, a esposa ou os bens dos outros. Os outros seiscentos e três mandamentos restantes estavam implícitos dentro desses dez.* Aquele que não cobiça não incorre em nenhum dos Mandamentos anteriores. Cobiçar é desejar imoderadamente, ou de forma desregrada, desmedida e desenfreada. Ou seja, temos de estar cientes que não devemos nutrir o desejo pela casa do outro, é nem pensar sobre o que outro tem no sentido de desejar retirar do outro. Quando olhamos para dentro de nós mesmos, não precisamos olhar para fora. Eu, você ou quem quer que seja, somos individualidades únicas, não podemos ser o outro, mas o outro também não pode transformar-se na minha própria pessoa. Devo apreciar o que sou e tenho; além de agradecer sempre ao Eterno D'us, pois na realidade tudo que tenho, representa que sou apenas o fiel depositário daquele que é o real proprietário de tudo, que é o Eterno D'us. *O último versículo desta parashá resume a mensagem da revelação de D'us no Monte Sinai: D'us se encontra em todas as coisas, até mesmo nas mais mundanas. Nosso relacionamento com as outras pessoas é parte de nosso relacionamento com D'us. E, num sentido positivo, amar as outras pessoas é amar o nosso Criador.*

1.(Yitrô) - Shemot – 18:01-12 – "*Depois de tomar conhecimento sobre o Êxodo do Egito, a divisão do mar e a guerra com Amalec, Yitrô foi encontrar-se com Moshê e o povo israelita, que havia acampado em Refidim, próximo do Monte Sinai. Yitrô, que já tinha renunciado à idolatria, sentiu que era o momento de dar o próximo passo e tornar-se um israelita. Yitrô ouviu tudo o que D'us havia realizado por Moshê e por seu povo, Israel.*

Entretanto, a divisão do mar, a guerra contra Amalec e a conversão de Yitrô ao D'us Único (hoje judaísmo) *eram todos pré-requisitos necessários para a Entrega da Torá. É importante reviver esses acontecimentos diariamente, pois D'us nos dá a Torá novamente a cada dia, nos brindando com insights novos e mais elevados. Para que isto aconteça, primeiro temos que dominar nosso Amalec interior e calar nossas dúvidas sobre a Providência Divina. Depois, devemos converter nosso Yitrô interior conquistando a parte de nós que ainda prefere servir aos ídolos dos desejos materiais. No entanto, para dar esses passos devemos primeiro 'dividir o mar e entrar nele', ou seja, por um certo tempo devemos mergulhar totalmente na santidade dedicando-nos às nossas orações matutinas e ao nosso estudo frequente da Torá. A consciência Divina que experimentamos desta maneira nos permite adquirir uma percepção superior em relação a todos os aspectos de nossa vida diária: comer, ganhar o sustento, interagir com as outras pessoas, e assim por diante. Aí então, ao reservarmos um tempo durante o nosso dia para estudar a Torá, seremos capazes de descobrir novas ideias que a tornam eternamente relevante, e assim poderemos ouvir a voz de D'us vindo do Sinai no nosso dia a dia*".

Yitrô não era uma pessoa desprovida de conhecimento. Ele já havia pertencido a corte do faraó e prestado, aos olhos do faraó bons serviços a ele. Ao sair da corte do faraó, este lhe permitiu que fosse ao tesouro real e escolhesse um objeto de valor, como prêmio. Yitrô escolheu o futuro cajado de Moshê.

Portanto, o que de fato Yitrô descortinou? No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 198, podemos ler que, "*na própria palavra Vayishmá (וישמע) – 'E escutou' há uma alusão a respeito do que Yitrô ouviu, pois, suas letras são as rashê tevot de:*
(ו) A letra Wav deriva da palavra ukriat (וקריעת) e a abertura
(י) A letra Yud deriva da palavra iam (ים) - do mar
(ש) A letra Shin deriva da palavra Shemá (שמע) - ouviu
(מ) A letra Mem deriva da palavra milchemet (מלחמת) e a guerra contra
(ע) A letra Ayin deriva do nome Amalec (עמלק)".

O texto do Rebe, acima, destaca que a divisão do mar, a guerra contra Amalec e a vinda de Yitrô são pré-requisitos espirituais para a Entrega da Torá. No plano interno, isso significa que a revelação Divina só pode ocorrer quando três degraus são trabalhados. **Primeiro**, a quebra do medo existencial (a travessia do mar). **Segundo** o silenciamento da dúvida corrosiva que esfria a fé (Amalec). E **terceiro** a conversão da inteligência e da cultura externa que antes serviam à idolatria (Yitrô). Yitrô escuta porque reconhece que o Divino é sentido, ordem e verdade capazes de reorganizar toda a vida. Por isso, sua chegada antecede a entrega da Tora. A Torá é dada a um povo que aprendeu a discernir e não somente àqueles que apenas saíram da escravidão. Rashi Chumash Shemot 18:01, pg. 92.

O Livro Belos Valores aprofunda esse ponto ao mostrar que o verbo Vayishmá (וישמע) - e ouviu" – descreve muito além da audição, ou seja, uma compreensão integrada (escutar). As letras da palavra aludem exatamente aos marcos do Êxodo que, até este momento, são a abertura do mar, a travessia, o escutar e a guerra contra Amalec. Isso indica que Yitrô só pôde "*escutar*" porque o processo estava completo.

Yitrô após testar, anteriormente, todas as formas de idolatria, reconhece a unicidade Divina. O Midrash relata sua passagem pela corte do faraó e a escolha do cajado que será de Moshê. Yitrô intuiu que o verdadeiro tesouro era o instrumento (cajado) que, posteriormente, serviria à redenção. Internamente, isso ensina que a pessoa só se torna um receptáculo para a Torá quando converte seus desejos, a sua

racionalidade, ambição e cultura, a um propósito mais elevado, que é o serviço Divino. https://www.sefaria.org/Pirkei_de-Rabbi_Eliezer.40?lang=he&with=all&lang2=en (3 e 4)

No nível interior de um Pedreiro, Yitrô simboliza a parte da pessoa que já venceu o medo (Egito), a dúvida (Amalec), mas ainda precisa redirecionar sua inteligência e seus valores. Somente após essa conversão interior é possível "*escutar o Sinai*" diariamente. O Rebe nos ensina que temos de mergulhar temporariamente na santidade por meio da oração e do estudo, para depois retornar ao mundo com uma consciência elevada que transforma o cotidiano. O comer, trabalhar e relacionar-se é uma em extensão da revelação Divina. O Êxodo, portanto, destaca a integração entre o mundo e a santidade. Yitrô personifica exatamente esse ponto de integração. Tanya Likutei Amarim 41.

Ou seja, o temor a D'us é uma condição prévia para o serviço Divino. Todo Israelita (Pedreiro) é capaz de alcançar este nível, contemplando como D'us permanece diante dele. Ele examina seus rins (avental) e coração (para ver) se ele está servindo ao Eterno de forma adequada (ponto no coração). Este pensamento o levará a produzir, pelo menos, em alguma medida temor em sua mente. Isto o possibilitará a estudar a Torá de forma apropriada, bem como a cumprir tanto os mandamentos positivos como os negativos.

O Tanya observa que este nível de temor é conhecido como yir'á tata'a, '*temor de nível inferior'*, que é uma etapa preparatória para o cumprimento adequado da Torá e das Mitzvot. Este grau de temor deve ser manifesto, para que o estudo da Torá e a realização das Mitzvot sejam considerados Avodá, serviço Divino. Tanya Likutei Amarim, cap 42.

2.(Yitrô) - Shemot – 18:13-23 – "*Para completar a história de Yitrô, a Torá avança quatro meses até chegar ao dia 11 de Tishrei de 2449 da Criação, o dia em que Moshê desceu do Monte Sinai pela última vez. No dia seguinte [da sua descida do Monte Sinai], Moshê se sentou para julgar o povo.*

Quando nossas vidas espirituais parecem fluir tranquilamente, podemos pensar que já superamos os obstáculos da vida e que podemos cruzar os braços e relaxar. Para descobrir qual deve ser a reação apropriada para este sentimento, basta observar o exemplo de Moshê. Enquanto estava no Monte Sinai, Moshê atingiu o ápice da espiritualidade, mas, tão logo se reuniu com o povo, ele envolveu-se diretamente em sua nova tarefa, o julgamento dos casos que as pessoas lhe apresentavam.

Do mesmo modo, até quando sentimos que já alcançamos o ápice da santidade, sempre haverá um amanhã, um 'dia seguinte', no qual, assim como Moshê, devemos estabelecer objetivos ainda mais elevados".

Um julgamento tem que ser claro, estar sob luz forte, para que todos vejam e enxerguem o que está sendo realizado. **Portanto, que horas do dia devemos trabalhar em julgamentos?** Lembro que os israelitas, àquela época, designavam a 'sexta hora' como o meio-dia. Eles dividiam o 'dia claro' em doze horas, começando com o nascer do sol. Assim, a sexta hora correspondia ao meio-dia. No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, na pg. 200, encontramos que no versículo Shemot 18:13 consta que "*Yitrô viu Moshe julgando o povo* "*min haboker ad haarev (מן הבקר עד הערב) – desde a manhã até a noite – e lhe chamou atenção sobre a conduta*".

A palavra ad (עד) – até – foi escrita sem a letra Wav conforme esperado nesta situação (ועד). Tal diferença de grafia serve para nos evidenciar que o momento de julgar é até a sexta hora do dia, já que a Guematria do caractere Wav equivale a seis. Como Moshê continuou a julgar o povo após este horário Yitrô lhe adverte por isso, agindo corretamente. Todo aquele que julga honestamente é considerado como se associasse a D'us na criação do mundo, realizada em seis dias".

Ao ver a dificuldade com que, especialmente, Moshê distribuía a justiça, Yitrô fez a Moshê uma proposta de organização do sistema judicial, que é apresentada por Rashi Chumash (Shemot 18:21) onde encontramos as 7 qualidades que um juiz deve ter para ser designado juiz de fato. {Assim, discernirás, dentre todo o povo, **homens bem-sucedidos**, que não precisem agradar a ninguém e possuam estas sete qualidades: **1.** sejam tementes a D'us, **2.** sejam homens que impõem respeito por

causa de sua integridade; **3.** 'odeiem' o dinheiro, isto é, sejam suficientemente desapegados de sua riqueza para que, caso devam algo a alguém, não seja necessário levá-los à justiça para fazê-los pagar (qualquer indivíduo mais apegado ao dinheiro pode ser facilmente subornado, sendo, portanto, inapto para a função de juiz); **4.** sejam justos; **5.** perspicazes; **6.** capazes de deduzir novas leis de procederes legais e **7.** tenham boa reputação.

Yitrô sugeriu que Moshê apontasse esses indivíduos sobre o povo como líderes de mil, líderes de cem, líderes de cinquenta e líderes de 10. Os próprios líderes também terão acesso à autoridade judicial, caso necessitem. Logo, visto que há 600.000 homens adultos, aponta 600 líderes de mil; 6.000 líderes de cem; 12.000 líderes de cinquenta e 60.000 líderes de dez. Assim, restaria a Moshê apenas os casos de maior importância e complexidade}.

Moshê procurou por homens que tivessem essas 7 qualidades, mas não os encontrou em número suficiente. Somente encontrou homens que tivesses apenas três qualidades a saber: justos, sábios e de boa reputação. E Moshê os apontou como líderes sobre todo o Israel.

Mas, olhando para estes textos nos surge a questão: **A Ética da Torá é Misericordiosa?** Evidentemente, temos de olhar para os aspectos associados conhecidos como a "*Lei de Talião*". Ela, muitas vezes é utilizada de forma a deslustrar a Torá em exaltação a outros textos religiosos. Essa forma dita a respeito da Torá de ser violenta por causa da Lei de Talião, é um grande equívoco e que pode caminhar na direção de propiciar consequências sérias.

Vayikrá (Levítico) 24:20 "*Quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente; conforme o defeito que causar ao homem, assim será obrigado a pagar*". Êxodo 21:24-25 "**24***olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé,* **25***queimadura por queimadura, ferida por ferido ...*".

É verdade que a regra denominada popularmente por "*Lei de Talião*" é uma providência nas leis dadas por intermédio de Moshê. É um estatuto civil. A Lei de Talião não tem o sentido, popularmente, que se lhe atribui (ser violenta), senão que é uma questão de danos e prejuízos, na qual aquele que danifica sofre ou paga o estabelecido por uma Lei, aplicada por Juízes. Indica que quem fere outro é responsável por pagar uma "*indenização*" por aquele dano, pela dor, pelos custos médicos, pela perda de meios de subsistência e pela humilhação.

A Lei de Talião longe de ser selvagem e/ou sanguinária é um princípio da misericórdia. Seu propósito original é delimitar uma provável retaliação que poderia ocorrer. A retaliação, especialmente a de sangue, era uma das características da sociedade daqueles tempos. Se um membro de um "*agrupamento*" matava a um membro de outro "*grupo*"; a obrigação de todos os homens, membros do segundo, era vingar-se; matando, normalmente, a quem encontrassem pela frente do primeiro "*agrupamento*".

A Lei de Talião, vem assim a delimitar e, com a sua aplicação buscou extinguir a retaliação, pois somente deverá ser castigado o responsável pela ferida e que, o seu castigo, não deva ser maior que a ferida que ele infringiu ao outro. Portanto, especialmente na perspectiva histórica de quando foi apresentada por Moshê, ela tem sim aspectos de lei misericordiosa. Além disso, deveria ser aplicada por Juízes como acima já ressaltado em Torá Shemot (Êxodo) 18:17-24.

Antes de ensinar e aplicar a lei de Talião, Moshê colocou Juízes sobre o povo. Portanto, olhando mais de perto o que está escrito, a lei não se destinou a permitir que um indivíduo, como pessoa particular, tivesse o direito de retaliação pessoal. Sempre existiu a necessidade da presença de um Juiz e a norma associada, destinada a guiá-lo na avaliação do crime, prescrever a pena que se devia aplicar por qualquer ato julgado violento ou injusto.

É extremamente relevante ressaltar que na Torá encontramos, diversamente ao que lhe é atribuído de ser violenta, resplendores da mais autêntica misericórdia. Por exemplo: Torá Vayikrá (Levítico) 19:18, pg. 384: "*Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu*

próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor". Torá Echá (Lamentação) 03:30 30, pg. 665: "*Que ofereça sua face ao que o castiga e se conscientize das reprovações que recebe*". Tanakh Mishlê (Provérbios) 25:21, pg. 1933: "*Se o teu inimigo estiver esfomeado, dá-lhe de comer; e se estiver tiver sedento, dá-lhe de beber*".

Ou seja, o Tanakh (que contém a Torá) está repleto de Misericórdia. Além disto, a obediência as Leis é fundamental. A obediência as Leis e os detalhes dessa tarefa de obediência, nos ensina que o Eterno D'us, Bendito Seja, Rei do Universo, está em todos os momentos de nossa vida cotidiana e não está, portanto, confinado em Templos. Este pensamento nos ensina que a vida, em sua totalidade, é um empenho Sagrado e que até mesmo uma atividade cotidiana, que poderíamos descrever como mundana tal como o ato de comer, é governada por Leis Divinas.

Isto também nos remete que a Aplicação "*da Lei de Talião*" que era repleta de detalhes. Por exemplo, como aplicar a Lei de Talião se um homem cego de um olho, fere o olho de outro a ponto deste segundo perder a visão de um de seus dois olhos. Se aplicarmos simplesmente o olho por olho, a pena aplicada ao infrator será terrivelmente desproporcional, pois este ficará cego.

Além disto, a Torá estabelece a construção de cidades de refúgio, onde um infrator poderia estar seguro, daqueles que o perseguem, pois os perseguidores poderiam estar com o coração nublado e praticarem um ato desproporcional aos danos e/ou prejuízos realizados. Para exemplificar tomemos a Torá Devarim (Deuteronômio), 19:05, pg. 560, "*E aquele que for com seu próximo na floresta para cortar lenha, e resvalar a sua mão com o machado que ia cortar a lenha, saltar o ferro do cabo e encontrar o seu próximo e este morrer; ele fugirá a uma destas cidades e viverá*".

Além disto, em Torá Bamidbar 35:25 (Números), pg. 500, encontramos que "*Todo aquele que matar propositadamente, havendo testemunhas, será morto o homicida; e <u>uma testemunha</u> não deporá contra alguém para que morra*". Ou seja, a Torá nos apresenta que o testemunho de uma só pessoa não levará ninguém a ser condenado a morte. Para o "*criminoso*" ser condenado de fato a morte, o criminoso prestes a cometer um crime deve indicar verbalmente que ouviu a advertência feita por duas testemunhas e optou por ignorá-la. Somente se o criminoso responder: "*Apesar disso, farei*", o tribunal pode prosseguir com suas deliberações para a pena de morte. Isto, quando existia o Templo Sagrado de Jerusalém. Nos comentários da Torá sobre este versículo na pg. 499, ressalta que o Talmud Macot 01:10 escreve que: "*O Sanhedrin (Tribunal) que condena a morte uma pessoa, em sete anos é denominado tirânico*".

No fundo, a essência da lei judaica é preventiva. Estas duras ordens são ensinadas a todos para se lidar com o problema antes que se transforme em um ato. A lei judaica foi feita para ser estudada por todos e não somente por doutores da lei. Quando uma criança é criada com o conhecimento da lei do Eterno D'us e com amor pela Torá, ela terá grande dificuldade em transgredir. A alternativa apresentada pela Torá e vivenciada por muitos séculos, foi de reunir as pessoas em praça pública (ou na Sinagoga) toda a semana e ensinar Torá. Imagina um jovem ouvindo as instruções sobre o erro e as punições decorrentes, é difícil acreditar que um dia conscientemente e displicentemente considere a perpetração destes crimes citados na Torá. **Pergunte a si mesmo, o que é mais misericordioso, em vez de enforcar ou guilhotinar, eletrocutar, decapitar, fuzilar, prisão perpétua etc., após um crime, ou seria melhor que todos ouvissem, estudassem e passassem a conhecer e vivenciar as palavras do próprio Eterno D'us descritas na Torá?**

Evidentemente, mesmo com todo esse trabalho de prevenção, ainda assim, sobrariam algumas pessoas que deliberadamente cometeriam crimes. Mas, se estudarmos profundamente os tratados da Lei Judaica, há meios objetivos para se aplicar as penas àqueles que se mostram insensíveis a qualquer instrução e orientação preventiva.

Mas, para esclarecer um pouco mais a questão da justiça, vamos olhar para o Sefer Hamitsvot (Livro das Mitzvot), de Rabi Moshe ben Maimon, ou Maimônides, 1135-1204, conhecido também como

Rambam, que escreveu, dentro outros livros, um estudo amplo sobre todas as Mitzvot (mandamentos - sendo 248 positivos e 365 negativos).

No seu Estudo 313, é nos apresentado o Mandamento 176, o mandamento proibitivo 284 e sobre o mandamento 175. Vamos ao resumo do estudo. M 176 – NOMEAR JUÍZES E OFICIAIS DO TRIBUNAL. Para a cidade onde tivesse um número adequado de habitantes deveria ser nomeado 23 juízes (Sanhedrin Menor). Em Jerusalém deve ser nomeado o Grande Tribunal, com 70 Juízes, tendo acima o Rosh Háyeshivá ou Nassi ou Líder. Para as cidades menores seriam nomeados três juízes. Além de inspetores para as partes menores, a fim de que as pessoas em seus negócios e ocupações não cometessem erros, nem mesmo em coisas pequenas e não se fizessem injustiças. Isso se apoia na Torá.

Todos esses Juízes e tribunais somente poderiam atuar na Terra de Israel. Casos de pena capital somente podem ser julgados durante a existência do Santuário, ou o Templo Sagrado de Jerusalém. Todas as normas específicas são explicadas detalhadamente no Tratado Talmud de Sanhedrin.

P 284 – NÃO DESIGNAR JUIZ INCULTO. É proibido nomear um juiz que não seja versado na sabedoria da Torá. Os Juízes devem basear-se apenas na sabedoria que o homem tem da Torá, em seus conhecimentos sobre seus mandamentos e proibições, e em sua conduta absolutamente irrepreensível. Essa proibição impõe que uma pessoa não seja designada em virtude de outras qualidades, ou seja, porque ele é simpático, ou porque me emprestou dinheiro, ou porque ele conhece muitos idiomas. O resultado é que absolverá o culpado e condenará o inocente, porque lhe falta sabedoria. É por essa razão que as Escrituras (Torá) dizem: Não haja com favoritismo no juízo.

M 175 ACEITAR A DECISÃO DA MAIORIA – Ou seja, caso haja uma diferença de opinião entre os Sábios com relação a qualquer lei da Torá, nós devemos seguir a maioria (Êxodo, 23:02) e no Sanhedrin. No Estudo 314 Rambam apresenta os Mandamentos Proibitivos 282 e 283.

P 282 – UM TRIBUNAL NÃO PODE CONDENAR POR MAIORIA DE UM EM UM CASO DE PENA CAPITAL. O significado disto é que se houver uma diferença de opinião ficando a favor da pena a maioria de apenas um a favor da condenação, não se permite que a pena seja executada. Tem de haver uma maioria de dois ou mais para ocorrer a condenação.

P 283 – UM JUIZ NÃO PODE CONFIAR NA OPINIÃO DE OUTRO JUIZ. – Um juiz fica proibido de confiar na opinião de outro juiz ao condenar o culpado ou absolver o inocente sem que ele próprio tenha examinado o assunto e em sua própria investigação e deduções dos princípios da lei. (Shemot - Êxodo 23:02).

Na realidade essas instruções faziam parte do que se denomina Torá Oral recebida por Moshê junto com a Torá escrita. Mas, passadas 40 gerações de sábios, e de certa forma gradativamente, a Torá Oral foi sendo escrita. Quem fez um detalhamento deste trabalho foi Rav Ashi que compilou o Talmud Bavli em Shinar (Babilônia) em 4125 (465 E.C.). Mas, essa obra foi completamente finalizada e sistematizada cerca de 70 anos após o falecimento de Rav Ashi, por Rav Zuta. Mas, como esses tratados são longos, pois contém as opiniões contrárias e favoráveis a determinados temas, bem como uma longa análise realizada por vários sábios, tornando sua compreensão complexa, Rambam escreveu uma série de documentos e estudos que trazem a essência da conclusão daqueles tratados, facilitando a sua compreensão. Com isto, vejo que muito do que hoje ainda desejamos ver realizado, já era preconizado no tempo de Moshê, pelos conhecidos 613 mandamentos, a Torá escrita, a Torá Oral e, posteriormente, o decorrente Talmud.

3.(Yitrô) Shemot - 18:24-27 – "*No começo, Moshê tentou responder a todas as perguntas do povo e resolver as disputas, sozinho. Yitrô mostrou as várias desvantagens deste método e sugeriu a Moshê estabelecer uma hierarquia de juízes, reservando para si unicamente aqueles casos que eram demasiado difíceis de se resolver através dos juízes das cortes inferiores. D'us disse a Moshê que o plano de Yitrô era superior ao plano de Moshê.*

No plano de Yitrô, o povo estaria sob a autoridade de juízes de um nível inferior ao de Moshê. Apesar disso, D'us aprovou o sistema, porque permitiria que até as pessoas mais humildes do povo pudessem resolver seus problemas de acordo com o sistema legal da Torá, submetendo deste modo suas vidas à sua autoridade. Se Moshê tivesse permanecido como o único juiz do povo, dada a sua presença reverencial e estatura espiritual, algumas pessoas teriam se sentido intimidadas de aproximar-se dele para tratar de seus problemas. Isto podia levá-las a se sentirem alienadas ou excluídas da Torá.

Esta consequência teria sido muito negativa, porque a Torá foi entregue para todos, inclusive as pessoas comuns e simples. É um mérito da Torá e uma demonstração de sua verdade o fato de suas leis aplicarem-se não somente nos nossos momentos mais sublimes, como também nas situações aparentemente triviais que surgem em nossos assuntos diários. Moshê designou líderes de milhares, de centenas, de cinquentenas e de dezenas".

Estes acontecimentos narrados, até de forma discreta nestes versículos, têm um impacto gigante em nossas vidas, inclusive nos dias de hoje. Ou seja, estes acontecimentos nos apresentam a relevância universal da Torá para as nossas vidas. Podemos ver o nascimento ou estabelecimento das bases de um sistema judicial.

Moshê representa o ponto mais elevado da consciência humana. Inicialmente, Moshê tenta centralizar todas as decisões, o que, simboliza a tentativa da pessoa de resolver todos os seus conflitos apenas a partir de ideais elevados e exigências máximas. Essa postura, embora espiritualmente nobre, pode gerar distanciamento e até conflitos entre os ideais sublimes e a vida prática cotidiana.

A intervenção de Yitrô nos mostra que a alma humana necessita de mediações internas. O sistema de juízes, pode ser compreendido como a organização das diferentes camadas da personalidade. Nem todo dilema precisa ser levado imediatamente ao "*nível mais alto*" da consciência espiritual. Ao permitir que níveis intermediários resolvam questões menores, a pessoa aprende a integrar a Torá (ou seus valores mais elevados) na vida diária, sem paralisia, medo ou intimidação interna. O Rebe destaca que D'us aprovou o plano justamente porque ele evita a alienação.

Prezado Pedreiro! O "*nascimento de um sistema judicial*" representa o estabelecimento de uma governança interior saudável, onde valores elevados orientam a vida, mas são aplicados de forma acessível e humana. Isso revela que a Torá nos foi dada para regular emoções, escolhas e conflitos cotidianos. A espiritualidade autêntica transforma o trivial não o excluí. Assim, o impacto desses versículos é histórico e/ou social, mas também é profundamente espiritual e existencial.

4.(Yitrô) - Shemot - 19:01-06 – "*A Torá, então, retorna aos fatos que ocorreram após a divisão do mar, a guerra de Amalec e a chegada de Yitrô ao Monte Sinai. Os israelitas chegaram aos pés do Monte Sinai no dia 1.º de Sivan do ano 2448 da Criação.*

A presença de D'us se recusa a viver em meio à discórdia e a falta de harmonia. Somente quando os israelitas (Pedreiros) *estão unidos em harmonia entre si é que eles podem atingir a harmonia com D'us necessária para receber a Sua Torá.*

O mesmo se aplica hoje em dia. É claro que qualquer um pode estudar a Torá, mas a inspiração Divina que nos outorga insights adicionais e nos permite sentir a presença de D'us na Torá, só chega a nós quando nos preocupamos ativamente com o bem-estar do próximo.

Neste ponto aprendemos mais uma lição: os israelitas foram capazes de unir-se no Monte Sinai porque eles estavam 'em frente à montanha', ou seja, concentrados na Torá. Como todos nós possuímos diferentes capacidades mentais, emocionais, personalidades e pontos de vista, não há uma forma natural de manter nossa individualidade e continuar ao mesmo tempo atuando como um corpo unificado. Apenas quando estamos concentrados em D'us é que nossas diferenças subitamente deixam de serem obstáculos para a união. Nossas diferenças seguirão existindo, pois são necessárias para o cumprimento de nossa missão coletiva Divina. Mas a dedicação a D'us que compartilhamos entre nós

transformará essas diferenças - que deixarão de ser barreiras em degraus para atingir o nosso objetivo".

Salmo do Amor Fraternal - Salmo 133.

1. Cântico de ascensão de David. Como é bom e agradável viverem irmãos juntos em harmonia.
2. É como o óleo precioso que unge a cabeça de Aarão, e do qual escorrem gotas para sua barba e daí para a orla das suas vestes.
3. É como o orvalho do Hermon que vem cair sobre as montanhas de Tsión, como bênçãos ordenadas pelo Eterno. Sejam elas perpetuadas em sua vida!

No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 203, encontramos que a Guematria de que "*povo acampou 'bemidbar' (no deserto do) Sinai – (במדבר סיני) (2+40+4+2+200=248 e 60+10+50+10=130 e 248+130= 378). A Guematria destas palavras soma 378, a mesma de BeShalom (בשלום) (2+300+30+6+40=378) (em paz), evidenciando-o - Como um homem com um coração (mente) só*". Os irmãos, citados no Salmo, são Moshê e Aarão. Nós temos de nos espelhar no exemplo deles e sermos capazes de nos unir em paz.

Veja também que em Shemot 19:03 está escrito: '*Assim, dirás à casa de Jacob e anunciaras aos filhos de Israel'*. Segundo os comentários da Torá pg. 211, "*o Eterno primeiro dirigiu-se com delicadeza as mães e às esposas expressando o termo 'casa de Jacob', pois D'us sabia ser a mãe que cuida da educação dos filhos, pelo constante convívio com os filhos, quem orienta a formação moral do seu caráter; é a mãe quem dá a seu lar o sentido de harmonia, de carinho e de cultura*". Ou seja, ressalta-se a importância das mulheres na estruturação do povo dos filhos de Israel.

A união entre as pessoas é a condição indispensável para a presença Divina. A revelação no Sinai só foi possível quando o povo se tornou "*como um homem com um só coração*", transformando diferenças individuais em complementaridade espiritual. O Salmo 133 reforça que a harmonia fraternal é uma fonte concreta de bênção, comparável ao óleo da unção que desce de Aarão, simbolizando a transmissão da santidade do mais elevado ao mais simples.

O exemplo de Moshê e Aarão ensina que liderança verdadeira nasce da capacidade de unir rigor e compaixão, verdade e paz. A Guematria de "*bemidbar Sinai"* como "*BeShalom"* revelam que o local da revelação Divina é, antes de tudo, um estado relacional de paz.

O destaque dado às mulheres, ou a "*casa de Jacob*", demonstra que a base dessa união está no lar, na educação moral e na sensibilidade que gera harmonia. Assim, a Torá ensina que a união não anula a individualidade; ao contrário, ela a eleva e a integra em uma missão coletiva orientada por D'us.

5.(Yitrô) - Shemot - 19:07-19 – "*Durante os próximos seis dias, D'us preparou os israelitas para a Revelação da Entrega da Torá. Na manhã do dia 6 de Sivan, D'us começou a revelar-Se no Monte Sinai. O fato de que a montanha estava coberta de fumaça indicava que a Entrega da Torá possibilitou ao mundo físico ser afetado pela espiritualidade. Isto nos ensina que a chave para transformar todos os aspectos da vida em geral - o espaço, o tempo e a consciência - é garantir que todos os aspectos Divinos de nossa vida estejam imbuídos com 'fogo', ou seja, com o calor e o entusiasmo por D'us e pela Sua Torá*".

Todo o Monte Sinai estava coberto de fumaça, pois D'us havia descido nele em chamas. No livro Belos Valores – Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 208, encontramos que "*em Shemot 19:17 Moshê fez o povo sair do acampamento ao encontro de D'us, e assim estudamos (hamachnê vaitiatsevu betachtit hahar) (המחנה ויתיצבו בתחתית ההר) do acampamento e estiveram ao pé do monte. Rearranjando as sofê tevot acima grifadas, elas formam a palavra Torá* ***(תורה)****, pois estavam ao pé do monte para recebê-la*".

{Em Shemot 19:08 encontramos "*Tudo o que falou o Eterno, faremos*". Porém mais adiante (Shemot 24:07) o povo exclamará: "*Faremos e ouviremos*". Nesta fase, o povo buscava um compromisso

espiritual que exigisse dele "*fazer*", cumprir ordens, como se a essa atitude espiritual fosse meramente uma Lei, um modo de vida que envolve exclusivamente ação, e não uma maneira de pensar, com crenças e opiniões. É só depois da revelação do Sinai, detalhada em uma série de leis relativas à preservação da vida e da sociedade, como também a observância de rituais e cerimônias, que o povo aceita não apenas agir, mas também ouvir à medida que agem e, consequentemente, atender não à ordem de uma letra morta, mas, sim, à palavra do D'us vivo. A declaração Naassê VeNishmá (faremos e ouviremos) (נַעֲשֶׂה וְנִשְׁמָע) foi aclamada por muitas gerações como uma expressão da essência do compromisso espiritual dos filhos de Israel (hoje judaísmo). Ambos os termos são considerados como os dois lados de uma mesma moeda: ouvimos à medida que fazemos e fazemos à medida que ouvimos.

Os comentaristas notam que, onde os israelitas acampavam, havia sempre um descontentamento, uma perturbação no meio do povo; porém, chegando ao monte Sinai, reinou em Israel a paz mais profunda, e não havia mais que um corpo, mais que uma voz entre o povo, para obedecer a D'us e a Moisés. Este é o significado das palavras "E acampou ali Israel frente ao monte" (vers. 2) sinal de que Israel formava uma só unidade. Foi comprovar essa união que D'us considerou o povo de Israel digno de receber a Torá}. Comentários da Torá Sefer pg. 212.

Penso que decorrente deste momento especial vivido pelos israelitas, em união espiritual, isto também pode ocorrer em nossas reuniões (Loja). Assim, cada palavra proferida, cada movimento executado e cada posição assumida dentro do Templo, possuem significados que visam despertar, na alma (Neshama) do Pedreiro, a consciência de sua ligação com o Divino e com os Irmãos. A união espiritual é extremamente importante e que deve ser perseguida pelos Irmãos. O ritual, portanto, é o meio pelo qual a reunião deixa de ser apenas um encontro entre amigos e se transforma, verdadeiramente, em um Templo, um espaço Sagrado à elevação espiritual e à busca da Verdade.

A presença do ritual também estabelece a disciplina e a harmonia necessárias para que o trabalho espiritual se realize com eficácia. Ele impõe ritmo, ordem e unidade, permitindo que todos os Irmãos Pedreiros vibrem na mesma frequência e participem, em comunhão, da construção simbólica do Templo Interior. Além disso, o ritual é o método pedagógico iniciático por excelência. Através dele, o Pedreiro vive os ensinamentos da Arte Real, aprende experimentando-os de forma simbólica e espiritual.

6.(Yitrô) - Shemot - 19:20-20:14 – "*D'us entregou ao povo israelita os seiscentos e treze mandamentos contidos na Torá. Desses seiscentos e treze, dez D'us nos deu explicitamente: crer em D'us, não adorar ídolos, respeitar o nome de D'us, observar o Shabat, honrar os pais, não assassinar, não cometer adultério, não sequestrar, não dar falso testemunho e não desejar a casa, a esposa ou os bens dos outros. Os outros seiscentos e três mandamentos restantes estavam implícitos dentro desses dez.*

D'us providência para cada um de nós todos os recursos de que necessitamos bens, talentos e forças para que possamos cumprir nossa missão especial na vida. Todos e cada um de nós atingimos a nossa realização máxima ao dedicar esses recursos à nossa missão Divina, e ao utilizarmos tais recursos para promover uma maior conscientização da presença de D'us no mundo. Qualquer recurso que D'us não nos tenha concedido em algum momento não é necessário para cumprir nossa missão, e poderia, na verdade, acabar nos desviando de desenvolver ao máximo o nosso potencial. Refletir sobre esta verdade nos curará de toda cobiça".

Olhando para a nossa "casa" o nosso "eu" e para os 10 Mandamentos, acima descritos, podemos dizer que a nossa casa é de fato um porto seguro? Esses versículos nos apresentam, de certa forma, a questão da inveja. A inveja é considerada um fator que pode gerar impactos negativos tanto para o indivíduo que a experimenta quanto para aquele que é alvo desse sentimento. A inveja mostra que para àquela pessoa existe uma falta de alinhamento espiritual e uma desconexão com a gratidão. A inveja pode bloquear fluxos de energia positiva e atrair circunstâncias indesejáveis para a vida da pessoa

invejosa. Ou seja, para combater a inveja é importante ter em mente os seguintes dizeres: *Você não cobiçará a casa do próximo*.

Lembrando que, em linhas gerais, a casa representa o Ser interior e os seus estados de alma, ou seja, a espiritualidade, a introspecção e o conhecimento. A casa é um espelho que reflete como está a sua vida. É o nosso abrigo, o local que nos acolhe depois de um dia cansativo de trabalho. O nosso porto seguro.

{A seguir apresenta-se um estrato a respeito dos 10 Mandamento do Livro Cartas Para o Mestre páginas 139 a 156.
1º - "*Eu sou o Eterno, teu D'us que te tirei da terra do Egito, da casa dos escravos*". Conhecer ao Eterno D'us é "*o fundamento de todos os fundamentos e o pilar da sabedoria é saber que há um Ser Primordial que trouxe a existência de tudo que existe. Tudo o que há nos céus e na terra e entre eles, só veio a existir pela Sua existência*". Nos comentários podemos encontrar que "*a existência de D'us é o princípio fundamental sobre o qual tudo se baseia. O fundamento de todos os fundamentos, o princípio básico que é o núcleo da nossa fé, é o conhecimento da existência de D'us. Sabedoria é uma referência à Torá, que serve como guia de comportamento para o dia a dia das nossas vidas*". Sefer Hamadá, pg. 106,

Aqui nós aprendemos que a vida é uma graça Divina. Em Torá Devarim (Deuteronômio) 04:35, pg. 519, está escrito "*A ti foi mostrado para que soubesse que o Eterno, Ele é o D'us, e não há outro fora Dele*", ou seja, não há nada além Dele. Tanya vol. 2, pg. 341, "*Ele é um e Único após a Criação assim como Ele era Um e Único antes da Criação*".

2º - "*Não terás outros deuses diante de Mim. Não faras para ti imagem de escultura, figura alguma do que há em cima, nos céus, e embaixo, na terra, e nas águas, debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles, nem os servirás pois Eu sou o Eterno, teu D'us, D'us zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, sobre terceiras e sobre quartas gerações, aos que Me aborrecem e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos*".
Não ter outros deuses, significa não atribuir poder a uma outra coisa, esculturas, arvore, água, pessoa ou astro, mesmo que saibamos que o Eterno D'us está acima daquilo que se atribuí valor. Inclusive não atribuir o próprio sucesso a si mesmo, posto que seria como atribuir a própria pessoa, que veio do Eterno D'us, uma posição superior a Divindade. *Escuta, Israel! O Eterno é nosso D'us, o Eterno é um!* Torá Devarim 06:04, pg. 524. Este ponto nos traz o equilíbrio, pois devemos meditar a fim de aprender a atribuir o valor correto as coisas, a uma obra de arte, aos vegetais, aos minerais, aos animais, ao dinheiro, as pessoas, ou ao parceiro(a). Uma pessoa equilibrada não recorre a ídolos ou a vícios seja de que natureza for, compartilha com equilíbrio e julga com amor, a si mesmo e aos outros.

Com respeito ao Eterno D'us visitar a iniquidade dos pais nos filhos, temos a seguinte análise: Em Tanah Iehezkel (Ezequiel) 18:20, pg. 1461, está escrito que "*Apenas a alma que pecar há de morrer: o filho não levará sobre si a iniquidade do pai, nem o pai levará sobre si a iniquidade do seu filho. A retidão do justo estará com ele, e a maldade do malvado estará com ele*".

O texto de Iehezkel (Ezequiel) e a parte do 2º Mandamento são, aparentemente, contraditórios. Mas, o que se observa neste Mandamento é que os erros dos pais refletem e tem consequências sobre seus filhos, por gerações. Por exemplo, é conhecido que uma grávida, que se droga, tem uma grande probabilidade de ocasionar sérios problemas para seu filho. Essas consequências podem ser transferidas aos netos e as gerações seguintes.

Entretanto, no âmbito do que está sendo apresentado no 2º Mandamento é que a idolatria, ou seja, uma degeneração pode ser absorvida pela geração seguinte, a tal ponto, que se torna de difícil reversão. Por exemplo, pais perversos podem transmitir essa forma de pensar aos filhos, que estes vão precisar de uma grande energia interna para quebrar esse paradigma e interromper essa cadeia de eventos. Ou seja, como dito por Iehezkel (Ezequiel), nós não somos responsáveis diante do Eterno D'us pelos erros cometidos por nossos pais, mas muitas vezes sofre-se o resultado daquelas atitudes.

Mas, essa sequência de fatos pode ser quebrada. Por exemplo, basta observarmos a História de Josias (Ioshiáhu), filho de Amon e neto de Menashe (Manassés). Tanah Melahim Beit (2 Reis 21.2-3), pg. 1069, Tanah Melahim Beit (2 Reis 21.19-20), pg. 1071, Tanah Melahim Beit (2 Reis 21.1-2), pg. 1073.

Para buscar compreender a parte final do 2º Mandamento "*e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos*", é importante analisar algumas passagens, a saber: Tanah Mishlê (Provérbios) 13:22-23, pg. 1907, Tanah Mishlê (Provérbios) 28:08, pg. 1937. Especialmente olhe Tanah Tehilim (Salmos) 25:12-13, pg. 1721, "*[12]* ***Quem é aquele que teme ao Eterno?*** *Ele o guiará pelo caminho certo. [13] Sua alma viverá feliz e sua descendência herdará a terra*". Ou Tanah Tehilim (Salmos) 112:01-02, pg. 1837, e/ou Tanah Cohêlet (Eclesiastes) 12:13, pg. 2087.

Um exemplo vivo desta dedicação, sabedoria e temor ao Eterno D'us foi a sequência de sábios que desde o Mestre Moshê (Moisés) até Rav Ashi, por 40 gerações mantiveram viva a tradição de não escrever a Torá Oral. Mas, sucessivas guerras e pressão externa sistemática sobre o povo israelita (judeu) colocava em risco a tradição, levando ao risco de esquecimento da Torá Oral. Assim, foi necessário quebrar essa tradição. Ravina e Rav Ashi foram a última geração de sábios do Talmud. Foi Rav Ashi quem compilou o Talmud Bavli em Shinar (Babilônia), cerca de 100 anos após o Rabi Iochanán ter compilado o Talmud Ierushalmi (Talmude de Jerusalém). Sefer Hamadá pg. 4.

3º - "*Não jurarás em nome do Eterno, teu D'us, em vão; porque não livrará o Eterno ao que jurar Seu nome em vão*". É importante lembrar que em Sefer Hamitsvot, Estudo 106, pg. 224, apresenta a "*Proibição Divina 62 de fazer um juramento em vão. Ela nos proíbe de jurar que um objeto existente é o que de fato ele não é, ou que algo impossível existe, ou jurar violar qualquer um dos mandamentos da Torá. Da mesma forma, jurar um fato evidente, que nenhuma pessoa instruída negaria ou questionaria, como por exemplo, jurar-se por D'us que tudo aquilo que for degolado morrerá, isto também é um caso de tomar o nome de D'us em vão*". Também olhando o Sefer Hamitsvot, pg. 74, apresenta a "*Proibição Divina 64 de não testar suas promessas e advertências, transmitidas a nós por Seus profetas, lançando dúvidas sobre elas, depois de saber que aquele que as enunciou é um verdadeiro profeta. Esta proibição está expressa em Suas palavras (louvado seja!): Não experimentareis D'us, vosso D'us (Devarim / Deuteronômio, 06:16)*".

Assim, não tomes o nome do Eterno D'us em vão. Cuidado com o poder da palavra. Cuidado com juramentos absurdos, tais como ficar acordado durante 14 dias. Cuidado com juramentos falsos, tais como que uma pedra é uma pedra e/ou mentirosos, tais como ter visto algo e jurar que não viu. Além disto, deve-se ter cuidado em fazer um juramento que é permitido e/ou realizável. Cuidado em falar o nome de Eterno D'us sem um propósito definido, tais como: Ai meu D'us! Não existe poder maior que o Eterno D'us. Portanto, use a fala ou o verbo com prudência. O poder do verbo é imenso.

4º - "*Estejas lembrado do dia de sábado (Shabat) para santifica-lo. Seis dias trabalharás e farás toda tua obra, e o sétimo dia é o sábado do Eterno, teu D'us; não farás nenhuma obra – tu, teu filho, tia filha, teu servo, tua serva, teu animal e teu peregrino que estiver em tuas cidades, o que há neles, porque em seis dias fez o Eterno os céus e a terra, o mar e tudo o que há neles, e repousou no sétimo dia; portanto abençoou o Eterno o dia de sábado e santificou-o*". Lembre-se do dia do Shabat para santificá-lo. É uma lembrança constante, que foi o Eterno D'us que criou a tudo. Assim, a pessoa acredita que o mundo foi criado por Hashem, pois o sustento não vem somente pelo esforço da pessoa, mas que tudo provém do Eterno D'us, inclusive o próprio esforço da pessoa. Desta forma, pode-se parar um dia e dedicá-lo a Adonai. Rezar e descansar no Shabat, além de lembrar do Shabat durante toda a semana! Sugere-se fazer uma leitura do Estudo 37 do Sefer Hamitsvot, pg. 133, do Estudo 45-47 pg. 135 e o Estudo 48, pg. 135.

5º - "*Honrarás a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias sobre aterra que o Eterno, Teu D'us, te dá*". Deve-se ter apreço com o respeito aos pais, todos os dias de sua vida. Um

filho precisa honrar seus pais. É uma forma de agradecimento aos pais pelo que estes fizeram por ele. Os pais são sócios na criação dos filhos. O Eterno D'us, o pai e a mãe, são os sócios que geraram os filhos. Na hora que você honra seus pais, é como se estivesse honrando ao Eterno D'us. Foi Ele que criou e deu esse poder aos pais de gerar um filho. É uma benção. O preceito positivo 210 do Sefer Hamadá 1, pg. 32, diz "*Honrar pai e mãe, conforme está escrito – Honra teu pai e tua mãe (Shemot 20:12)*".

A 1ª Tábua contém os primeiros cincos Mandamentos que tratam do "*relacionamento*" entre D'us e os homens. A 2ª Tábua contém os outros cincos Mandamentos que tratam do relacionamento entre o Ser Humano e seu semelhante.

O Estudo 12 do Sefer Hamitsvot, pg. 80, apresenta o mandamento Divino 209 "*de respeitar os eruditos e os idosos e a levantar-nos diante deles a fim de honrá-los. Este mandamento está expresso em Suas palavras (louvado seja!): Diante de cabeças brancas te levantarás e honrarás as faces do velho*" (Vayikrá / Levítico, 19:32). Continuando "*Você deve saber que embora este mandamento (mitzvah) para respeitar os eruditos seja um dever igual para todos, inclusive para um erudito em relação a outro de igual conhecimento. Como dizem os Sábios - Os eruditos da Babilônia estavam habituados a levantar-se uns diante de outros – isto é especialmente e sobretudo para um discípulo, pois ele deve um respeito muito maior a seu mestre do que a qualquer outro erudito, assim como ele tem a obrigação de temê-lo (respeitá-lo)*".

O Estudo 330 do Sefer Hamitsvot, pg. 436, apresenta a proibição Divina P318. "*Não amaldiçoar aos Pais*". Na página seguinte podemos encontrar a proibição Divina P319. "*É proibido ferir nossos pais*". Ainda na mesma página tem o Mandamento Divino número M210. "*Honrar os pais.* ***O que significa honrar?*** *Assegurar-lhes comida e bebida, roupas e calor, e guiar seus passos (quando eles precisarem)*". Em seguida tem o Mandamento Divino M211. "*Temer (respeitar) os pais. Significa olhá-los com o respeito devido a alguém de quem se teme o castigo, como o Rei, e a tratá-los como tratamos aqueles a quem tememos (e respeitamos) e receamos descontentar*".

6º - "*Não matarás*". Ao observarmos a expressão (לֹא תִרְצָח) (Lô ratsahh), pensa-se que a tradução mais adequada é "*Não assassinarás*" porque ao pegarmos a raiz do verbo encontraremos (רצח) (rêtzax) que é assassinato (Dicionário pg.28). Além disto, se recordarmos os 7 preceitos de Noé, encontramos que o Eterno D'us já havia proibido a todos nós de derramar o sangue do homem pelo homem, pois à imagem de D'us o fez homem (Torá Bereshit 09:06, pg. 9)

Assim, assumindo a tradução como "*Não assassinarás*", implica que a Torá nos dá o direito da legítima defesa. Entretanto, a barbárie ou assassinato é proibido. Se você observar alguém ameaçando uma pessoa, deve agir para impedir o agressor de continuar. Ou seja, deve-se saber agir da forma correta para preservar a vida de uma pessoa que está em grave ameaça. Aquele que é tolerante com pessoas cruéis, acabará sendo cruel com pessoas boas. Este Mandamento nos proíbe também de praticarmos a malícia ou o ódio a qualquer um. Além de nos proibir de realizar qualquer tipo de vingança, ou de infringir dor. Quem assim o faz age como um assassino.

Outro ponto que está relacionado ao assassinar é destruir a reputação de alguém. Isto também é extremante grave e é como se tivéssemos derramado o sangue daquela pessoa. Principalmente, porque esse fato ocorre na maior parte das vezes sem motivo. Respeitar o próximo nos ajudará a transformar o mundo em um lugar melhor. Tanah Mishlê (Provérbios) 20:19, pg. 1921, "*O que difunde murmúrios revela segredos; não te associes, portanto, com aquele que abre por demais seus lábios*".

Olhando para a própria pessoa, esse Mandamento nos indica que não se deve fazer nada de mal à saúde, ou à vida de seu próprio corpo. O Sefer Hamadá, capítulo 4, pg. 170 nos apresenta que "*manter o corpo forte e saudável é parte do serviço de D'us – pois é impossível à pessoa compreender ou captar algo do Criador estando adoentada – é preciso portanto se afastar de tudo o que possa ser nocivo ao corpo, e se acostumar a observar regras para mantê-lo forte e saudável*". Isto implica que é importante portanto, lembrarmo-nos de não matarmos aquilo de melhor que temos dentro de nós

mesmos. De forma mais ampla, temos de ter cuidado com nossa saúde, física, mental e espiritual. Temos de ter cuidado para não matarmos nossos dons, posto que eles foram colocados à nossa disposição pelo Eterno D'us.

7º - "*Não adulterarás*". Não cometer adultério. Maimônides diz que esse Mandamento não precisa de explicação, pois é óbvio. Os Seres Humanos não podem se comportar como se animais fossemos. **Os animais não perguntam para o parceiro você é casado?** O Eterno D'us não quis que nos comportássemos de forma anárquica nas relações sexuais entre homens e mulheres. Devemos nos afastar de comportamentos semelhante ao proceder dos animais. O casamento é a união entre duas metades, tornando-se novamente igual a um. Se alguém roubar a outra metade, é como se estivesse roubando uma outra alma. Também devemos ter cuidado com os pensamentos e falas, pois ambos podem nos induzir ou a outrem na direção do erro.

Portanto, devemos aprender a preservarmo-nos, para conservarmos as nossas energias que devem ser dedicadas aos momentos de união verdadeira com a pessoa amada e apropriada, onde a dualidade se torna novamente unidade. O Estudo 91 do Sefer Hamitsvot, pg. 188, apresenta a proibição Divina P347, "*Não se chegar [ter relações] à esposa de outro homem. Está também ligada a: E com a mulher de teu companheiro não te deitaras para dar sêmen (Vayikrá / Levítico, 18:20)*". No fundo essa proibição nos remete ao verdadeiro temor da contaminação do corpo, consequência da poluição da imaginação, do despertar de paixões, de se vangloriar a outrem por meio de imagens impuras, ou de conversas ou qualquer outro caminho semelhante.

8º - "*Não furtarás*" - Não roubaras. O oitavo Mandamento e o terceiro dever para com o próximo é respeitar o direito à propriedade alheia. Isto nos remente ao fato que devemos respeitar a propriedade privada. Aquele que, por exemplo, molda uma taça por meio de repetidos golpes, trabalhando e trabalhando, sente que o instrumento que ele fez é de sua propriedade. É um grave erro, portanto não respeitar esse sentimento. Assim, o oitavo Mandamento proíbe que cometamos este erro. Além disto, exige que respeitemos tanto a propriedade dos outros tal como a sua pessoa, a paz doméstica e a honra.

Portanto, o não furtarás, está associado ao amor. Aquilo que é obtido de forma honesta, de fato é o pão que o Eterno D'us nos deu. Por isso, devemos ser sempre gratos por aquilo que conseguimos, por meios honestes. Fraudar o público, contrair dívidas sem perspectiva de pagá-las, ou evitar o pagamento de dívidas, extravagância, não praticar a caridade, praticar a usura apertando os pobres em seus salários; dentre outros, também estão incluídos neste Mandamento.

Este Mandamento também está ligado a proibição de que seja realizado o sequestro ou rapto de pessoas. O povo de Israel foi vítima de sequestro e rapto pelos grandes impérios. Nesta situação, transforma-se a pessoa em coisa, pois ela pode ser vendida como um objeto qualquer. Interfere, portanto, na liberdade alheia. A Torá salvaguarda a liberdade.

Do ponto de vista interno, o Ser Humano não deve se iludir, pois pode canalizar a sua própria energia para o campo das impurezas. Por isto, não pode ficar cada vez mais orgulhoso de seus conhecimentos, com seu poder, com as honrarias que recebe, pois poderá canalizar esta energia para as forças antagônicas que ao fim, lhe trarão muitos problemas. Mas, também é importante lembrar que o "*não furtaras*" está intimamente conectado aos limites individuais de cada Ser Humano. Portanto, devemos aprender a lidar com as imperfeições, mostrando-nos até onde podemos chegar, sem ultrapassar os limites da ética, da moral e da noção de propriedade.

Talmud Berachot 5ª, pg. 30: "*O Ser Humano deve sempre procurar incitar (irar) sua boa inclinação (yetser hatóv) contra sua má inclinação (yetser hará), pois isto pode evitar que ele venha a pecar, como está dito: irai-vos e não pequeis*". Recomendamos também conhecer o Estudo 250 do Sefer Hamitsvot, pg. 376, que apresenta a proibição Divina P245, "*Não cometer um roubo. Isto é, de tomar pela força e violência qualquer coisa a que não tenhamos direito*".

9º - "*Não darás falso testemunho contra a teu próximo*". Mishlê (Provérbios) 12:18-20, pg. 1903: "*[18] Há quem fale como estocadas, mas a língua do sábio promove a cura. [19] A língua verdadeira persistirá para sempre, mas a falsa, apenas um instante. [20] Há astúcia no coração de quem trama o mal, mas para os conselheiros da paz há sempre alegria*".

Das palavras de mentira nós devemos nos afastar. Um testemunho falso tem uma gravidade muito extrema, mas também nos simples momentos de nossa vida em que se pratica o falso testemunho, devemos nos afastar. Devemos ser honestos, verídicos e usarmos somente a verdade. Um pouquinho somente de falta de verdade, na realidade, torna tudo mentira. Quem fala e pratica a verdade, tudo que fala se transforma em realidade. Quando alguém prejudica outro Ser Humano, na realidade além dela estar indo contra outrem, está indo também contra o Eterno D'us ao mesmo tempo, mesmo que o falso testemunho não cause mal nenhum a quem quer que seja.

O testemunho somente pode ser feito quando a pessoa viu com seus próprios olhos e ouviu com seus ouvidos. Temos de ter muito cuidado para falar somente o verdadeiro. Mentira em hebraico tem somente uma perna e verdade "*emet*" tem duas pernas. Devemos nos lembrar de não sermos cruéis com o nosso semelhante.

10º - "*Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher de teu próximo, seu servo, sua serva, seu boi, seu asno e tudo o que seja de teu próximo*". Aquele que não cobiça não incorre em nenhum dos Mandamentos anteriores. Cobiçar é desejar imoderadamente, ou de forma desregrada, desmedida e desenfreada. Ou seja, temos de estar cientes que não devemos nutrir o desejo pela casa do outro, é nem pensar sobre o que outro tem no sentido de desejar retirar do outro. Quando olhamos para dentro de nós mesmos, não precisamos olhar para fora. Eu, você ou quem quer que seja, somos individualidades únicas, não podemos ser o outro, mas o outro também não pode transformar-se na minha própria pessoa. Devo apreciar o que sou e tenho; além de agradecer sempre ao Eterno D'us, pois na realidade tudo que tenho, representa que sou apenas o fiel depositário daquele que é o real proprietário de tudo, que é o Eterno D'us.

Em Torá Bamidbar (Números) 16, pg. 436, é descrita a revolta de Côrah contra a liderança de Moisés. Como comentado na própria página "*os interesses pessoais de Côrah motivaram a rebeldia. Côrah não recebeu o cargo que achava que merecia, pois existia outro com mais méritos (Elitsafan) que ocupou a posição entregue por Moisés. Sempre existirão pessoas que disfarçarão seus objetivos pessoais, com motivação aparentemente altruísta. Essas pessoas no fundo são movidas pela inveja*".

Mas, lembro que segundo os Cabalistas, foi o roubo que disparou o decreto celestial referente ao Dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra. Dentro do roubo temos a idolatria (quem rouba não confia no Eterno D'us), o prazer ao roubar se assemelha a relações conjugais proibidas e quem rouba mata. Assim, como lembra Rashi a cerca de 1000 anos, a consequência destas atitudes é uma sociedade corrupta e **"*uma sociedade corrupta, não sobrevive*"**

Mishlê (Provérbios) 6:16-24, pg. 1891: "*[16] Há seis coisas odiadas pelo Eterno e a sétima é uma abominação para alma: [17] olhos arrogantes, uma língua mentirosa e mãos que derramam sangue inocente; [18] um coração cujos pensamentos se voltam para a violência; pés que se apressam a correr para o que é maléfico; [19] aquele que mente apresentando testemunho falso e incita desavença entre irmãos. [20] Guarda os mandamentos de teu pai, meu filho, e não te esqueças das instruções de sua mãe. [21] Prende-os a teu coração, ata-os a teu colo. [22] Quando estiveres no caminho, te conduzirão; quando te deitares para repousar, te guardarão; e quando acordardes, dialogarão contigo. [23] Por que um mandamento é uma lâmpada, a Torá a luz, e as repreensões disciplinares são um caminho para a vida, [24] para te guardar de uma mulher iníqua e do aspecto macio de uma língua estranha*"}. Livro Cartas Para o Mestre.

7. (Yitrô) - Shemot - 20:15-23 – "*Depois da entrega dos Dez Mandamentos, D'us ordenou a Moshê que subisse ao Monte Sinai para permanecer ali por quarenta dias e aprender o restante da Torá. Algumas das leis que D'us lhe ensinou tratavam da construção de um altar para os sacrifícios. Uma dessas leis estipula que se deve subir ao altar por meio de uma rampa e não através de degraus.*

Os sacerdotes vestiam calças por baixo de suas túnicas, de modo que seus corpos não ficariam expostos ao altar mesmo se subissem nele através de uma escada com degraus. Ainda assim, como subir as escadas dá a impressão de estar expondo o corpo descoberto, é mais discreto usar uma rampa. Se D'us pede que respeitemos pedras insensíveis (não dando nem mesmo a impressão de desrespeitar tal lugar ao expor nele o corpo parcialmente descoberto), obviamente Ele nos exige que tomemos ainda mais cuidado em respeitar os sentimentos de outros seres humanos, dos nossos próximos.

Ao pedir que se mostre respeito às pedras do altar, Ele nos ensina a proteger a honra das outras pessoas, até mesmo quando elas não estão conscientes de que estão sendo afrontadas, ou até mesmo quando não temos a intenção de ofendê-las.

O último versículo desta parashá resume a mensagem da revelação de D'us no Monte Sinai: D'us se encontra em todas as coisas, até mesmo nas mais mundanas. Nosso relacionamento com as outras pessoas é parte de nosso relacionamento com D'us. E, num sentido positivo, amar as outras pessoas é amar o nosso Criador".

"*Você não subirá ao Meu Altar por degraus para que sua nudez não seja exposta nele*" - Êxodo 20:26. Lembrando que a nudez pode ser vista como uma representação da pureza, da vulnerabilidade e da verdade essencial do Ser Humano (seja ela boa ou não tão boa). Uma pessoa nua simboliza a conexão da sua essência espiritual com a natureza (Elohim) livre de máscaras e artifícios.

Por outro lado, ver a nudez de alguém sem permissão, representa uma invasão inapropriada na intimidade mais profunda de alguém. Lendo Bereshit 09:21, vê-se que Noé embriagou-se com o vinho que havia produzido e ficou nu dentro de sua tenda. Em seguida seu filho Han conheceu a nudez de seu pai e contou a seus irmãos. Ou seja, Han, dentre outras ações, ridicularizou a nudez de seu pai, ou a sua intimidade. Han expos os defeitos morais daquela pessoa. Levantou poeira de maledicência.

Em Tanya 7 Iguéret HaCodesh Carta 22, pg. 489, encontramos que "*falar do outro é tão grave quanto a idolatria, o incesto e o derramamento de sangue (Tehilim 68:03) e se é assim com a fala, então, certamente, pensar mal do outro é ainda pior, pois todo aquele que é sábio de coração já está consciente de que o pensamento tem maior impacto sobre alma do que a fala, seja para o bem ou para o melhor. Isto realmente significa "seja para o bem ou para o mal". Aqui, no entanto o Alter Rebe usa um eufemismo tradicional (para melhor), que pode ser entendido para significar "para aquilo que necessita se tornar melhor". O pensamento é uma roupagem da alma que está mais intimamente envolvida com a alma do que a fala. Por esse motivo, (a) bons pensamentos deixam uma impressão mais profunda sobre a pessoa do que a fala boa, e reciprocamente maus pensamentos deixam uma impressão mais profunda do que a fala má; (b) o pensamento é uma constante, assim como a alma em si é uma constante, enquanto, com respeito a fala: 'Há um tempo para manter silêncio e um tempo para falar' (Cohêlet 03:07)*".

Se alguém (por exemplo um Pedreiro) estiver se desnudando inadvertidamente diante de você e lhe causar uma contrariedade; lembre-se de praticar nesta ocasião, o seguinte: *"Ame a seu irmão nos momentos que você pensar que ele menos mereça o seu amor por ele. Pois é neste momento que ele mais precisa que você o ame*". (Rabino Gourarie) Pense nisto!!!"

07 -Parashat Mishpatim - Ordenanças - Leis

Sinopse

"*D'us iniciou suas explicações sobre as leis dizendo ao povo israelita que deveria estabelecer um sistema de tribunais para julgar todos os casos criminais, civis e relativos à lei ritual. A seguir, D'us explicou as leis referentes à servidão, as obrigações maritais, o assassinato, a honra aos pais, o sequestro e a compensação por danos.* Internamente, o Pedreiro pode olhar para o exemplo de Isaac, nascido de uma mulher livre e inserido desde o início na aliança, isto simboliza essa liberdade essencial, que é viver alinhado ao propósito Divino. Portanto, um homem livre é aquele que não é idólatra, ou seja, não é escravo de poderes, nem de prazeres e muito menos de si mesmo. O verdadeiro Pedreiro, portanto, esculpe a vida, pois derruba os mármores do vício e ergue, com esforço contínuo, Templos à virtude. *D'us também ensinou a Moshê as leis relativas aos danos causados por animais ou pela propriedade de uma pessoa, incluindo o caso de um poço que alguém tenha cavado em um espaço público. A mesma lei que se aplica a um poço (ou seja, um perigo que está oculto) também se aplica a uma barreira levantada ou outro obstáculo (ou seja, um perigo evidente, saliente).* Para o Pedreiro, isso significa dizer "*não*" a prazeres vazios e "*sim*" a uma alegria com direção; transformar a família, o trabalho e os talentos em parceria com o bem; além de alinhar gratidão e serviço. Quando receber e dar (compartilhar) se harmonizam, a pessoa deixa de ser risco e torna-se bênção, sincronizando escolhas diárias com um projeto maior e erguendo, por dentro, um Templo vivo de responsabilidade, sentido e fidelidade. *A seguir, D'us nos ensina as leis que regem os seguintes casos: roubo; responsabilidades de mutuários, guardiães e inquilinos; proibições de sedução; bruxaria; bestialidade; idolatria e opressão; e empréstimos. Os mandamentos de emprestar dinheiro se aplicam inclusive quando quem pede emprestado possui bens que, em teoria, poderia vender. Portanto, o mandamento de emprestar dinheiro, diferentemente daquele que se refere à caridade, é beneficiar não apenas o pobre, mas também o rico*. Desta forma, o dinheiro é recolocado em seu lugar correto. Isto ocorre quando a armadura do ego é quebrada, a pessoa aprende a usar o poder (dinheiro) como serviço e não como dominação. Assim, percebemos que a verdadeira fortaleza espiritual nasce quando a riqueza e a influência são integradas à justiça, convertendo meios materiais em instrumentos de cuidado, retidão e construção do bem comum. *Aqui D'us nos ensina as leis que regem o respeito à autoridade, as doações feitas à tribo de Levi, a verdade na administração da justiça e o comportamento em relação aos inimigos. Ajudar o corpo, ajudar a alma - Quando você vir o burro de teu inimigo arriar por causa do peso de sua carga..., você deve ajudá-lo.* A Torá traduz a santidade em ética concreta, regulando autoridade, justiça, verdade e até a atitude diante do inimigo (situação adversa). Entretanto, a leitura do Rebe revela que o mandamento de ajudar o animal (burro) do inimigo, de fato simboliza a vida interior de uma pessoa. O corpo é comparado ao animal de carga e tende naturalmente ao conforto e pode "*arriar*" quando percebe a Torá como peso. Nesse estágio, o corpo torna-se o "*inimigo*" da alma. A Torá, porém, propõe a integração do corpo. Ajudar o corpo significa fortalecê-lo e educá-lo para reconhecer que os mandamentos visam seu próprio bem. *Aqui D'us nos ensina as leis que regem o ano sabático, o ciclo anual das festividades e a mistura de leite e carne. Cozinhar uma cria animal, um filhote, no leite de sua mãe é um ato de extrema crueldade. A Torá nos proíbe não somente de cozinhar uma cria no leite de sua mãe, mas também de cozinhar qualquer animal no leite de outro, comer sua mistura, e até mesmo obter qualquer outro benefício dessa mistura.* É possível perceber que a Shemitá (ano Sabático) nos leva ao não explorar o mundo indefinidamente. As Primícias (Bikurim) nos lembram que podemos obter abundância, mas antes de nos apropriarmos da abundância temos de consagrá-la ao Eterno. E finalmente, a lição que engloba as duas primeiras vem com a questão de não cozinhar o cabrito no leite, isto para não perverter a própria fonte da vida. Parar quando é preciso, devolver o primeiro ao Sagrado e jamais usar a vida contra a própria vida. *Aqui D'us nos ensina as leis referentes à conquista da Terra de Israel e à erradicação da idolatria. Quando criou o mundo, D'us estabeleceu as leis da natureza; algumas vezes, Ele atua dentro delas, e em outras ocasiões, as supera. Os dois nomes de D'us empregados neste versículo referem-se às duas maneiras como Ele se relaciona com as leis da natureza. O primeiro nome (ה') se refere a Ele quando supera as limitações da natureza; o segundo (אלקים) quando*

atua dentro destas leis. Porém penso ser também importante visitarmos o texto de Maimônides (Rambam) onde ele define D'us, principalmente, por aquilo que Ele não é. Maimônides nos apresenta que qualquer atributo positivo limitaria o Infinito. Portanto, para o crescimento interior de um Pedreiro é mais interessante refletir sobre o que D'us não é, pois assim podemos entender melhor nosso propósito de vida que é servir, em vez de buscar ser servido. *Após contar como D'us ensinou a Moshê as leis da Torá no Monte Sinai, a narrativa regressa ao relato sobre a Entrega da Torá. Agora se centra no pacto forjado por D'us entre Ele e o povo israelita com a Entrega da Torá. O dia anterior a esse acontecimento, Moshê informou ao povo que receber a Torá implicaria tanto o seu estudo quanto o cumprimento dos mandamentos de D'us. Compromisso incondicional – [O povo] respondeu: "Faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse". Ao dizer 'faremos' antes de 'aprenderemos', o povo israelita declarou que estava preparado para cumprir a vontade de D'us de modo incondicional, e que aceitava os mandamentos até mesmo antes de saber do que se tratavam*. Mesmo quando um Pedreiro está se comportando de maneira apropriada, quando todos os seus desejos e energias estão focados na Divindade e nos assuntos de santidade (como aconteceu com Avraham, mesmo antes de ter sido ordenado a deixar Charan), o caminho para ele se unir a D'us envolve "*sair*", transcender sua própria identidade, renunciando à sua própria vontade, emoções e intelecto mesmo quando essa identidade é caracterizada pela santidade, ou seja, envolve antes o fazer.

1.(Mishpatim) - Shemot – 21:01-19 – "*D'us iniciou suas explicações sobre as leis dizendo ao povo israelita que deveria estabelecer um sistema de tribunais para julgar todos os casos criminais, civis e relativos à lei ritual. A seguir, D'us explicou as leis referentes à servidão, as obrigações maritais, o assassinato, a honra aos pais, o sequestro e a compensação por danos.*

Sempre que ficamos doentes, D'us exige que procuremos a ajuda de um médico qualificado e que sigamos as suas orientações. Em consonância com isso, D'us deu poderes aos médicos para curar os doentes. Mas, enquanto os médicos são apenas incentivados a curar todo aquele que está enfermo, estão obrigados a tentar salvar aquele cuja vida está ameaçada.

E assim como existem doenças do corpo que ameaçam a vida, o mesmo ocorre com as 'enfermidades' espirituais. No sentido espiritual, uma pessoa se encontra em 'perigo mortal' quando sua condição começa a afetar sua habilidade ou desejo de cumprir os mandamentos da Torá, uma vez que é somente através do seu cumprimento que a nossa vitalidade espiritual flui para dentro de nós.

As regras que se aplicam ao médico físico também servem para o 'médico' espiritual, ou seja, a qualquer pessoa capaz de ajudar alguém espiritualmente 'doente'. Ver alguém sofrer de uma 'doença' espiritual menor nos incentiva a oferecer-lhe assistência desta natureza. Mas, quando alguém se encontra em 'perigo mortal' no plano espiritual - quando está em risco de não cumprir com os mandamentos de D'us estamos obrigados a oferecer-lhe assistência, sem permitir que nenhuma outra consideração interfira neste caminho".

É importante ressaltar que, no conjunto da Parashat Mishpatim existem leis que hoje não são mais aplicáveis, como lei da escravidão, do ano sabático (Shemitá), o jubileu, os sacrifícios (Corbanot) etc., por vários motivos. Um deles é a destruição do Templo de Jerusalém.

Especialmente com respeito a escravidão, aqui estamos no fundo tratando da escravidão da pessoa aos seus desejos. Se você fizer o que quer, você não é livre, pois é escravo do desejo. "*Você só é livre quando faz o que não quer*" é uma frase do filósofo alemão Immanuel Kant, um dos principais pensadores do Iluminismo. Kant defende que a liberdade está em ser dono de si mesmo e não escravo dos desejos, vícios ou qualquer outra influência externa. Para ele, a liberdade verdadeira só pode ser trazida pela autonomia, pela inteligência, pelo uso correto da vontade. Kant também defende que ser livre não é fazer o que se quer e bem se entende, mas fazer o que se deve, agir pelo dever. Ele vê a principal causa da insuficiência de todos os sistemas éticos antigos e modernos nessa falha da concepção de liberdade.

Ou seja, este conceito acima apresentado nos remete a doença espiritual. Uma doença espiritual é um desequilíbrio entre o corpo e espírito de uma pessoa. Quem é escravo de seus desejos, pode provocar doenças que se manifestam, por exemplo, como problemas físicos, emocionais ou mentais. Por isso, o verdadeiro Pedreiro faz aquilo que é certo. Vencer minhas paixões e submeter a minha vontade, eis a questão!

O que é um Homem Livre? Um homem é livre quando é nascido de uma mulher livre. Foi comunicado ao Patriarca Abraão que ele teria um filho e que seu nome seria Isaac. Abraão, um homem livre, era da idade de 100 anos quando seu filho nasceu com sua primeira esposa chamada Sara. Embora fosse o segundo filho de Abraão, foi o primeiro e único filho de Sara. Pertencendo à casa de Abraão, Isaac foi circuncidado no oitavo dia de seu nascimento, a fim de estar em conformidade com a aliança do Senhor.

No dia em que Isaac foi desmamado, Sara viu Ismael zombando e pediu ao marido que banisse Agar e Ismael para que Isaac fosse seu único herdeiro. Abraão hesitou, mas ouviu o pedido de sua esposa. Devemos nos lembrar que Sara tinha dons proféticos e profetizou o que ocorreria com os descendentes de Ismael. Ismael era filho de Abraão, um homem livre, mas sua mãe, Hagar, era uma escrava. Portanto, Ismael não era de fato um homem livre.

Mas, quem é de fato livre? É aquele que não é idólatra. É idólatra aquele que usa a religião para os seus próprios fins de poder e domínio. É idólatra aquele que tem vícios como de cigarro, bebida, sexo, dinheiro etc. O Pedreiro derruba os mármores do vício e ergue Templos a virtude. Não pode ser virtuoso àquele que está escravo de um vício.

Todos temos os nossos defeitos e, muito provavelmente vícios. Em alguns é visível. Em outros está escondido e não é percebido tão abertamente. Mas, o vício é no fundo o faraó do qual precisamos nos libertar. Não é fácil nos libertarmos de nosso faraó e nos tornarmos verdadeiramente livres.

No fundo se olharmos para o conjunto da Parashat Mishpatim encontramos que a revelação espiritual elevada que ocorreu no Sinai, leva ao passo seguinte que é a atribuição de leis que tem a finalidade de regular a vida concreta. Isto ocorre porque a Torá entende que a verdadeira liberdade só existe quando há ordem moral, responsabilidade e autocontrole.

A leitura do Rebe amplia esse ponto ao comparar as leis civis e penais à prática médica. Assim como o corpo precisa de cura para preservar a vida física, a alma precisa de intervenção quando sua vitalidade espiritual está ameaçada. A maior enfermidade é o estado em que a pessoa perde a capacidade de cumprir sua missão. Nesses casos, a Torá não permite neutralidade. Ajudar o outro a recuperar a sua saúde espiritual é uma obrigação. Isso revela que a Parashat Mishpatim trata mais especificamente da preservação da vida interior de uma pessoa.

A leitura simbólica sobre a escravidão nos mostra que, na essência, é livre quem governa seus desejos e não é livre quem faz tudo o que deseja. A escravidão descrita na Torá espelha a escravidão interior ao ego, aos vícios e às paixões desordenadas, que corroem corpo, mente e espírito. Nesse sentido, o "*faraó*" contemporâneo é interno e a libertação exige disciplina, consciência e submissão da vontade ao bem.

Internamente, o Pedreiro pode olhar para o exemplo de Isaac, nascido de uma mulher livre e inserido desde o início na aliança, isto simboliza essa liberdade essencial, que é viver alinhado ao propósito Divino. Portanto, um homem livre é aquele que não é idólatra, ou seja, não é escravo de poderes, nem de prazeres e muito menos de si mesmo. O verdadeiro Pedreiro, portanto, esculpe a vida, pois derruba os mármores do vício e ergue, com esforço contínuo, Templos à virtude.

2.(Mishpatim) - Shemot – 21:10-22:03 – "*D'us também ensinou a Moshê as leis relativas aos danos causados por animais ou pela propriedade de uma pessoa, incluindo o caso de um poço que alguém tenha cavado em um espaço público. A mesma lei que se aplica a um poço (ou seja, um perigo que*

está oculto) também se aplica a uma barreira levantada ou outro obstáculo (ou seja, um perigo evidente, saliente).

No sentido espiritual, um poço representa a nossa capacidade de receber, enquanto um obstáculo saliente, a nossa capacidade de dar. Usadas corretamente, tais habilidades podem ser benéficas; mas, sem supervisão apropriada, podem ser prejudiciais.

Se damos e recebemos ao acaso, sem prestar atenção em relação àquilo que damos ou recebemos, ou a quanto estamos dando ou recebendo, ou ainda, a quem estamos dando e de quem estamos recebendo, convertemo-nos em um perigo para a sociedade. Mas, se escolhermos aceitar unicamente influências positivas e difundirmos somente positividade ao nosso redor, nos tornaremos uma bênção para todos os que nos rodeiam".

Mas, qual é a verdade do Terceiro Templo? {*Ver a unidade na diversidade da vida. O mundo nos apresenta um cenário com enorme variedade. Vemos que há criação, ordem, crescimento, destruição, moléstias e morte. Sementes dão origem a flores e frutos; os frutos caem das árvores e deterioram-se na terra, transformados e em novas sementes. Uma fantástica ordem e complexidade controla o que parece ser resultado do acaso.*

O engano não poderia ser maior. Vemos o homem deixado à deriva, como que descuidado. Vemos um povo entre todos os outros ao qual foi dado o dom único da profecia. Vemos guerra e paz, abundância e escassez, vida e morte prescritas aos povos – nações que se ergueram no palco da história apenas para definharem e sucumbirem mais tarde – e vemos uma nação que, apesar do sofrimento, parece ter sido tocada pelo cetro da eternidade. Nossas vidas individuais também são repletas de acontecimentos. Vemos nascimento e morte, saúde e enfermidade, força e fraqueza, dor e júbilo. Experimentamos nossa própria dualidade: corpo e mente, bem e mal, dar e tomar.

A vida é unificada. Nossa lição mais vital é reconhecer que o D'us uno é o nosso D'us. Assim como todo o universo é governado por uma só força e empenha-se em ascender em direção ao Ser Uno, temos que sentir nossas próprias vidas, com todos os seus altos e baixos, alimentando-se de uma mesma Fonte e fluindo em direção a um único objetivo. O D'us uno demanda total comprometimento. "Sou Uno, portanto somente um amor deve dominar tua vida."

Você gosta da vida? *Ótimo! Mas diga não a diversões vazias e prazeres transitórios, porque a vida nos oferece oportunidades infinitamente mais elevadas: a chance de doarmos, de realizarmos e de sermos uma bênção. Isto é amar a D'us com todo o nosso ser.*

Você ama seu cônjuge, seus filhos, a família e os amigos? *Maravilhoso! Mas, que o seu amor não seja um amor vazio. Faça deles seus parceiros num empreendimento maior – a construção de um templo vivo para D'us através do cumprimento de Suas Mitzvot (preceitos). Isto é amar a D'us de todo coração.*

Você aprecia seu trabalho, está feliz com o que tem alcançado? *Excelente! Isto deve te levar a mostrar sua gratidão à verdadeira Fonte deste sucesso, o D'us que lhe dotou com força e talento e faz com que você seja capaz de direcioná-los para Seus bondosos propósitos. Reconhecer o D'us uno nos permite sincronizar todas as áreas de nossa vida e tornar tudo o que realizamos parte de um grande plano, uma grande e frutífera aventura*}. Texto extraído do livro Judaísmo Para o Século 21, do Rabino Aryeh Carmell, Editora Sefer.

Se olharmos para os versículos apresentados em Shemot 21:10–22:03, percebe-se que a justiça Divina exige responsabilidade concreta sobre aquilo que damos e recebemos e não se limita a intenções elevadas. O Rebe transforma as leis de danos, por exemplo sobre poços ocultos e obstáculos visíveis, em um espelho da vida interior. O poço simboliza a capacidade de receber influências, afetos e/ou desejos. O obstáculo simboliza a capacidade de dar, seja na forma de palavras, ações e/ou liderança. Ambas são forças necessárias. Porém sem supervisão, tornam-se perigosas. No interior do Pedreiro,

isso se traduz em vigilância ética contínua. Receber sem critério ou dar sem medida pode ferir a si e aos outros. A maturidade espiritual consiste em discernir o que entra e o que sai, quanto, quando e para quem, convertendo potencial de dano em benefício social e espiritual.

O Rabino Aryeh torna essa ética mais clara ao afirmar a existência da unidade na diversidade. Corpo e mente, dar e tomar, sucesso e limite fluem de uma única Fonte e caminham para um único propósito. No plano interior, o Terceiro Templo, muito além de ser uma construção futura, é a integração viva das áreas da vida sob um amor unificador. Amar a D'us com todo o Ser, o coração e os meios.

Para o Pedreiro, isso significa dizer "*não*" a prazeres vazios e "*sim*" a uma alegria com direção; transformar a família, o trabalho e os talentos em parceria com o bem; além de alinhar gratidão e serviço. Quando receber e dar (compartilhar) se harmonizam, a pessoa deixa de ser risco e torna-se bênção, sincronizando escolhas diárias com um projeto maior e erguendo, por dentro, um Templo vivo de responsabilidade, sentido e fidelidade. *"Se escolhermos aceitar unicamente influências positivas e difundirmos somente positividade ao nosso redor, nos tornaremos uma bênção para todos os que nos rodeiam*". Penso que este é o Terceiro Templo, que não será construído de pedra e argamassa, mas será o Templo da Verdade.

3.(Mishpatim) - Shemot - 22:04-26 – "*A seguir, D'us nos ensina as leis que regem os seguintes casos: roubo; responsabilidades de mutuários, guardiães e inquilinos; proibições de sedução; bruxaria; bestialidade; idolatria e opressão; e empréstimos. Os mandamentos de emprestar dinheiro se aplicam inclusive quando quem pede emprestado possui bens que, em teoria, poderia vender. Portanto, o mandamento de emprestar dinheiro, diferentemente daquele que se refere à caridade, é beneficiar não apenas o pobre, mas também o rico.*

Se em alguns casos nos sentimos relutantes em emprestar dinheiro para alguém que não é pobre, devemos considerar a possibilidade de que, em alguma vida passada, os papéis vividos agora estivessem invertidos: podemos ter-nos beneficiado de um empréstimo ou outra forma de ajuda dada pela pessoa que agora nos está pedindo um empréstimo. Esta é a nossa oportunidade de compensar a sua boa ação".

Um dos principais pontos nesta parte é que nos é apresentado as leis que regem os valores monetários. Evidentemente, surge a questão: **Para que serve o dinheiro e/ou o poder?** "*Bem-aventurados todos os que cumprem Sua lei e agem com justiça [caridade] em todos os momentos*". (Tanakh Tehilim – Salmos 106: 03, pg. 1827). Lembrando que a palavra Tzedaka tanto tem o significado de "*caridade*" como tem também àquele apresentado pelo Tanya que é "*retidão*" (justiça). "*E Ele vestiu-Se de justiça (Tzedaka) como uma armadura e um elmo de salvação sobre Sua Cabeça*" (Tanakh Yeshayahu – Isaías - 59:17, pg. 1097).

"*Nossos Sábios de abençoada memória, comentaram: Assim, como em uma armadura (formada de vários pedaços de metal em forma de escamas sobrepostas) todas as escamas individuais se somam para formar uma grande armadura, assim é com a caridade; todas as moedas individuais (dadas à caridade) se somam formando uma grande quantidade. Todas as escamas se somam para formar uma armadura e impedir que as flexas adentrem. Todas as moedas individuais dadas a caridade somam uma grande quantidade e cobrem lacunas. O significado disto é que a caridade é maior que todos os outros mandamentos*". Tanya Iguéret HaCôdesh Carta três, pg. 39.

Antes de adentramos ao Templo na cerimônia de Recebimento do Pedreiro, são nos retirados, simbolicamente, todos os metais (sinônimo para dinheiro). Entretanto, o real motivo da retirada dos metais é que no Templo de Salomão nenhum metal pode ser utilizado dentro do Templo. De metal somente os instrumentos que seriam usados para o abate do animal que seria sacrificado.

Além disso, a remoção dos metais representa, de forma simbólica, uma etapa do processo em que o indivíduo seja colocado em um estado intermediário entre o despido (sem poder) e o vestido (com

poder), fazendo com que o Pedreiro consiga superar barreiras e reveja (reanalise) suas estruturas internas de poder.

O Rebe mostra que as leis sobre dinheiro, empréstimos e responsabilidades tratam da formação do caráter e não apenas de economia. Emprestar, inclusive a quem não é pobre, educa o coração para a retidão (Tzedaka), entendida no Judaísmo como justiça ativa. O empréstimo preserva a dignidade do outro e reconhece que riqueza e poder são meios, não fins.

O Chassidismo considera que a inversão de papéis (em outras circunstâncias ou vidas) amplia a responsabilidade ética. Ajudar é a restauração de equilíbrio. De forma nenhuma deve ser encarado como um favor. Internamente, o Pedreiro é levado a revisar sua relação com a posse, controle e o poder, usando estes recursos para sustentar o outro sem humilhar. Aplicando-o especialmente para fortalecer vínculos de confiança a fim de manter a sociedade íntegra (Organização dos Pedreiros).

A tradição citada no Tanya compara a Tzedaka a uma armadura formada por muitas peças. Cada ato, ainda que pequeno, soma-se para proteger a pessoa e a comunidade. O simbolismo ritual de retirar "*metais*" ao adentrar o Templo aponta para a mesma direção interior. Ou seja, desarmar-se do poder para revelar quem se é sem as couraças, mostrando assim as suas qualidades e virtudes, mas também seus limites e vícios.

Desta forma, o dinheiro é recolocado em seu lugar correto. Isto ocorre quando a armadura do ego é quebrada, a pessoa aprende a usar o poder (dinheiro) como serviço e não como dominação. Assim, percebemos que a verdadeira fortaleza espiritual nasce quando a riqueza e a influência são integradas à justiça, convertendo meios materiais em instrumentos de cuidado, retidão e construção do bem comum.

O não humilhar nos leva ao que foi estabelecido por Maimônides sobre os oito níveis de Tzedaka (caridade - justiça), a saber: **1º** Doar a contragosto. **2º** Doar menos do que deveria, mas dar com alegria. **3º** Doar depois de ser solicitado. **4º** Doar antes de ser solicitado. **5º** Doar quando você não conhece a identidade do destinatário, mas o destinatário conhece sua identidade. **6º** Doar quando você conhece a identidade do destinatário, mas o destinatário não conhece a sua identidade. **7º** Doar quando nenhuma das partes conhece a identidade da outra e **8º** Permitir que o destinatário se torne autossuficiente. https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1794972/jewish/Os-Oito-Nveis-de-Caridade.htm

4.(Mishpatim) - Shemot - 22:27-23:05 – "*Aqui D'us nos ensina as leis que regem o respeito à autoridade, as doações feitas à tribo de Levi, a verdade na administração da justiça e o comportamento em relação aos inimigos. Ajudar o corpo, ajudar a alma - Quando você vir o burro de teu inimigo arriar por causa do peso de sua carga..., você deve ajudá-lo.*

D'us nos deu a Torá e seus mandamentos tanto para o benefício de nossos corpos como de nossas almas. No entanto, uma vez que nosso corpo (nosso "burro", nosso "animal de carga") naturalmente procura a sua própria comodidade, ele fica propenso a considerar como uma "carga" o estudo da Torá de D'us e o cumprimento de Seus mandamentos. É possível que se revolte ("arrie") e se posicione como o "inimigo" da alma. Portanto, como para muitos de nós a voz do corpo fala mais alto do que a voz da alma, é possível que, em um primeiro momento, consideremos a Torá como uma carga opressiva. Contudo, isto somente significa que ainda não integramos a Torá em nossas vidas. O Rabi Israel Baal Shem Tov, fundador do Chassidismo, ensinava que não devemos menosprezar o corpo por causa dessas atitudes naturais. Devemos trabalhar com o corpo fortalecendo a sua saúde, enquanto o "educamos" para que reconheça que as orientações da Torá visam o seu próprio benefício. Assim que compreendermos que a Torá de D'us e Seus mandamentos são a verdadeira fonte da vida, nosso corpo passará a vê-los como um presente e se unirá com entusiasmo à nossa alma para cumpri-los".

Salmo 118: 19-21: ***19****Os portais da justiça abri para mim; por elas entrarei para louvar ao Eterno*. ***20****Esta é a porta do Eterno, pela qual entrarão os justos*. ***21****Quero adentrar-Te porque me escutaste e Te tornaste minha salvação***. A porta do Eterno - Quem adentrará a está porta?** "*Santos sereis, pois santo sou Eu, o Eterno, vosso D'us*". (Levítico 19:02) "*E vos santificarei e sereis santos, pois, Eu sou o Eterno, vosso D'us. E sereis para Mim Santos*". (Levítico 20:07 – 08 e 20:26) "*E guardareis os Meus estatutos e os Meus juízos, os quais, cumprindo, o homem viverá por eles; Eu sou o Eterno*" (Levítico 18:05).

O homem viverá por eles. A ciência e a virtude não são privilégios de ninguém, seja este pequeno ou grande, rico ou pobre, Pedreiro, israelita ou não, pois o versículo diz: '*o homem viverá por eles*'. No livro de Salmos 118:20 está escrito: "*Está é a porta do Eterno; por ela entrarão os justos*", sem distinção de raça, culto, conhecimento, posição social etc. Aqui apresenta-se a proibição de toda a sorte de imoralidades, iniquidades e impudicícias, a Torá neste ponto teve em mente os crimes praticados no Mitzrayim (מִצְרַיִם).

Portanto, este é um ensinamento vivo, ou seja, para se viver por eles. Segundo Rashi, isto significa "*Afastai de toda espécie de imoralidade e de transgressão*". O Judaísmo não conhece nenhum outro 'santo' além de D'us. Para o Ser Humano somente pode prevalecer a aspiração à santidade, cujo objetivo é livrar suas ações de tudo que é terrestre, material, fútil, mesquinho e profano, uma pretensão a que sentimentos e desejos sejam determinados o máximo possível pela sua consciência Divino. Rashi Shemot 22:27-23:05, pgs 121-122**.**

A Torá traduz a santidade em ética concreta, regulando autoridade, justiça, verdade e até a atitude diante do inimigo (situação adversa). Entretanto, a leitura do Rebe revela que o mandamento de ajudar o animal (burro) do inimigo, de fato simboliza a vida interior de uma pessoa. O corpo é comparado ao animal de carga e tende naturalmente ao conforto e pode "*arriar*" quando percebe a Torá como peso. Nesse estágio, o corpo torna-se o "*inimigo*" da alma. A Torá, porém, propõe a integração do corpo. Ajudar o corpo significa fortalecê-lo e educá-lo para reconhecer que os mandamentos visam seu próprio bem.

Os versículos de Levítico que dizem que "*o homem viverá por eles*" e "*santos sereis*", esclarecem que a santidade humana não tem por objetivo nos tornamos "*santos*" como D'us. Mas, temos de aspirar e praticar, nos afastando da imoralidade, da injustiça e da falsidade, elevando ações, sentimentos e desejos sob a consciência espiritual. Como observa Rashi, trata-se de um ensinamento para ser vivido e é aplicável a todo Ser Humano <u>sem distinção</u>. Assim, compreendemos que entrar pela "*porta do Eterno*" é alinhar corpo e alma, justiça e compaixão, dever e vida; até que o corpo reconheça na Torá a condição para a verdadeira liberdade.

5.(Mishpatim) - Shemot - 23:06-19 – "*Aqui D'us nos ensina as leis que regem o ano sabático, o ciclo anual das festividades e a mistura de leite e carne. Cozinhar uma cria animal, um filhote, no leite de sua mãe é um ato de extrema crueldade. A Torá nos proíbe não somente de cozinhar uma cria no leite de sua mãe, mas também de cozinhar qualquer animal no leite de outro, comer sua mistura, e até mesmo obter qualquer outro benefício dessa mistura.*

Vemos aqui até que extremos chega a Torá ao proibir a crueldade aos animais. As precauções que a Torá toma para nos distanciar de causar sofrimento a um animal nos ensinam o quanto mais devemos ser cuidadosos e nos distanciar de causar sofrimentos e danos ao próximo, a outros seres humanos".

Destaco que o destaques de texto apresentados a seguir, refletem apenas a interpretação pessoal do autor sobre o problema, sendo importante lembrar que existem outras perspectivas possíveis. Além disso, há estudiosos que escolhem não fazer qualquer comentário sobre as Mitzvot Chukim.

"*Existem duas categorias de Mitzvot, as chamadas* ***Mishpatim*** (nome da atual Parashat)*, que são aquelas que podemos compreender a sua lógica com o nosso intelecto, "como não roubar" e*

*"respeitar teu pai e tua mãe". E outras chamadas de **Chukim**, que são as Mitzvot que nosso intelecto não tem alcance para compreender seu motivo, como por exemplo a proibição de ingerir carne com leite.*

*Mas nesta Parashat são trazidas Mitzvot dos dois tipos, Chukim e Mishpatim, no entanto, o nome da Parashat é Mishpatim. **Como podemos explicar isto?** É comum que o Ser Humano tenha uma tendência de querer cumprir as Mitzvot de Mishpatim, pois ele consegue entender o motivo delas.*

Porém, a Torá inclui na Parashat Mishpatim também as Mitzvot da categoria Chukim, para nos ensinar que devemos cumprir essas Mitzvot com o mesmo entusiasmo e capricho que temos ao cumprir as Mitzvot Mishpatim!

Quando um judeu entende a base do cumprimento de TODAS as Mitzvot que é fazer a vontade de HaShem, e que através de cada Mitzvah ele se liga a HaShem, aí então ele vai conseguir cumprir todas as Mitzvot com o mesmo entusiasmo". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 280, 5784, pg. 151.

O que é um ano Sabático (Shemitá)? O sétimo ano sabático é um ano de descanso para a terra e para os homens, animais etc. Inclusive para as dívidas, onde os ricos deveriam cobrir o déficit dos pobres. Torá Levítico 25:04-06. Deuteronômio. 15:01.

Há associação entre mendigos, pobres meio ambiente, caridade e anos sabáticos? "Deuteronômio 15:11 – "*Nunca deixará de haver mendigos no meio da terra, portanto, eu te ordeno, dizendo: Abrirás tua mão para teu irmão, para teu pobre e para teu mendigo na tua terra*".

Nota do Editor Torá pg. 551. "*A Terra pertence a D'us; nós somos uma espécie de inquilinos neste mundo. Nosso semelhante tem tanto direito à vida e ao bem-estar quanto nós. Neste contexto, os bens materiais são apenas um meio para se atingir a felicidade. Se perdermos de vista o fim maior, ou confundirmos o meio com o fim, nós nos tornaremos escravos de nosso apetite econômico e de nosso egoísmo. Desde o capítulo anterior, a Torá nos traz sucessivamente quatro atos compulsórios de entrega, ordenados como etapas, para controlar o sentimento de egoísmo dos filhos de Israel e salvá-los de sua própria cobiça: **1)** o segundo dízimo (Deut. 14:22-27); **2)** o dízimo do pobre (Deut. 14:28) **3)** revogação das dívidas (Deut. 15:1-9) e **4)** a caridade, Tzedaka (Deut. 15:10). Quem cumprir estes mandamentos dominará seu egoísmo natural de forma bastante clara e consciente. Seu coração conseguirá ver as necessidades alheias, e sua personalidade extrapolará os limites estreitos do seu egocentrismo, desenvolvendo nela a generosidade e sensibilidade. Uma sociedade cujos indivíduos se aperfeiçoam continuamente nesta doutrina de entrega é uma sociedade feliz e saldável, que não conhece a pobreza de espírito e na qual jamais alguém causa sofrimento ao próximo*".

Ou seja, também deixará a natureza descansar no ano sabático. Respeitará os animais, as florestas, os peixes, os pássaros etc. O Ser Humano pode usar destes recursos naturais, pois nos foram dados para serem utilizados. Mas, ao mesmo tempo temos de ter respeito até pelo menor dos seres, pois ali também está a presença Divina. Não há nada além Dele.

A Torá colocou estes temas juntos porque eles se encontram em três camadas, que são tempo, produção e uso da vida. O ano sabático (Shemitá) introduz a ideia de que nem tudo pode ser explorado continuamente, mesmo quando é legítimo (tempo). A terra "*descansa*", o pobre come e o proprietário renuncia ao controle. No plano interno do Pedreiro, isso educa a pessoa a interromper a lógica da apropriação constante. É um treinamento contra a ilusão de que o mundo, o tempo e os resultados existem apenas para o nosso uso. Antes de falar do quanto produzimos, a Torá estabelece "*quando parar*".

As **Primícias ou (Bikurim)** são os primeiros frutos da colheita agrícola (produção), especificamente das sete espécies típicas de Israel (trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e tâmaras), trazidos pelos agricultores ao Templo de Jerusalém, como oferta de gratidão e reconhecimento da soberania

Divina. A tradição marcava o início das ofertas da colheita, que era celebrada com alegria, festivais e pronunciamentos específicos, representando um gesto de confiança e dedicação do melhor à D'us.

Mesmo quando a produção é boa e legítima, o primeiro fruto não é "*meu*". Ele é oferecido. Isso ensina que a abundância deve ser consagrada antes de ser desfrutada. Internamente, é a disciplina de oferecer o "*primeiro impulso*", que é representado pelo sucesso, talento, lucro e a inteligência; a um propósito maior, para que o restante (que normalmente é abundante) não se transforme em um processo egoísta. Depois de aprender a parar no tempo (Shemitá), aprende-se a ordenar a posse.

Por fim, a Torá nos mostra a questão do uso da própria força vital (uso da vida). O leite simboliza nutrição que é a fonte e continuidade da vida (Hessed). O cabrito que foi abatido, possuía uma vida em desenvolvimento. Para ser utilizado ele precisou ser abatido (Gueburah). Cozinhar, portanto, um no outro é converter a fonte da vida em instrumento de morte (misturar Hessed e Gueburah).

Aqui, a Torá estabelece limites. Mesmo quando algo é permitido (tomar leite e comer carne), há formas que corrompem o sentido da vida. Para o Pedreiro e olhando para o seu interior, a Torá nos mostra que é proibido usar afeto, inteligência ou espiritualidade, dons que nutrem, para dominar, destruir ou explorar.

Portanto, é possível perceber que a Shemitá (ano Sabático) nos leva ao não explorar o mundo indefinidamente. As Primícias (Bikurim) nos lembram que podemos obter abundância, mas antes de nos apropriarmos da abundância temos de consagrá-la ao Eterno. E finalmente, a lição que engloba as duas primeiras vem com a questão de não cozinhar o cabrito no leite, isto para não perverter a própria fonte da vida. Parar quando é preciso, devolver o primeiro ao Sagrado e jamais usar a vida contra a própria vida.

6.(Mishpatim) - Shemot - 23:20-25 – "*Aqui D'us nos ensina as leis referentes à conquista da Terra de Israel e à erradicação da idolatria. Quando criou o mundo, D'us estabeleceu as leis da natureza; algumas vezes, Ele atua dentro delas, e em outras ocasiões, as supera. Os dois nomes de D'us empregados neste versículo referem-se às duas maneiras como Ele se relaciona com as leis da natureza. O primeiro nome (ה') se refere a Ele quando supera as limitações da natureza; o segundo (אלקים) quando atua dentro destas leis.*

Assim, neste versículo D'us nos diz que devemos nos refinar espiritualmente ('servir') a ponto de o sobrenatural tornar-se natural para nós e passar a ser uma 'segunda natureza'. Quando nos elevamos a este nível de consciência, vemos tudo na vida a partir da perspectiva de D'us e encaramos tudo o que acontece como parte de Sua onipresente Providência".

Penso que ver a vida sob a perspectiva de D'us é algo para poucos. O que podemos fazer é nos instruirmos para podermos nos policiar e assim caminhar na direção de tentar ver a vida sob a perspectiva de D'us. **Portanto, para onde devo olhar para poder me aproximar desta perspectiva?**

"*A Onipotência de D'us expressa-se não somente através de Sua capacidade de produzir a luz e de conceber a vida, como também através de Sua capacidade de ocultar esta mesma luz e vida dos seres que Ele cria*". Tanya Sháar, cp. 4 pg. 1014. Tanya Iguéret HaCôdesh - Carta 11.

Além disto, o **Eterno é Onipresente e Onisciente, porque não existe nada além Dele**. Assim, nós fazemos parte do Eterno embora não o percebamos. Na Carta 11 encontramos que essa é a principal fé para a qual o Ser Humano foi criado, ou seja, para acreditar que não há nenhum lugar desprovido d'Ele, isto é, D'us está em toda a parte e '*na luz do seu semblante do Rei da vida*' (Mishlê 16:15). Quando alguém encontra o Rei face a face sua vida lhe é concedida. Se neste mundo temporal um Ser Humano sentenciado à morte encontrar o rei, sua sentença pode ser comutada e a vida lhe é garantida, pois '*Na luz do semblante do rei há vida*'. O mesmo é verdade no Alto. A onipresença de

D'us, o Rei do mundo, provê vida para todas as coisas. Consequentemente, '*Força e alegria estão em Seu lugar'* Divrei Haiamim Alef 16:27 – Tanakh 1 Crônicas.

"Nada existe além Dele, mais ainda, nada existe fora Dele. Ou seja, em qualquer ser criado não há nada que realmente exista fora de D'us, que é a única verdadeira realidade, que faz todo o resto existir. O ser criado não constitui a verdadeira realidade, visto que ele, para existir, depende totalmente do fluxo contínuo de força vital Divina. Obviamente, sua própria existência consiste naquela força ativadora". Tanya Sháar Cp. 3, pg. 997 a 1003.

Porém penso ser também importante visitarmos o texto de Maimônides (Rambam) onde ele define D'us, principalmente, por aquilo que Ele não é. Maimônides nos apresenta que qualquer atributo positivo limitaria o Infinito. Guia dos Perplexos (The Guide of the Perplexed). Vamos olhar resumidamente para o que D'us não é, segundo Maimônides:

1. D'us não é um corpo (nem possui forma física) - D'us não tem corpo, matéria, forma, tamanho, localização ou movimento físico. Qualquer descrição corporal é metafórica. Guia dos Perplexos, I:1; I:26–27

2. D'us não está sujeito ao tempo - D'us não muda, não envelhece, não passa de um estado a outro. Mudança implica potencialidade e D'us é ato puro. Guia dos Perplexos, I:52

3. D'us não possui atributos positivos – Dizer que D'us é "sábio", "bom" ou "poderoso" como qualidades internas introduz multiplicidade. Só é correto dizer que Ele não é ignorante, não é mau, não é fraco etc. Guia dos Perplexos, I:50–51

4. D'us não é composto - D'us não é formado de partes, qualidades, essência + existência. Ele é absolutamente simples. Guia dos Perplexos, I:51; I:57

5. D'us não é comparável a nada criado - Nenhuma analogia é literal. Toda comparação é educativa. Guia dos Perplexos, I:56

6. D'us não é afetado por emoções humanas - Raiva, alegria, arrependimento e amor que são atribuídos a D'us, de fato são descrições dos efeitos, não de estados internos Divinos. Guia dos Perplexos, I:54

7. D'us não age como os Seres Humanos - D'us não delibera, não hesita, não muda de intenção. A linguagem da Torá é adaptada à compreensão humana. Guia dos Perplexos, I:59

Portanto, para o crescimento interior de um Pedreiro é mais interessante refletir sobre o que D'us não é, pois assim podemos entender melhor nosso propósito de vida que é servir, em vez de buscar ser servido.

7.(Mishpatim) - Shemot - 23:26-24:18 – "*Após contar como D'us ensinou a Moshê as leis da Torá no Monte Sinai, a narrativa regressa ao relato sobre a Entrega da Torá. Agora se centra no pacto forjado por D'us entre Ele e o povo israelita com a Entrega da Torá. O dia anterior a esse acontecimento, Moshê informou ao povo que receber a Torá implicaria tanto o seu estudo quanto o cumprimento dos mandamentos de D'us.*

Compromisso incondicional – [O povo] respondeu: "Faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse". Ao dizer 'faremos' antes de 'aprenderemos', o povo israelita declarou que estava preparado para cumprir a vontade de D'us de modo incondicional, e que aceitava os mandamentos até mesmo antes de saber do que se tratavam. Baseando-se neste compromisso incondicional, ainda hoje D'us continua "entregando-nos a Torá, ou seja, nos revelando a Si mesmo e revelando-nos a Sua vontade à medida que estudamos a Torá e cumprimos Seus mandamentos.

O bom senso e a lógica consideram irracional comprometer-se a um contrato sem conhecer quais são os seus termos. Sem dúvida, podemos nos ligar a D'us de forma limitada na medida em que Ele

se revela dentro da Criação, sem nos comprometer antecipadamente a fazer tudo o que Ele quer. Porém, a única maneira de realmente nos conectarmos com o próprio D'us - quer dizer, tal como Ele é, muito acima e além dos limites da Criação e da racionalidade - é quando nos elevamos acima e além dos limites da racionalidade. Por isso, do mesmo modo que quando foi entregue a Torá, ainda hoje o caminho para nos conectarmos totalmente com D'us é nos dedicarmos à Sua Torá de forma incondicional".

O "*Faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse*", **pode ter raízes mais antigas?** Sim. Tem raízes mais antigas que o próprio evento de entrega da Torá. Em Likutei Sichot, pg. 156 podemos encontrar que quando o Eterno fala de Adam, Ele diz que Adam foi criado a imagem e semelhança com o Criador e foi colocado no jardim do Eden (Bereshit 02:07-08). De Noach, Ele é descrito como um homem justo (Bereshit 06:08-09). Somente mais tarde a Torá faz menção as ordens que D'us deu a cada um deles.

No caso de Avraham é o contrário. Primeiro ele dá uma ordem, depois fala das qualidades de Avraham. Ou seja, no caso de Avraham, a Torá escrita relata que o vínculo fundamental de Avraham com D'us começou com a ordem "*Saia*", não somente para nos ensinar a acerca da natureza de um israelita e como ele deve cumprir as Mitzvot, mas para também fornecer orientação prática para todos os israelitas no estabelecimento de uma base e um ponto de partida para se aproximar de D'us (Likutei Sichot, pg. 157). Ou seja, primeiro devemos fazer, produzir e realizar.

Isto constitui, além do início da relação com o povo israelita com D'us, em um sentido cronológico; que é a base fundamental de seu serviço a Ele. **Como o israelita se une e se torna um com D'us?** Através da execução e obediência aos seus mandamentos. Likutei Sichot, pg. 158. "*Nós faremos e ouviremos*" (Shemot 24:07), foi o que o povo falou ao receber a Torá no Monte Sinai. Com base nisso, pode-se entender por que o conceito acima mostra que o verdadeiro vínculo entre um israelita e D'us é alcançado por meio do cumprimento de Seus mandamentos, ou seja, foi expresso por meio do comando de D'us: "*Saia de sua terra, seu local de nascimento e a casa de seu pai".*

É interpretado o "*Sai de sua terra*" como a se referir à necessidade de transcender à vontade, já que em Hebraico as palavras Ratson (רצון) "*vontade*" e Érets (ארץ) "*terra*" têm as mesmas letras-raiz. "*Seu local de nascimento*" refere- se às tendências inatas e traços emocionais. "*A casa de seu pai*" refere-se à capacidade intelectual, pois av, "*pai*", refere-se à Hokhmah, "*sabedoria*".

Mesmo quando um Pedreiro está se comportando de maneira apropriada, quando todos os seus desejos e energias estão focados na Divindade e nos assuntos de santidade (como aconteceu com Avraham, mesmo antes de ter sido ordenado a deixar Charan), o caminho para ele se unir a D'us envolve "*sair*", transcender sua própria identidade, renunciando à sua própria vontade, emoções e intelecto mesmo quando essa identidade é caracterizada pela santidade, ou seja, envolve antes **o fazer**.

08- Parashat Terumá - Oferenda - Tabernáculo

Sinopse

D'*us começou Suas instruções relativas ao Mishcan (Tabernáculo) detalhando os materiais necessários para sua construção e definindo também seu propósito. D'us não vai habitar 'nele', e sim, 'no meio deles': D'us nos ordenou construir um santuário para poder morar entre nós. Há três tipos de santuários incluídos neste mandamento: 1) o Mishcan físico que os filhos de Israel construíram no deserto; 2) o santuário interior e pessoal que cada um deve edificar em sua própria vida e no seu espaço de influência social (família, amigos etc.); e, por último, 3) o mundo em geral que devemos transformar numa moradia para D'us*. Ou seja, para tornar Feliz a Humanidade, precisamos tornar feliz a nós mesmos. Estudar os textos Sagrados. Construir o Templo Interno do próprio Pedreiro. Tornar o nosso lar um Templo, o nosso trabalho, aquilo que comemos, utilizamos etc., deve ser voltado ao Criador. Lembre-se, não existe Nada que não seja o Eterno. Essa é a regra, ou seja, se desejamos tornar feliz a Humanidade, ou transformar a Humanidade em uma morada para o Criador, é desta forma que temos proceder. *O primeiro elemento do Mishcan que D'us ordenou aos filhos de Israel construir foi a Arca da Aliança, uma caixa de madeira aberta recoberta de ouro onde se guardavam as Tábuas da Aliança, sobre as quais D'us havia gravado os Dez Mandamentos. Esta arca estava fechada por uma cobertura de ouro (capóret), sobre a qual havia duas figuras angelicais aladas com rostos de crianças, conhecidas como querubins.* Assim, percebemos que, embora nossas emoções e desejos sejam instáveis e frequentemente contraditórios, nossa essência nunca se corrompe. A Torá, colocada no interior da Arca e protegida pelos querubins infantis as Tábuas da Aliança, o que indica que a conexão com D'us é intrínseca, inquebrantável e transmitida por meio da educação, da simplicidade e da fidelidade prática. Assim, o verdadeiro Templo é construído quando alinhamos nosso comportamento externo com a pureza da nossa essência interior, mesmo em meio às lutas emocionais do cotidiano. É nesse alinhamento entre essência pura (ouro puro), esforço interior (madeira) e ação correta (ouro puro), que reside o segredo da Teshuvá, da continuidade da Torá e da presença Divina dentro de cada um de nós. *D'us ordenou ao povo fazer uma vistosa Menorá (candelabro) de ouro, toda ornamentada, de sete braços. Os sábios dizem que Moshê não compreendia todas as instruções que D'us estava-lhe dando sobre como fazer a Menorá; então, D'us lhe mostrou a imagem de uma Menorá de fogo. Porém, como ainda assim isto era muito complicado para o entendimento de Moshê, D'us disse-lhe que simplesmente atirasse o ouro no fogo, e a Menorá milagrosamente surgiu no seu formato adequado.* O simbolismo do número sete, presente na Menorá, no Shabat, nas festividades e nas emoções da Árvore da Vida, indica que o espírito é a energia vital que anima a matéria e lhe dá direção. Assim como o centro da Estrela de David sustenta suas seis extremidades, o sétimo elemento, ou seja, o espiritual, nutre e ilumina todas as dimensões da existência. A Menorá, portanto, ensina que quando o coração humano (ou do Pedreiro) se torna um receptáculo dessa luz, o mundo deixa de ser um espaço de separação e passa a ser um campo de revelação, no qual a energia interior do espírito pode aquecer, alegrar e elevar toda a realidade. *Em seguida D'us instruiu os israelitas como construir as paredes do Mishcan que deviam ser de vigas verticais de madeira de acácia. A palavra hebraica para 'acácia' (shitá) também significa 'curvar-se'. A árvore de acácia é chamada de 'a árvore que se curva' porque à medida que cresce, em vez de seguir verticalmente, ela se inclina. A palavra hebraica para 'tolice' (shetut) está relacionada etimológica e conceitualmente com shitim, uma vez que a tolice é o ato de 'desviar-se' do caminho que dita a lógica.* O Mishcan, portanto, é um modelo interior que nos ensina que a mesma inclinação (força) que pode nos afastar de D'us pode, quando erguida e alinhada corretamente, tornar-se a estrutura que sustenta a Presença Divina dentro de nós. A escolha está em como utilizamos essa "*energia*", seja como fuga da verdade (tolice) ou como impulso para uma conexão mais profunda, íntegra e duradoura com o Eterno. A escolha está no pensamento, fala e ação de cada Pedreiro. *O interior do Mishcan estava dividido por uma cortina em uma câmara exterior denominada 'o Santo' (Côdesh) e uma câmara interior ou 'Santo dos Santos' (Côdesh Hacodashim). A câmara exterior do Mishcan contava com três objetos ('móveis'): a Menorá, a Mesa dos Doze Pães (ambos descritos nesta parashá da Torá) e o Altar do incenso (que será descrito na próxima parashá). O Santo dos*

Santos, por sua vez, tinha apenas um objeto: a Arca da Aliança. Todo aquele que tenta olhar para uma luz intensa sem a devida cobertura (ou preparo), não vê a luz, pois seus olhos não estão preparados para ver uma luz de grande intensidade. Neste momento, até a luz mais intensa que o esteja iluminando, ele (o Pedreiro) terá a sensação de que se encontra na mais perfeita escuridão. "*Os olhos dos sábios conseguem enxergar, enquanto os dos tolos perambulam na escuridão*". Cohêlet 02:14. *Em seguida, D'us deu as instruções para construir o altar dos sacrifícios. Este se situava no Pátio, do lado de fora do Mishcan. Altar exterior era utilizado para ofertar três tipos de animais: bovinos, ovinos e caprinos (bezerros, carneiros e cabritos). Os sacrifícios de animais que oferecemos em nosso santuário pessoal e interior são facetas do lado 'animal' de nossa personalidade.* Ou seja, o acima apresentado (sobre os sacrifícios) nos mostra que devemos viver uma vida significativa e centrada, buscando sempre fortalecer os nossos valores desde cedo, cultivando uma vida interior rica e gratificante, a fim de nos aproximarmos do Criador. *Em seguida, D'us forneceu as instruções para demarcar o pátio, com tapeçarias suspensas em pilares de madeira folheados de cobre. As tapeçarias eram fixadas na terra com estacas de cobre.* A correção do nosso desejo egoísta é trabalho duro. Por isso precisamos fincar firme as estacas no solo. No fundo, o nosso trabalho é "*faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse*".

1.(Terumá) - Shemot – 25:1-16 – "*D'us começou Suas instruções relativas ao Mishcan (Tabernáculo) detalhando os materiais necessários para sua construção e definindo também seu propósito. D'us não vai habitar 'nele', e sim, 'no meio deles': D'us nos ordenou construir um santuário para poder morar entre nós. Há três tipos de santuários incluídos neste mandamento: 1) o Mishcan físico que os filhos de Israel construíram no deserto; 2) o santuário interior e pessoal que cada um deve edificar em sua própria vida e no seu espaço de influência social (família, amigos etc.); e, por último, 3) o mundo em geral que devemos transformar numa moradia para D'us.*

Nos três casos, esta tarefa somente é possível porque simplesmente estamos revelando a natureza oculta e verdadeira da realidade. O mundo e tudo o que há nele - existe unicamente graças à energia Divina que pulsa em seu interior; por isso, fazer com que este seja o lugar onde a Divindade se revela consiste simplesmente em remover as obstruções que ocultam essa realidade. Do mesmo modo, a essência de cada um de nós é a nossa alma Divina, e transformar nossas vidas num Mishcan para D'us é simplesmente permitir que nossa essência interior brilhe através da bagagem de excessos materiais que acumulamos ao longo de nossa viagem pela vida". No fundo essa Parashá envolve o colocar em prática o que foi apresentado na anterior, ou seja, o "*faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse*".

Mas, como fazê-lo na prática o "*faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse*"? Vou fazer uma adaptação da aula Ministrada Pelo Rabino Gourarie, conhecida como Faíscas Divinas - Tornar Feliz a Humanidade, realizada no dia 26/04/2021. Há três tipos de Santuários: **1º** o Pedreiro constrói um local Sagrado. Ao adentar àquele local e estudar a Bíblia, temos consciência que não precisamos elevar ao Criador este local Sagrado ou a Bíblia, pois ambos já são Sagrados. Na realidade são para serem usados e são para nos nutrirmos daquela energia que existe naquele local e documentos. **2º** O Pedreiro precisa erguer o Santuário interior e pessoal que cada um deve edificar. Isto é feito, realizando o trabalho no dia a dia. **3º** O Pedreiro deve tornar feliz a Humanidade, transformando-a em uma morada para o Eterno. Mas, essas ações não são feitas uma após a outra. Elas são realizadas todas ao mesmo tempo.

Em nosso dia a dia entramos em contato justamente com as "*coisas*" conhecidas como meio termo, ou seja, não são Sagradas ou tão pouco impuras. Sabemos que existem assuntos de Santidade como estudar a Torá, rezar no Muro das Lamentações etc., que não precisam ser elevadas. Já estão elevados. Como já disse, o Pedreiro precisa se nutrir daquilo. Isso é Santidade.

Quando se trata de assuntos proibidos (não Kasher), a pessoa tem de se afastar daquilo. Se afastar do que é proibido, é o que devemos fazer para viver neste mundo. Ou seja, se afastar de tudo que é negativo, ruim e de tudo que é impuro.

Mas, a maior parte de nosso dia está ligada a área que chamamos cinza (não é Kasher e nem proibida). Devemos elevar o que é cinza para Santidade. Se temos um pensamento, fala e ação corretos, mas cinza, a forma de elevar ao Criador é fazer uma benção antes e depois de nos alimentarmos, por exemplo, tendo ao mesmo tempo, um pensamento positivo sobre aquilo que vamos comer, resultando na elevação a Santidade daquela comida. Vamos considerar um exemplo prático na área cinzenta. Se a carne que o Pedreiro comeu e o vinho que bebeu tiveram a intenção de reunir forças para que essa pessoa pudesse dedicar-se melhor ao ensino dos alunos, isso implica na elevação de tudo o que foi comido e bebido, assim como dos objetos usados para esse fim. Se o motivo que o Pedreiro comeu, uma boa carne e vinho tem a causa simples, de satisfazer o seu prazer de comer e beber, essa pessoa não elevou a Santidade a carne, o vinho e todos os objetos utilizados para usufruir daquele momento.

Entramos em um mundo que tudo é realmente misturado. É uma mistura daquilo que é Santidade com aquilo que é proibido, bem como, com aquilo que é cinza (meio termo). Cabe a nós organizarmos o nosso dia a dia. Nos afastando do que é proibido, nos aproximando do que é Sagrado e buscando elevar o que é cinza. Por isso, devemos entender o que nos cabe: **1º** classificar tudo que se tem em Kasher, proibido e cinza; **2º** trabalhar onde podemos trabalhar para a elevação e **3º** se afastar daquilo que não cabe elevação, ou se afastar de tudo que é impuro.

Ou seja, para tornar Feliz a Humanidade, precisamos tornar feliz a nós mesmos. Estudar os textos Sagrados. Construir o Templo Interno do próprio Pedreiro. Tornar o nosso lar um Templo, o nosso trabalho, aquilo que comemos, utilizamos etc., deve ser voltado ao Criador. Lembre-se, não existe Nada que não seja o Eterno. Essa é a regra, ou seja, se desejamos tornar feliz a Humanidade, ou transformar a Humanidade em uma morada para o Criador, é desta forma que temos proceder.

2.(Terumá) - Shemot – 25:17-30 – "*O primeiro elemento do Mishcan que D'us ordenou aos filhos de Israel construir foi a Arca da Aliança, uma caixa de madeira aberta recoberta de ouro onde se guardavam as Tábuas da Aliança, sobre as quais D'us havia gravado os Dez Mandamentos. Esta arca estava fechada por uma cobertura de ouro (capóret), sobre a qual havia duas figuras angelicais aladas com rostos de crianças, conhecidas como querubins.*

Os rostos infantis dos querubins indicam que a nossa conexão intrínseca com D'us é semelhante à ligação essencial entre pai e filho. Apesar das flutuações que possam surgir no relacionamento, o elo entre pai e filho nunca pode se romper. O fato dos querubins estarem situados acima das Tábuas da Torá e de frente um para o outro, significa que por meio do estudo da Torá podemos alcançar a raiz de nossa alma Divina, possibilitando a nossa consciência uma fusão total com D'us. Os rostos infantis dos querubins também fazem alusão ao fato da Torá, tal como a conhecemos, ser uma versão diluída e simplificada da Torá celestial, a sabedoria infinita de D'us. Assim sendo, D'us resumiu Sua sabedoria infinita sob uma forma que nos permite entendê-la e assimilá-la, tal qual um mestre habilidoso resume sua percepção de um assunto para melhor transmiti-lo a seus alunos. O fato das asas dos querubins se encontrarem estendidas de maneira protetora sobre a Arca faz alusão ao fato de que a educação da Torá às crianças é o que protege e garante a preservação e continuidade de sua transmissão".

Neste momento, vou me ater a questão da construção da arca, trazendo uma adaptação das instruções Ministradas também pelo Rabino Gourarie, no dia 17/01/2022. {Rashi nos explica o seguinte: "*Que foi ordenado que os filhos de Israel fizessem três arcas e não uma arca. Sendo duas de ouro e uma de madeira de acácia. Cada uma tinha 4 paredes e um fundo e eram abertas na sua parte superior. Colocou-se a arca de madeira dentro da de ouro, e depois a de ouro dentro da arca de madeira. E cobriu a borda superior de ouro. Assim, a arca de madeira ficou revestida de ouro por dentro e por fora e dentro das três caixas colocaram as Tábuas da Lei*". Rashi Paracha Terumá Shemot (Shemot) 25:10-11, pg. 137).

O que este assunto nos ensina? Nós sabemos que o Templo de Jerusalém hoje não existe. Mas, existe um Templo Sagrado dentro de cada um de nós. E a Cabala ensina que isto interessa-nos, pois a estrutura psicológica do Ser Humano consiste em três camadas, uma dentro da outra. Há uma camada que é a mais profunda, que é quase invisível, que está tão profunda dentro de nós que é praticamente invisível. Ou seja, existe dentro de nós algo que é tão profundo que muitas vezes é desconhecido até mesmo da própria pessoa. Mas, essa camada é feita de ouro puro. Ao redor daquela arca mais profunda, feita de ouro puro, existe uma outra arca, ou uma camada psicológica, que realmente representa nossos sentimentos, nossos humores, instintos e desejos. Esta é a camada do meio. Mas, existe a camada mais externa. É uma arca de ouro, que representa a nossa conduta prática, que incluem pensamentos, falas e ações (atos).

A diferença de ouro puro e madeira é muito simples. Madeira é algo que com o tempo pode apodrecer, quando molhada nem toda a madeira resiste e apodrece. A madeira tem mudanças ao longo do tempo. Ouro puro é sempre ouro puro do início ao fim. Essas três Arcas que tivemos no Templo, representam as três dimensões da estrutura da psique humana. A Arca mais interior que foi feita de ouro puro, a terceira caixa mais interior, representa a dimensão mais profunda de nossa alma. Cada um de nós possui uma alma que é uma centelha de D'us, que é a essência de nossa identidade, é ouro puro e jamais pode mudar. É algo que sempre vai manter a santidade. Da mesma forma que o ouro puro não é sujeito a nenhuma mudança, também a essência pura de nossa alma nunca vai ser alterada. Independentemente do que ocorre conosco, seja proveniente da ação de outras pessoas ou proveniente de nossos próprios atos, o núcleo de nossa consciência sempre continua sendo ouro puro. Este, no fundo é o segredo da Teshuvá, ou seja, voltar para a nossa essência, pois nossa essência nunca pecou. A nossa essência é sempre ouro puro. Essa é a camada mais interior que existe dentro de nós, ou seja, ouro puro.

A Arca do meio é feita de madeira e reflete aquilo que é mais visível e consciente de nossa personalidade. Com as mesmas características que a madeira possui, nessa camada é onde os sentimentos, as nossas vontades e desejos, passam por mudanças durante nossas vidas. Nós podemos refinar e trabalhar bem essa área do meio, para que se torne algo precioso e bonito. Mas, por vezes, nossa personalidade pode se tornar podre e triste. É uma área de conflito. É nosso dia a dia. É madeira. A madeira pode se tornar uma arte, pode se tornar uma coisa refinada e bonita, ou se não cuidamos bem da madeira, ela apodrece. Essa caixa de madeira, ou esta camada de nossa alma vacila entre os extremos, que é nossa realidade. Muitas vezes nos sentimos com ideais fortes e elevados, virtuosos e espirituais. Mas, tem momentos em nossa vida que nos sentimos podre. Isto é a camada do meio a madeira.

Por fim, temos a terceira camada, que está totalmente por fora e é totalmente de ouro puro. **O que isto significa?** Quando alcançamos o ponto de nossa vida de decidir como vai ser o nosso comportamento, decidir as nossas atitudes, tomar um rumo na vida, a Torá nos fala que somente temos uma opção, é ouro puro de novo. Nosso comportamento, ou prática tem de ser independente daquilo que está ocorrendo dentro de nós. Não é porque temos tendências ruins, ou desejos negativos, ou que nos sentimos podre, isto não é motivo para expressar aqueles sentimentos na prática, de forma negativa. Nosso comportamento sempre tem de ser perfeito. Não existe meio perfeito. Tem de ser correto. É uma opção que nós temos e devemos usá-la até o fim. Não existe a posição intermediária entre o certo e o errado. Nós somente podemos nos comportar 100% certos.

Nossas emoções não. Quando se trata de emoções, nós não temos essa escolha. A briga que existe entre o bem e o mal na área dos desejos e sentimentos, é constante. Temos uma alma animal que realmente vai tentar, com todos os meios que ela tem, nos mostrar que o caminho errado é o melhor para seguirmos. Mas, a escolha é nossa. Quando chega a prática de pensamento, fala e ação devemos ser ouro puro e espelhar a nossa essência que também é ouro puro. Podemos algumas vezes sentir que nossas personalidades por dentro estão totalmente bagunçadas, podemos sentir que dentro de nós tem "*demônios*" tentando nos puxar para o abismo. Mas, jamais podemos nos entregar para este lado negativo e deixar que estes sentimentos conduzam a nossa vida}.

É proibida a comercialização deste Livro - 80

Acredito que os textos acima apresentados, que interpretam os versículos de Shemot 25:17-30, revelam uma forte relação entre a estrutura Sagrada da Torá e o universo interior de um Pedreiro. O Mishcan deixa de ser apenas um espaço histórico ou espiritual e passa a ser compreendido como representando a mente humana. As três arcas, ouro por dentro, madeira no meio e ouro por fora, ensinam que o Ser Humano é construído em camadas. Ou seja, uma essência Divina imutável (ouro puro), uma personalidade emocional mutável e conflituosa (madeira) e uma conduta prática que deve refletir perfeição ética (ouro puro).

Assim, percebemos que, embora nossas emoções e desejos sejam instáveis e frequentemente contraditórios, nossa essência nunca se corrompe. A Torá, colocada no interior da Arca e protegida pelos querubins infantis as Tábuas da Aliança, o que indica que a conexão com D'us é intrínseca, inquebrantável e transmitida por meio da educação, da simplicidade e da fidelidade prática. Assim, o verdadeiro Templo é construído quando alinhamos nosso comportamento externo com a pureza da nossa essência interior, mesmo em meio às lutas emocionais do cotidiano. É nesse alinhamento entre essência pura (ouro puro), esforço interior (madeira) e ação correta (ouro puro), que reside o segredo da Teshuvá, da continuidade da Torá e da presença Divina dentro de cada um de nós.

3.(Terumá) Shemot - 25:31-26:14 – "*A seguir, D'us ordenou ao povo construir uma mesa de ouro especialmente projetada para receber os doze pães que seriam colocados nela em cada Shabat. Depois D'us ordenou ao povo fazer uma vistosa Menorá (candelabro) de ouro, toda ornamentada, de sete braços. Os sábios dizem que Moshê não compreendia todas as instruções que D'us estava-lhe dando sobre como fazer a Menorá; então, D'us lhe mostrou a imagem de uma Menorá de fogo. Porém, como ainda assim isto era muito complicado para o entendimento de Moshê, D'us disse-lhe que simplesmente atirasse o ouro no fogo, e a Menorá milagrosamente surgiu no seu formato adequado.*

Além da construção física da Menorá, o que Moshê achava difícil de compreender era como um objeto físico poderia difundir a luz da consciência Divina ao mundo exterior. Ao mostrar a Moshê a Menorá de fogo, D'us confirmou suas dúvidas: Ele revelou dessa maneira que por nós mesmos é realmente impossível utilizarmos objetos físicos para difundir a consciência Divina no mundo. É por esta razão que D'us disse a Moshê para jogar o ouro ao fogo, e que a Menorá tomaria a forma por si mesma. Do mesmo modo, D'us quer que transformemos todas nossas ocupações e possessões materiais em fontes de luz Divina, mas Ele sabe também que nós mesmos não conseguimos fazê-lo. Portanto, a única coisa que Ele nos pede é que atiremos tudo ao fogo de nossos corações, ou seja, que deixemos o amor por D'us permear todas as nossas ações - Ele, milagrosamente, fará o restante".

A Menorah como qualquer candelabro foi feito para iluminar. Mas, como a Menorah provem de uma emanação direta do Eterno D'us representa a LUZ concedida a este mundo escuro e que deve aquecer os corações dos Seres Humanos, ou tornar seus corações alegres e claramente dedicados ao Eterno D'us. Como aquela LUZ ainda não conseguiu, de fato, penetrar nos corações dos Seres Humanos e as criaturas deste mundo físico sentem-se, portanto, seres separados do Eterno D'us, os eventos neste mundo são severos, como todos podemos perceber.

O 7 -Záin (זין) - representa no fundo o espírito que está dentro da matéria e que seria o motor que movimenta e mantém vivo o Ser Humano. Nos dias da semana o 7 representa o dia do sábado. No dia do sábado renunciamos a nossos interesses físicos e nos dedicamos a D'us. Tomando somente os dias da criação o 7 seria o mais elevado dos dias, por isso nos dedicamos esse dia ao lado espiritual querendo mostrar que o 7 é o espírito que está dentro da matéria. Para que a matéria tenha vida ela precisa de energia. O espírito que se encontra dentro da matéria é a energia que a faz viver. Festas: são 7 dias de Pessach; 7 dias da festa das cabanas; as quatro espécies que se utilizam na festa de Sucot são 1 fruto, 1 palmeira, 3 mirtas e 2 chorões =7; 7 Ushpizín (os pastores do povo judeu - Abraão, Isaac, Jacob, José, Moisés, Aarão e David; 7 bençãos de casamento; a noiva dá 7 voltas em torno do

noivo; 7 virtudes do povo judeu; 7 notas musicais; os 7 dias de luto; 7 espécies de frutas de Israel (Trigo: Hesed-Bondade, Cevada: Gueburah-Severidade, Uvas: Tifereth-Harmonia, Figos: Netsah-Perseverança, Romãs: Hod-Humildade, Azeitonas: Yesod-Fundação e Tâmaras: Malkhuth-Realeza), ou seja, o 7 é muito presente. O 7 portanto é responsável pelo nosso movimento, pois um corpo sem energia não se move.

O candelabro de Jerusalém (Menorá) tem 7 braços. Está ligado as 7 emoções da Árvore da Vida, que representa o nosso coração, pois está no centro de nosso corpo e a beleza está no centro da Árvore da Vida. O coração é aquele que trabalha sem parar, que nos dá sangue e que nos sustenta. Ele é o motor, núcleo, interior, armamento, sustento, batalha, Shabat, festas e finalmente o Maguem David (ou Estrela de David). Na estrela de David, que tem 6 pontas, cujas pontas representam os 6 lados da matéria. Mas, o centro representa o sétimo dia, que é o núcleo que dá energia para todos os outros 6 dias (Salmo 67). Dentro de cada ponta da estrela tem um triângulo na cor branca representando a energia que emana do centro, do espírito.

A Luz Divina é para ser internalizada e irradiada ao longo da vida dos Seres Humanos, em especial dos Pedreiros. A dificuldade de Moshê em compreender como um objeto físico poderia difundir consciência Divina expõe um limite essencial da condição humana. Por si só, a matéria não gera transcendência. A Menorá de fogo demonstra que a transformação do mundo material em luz espiritual só ocorre quando o Ser Humano oferece seu "*ouro*" que são suas posses, ações e ocupações, ao fogo do amor por D'us. O resultado é operado pelo próprio Divino.

O simbolismo do número sete, presente na Menorá, no Shabat, nas festividades e nas emoções da Árvore da Vida, indica que o espírito é a energia vital que anima a matéria e lhe dá direção. Assim como o centro da Estrela de David sustenta suas seis extremidades, o sétimo elemento, ou seja, o espiritual, nutre e ilumina todas as dimensões da existência. A Menorá, portanto, ensina que quando o coração humano (ou do Pedreiro) se torna um receptáculo dessa luz, o mundo deixa de ser um espaço de separação e passa a ser um campo de revelação, no qual a energia interior do espírito pode aquecer, alegrar e elevar toda a realidade.

4.(Terumá) – Shemot - 26:15-30 – "*Em seguida D'us instruiu os israelitas como construir as paredes do Mishcan que deviam ser de vigas verticais de madeira de acácia. A palavra hebraica para 'acácia' (shitá) também significa 'curvar-se'. A árvore de acácia é chamada de 'a árvore que se curva' porque à medida que cresce, em vez de seguir verticalmente, ela se inclina. A palavra hebraica para 'tolice' (shetut) está relacionada etimológica e conceitualmente com shitim, uma vez que a tolice é o ato de 'desviar-se' do caminho que dita a lógica.*

A tolice (agir de forma ilógica) pode ser uma atitude tanto sagrada como não sagrada. A tolice não sagrada é o pensamento sem lógica que nos conduz a ir contra a vontade de D'us. A 'tolice sagrada' é nossa disposição de ir além dos requerimentos rígidos da Torá no cumprimento de nossa missão Divina ou em nosso autoaperfeiçoamento. Num sentido alegórico, colocar as vigas curvas de acácia verticalmente significa usar nossa capacidade de sermos 'tolos' para propósitos sagrados. Podemos converter, assim, tal traço de caráter negativo em uma força positiva nas nossas vidas, o que nos permitirá alcançar níveis de dedicação a D'us e de união com Ele que de outro modo não seríamos capazes de atingir".

O espírito da tolice, que segundo o Alter Rebe, encobre e dissimula o amor oculto presente dentro da alma Divina, que anseia manter-se apegado à sua fé em D'us, à unicidade Divina e à união com D'us. O espírito da tolice (insensatez) é a ilusão de que meu pecado não seria tão grave a ponto de separá-la de D'us, o que leva uma pessoa, por exemplo, a cometer adultério.

Desta forma, é importante retornarmos a analisar a pergunta: **Porque D'us endureceu o coração do faraó?** "*Para não lhe tirar o livre arbítrio e assim ele podia fazer o que desejava*". (Torá Êxodo 07:03, pg. 170).

Neste sentido, apresento parte da análise Rabino Efraim Birbojm, 24/01/2020, que nos dá uma visão do significado do "*porquê*" das palavras de que o Eterno D'us endureceu o coração do faraó. No fundo é o caminho percorrido pelo perverso.

"*Ao lermos a Parashá Vaerá (וָאֵרָא) (E apareci) Shemot (Êxodo) 06-09), quando finalmente iniciou-se o processo de salvação dos filhos de Israel da escravidão egípcia. D'us começou a mandar as pragas que, aos poucos, foram destruindo completamente toda a infraestrutura do maior império da época. Porém, apesar de toda a morte e destruição que as pragas causavam, o faraó continuava em sua obstinação de não deixar os filhos de Israel sair. Em certo momento Moshê ameaçou o faraó, afirmando que, caso ele se recusasse a libertar os filhos de Israel, D'us golpearia todo o país com uma peste que dizimaria todo o gado. Moshê ainda avisou ao faraó: 'D'us fará uma distinção entre o gado de Israel e o gado do Egito, de modo que nenhum animal morrerá dentre o gado dos filhos de Israel' (Shemot 9:4). E foi exatamente o que aconteceu. Porém, apesar das palavras de Moshê, o faraó ainda enviou uma delegação pessoal para investigar o que havia acontecido em Goshen. Eles viram com seus próprios olhos que nenhum animal dos filhos de Israel havia morrido durante aquela praga.*

Isso não seria suficiente para derreter o coração endurecido de qualquer pessoa normal? Não seria razoável, depois de testemunhar este fenômeno milagroso, o faraó desistir e libertar os filhos de Israel? Porém, qual foi a reação do faraó? *"O faraó endureceu seu coração e ele não enviou o povo" (Shemot 9:7).* ***O que significa este comportamento completamente ilógico do faraó?***

O Rav Simcha Zissel Ziv Broida zt"l (Lituânia, 1824 - 1898), mais conhecido como Alter MiKelem, explica que se todo o gado do Egito tivesse morrido, o faraó teria ficado realmente nervoso. Agora, porém, que o gado dos filhos de Israel não havia morrido durante a praga, o faraó disse a si mesmo: "Não tem problema o gado egípcio ter morrido, eu ainda posso usar o gado dos filhos de Israel. Eu tenho espaço para manobras. Não me sinto acuado contra a parede. ***Já que tenho uma solução, por que me preocupar?****".*

A reação do faraó diante das tragédias que assolaram todo o seu povo é impressionante. Depois dos sapos ele disse: "Não tem problema, podemos ir para as partes do país onde não há sapos fedendo". Depois da peste ele disse: "Não tem problema que os animais egípcios morreram, eu posso me virar com os animais dos filhos de Israel". ***Como entender este tipo de reação? E o que isto ensina para as nossas vidas?***

Explica o Alter MiKelem que estas reações do faraó representam um padrão de comportamento encontrado entre os Reshaim (perversos). Eles têm uma "miopia" ao julgar o que está ocorrendo em suas vidas, de forma que conseguem apenas enxergar o "aqui e agora", sem pensar nas implicações futuras do que aconteceu. Se em determinado momento eles podem sair do problema, então eles assim o fazem, ignorando as implicações mais amplas de suas atitudes, mesmo que elas o levem a um final desastroso. Os Reshaim ignoram o futuro e o contexto verdadeiros das questões.

Infelizmente não são poucos os que atualmente vivem desta maneira. Jovens que entram no mundo das drogas por alguns instantes de prazer e pessoas cada vez mais ligadas aos prazeres gastronômicos, sem se importar com a saúde. Muitos vivem de maneira vã, se preocupando apenas com os prazeres imediatos, mas esquecendo do verdadeiro objetivo da vida. Vivem como se não houvesse amanhã, sem se importar com as futuras consequências de seus atos, sem refletir que as consequências dos nossos atos neste mundo serão eternas. Além disso, esta atitude de não pensar na consequência futura dos nossos atos também impede a pessoa de enxergar seus erros, fazendo com que ela viva sempre de maneira a justificar suas atitudes, jogando sobre nos outros a responsabilidade pelos fracassos".

Olhando para Shemot 26:15–30, a interpretação do Rebe e do Rabino Efraim Birbojm, revelam a transformação da inclinação da alma humana. As vigas verticais de madeira de acácia (*shitím*), naturalmente curvas, simbolizam a tendência do Ser Humano ao desvio, a *shetut*, ou a tolice que pode afastar a pessoa da lógica, da responsabilidade e da vontade Divina. Contudo, ao serem colocadas na posição vertical, essas vigas ensinam que a Torá não exige a anulação das inclinações humanas, mas a sua reorientação. A mesma força que pode levar ao pecado, ou seja, o agir ilógico, impulsivo e imediato, pode ser convertida em sagrada, isto é, em dedicação que transcende o cálculo frio e se entrega a D'us.

Nesse sentido, o ensinamento do Alter Rebe aprofunda e nos mostra que o "*espírito da tolice*" encobre o amor essencial da alma por D'us, levando a pessoa a minimizar a gravidade de seus atos e a viver no imediatismo, como exemplificado pelo comportamento do faraó. O endurecimento do coração não elimina o livre-arbítrio, mas revela o perigo de uma visão míope da vida, focada apenas no presente e incapaz de enxergar consequências futuras.

O Mishcan, portanto, é um modelo interior que nos ensina que a mesma inclinação (força) que pode nos afastar de D'us pode, quando erguida e alinhada corretamente, tornar-se a estrutura que sustenta a Presença Divina dentro de nós. A escolha está em como utilizamos essa "*energia*", seja como fuga da verdade (tolice) ou como impulso para uma conexão mais profunda, íntegra e duradoura com o Eterno. A escolha está no pensamento, fala e ação de cada Pedreiro.

Isto nos leva para o "*faraó*" que pode existir em qualquer tempo. **Porque, a forma de governo de um determinado tempo, no caso o egípcio, pode conter o seu faraó?** Penso que a forma que um país ou uma organização é gerida tem a permissão do Eterno. Seja qual for o tipo de gestão que se estabeleceu sobre àquele povo, ela somente existe porque o Eterno D'us o permitiu. Assim, cada governante assume essa posição por ser necessário exercer tal função naquele momento específico, como é o caso de um faraó. O governo que surge em um "*país*" é proporcional ao nível de consciência, responsabilidade, maturidade moral e espiritual de uma determinada sociedade. Para termos governantes íntegros precisamos que a população, anteriormente, evolua e mude o seu padrão moral, ético e espiritual. Neste caso precisamos atuar primeiro sobre o Tikun individual. O desenvolvimento individual é fundamental para o progresso. Essa evolução inicia-se internamente em cada Pedreiro, possibilitando que o aprimoramento coletivo ocorra de forma efetiva. Assim, a sociedade pode ser beneficiada por esse processo de correção e crescimento conjunto.
https://www.zohar.com/zohar/Beshalach/chapters/10 parágrafos 114 a 116 e adaptado da palestra do Rabino Yair Alon de 27/01/2026, Youtube "Cuidado com suas Escolhas - Zohar Diário".

5.(Terumá) - Shemot - 26:31-37 – "*O interior do Mishcan estava dividido por uma cortina em uma câmara exterior denominada 'o Santo' (Côdesh) e uma câmara interior ou 'Santo dos Santos' (Côdesh Hacodashim). A câmara exterior do Mishcan contava com três objetos ('móveis'): a Menorá, a Mesa dos Doze Pães (ambos descritos nesta parashá da Torá) e o Altar do incenso (que será descrito na próxima parashá). O Santo dos Santos, por sua vez, tinha apenas um objeto: a Arca da Aliança.*

As duas câmaras do Mishcan representam as duas etapas necessárias para se alcançar a consciência Divina. Na câmara exterior começamos a orientar nossa consciência em direção à Divindade, concentrando nosso intelecto em D'us. É por isso que havia ali três elementos de mobiliário que representam os três componentes do intelecto: a capacidade de captar uma ideia (Hokhmah), a capacidade de compreender (Binah) o significado desta ideia, e a habilidade de transformar o que compreendemos em algo relevante para a nossa vida (Daat).

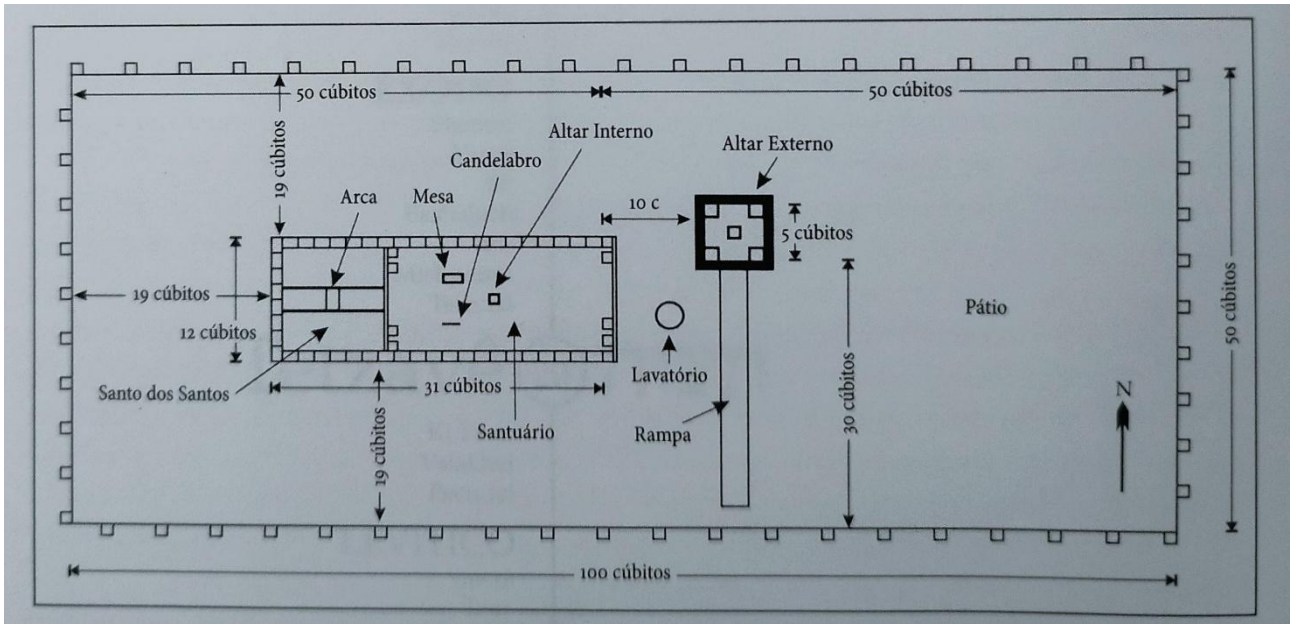
Uma vez que atingimos a consciência intelectual de D'us, podemos proceder ao nível seguinte, o da consciência suprarracional d'Ele. Esta é a consciência da câmara interior e da Arca guardada nela. Neste nível, não somente nosso intelecto, como todo o nosso ser, são envolvidos na consciência Divina".

מִשְׁכָּן	Mishcan	Tabernáculo	שמע	Shemá	Escuta
מ	Mem	40	ש	(S)hin	300
ש	Shin	300	מ	(M)em	40
כ	Kaf	20	ע	Ayin	70
ן	Nun Sofit	50			**410**
		410			

A palavra hebraica para '*Tabernáculo*', '*Mishcan*' (מִשְׁכָּן), tem um valor numérico de 410, o mesmo valor numérico que é o nome da oração central relativa à unidade de Hashem: o '*Shemá*' - Ouça. Este tema, ligando o Tabernáculo com a Oração do '*Shemá*' consta no Zohar, que trata dos '*Heichalot*', ou '*Palácios*', nos mundos espirituais. Estes palácios fazem parte da subida das orações, chegando ao mundo de Beriá.

Em Zohar 139 encontramos que "**O que é o firmamento?** É onde estão localizados o sol, a lua, as estrelas e as constelações, e é chamado de Livro da Lembrança. Ele os anuncia, registra e os inscreve, para que eles possam ser os filhos (residência) de Seu próprio Palácio ('*Templo*').

Por que se ergueu o Tabernáculo e o Templo Sagrado? É neste local que a revelação da Divindade se faz '*presente*'. No resto do mundo ela está oculta, embora Ele preencha toda a Terra. Tanya cp. 34, pg. 537. Portanto, 4 eram os principais objetos do Tabernáculo: A Arca, a mesa, o altar e o candelabro. **1º** A Arca simboliza o espírito. **2º** A mesa a cultura material. **3º** O altar simboliza o sacrifício para alcançar a perfeição. **4º** O Candelabro (Menorá) a luz para iluminar o caminho da vida do Ser Humano. E todos temos de ouvir e escutar o que nos está sendo apresentado.



Tabernáculo e seus utensílios. Fonte Rashi Chumash Shemot, pg. 158, ISBN 978-85-85516-47-5

Neste momento é importante olharmos para planta baixa do Tabernáculo (Mishcan). Sabemos que o lado Leste é de onde provém a Luz do Sol e "*teoricamente*" viria a Luz do Criador. Mas, na descrição da Torá (E26:35), pode-se perceber que a porta (cortina) que dá entrada ao pátio do Tabernáculo situa-se no Leste e a Arca da Aliança no Oeste. Mas, como a Arca da Aliança que está nos Santos dos Santos simbolizam a Presença Divina (Luz do Criador), **Eles deveriam também ser colocados do lado Leste? Por que estão localizados no Oeste dentro do Tabernáculo?**

O Leste está associado à luz do sol que é visível e previsível. O sol nasce todos os dias praticamente no mesmo lugar. Essa luz representa, portanto, a ordem do mundo criado, a inteligência humana e a espiritualidade que pode ser percebida pelos nossos sentidos.

Entretanto, o Oeste simboliza o ocultamento da luz (o pôr do sol). Paradoxalmente, na Torá, o ocultamento aponta para uma Luz mais elevada, que não pode ser captada diretamente. A Luz do Criador não é como a luz do sol. Ela não é um fenômeno natural. É transcendente. Por isso, a Shekinah está mais intensamente localizada no Santo dos Santos. Isto é fato quando o Templo ainda existia. Mas, a tradição nos ensina que a Shekinah não está fixada em um ponto cardeal. A Shekinah pode habitar entre as pessoas, estejam elas onde estiverem, inclusive no exílio (por exemplo, no Brasil). Ein Yaakov (Glick Edition), Bava Batra 02:06.

O Mishcan é estruturado como um caminho espiritual e para isso o Pedreiro precisa olhar para o seu próprio interior. Portanto, o significado da entrada ser pelo lado Leste, enfatiza que o Ser Humano entra no seu Mishcan interior a partir do mundo visível, da luz natural e da vida cotidiana. Esse progresso espiritual nos leva cada vez mais para dentro de nosso Ser. Assim, cada passo que damos para dentro do Tabernáculo, haverá menos luz externa e mais interioridade. O Santo dos Santos é o lugar mais oculto do Mishcan (no Oeste). Lá não tem janelas e tem pouco ou nenhum som. É também o local onde está a Arca da Aliança. Isso nos ensina que a verdadeira Luz Divina exige de nós a entrega, o silêncio e a anulação do ego (bitul – autoanulação).

No mundo antigo, o Leste era associado ao culto solar. Muitas civilizações adoravam o sol como fonte suprema de poder. Ao colocar a entrada do Mishcan no Leste e a Arca no Oeste, a Torá faz uma declaração espiritual clara. A luz que você vê não é a Fonte. A Fonte está além do que você vê. Se a Arca estivesse no Leste, haveria o risco simbólico de se confundir a luz criada com o Criador e tornar santo um fenômeno natural. O Mishcan educa as pessoas (os Pedreiros) a caminhar de onde há luz visível e na direção e sentido ao invisível (ou para a Luz que antecede a consciência).

Todo aquele que tenta olhar para uma luz intensa sem a devida cobertura (ou preparo), não vê a luz, pois seus olhos não estão preparados para ver uma luz de grande intensidade. Neste momento, até a luz mais intensa que o esteja iluminando, ele (o Pedreiro) terá a sensação de que se encontra na mais perfeita escuridão. "*Os olhos dos sábios conseguem enxergar, enquanto os dos tolos perambulam na escuridão*". Cohêlet 02:14

O Santo dos Santos é, aparentemente, escuro, fechado e quase inacessível. Mas, justamente ali está a Luz mais elevada. Isso ensina que a revelação mais profunda ocorre quando cessam os sentidos. O Mishcan nos ensina que não se chega a D'us seguindo o sol, mas atravessando o ocultamento. O Tabernáculo educa o Ser Humano (Pedreiro) a transformar a luz que se vê apenas em um caminho, conduzindo-o assim da aparência à essência, do mundo criado à Luz do Criador.

Mas, é também interessante percebermos que nos Templos dos Pedreiros, o posicionamento do Leste não é na mesma posição do que é apresentado no Mishcan. O Leste na Organização simboliza o nascer do sol, o início do conhecimento, a iluminação da consciência, a ordem, a razão e o esclarecimento. A "*Luz*" que vem do Oriente é, sobretudo uma luz intelectual e moral que dissipa a ignorância. Ou seja, trata-se de uma luz acessível à razão humana, mesmo quando apresentada como "*emanação do Criador*". O caminho também o é da espiritualidade, percorrido na forma de uma revelação progressiva. Não se tem o objetivo de chegar a transcendência absoluta.

No Mishcan, a Torá faz questão de romper com essa associação direta entre a luz natural (sol, oriente) e a Presença Divina (*Shechina*). Por isso, no Tabernáculo a entrada está no Leste (mundo visível, ordem natural) e o Santo dos Santos está no Oeste (ocultamento total – Luz muito intensa)

A Torá está consciente de que existe o risco dos Seres Humanos confundirem luz percebida (sol) com Fonte da Luz. De confundir ordem cósmica com a Divindade, posto que, quando tudo aparentemente "*faz sentido*", a pessoa tem a falsa sensação que já encontrou D'us. O Mishcan nos ensina que a luz que entendemos não é a Luz Suprema. Por isso, a Arca não pode estar no Leste.

"*A Organização trabalha com a Luz que ilumina a consciência. A Torá aponta para a Luz que antecede a consciência. No Mishcan entra-se pelo Leste (luz criada) e encontra-se D'us no Oeste (Luz não criada).*

A inversão do Oriente é a diferença física e simbólica mais significativa. Como o próprio documento da Parashat Terumá aponta com precisão, no Mishcan e no Templo de Salomão a Torá faz questão de não associar a Presença Divina ao sol nascente, colocando o sagrado no Oeste justamente para evitar a confusão entre luz natural e Luz transcendente.

O Templo Maçônico, ao colocar o Oriente como fonte de Luz e sabedoria, opera dentro de uma tradição ocidental iluminista, onde a Luz é sobretudo intelectual e moral — a razão que dissipa a ignorância. É uma Luz acessível à compreensão humana.

O Mishcan e o Templo de Salomão apontam para uma Luz que precede e transcende a consciência humana — por isso está no Oeste, no ocultamento, além do que os olhos podem ver diretamente". Comunicação pessoal do Diógenes A. Cabrera.

6.(Terumá) - Shemot - 27:1-8 – "*Em seguida, D'us deu as instruções para construir o altar dos sacrifícios. Este se situava no Pátio, do lado de fora do Mishcan. Altar exterior era utilizado para ofertar três tipos de animais: bovinos, ovinos e caprinos (bezerros, carneiros e cabritos). Os sacrifícios de animais que oferecemos em nosso santuário pessoal e interior são facetas do lado 'animal' de nossa personalidade. Nosso 'bezerro' interior corresponde aos nossos impulsos de sermos rebeldes e nos opormos às orientações do lado Divino de nossa personalidade. Nosso 'carneiro' interior corresponde aos impulsos conformistas de seguir a corrente em busca de comodidades por fraqueza em afirmar nossa natureza Divina. E nosso 'cabrito' interior, aos impulsos de sermos teimosos e rejeitarmos toda mudança em nossas ideias.*

Todo sacrifício envolvia, basicamente, quatro etapas: ***(1)*** *fazer o abate (shechitá);* ***(2)*** *recolher o sangue e respingar no Altar;* ***(3)*** *pegar a gordura e colocar sobre o Altar (para queimar); e* ***(4)*** *queimar o animal sobre o Altar (gordura, sebo, carne etc.). 'Abatemos' nosso animal interior quando renunciamos a nossa orientação animal em relação à vida. 'Respingamos seu sangue' e 'colocamos sua gordura' no Altar quando redirecionamos nosso entusiasmo ('sangue quente') e nosso prazer ('gordura') para D'us, a Torá e as Mitzvot. 'Queimamos' nosso animal interior no Altar quando permitimos que o lado Divino de nossa personalidade consuma nossos instintos animais. O fato do Altar de sacrifícios estar no pátio exterior do Mishcan mostra-nos que o refinamento do lado animal de nossa personalidade é um pré-requisito para ingressar no âmbito da santidade e da consciência Divina, representado pelo próprio Mishcan*".

Para que um animal seja considerado perfeito para ser um Corban, ele deve atender aos critérios de pureza e integridade. De forma resumida podemos listar: O animal deve ser de uma espécie permitida **(justo).** O animal tem de estar com saúde e livre de defeitos físicos. Ou seja, não pode ter machucados, fraturas, manchas ou outras imperfeições. Ele deve estar na idade correta para ser um Corban. Dependendo do tipo de sacrifício, o animal pode precisar ser macho ou fêmea. E o animal deve ter um proprietário legítimo. Não pode ser roubado ou adquirido de forma ilícita **(perfeito)**. Desta forma, o animal **justo e perfeito** está apto para ser um Corban.

Mas, quem de fato é o animal que vai ser levado para o sacrifício? Ao Ser Humano tem-se a pergunta: com que "sacrifício" desejamos mudar as nossas vidas? Em um sacrifício temos de observar 5 etapas, a saber: **1ª** etapa é fazer a declaração clara, objetiva e firme. Sem procrastinar. Estar determinado a realizar a mudança. Evidente que essa mudança não ocorrerá de um dia para o outro, mas o objetivo tem de ser estabelecido e a determinação de alcançá-lo também tem de estar junto e firme. **2ª** etapa é pegar o touro pelos chifres. A alma animal tem de saber que, tem alguém que vai segurá-la pelos chifres. Ela não é mais livre, para manifestar suas vontades e suas ideias. Temos de controlar a entrada da comida e o oxigênio (ambiente) para a alma animal. A **3ª** etapa que é aspergir

o sangue do animal sobre as paredes do altar, significa que devemos redirecionar o fervor e a paixão, dando uma reorientação nova a toda essa paixão e fervor voltando-a para objetivos espirituais. A **4ª** etapa que é queimar as gorduras sobre o altar, significa que devemos controlar os prazeres que estamos normalmente muito envolvidos. Ou seja, devemos abrir mão ou diminuir a busca desenfreada pelo prazer e direcionar essas energias para assuntos espirituais. Quando lemos a Torá e percebemos o que acabamos de ver, é um imenso prazer, muito maior que o obtido em noite de bebedeira, por exemplo. A **5ª** etapa que é realizada em alguns tipos de sacrifícios é comer algumas partes do animal.

Mas, o que significa comer ou se alimentar? Comer nos leva a absorver a energia do universo por meio dos alimentos. A pessoa adquire energia para poder se sustentar de fato ao longo do tempo. Ou seja, a pessoa ao comer agradece e reconhece a interconexão da vida dela com o Criador. As pessoas se tornam mais saudáveis de corpo e alma. Além disto, o mastigar reduz o alimento a partes muito pequenas, microscópicas. As bactérias, vírus e fungos, presentes em nosso corpo, reduzem ainda mais àquelas pequenas partes, para que o organismo absorva os nutrientes e o que não é necessário é eliminado. Todos esses processos (de comer) representam a integração dos elementos (terra, água, fogo, ar) dentro do corpo, promovendo equilíbrio e harmonia.

Ou seja, o acima apresentado (sobre os sacrifícios) nos mostra que devemos viver uma vida significativa e centrada, buscando sempre fortalecer os nossos valores desde cedo, cultivando uma vida interior rica e gratificante, a fim de nos aproximarmos do Criador.

7.(Terumá) - Shemot - 27:9-19 – "*Em seguida, D'us forneceu as instruções para demarcar o pátio, com tapeçarias suspensas em pilares de madeira folheados de cobre. As tapeçarias eram fixadas na terra com estacas de cobre. As estacas eram marteladas na terra, o que indicava que a santidade do Mishcan penetrava efetivamente no chão. Tanto ao construir o Mishcan no deserto, como ao edificar nosso 'Mishcan' interior e pessoal, estamos permeando de Divindade até mesmo nos locais que, como o solo, parecem inanimados e sem vida*".

Por que devemos fincar no solo, de forma firme, as estacas? No fundo, falamos apenas sobre desejos dentro de uma pessoa, que são corrigidos de egoístas a altruístas. Parece como se estivéssemos a falar sobre um trabalho extremamente duro, tal como sacrificar ou matar com sangue e água. E certamente é. A correção do nosso desejo egoísta é trabalho duro. Por isso precisamos fincar firme as estacas no solo. No fundo, o nosso trabalho é **"*faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse*".**

No fundo toda a Parashat está conectada ao "***faremos e aprenderemos tudo o que D'us nos disse***". Uma etapa fundamental do aperfeiçoamento do Pedreiro é o erguer o Santuário interior que cada um deve edificar. Isto é feito, realizando o trabalho no dia a dia. Ou seja, para tornar Feliz a Humanidade, precisamos tornar feliz a nós mesmos. A briga que existe entre o bem e o mal na área dos desejos e sentimentos, é constante. Temos uma alma animal que realmente vai tentar, com todos os meios que ela tem, nos mostrar que o caminho errado é o caminho ideal para seguirmos. Mas, a escolha é nossa. Quando chega a prática de pensamento, fala e ação devemos ser ouro puro e espelhar a nossa essência que também é ouro puro. Podemos algumas vezes sentir que nossas personalidades por dentro estão totalmente bagunçadas, podemos sentir que dentro de nós tem "*demônios*" tentando nos puxar para o abismo. Mas, jamais podemos nos entregar para este lado negativo e deixar que estes sentimentos conduzam a nossa vida.

Que o Pedreiro receba a Luz. Que nunca se deixe conduzir pelo espírito da tolice. Que erga um Mishcan dentro de seu coração. Que conduza a gigantesca energia que sua alma animal tem, para fins elevados, fincando firme no solo as estacas de sustentação.

09 - Parashat Tetsavê – Ordenarás - Sacerdotes

Sinopse

D'us ensinou a Moshê o procedimento para acender as velas da Menorá. Em seguida, começou a descrever como confeccionar as vestimentas especiais dos Qohenim (Sacerdotes). Poderia se pensar que todos deveriam ser Sacerdotes consagrados a D'us, ou seja, que todos os filhos de Israel deveriam ficar totalmente imersos na consciência Divina. No plano interior (Pedreiro), isso se traduz na necessidade de cada pessoa consagrar um "*sacerdote interno*", ou seja, uma dimensão da personalidade de cada Pedreiro dedicada exclusivamente ao serviço de D'us por meio do estudo da Torá e da disciplina consciente de pensamento, fala e ação, permitindo que essa parte elevada oriente o restante da vida. Essa é a realização prática da promessa Divina de sermos um "*reino de sacerdotes e uma nação sagrada*", mas como Seres Humanos que transformam a realidade. *As primeiras vestimentas que D'us descreve são o efod e o peitoral do Cohen Gadol. O efod era um tipo de avental ao contrário (sua frente ficava atrás, cobrindo as costas; amarrava-se adiante, sobre a barriga). Duas tiras do efod saíam da cintura pelas costas em direção aos ombros; subiam acima dos ombros até aparecer no topo deles no lado da frente. Na extremidade superior de cada tira ficava incrustada uma pedra preciosa e, em ambas, estavam gravados os nomes das doze tribos (seis em cada pedra). O peitoral era uma peça quadrada de tecido com doze pedras preciosas nela incrustadas. Cada uma delas tinha o nome de uma das doze tribos nela gravado. O peitoral era preso ao efod em sua parte superior e inferior por meio de cordões de lã de modo a ficar sem balançar sobre o peito.* Assim, o peitoral ensina que a revelação Divina ocorre quando diversidade, responsabilidade e intenção se unem dentro do coração do Pedreiro, transformando a pluralidade em veículo de luz, verdade e continuidade espiritual. Lembremo-nos que somos todos diferentes uns dos outros, por isso mesmo somos todos iguais. Continuando temos que *a túnica do Cohen Gadol chegava até os tornozelos e ia por debaixo do efod e do peitoral. Toda a borda inferior desta túnica estava adornada com uma orla de sininhos de ouro e romãs de lã.* As romãs e os sininhos ensinam que mesmo quem aparenta estar distante, pode estar repleto de boas ações, podendo assim ser uma alma que é literalmente uma parte de D'us. Por isso, o caminho da elevação espiritual começa com o reconhecimento da dignidade essencial do outro. Somente a partir dessa consciência é possível inspirar retorno, crescimento e refinamento moral. *Como parte dos rituais que confirmavam os Sacerdotes em seu cargo, Moshê devia ungir Aharon e seus filhos e, também alguns dos sacrifícios, com azeite de oliva misturado com especiarias de acordo com uma fórmula específica. Intelecto sagrado vs. intelecto secular - O azeite era espalhado formando uma letra grega lambda (Λ). Esta letra é a forma angular do caractere Hebraico Kaf (כ) (כהן), a inicial da palavra Cohen, que significa 'Sacerdote'.* O traço angular da letra lambda (Λ) nos mostra que a unção não apenas separa o sacerdote, mas santifica o intelecto humano ao alinhá-lo com o intelecto Divino expresso na Torá. Essa ação transforma um traço gráfico "*externo*" em um sinal interno de missão. O Cohen é aquele cujo pensamento, fala e ação são moldados pela vontade Divina. *Além de consagrar os sacerdotes, D'us disse a Moshê para inaugurar o Altar ungindo-o e oferecendo nele sacrifícios específicos. Uma expressão da santidade do Altar é que, uma vez que se coloca algo sobre ele, isso deve ficar ali até ser totalmente queimado, mesmo que tal coisa tenha sido desqualificada para o uso como um sacrifício. Assim sendo, ao entrar no pátio do Tabernáculo para servir Hashem, a primeira coisa vista é o altar o lugar onde o fogo queima, que simboliza o movimento Ratzvon oz, a subida em direção a Hashem o desapego do mundo Gueburah e só depois está a pia e a água, utensílio que simboliza o trabalho de renovação com o respectivo retorno aos assuntos deste mundo que é Chassadim. Essa é a ordem do trabalho do Ratzvon e depois Shuv antes o altar e depois a pia. Todavia para que possamos começar a adorar Hashem na linha do Ratzvon, ou colocar fogo no altar é preciso primeiramente receber a força de Hashem que vem na forma de um fluxo de bondade. D'us concluiu Sua descrição dos rituais de inauguração denominando o Mishcan de 'A Tenda do Encontro'. Este nome significa que o Mishcan seria o lugar onde D'us se encontraria com Moshê para se comunicar com ele e, também o local onde se reuniria com o povo israelita toda vez que este fosse ali para rezar e escutar o que D'us tivesse transmitido a Moshê.* Assim, "*A Tenda do Encontro*" simboliza além de um espaço de

revelação, um modelo de vida, onde disciplina, discrição, lealdade e integridade criam o ambiente para que a Presença Divina habite entre o povo, demonstrando que a verdadeira segurança e prosperidade não derivam da flexibilização moral, mas da fidelidade às orientações do Eterno. *Após concluir Suas instruções para consagrar os Qohenim por meio das vestimentas especiais e dos rituais de ordenação, D'us mostrou a Moshê como construir o Altar do incenso, o qual deveria ser colocado na câmara exterior do Mishcan. A vida interior - Uma das razões pelas quais a descrição do Altar interior se encontra no final das especificações referentes ao Mishcan e de tudo o que havia nele, é para indicar que este possuía um caráter único, superior e diferente de todos os outros elementos do Mishcan.* A palavra "*sacrifício*" (Corban) (קרבן) significa também meio de aproximação e a palavra incenso (*Ketóret*) - (קטרת) é meio de ligação. Os sacrifícios e outras ofertas envolvem principalmente os quatro sentidos mais físicos (tato, visão, audição e paladar), ao passo que o incenso mobiliza nosso quinto sentido, mais espiritual que é o olfato.

1.(Tetsavê) - Shemot – 27:20-28:12 – "*D'us ensinou a Moshê o procedimento para acender as velas da Menorá. Em seguida, começou a descrever como confeccionar as vestimentas especiais dos Qohenim (Sacerdotes). Poderia se pensar que todos deveriam ser Sacerdotes consagrados a D'us, ou seja, que todos os filhos de Israel deveriam ficar totalmente imersos na consciência Divina. Realmente, este é um ideal louvável, mas, se o colocarmos em prática, arruinaria o propósito da Criação. D'us não nos criou para sermos anjos, e sim, seres humanos, e para viver no mundo material. Somente desta forma elevamos o mundo, aperfeiçoá-lo e preenchê-lo de consciência Divina.*

Por outro lado, para poder elevar o mundo necessitamos preservar a imagem do modo de vida totalmente Divino que nos esforçamos para alcançar. Para isso, no passado, uma minoria seleta do povo devia viver esse ideal na prática: os sacerdotes. De maneira análoga, hoje devemos consagrar uma parte de nossa personalidade ao propósito único de servir a D'us. Ao criar ('consagrar') esse 'sacerdote interno', podemos relacionarmo-nos adequadamente com o mundo em geral tal como se espera de nós, guiando e levando-o à sua realização Divina. É esta a forma de correspondermos à promessa que D'us nos fez ao entregar-nos a Torá: 'Vocês serão para Mim um reino de sacerdotes e uma nação sagrada'."

Nos comentários de Torá Sefer pg. 243 podemos encontrar que "*o azeite de Oliva batido ou macerado é o produto da primeira pressão. A Torá prescreve que o óleo mais puro é o que deve ser usado para a Menorá. O Midrash comenta que, como regra geral, o óleo usado para alimentos costuma ser o melhor, deixando a sobra para a iluminação. Mas, aqui acontece ao contrário. As primeiras e mais puras gotas do azeite são as destinadas à Menorá e as demais, às oferendas de cereais. Esta é uma peculiaridade do povo israelense: as necessidades corporais consideram-se como de segundo plano em relação às espirituais. O verdadeiro homem não é que tem tudo em comum com os animais, senão aquele que sabe elevar-se e progredir sobre o que lhe é específico, seu espírito e sua consciência moral. Só é homem aquele que conquista o Universo não com armas mortíferas, mas subjugando a matéria com o poder de seu espírito*".

Ou seja, devemos consagrar uma parte de nossa personalidade ao propósito de servir a D'us. Por exemplo, dedicando tempo ao estudo da Torá e praticando pensamentos, falas e ações decorrentes deste estudo.

Nesta mesma página podemos encontrar uma referência ao tempo de vida dos Templos Sagrados, ou seja: "*Nos caracteres da palavra Catit (כתית) (batido) há uma indicação sobre a duração dos três Templos O valor numérico do Tav (ת) + Yud (י) é 410, indicando os anos que o primeiro Templo existiu. A soma de Tav (ת) + Kaf (כ) valem 420, que é o número de anos os quais o segundo Templo persistiu, enquanto as palavras Ner Tamid (נר תמיד), lâmpada contínua, já se refere ao terceiro Templo que será erguido no "Estado de Israel" e que, com a vontade Divina e a cooperação de todo o povo de Israel, perdurará eternamente*".

Vimos na Parashat Terumá que a palavra Tabernáculo - Mishcan (מִשְׁכָּן), tem um valor numérico de 410, o mesmo de Shemá – Ouça (שמע), que liga o Tabernáculo com a Oração 'Shemá'. Consta no Zohar 139, "*que trata dos Heichalot ou Palácios nos mundos espirituais, sobre* ***O que é o firmamento?*** *É onde estão localizados o sol, a lua, as estrelas e as constelações e é chamado de Livro da Lembrança. Ele os anuncia, registra e os inscreve, para que eles possam ser os filhos (residência) de Seu próprio palácio (Templo)*". Hoje penso que o 3º Templo será como a Jerusalém Celeste. A existência do Templo depende da evolução espiritual do Ser Humano.

Percebe-se que o serviço no Mishcan visava ensinar ao Ser Humano a viver corretamente dentro dele, não tendo o objetivo de o afastar do mundo. A Menorá, alimentada pelo azeite puro da primeira prensagem, simboliza que os israelitas priorizam a consciência espiritual em vez das necessidades materiais. Mesmo assim, essa luz mantém o mundo físico presente, conferindo ao mundo ordem e elevação.

Da mesma forma, as vestimentas sacerdotais mostram que nem todos devem viver permanentemente no estado de santidade absoluta. Pelo contrário, apenas uma parcela, representada pelos Qohenim, encarna esse ideal de forma plena, para que o restante do povo possa se engajar no mundo material sem perder o rumo espiritual.

No plano interior (Pedreiro), isso se traduz na necessidade de cada pessoa consagrar um "*sacerdote interno*", ou seja, uma dimensão da personalidade de cada Pedreiro dedicada exclusivamente ao serviço de D'us por meio do estudo da Torá e da disciplina consciente de pensamento, fala e ação, permitindo que essa parte elevada oriente o restante da vida. Essa é a realização prática da promessa Divina de sermos um "*reino de sacerdotes e uma nação sagrada*", mas como Seres Humanos que transformam a realidade.

Nesse contexto mais amplo, a Guematria aprofunda o sentido espiritual do Templo. A palavra "C*atit*" alude à duração dos dois primeiros Templos, enquanto "*Ner Tamid*" aponta para um terceiro Templo que seria eterno, por meio de um estado de consciência coletiva.

O valor numérico do "*Mishcan*" sendo igual ao de "*Shemá*", indica que o verdadeiro Tabernáculo sempre esteve ligado à escuta interior de um Pedreiro, à aceitação da unicidade Divina e à memória espiritual registrada no Livro da Lembrança. "**16***Então, os tementes ao Eterno falaram entre si; e o Eterno atentou e ouviu, e perante Ele foi composto um Livro de Lembranças, para que dele, constem os que O temem e O mantêm em seu pensamento.* **17***Estes são Meu Tesouro – diz o Eterno dos Exércitos – no dia em que hei de fazer. E me compadecerei deles como um homem se compadece de seu filho que o serve.* **18***Então, voltareis a discernir entre o justo e o malvado, entre o que serve a D'us e o que não O serve.*". Malaquias (Malahi) 03:16-18, Tanakh pg.1693.

Assim, passado, presente e/ou futuro dependem diretamente da evolução espiritual do Ser Humano. O Terceiro Templo é a manifestação de uma humanidade capaz de sustentar permanentemente a luz da Menorá. Ou seja, uma consciência contínua de D'us que ilumina o mundo sem negá-lo, elevando a matéria pelo poder do espírito.

2.Tetsavê - Shemot – 28:13-30 – "*As primeiras vestimentas que D'us descreve são o efod e o peitoral do Cohen Gadol. O efod era um tipo de avental ao contrário (sua frente ficava atrás, cobrindo as costas; amarrava-se adiante, sobre a barriga). Duas tiras do efod saíam da cintura pelas costas em direção aos ombros; subiam acima dos ombros até aparecer no topo deles no lado da frente. Na extremidade superior de cada tira ficava incrustada uma pedra preciosa e, em ambas, estavam gravados os nomes das doze tribos (seis em cada pedra). O peitoral era uma peça quadrada de tecido com doze pedras preciosas nela incrustadas. Cada uma delas tinha o nome de uma das doze tribos*

nela gravado. O peitoral era preso ao efod em sua parte superior e inferior por meio de cordões de lã de modo a ficar sem balançar sobre o peito.

O efod ficava pendurado nas costas e ia até os calcanhares, enquanto o peitoral se apoiava na frente, sobre o coração. As 'costas' representam o que é externo e mundano, os aspectos da vida que podem ser necessários, mas não são nosso principal foco de atenção. Já o lado da 'frente' representa o interior e o sublime - o objeto em que centramos nosso verdadeiro interesse -, assim como nosso rosto, que expressa os pensamentos e sentimentos que guardamos em nosso interior e se encontra na frente de nosso corpo.

O fato de o peitoral não poder ser separado do efod significa que ao Cohen Gadol não era permitido ter qualquer lacuna ou separação entre o sublime e o mundano, ou seja, entre os aspectos essenciais e os externos de sua vida. O que vale para nosso idealista e inspirado coração deve também expressar-se até mesmo em nossos 'calcanhares', isto é, nos aspectos comuns e rotineiros de nossas vidas".

Embora existam várias nuances que podem ser exploradas, vou me ater mais a questão do Peitoral. Os nomes das tribos foram "*inscritos quimicamente*" de acordo com a cor da gema refletindo sua individualidade. As pedras preciosas levarão os nomes dos 12 filhos de Israel. O nome de cada um é gravado como que sobre anel de sinete. A fim de que o peitoral funcione como oráculo, o alfabeto hebraico inteiro deve estar sobre as pedras; porém os nomes das tribos não contêm todos os caracteres. Para corrigir essa situação, se grava os nomes dos Patriarcas – Abraão, Isaac e Jacob – sobre a primeira pedra, acima do nome de Rubem, e a palavra "*Shivty Yeshurun*" sobre a última pedra, abaixo do nome Benjamim.

O *Shivty Yeshurun* é um nome poético para o povo hebreu (Israel) no Tanakh. O significado de Yeshurun é derivado de uma palavra raiz que significa "*reto*", "*justo*" ou "*direito*". No entanto, também pode ter origem na palavra "*shur*", que significa "*ver*", ou ser uma forma diminutiva da palavra Israel

Os seis dias da Criação compreendem um total de 72 horas de luz do dia, o número de horas durante as quais o universo e tudo o que existe foi criado (nenhuma Criação ocorreu à noite). Gênesis 02:04, "*no dia que o Senhor D'us fez a terra e o céu*." Este número 72 também foi mencionado no Salmo 89:02, onde David fala sobre o mundo ter sido construído sobre o atributo (חסד) (Hessed), bondade. O valor numérico da palavra (חסד) também é 72. Inferimos desses versos que o mundo que foi criado em 72 horas de atividade criativa por D'us e é mantido devido ao mérito das doze tribos de Israel, ou seja, os 72 caracteres inscritos no Peitoral do Sumo Sacerdote. (Rashi Shemot 28:21-25, pg. 168).

A pedra com o nome (בנימין) (Benjamim) foi escrita com dois (י) em oposição a Êxodo 01:03 ou G42:38 et. al. onde não há um Yud (י) antes do Nun final (ן). Portanto, era impossível adicionar um caractere nos nomes dos Patriarcas nessa pedra. A razão disso, pode estar ligada a uma ocorrência histórica na época dos juízes, quando a tribo quase foi extinta. Apenas 600 jovens sobreviveram após a guerra civil descrita em Juízes 20:45-47; 21:13-14. Se seu nome não tivesse sido escrito com seis caracteres no peitoral, mesmo os seiscentos jovens que sobreviveram, talvez, não teriam de fato sobrevivido.

Veja que o Nome YHWH que deve ficar escrito em um pergaminho e é colocado dentro do Peitoral. Esse pergaminho será conhecido como "*os Urim e Tumim*", (אורים ותומים) porque transforma o peitoral em oráculo luminosos (*Urim*) e precisos (T*umim*).

	Baréket (Esmeralda)			**Pitdá (Topázio)**			**Odem (Rubi)**	
	Levi			**Shimon**			**Reuven**	
						13	**אַבְרָהָם יצחק יעקב**	
3	**לוי**		**5**	**שמעון**		**5**	**ראובן**	
	Iahalom (Diamante)			**Sapir (safira)**			**Nófech (Carbúnculo)**	
	Zevulun			**Issacar**			**Yehudah**	
5	**זבלן**		**5**	**יששכר**		**5**	**יהודה**	
	Achlàma (Ametista)			**Shebó (Ágata)**			**Léshem (Opala)**	
	Gad			**Nafitali**			**Dan**	
2	**גד**		**5**	**נפתלי**		**2**	**גן**	
	Iashfe (Jaspe)			**Shobam (Ônix)**			**Tarshish (Crisólita)**	
	Binyamin			**Yosef**			**Asher**	
6	**בנימין**		**4**	**יוסף**		**3**	**אשר**	
5	**ישרון**	**Yeshurun**						
4	**שבטי**	**Shivty**						
25			**19**			**28**		**72**

Informações sobre o Peitoral usado pelo Sumo Sacerdote.

Continuando a forma com que foi feita a interpretação dos versículos anteriores, percebe-se que não pode haver ruptura entre o que é interior e sublime e o que é exterior e cotidiano. O efod, pendendo pelas costas até os calcanhares, representa os aspectos práticos, necessários e mundanos da existência.

O peitoral, firmemente preso sobre o coração, simboliza a intenção e a verdade interior. O peitoral não poder se separar do efod, pois nos ensina que a espiritualidade autêntica não se limita a sentimentos elevados ou ideais abstratos. Ela deve descer até os "*calcanhares*", isto é, expressar-se nas ações mais simples da vida diária. O Cohen Gadol encarna esse ideal de integração total, no qual aquilo que ocupa o coração governa também o comportamento concreto, sem contradição entre fé, emoção e prática.

O peitoral, por sua vez, aprofunda essa integração ao reunir todas as tribos, com suas diferenças, em um único instrumento de revelação Divina. As doze pedras, cada uma com sua cor e identidade própria, mantem a individualidade de cada tribo. Por outro lado, consagra cada Tribo dentro de uma unidade maior. A inscrição dos nomes dos Patriarcas (Abraão, Isaac e Jacob), juntamente com *Shivty Yeshurun*, completa o alfabeto hebraico e permite que o peitoral se torne um oráculo, iluminado e preciso pelos *Urim veTumim*, onde repousa o Nome Divino.

Os setenta e dois caracteres gravados refletem as 72 horas da Criação e o atributo do Hessed que sustenta o mundo, indicando que a própria existência continua a ser mantida pelo mérito da união das Tribos. Até mesmo a grafia singular do nome Benjamim, com dois "*yudim"*, aponta para preservação da totalidade de Israel, mesmo após momentos históricos de quase extinção. Assim, o peitoral ensina que a revelação Divina ocorre quando diversidade, responsabilidade e intenção se unem dentro do coração do Pedreiro, transformando a pluralidade em veículo de luz, verdade e continuidade espiritual. Lembremo-nos que somos todos diferentes uns dos outros, por isso mesmo somos todos iguais.

A tradição nos apresenta que que os *Urim e Tumim* eram um segredo revelado somente a Moshê. Ionatan ben Uziel traduz a palavra Urim como "*Or*" (luz) e *Tumin* como "*Tam*" (íntegro), portanto "*Luz e Integridade*". Entretanto, na Versão dos Setenta foram traduzidas estas duas palavras como "*Revelação e Verdade*". O Talmud descreve que o Tetragrama estava escrito dentro de dobraduras do peitoral, por meio do qual algumas letras dos nomes das tribos brilhavam e o Sacerdote juntava-as com inspiração Divina para formar a resposta do que se desejava saber.

Consultavam-se os *Urim e Tumim* em circunstâncias extraordinárias. Moshê não fez uso deles e Josué foi o primeiro a usá-lo na divisão das terras e no caso do Acham (Josué 07:14-18). O rei Saul não foi atendido pelos *Urim e Tumim* (1 Samuel 28:05) e foi por isso que ele consultou a pitonisa (sacerdotisa). O rei David foi atendido várias vezes (2 Samuel 02:01 e 21:01), porém depois dele não houve outro rei que os tenha usado. Comentários da Torá Sefer pgs. 307-308 referente a Vayikrá (Levítico) 08:08.

3.(Tetsavê) - Shemot – 28:31-43 – "*A túnica do Cohen Gadol chegava até os tornozelos e ia por debaixo do efod e do peitoral. Toda a borda inferior desta túnica estava adornada com uma orla de sininhos de ouro e romãs de lã.*

A necessidade da unidade israelita - A unidade do povo israelita refletia-se nas três vestimentas principais do Cohen Gadol. Os nomes das tribos gravados no peitoral (apoiado sobre o coração do Cohen Gadol) representavam os justos entre nós. Os nomes das tribos gravados nas pedras do efod (que cobriam principalmente as costas do Cohen Gadol) representavam por sua vez os israelitas que se encontram em plena luta contra suas inclinações negativas. Quanto aos sininhos e as romãs da túnica, estes simbolizavam aqueles que ainda se encontram sob a influência de suas inclinações ao mal, mas, mesmo assim, estão 'tão repletos de boas ações como uma romã cheia de sementes'. Todos estes israelitas deviam estar representados quando o Cohen Gadol entrasse no santuário, porque ele devia invocar o mérito comum a todo o seu povo.

Do mesmo modo, quando vemos pessoas que necessitam de um estímulo espiritual, devemos primeiro conscientizá-las de seu valor inerente, de que possuem dentro de si mesmas uma alma que é realmente uma parte de D'us. Ao recepcioná-las de volta à observância judaica, ajudamos essas pessoas a se reconectarem com seu verdadeiro eu interior. Depois disso, podemos auxiliá-las a abandonar toda negatividade que possa ter restado em suas vidas e incrementar o cumprimento de atos de luz e bondade".

"*Mesmo um Erudito da Torá também tem de se ocupar com atos de benevolência (caridade). Quem quer que diga que ele não tem nada a não ser a Torá e, portanto, nenhum ato de benevolência, não tem nem mesmo a Torá*" (Tanya Iguéret HaCôdesh Carta Cinco, pg. 108 e 112). Substitua Erudito por Pedreiro e Torá por Ritual e encontrará uma explicação referente ao Pedreiro que se acha dono da Casa. O efeito da caridade é atrair a luz de D'us para o Mundo de Assiá. Pois, mediante um estímulo de baixo, através da caridade e do Hessed de um ser mortal, a pessoa desperta o Hessed Supremo.

"*A árvore que brota do caroço com seus frutos, não são, em absoluto, a essência e ser do caroço, pois a essência e ser dele foi consumida e está decomposta no solo, e assim ele (o caroço) não é a fonte da propriedade vegetativa. É a propriedade vegetativa do solo em si e não propriedade vegetativa em particular que resultou no brotar do caroço, para produzir o crescimento da árvore e seu fruto. O poder vegetativo do crescimento é uma faculdade Divina que permite que de uma propriedade espiritual resulte o crescimento físico, de uma forma de Criação a partir do nada.*

Mas, se assim é, por que plantar um caroço? *Somente o potencial vegetativo da terra não manifesta seu poder para o exterior, a não ser por meio do estímulo do caroço, que se decompõe no solo e cujo inteiro poder, o poder particular de crescimento dele, que se originou da propriedade vegetativa da terra, e que se implantou neles enquanto eles cresciam, foi incorporado pela propriedade vegetativa do solo, de modo que eles se uniram e se tornaram um. Ou seja, o poder particular de crescimento, que resultou no caroço, quando ele se decompôs, uniu-se com a propriedade vegetativa universal da*

terra. O crescimento vegetativo implica em produzir algo muito superior ao que foi plantado no solo". Tanya Iguéret HaCôdesh Carta Oito, pg. 161.

Ou seja, a terra, o caroço e a árvore representam em conjunto os justos, as pessoas que se encontram em plena luta contra suas inclinações negativas e àqueles que ainda se encontram sob a influência de suas inclinações ao mal, mas que representam o caroço que brota no solo. A prova da terra é que nos leva a morrer para uma vida de paixões e nascer para uma vida de luz.

A descrição das vestimentas finais do Cohen Gadol em três camadas (**1.** peitoral sobre o coração, **2.** o efod sobre as costas e **3.** a túnica com sininhos e romãs na orla inferior) representam os três estados espirituais coexistentes entre os israelitas (e dentre os Pedreiros). **1.** Os justos, **2.** os que lutam ativamente contra suas inclinações e **3.** até aqueles ainda sob forte influência do mal, mas que não são excluídos do serviço Divino. Todos são carregados simbolicamente pelo Cohen Gadol ao entrar no Santuário.

As romãs e os sininhos ensinam que mesmo quem aparenta estar distante, pode estar repleto de boas ações, podendo assim ser uma alma que é literalmente uma parte de D'us. Por isso, o caminho da elevação espiritual começa com o reconhecimento da dignidade essencial do outro. Somente a partir dessa consciência é possível inspirar retorno, crescimento e refinamento moral.

Essa visão encontra um paralelo direto no ensinamento do Tanya, especialmente no Iguéret HaCôdesh, onde encontramos que nem mesmo o maior erudito pode se limitar ao estudo, assim como nenhum ritual subsiste sem Hessed. A caridade e os atos de benevolência são o "*estímulo de baixo*" que despertam o Hessed Supremo, trazendo luz ao mundo de Assiá.

A representação apresentada acima do caroço, da terra e da árvore reforça essa ideia. O caroço precisa "*apodrecer*" (Câ∴ de Refl∴), isto é, anular sua forma anterior, para que a força vegetativa Divina da terra se manifeste e produza algo infinitamente maior. Assim, os justos, os que lutam e os que ainda tropeçam formam um único processo espiritual (terra, semente e fruto), onde até aquele que parece estar mais distante pode ser o catalisador de um crescimento superior. A unidade dos israelitas (Pedreiros), simbolizada nas vestimentas do Cohen Gadol, ensina que a verdadeira redenção nasce quando todos os níveis da alma humana são integrados, transformando morte espiritual em renascimento, paixões em luz e fragmentação em vida plena diante do Eterno D'us.

4.(Tetsavê) - Shemot – 29:01-18 – "*O Cohen Gadol também usava o tsits, uma lâmina fina de ouro com o dizer 'Sagrado para D'us' gravado nela atada sobre a cabeça; uma túnica, que vestia por baixo de seu manto; uma faixa em volta do manto; e um turbante. Os Qohenim vestiam túnicas, faixas e chapéu. Tanto o Cohen Gadol como os Qohenim usavam calças até os joelhos por baixo do uniforme. Como parte dos rituais que confirmavam os Sacerdotes em seu cargo, Moshê devia ungir Aharon e seus filhos e, também alguns dos sacrifícios, com azeite de oliva misturado com especiarias de acordo com uma fórmula específica. Intelecto sagrado vs. intelecto secular - O azeite era espalhado formando uma letra grega lambda (Λ). Esta letra é a forma angular do caractere Hebraico Kaf (כ) (כהן), a inicial da palavra Cohen, que significa 'Sacerdote'.*

Os gregos acreditavam que o intelecto humano era o árbitro supremo da verdade, enquanto o judaísmo afirma que o intelecto supra-humano de D'us, este sim, é a fonte da verdade. Essas duas cosmovisões às vezes são conflitantes entre si, pois as exigências da Torá às vezes transcendem o intelecto humano. É por isso que os seguidores da filosofia grega lutaram contra os israelitas e a Torá na guerra que acabou resultando no milagre de Chanucah.

Não seria, então, pouco apropriado introduzir um símbolo grego nos rituais de inauguração do Mishcan, o centro espiritual do judaísmo? *A razão disso é porque o intelecto de D'us, conforme expresso na Torá, tem como seu objetivo santificar o intelecto humano. É por isso que foi justamente a letra grega que tem a forma do Kaf que foi adotada nos rituais de inauguração do Mishcan*".

Há associação entre o lambda e o caractere Kaf? A letra grega lambda é associada a conceitos esotéricos de transformação, dualidade e equilíbrio. O caractere Kaf (כ) tem o som de Kaf sem pontinho e com pontinho tem o som RRaf. Quando se estuda os caracteres das dezenas, eles estão associados aos caracteres da unidade. O Kaf (כ) está associado ao Beit (ב). Os desenhos de Kaf e Beit são semelhantes. O Beit representa a Criação e o Kaf é a transformação da Criação. É quando pegamos a matéria prima e moldamos e transformamos em objetos, utensílios etc. O Kaf representa uma pessoa quando utiliza a própria mão para transformar a matéria prima em um objeto. Em Hebraico esse caractere é chamado de palma. Palma da mão é Kaf Hiad (כַּף הַיָּד) posto que são as mãos que efetivamente transformam a matéria.

O Kaf tem o poder de transformar a coroa do rei. Coroa - Kether (כתר) também se inicia com Kaf, porque o rei tem o poder de transformar os seus súditos por meio de seus pronunciamentos. O caractere Kaf também representa os pratos e braços de uma balança. Sempre temos de pesar na vida qual é o lado positivo e o lado negativo. Ou seja, os pratos da balança é que vão dizer se a pessoa é justa ou injusta.

Na Organização dos Pedreiros Livres, a balança é, frequentemente, associada ao grau de Mestre Pedreiro. A balança simboliza a justiça, o equilíbrio e a imparcialidade, características que um Mestre deve buscar em seu caráter e em suas ações.

Portanto, porque a semelhança entre lambda (Λ) e o Kaf (כ) (כהן), pode ser usada como símbolo positivo neste momento especial? O traço angular da letra lambda **(Λ)** nos mostra que a unção não apenas separa o sacerdote, mas santifica o intelecto humano ao alinhá-lo com o intelecto Divino expresso na Torá. Essa ação transforma um traço gráfico "*externo*" em um sinal interno de missão. O Cohen é aquele cujo pensamento, fala e ação são moldados pela vontade Divina.

Essa ideia associa-se diretamente com o que é apresentado pelo Tanya Likutei Amarim Cap. 5, de que o estudo da Torá faz com que a sabedoria Divina "*vista e abraça*" o intelecto humano, elevando-o além do mero raciocínio autônomo. Neste capítulo do Tanya, o Alter Rebe explica que a alma possui dez faculdades — três intelectuais e sete emocionais — além de três modos de expressão que são o pensamento, a fala e a ação.

5.(Tetsavê) - Shemot – 29:19-37 – "*Além de consagrar os sacerdotes, D'us disse a Moshê para inaugurar o Altar ungindo-o e oferecendo nele sacrifícios específicos. Uma expressão da santidade do Altar é que, uma vez que se coloca algo sobre ele, isso deve ficar ali até ser totalmente queimado, mesmo que tal coisa tenha sido desqualificada para o uso como um sacrifício.*

O poder da santidade - (Inic∴) - *Espiritualmente, este princípio se aplica a cada um de nós em nossa relação com a santidade. Por mais que a única coisa que façamos seja 'tocar' a santidade - sem aprofundar a nossa relação, que não passou de um 'contato externo' - já nos tornamos sagrados. Uma vez que vivemos uma experiência espiritual, mudamos para sempre. Podemos tentar esquecê-la, ignorá-la ou fugir dela: ainda assim, nosso contato com o âmbito Divino nunca mais nos permitirá submergirmos totalmente na vida mundana, seja sucumbindo a diversões sem sentido, seja buscando melhorar o mundo por meios puramente seculares.*

É verdade que a regra segundo a qual tudo o que toca o Altar se torna sagrado se aplica unicamente a objetos que são dignos de serem ofertados no Altar mesmo assim, no sentido espiritual, todos nós encontramo-nos dentro nesta categoria, porque cada israelita (hoje judeu) possui uma santidade intrínseca dentro de si: o verdadeiro desejo de cada israelita é fazer o que D'us lhe ordena".

Recordo aqui uma aula que tive com o Rabino Yacov A Nurkin em 13/03/2021. "*O lugar da pia e do altar é no pátio em frente à entrada do próprio Tabernáculo. A pia e o altar, cada qual simboliza um conteúdo diferente. No altar queimava o fogo e a pia era preenchida com água. O fogo sobe, consome, queima e simboliza o movimento de transcendência da alma, em seu desejo de se desprender-se da materialidade, ou usando a linguagem dada pela doutrina da Chassidut é um*

movimento de desejo Ratzvon oz (רצון עז) correndo da mente para transcender o mundo e se unir com Hashem.

Já a natureza da água é descer e se infiltrar, ela simboliza o movimento mental de Shuv (שוב), a descida para o mundo, a fim de revelar o seu propósito e corrigi-lo, ou utilizando da linguagem da Chassidut (חסידות) – Bondade – piedade - é um movimento de renovação que ocorre com o retorno ao mundo sem se desconectar e fugir dele, dizendo mesmo no estilo da Cabala, o fogo do altar a força é uma expressão de Gueburah – força (גבורה) e a água da pia é uma expressão de Chassadim (חסדים) bondade - Graças.

Como dissemos, ambos ficam no pátio diante da entrada do próprio Tabernáculo e o Tabernáculo e seus utensílios representam o trabalho principal dos Yehudim (יהודים). E a preparação para esse trabalho, quando nos encontramos no pátio do Tabernáculo, é exatamente o trabalho da pia e do altar. O trabalho de desejo e renovação. Sendo que o significado como fogo e água desejo e renovação também se reflete na sua localização no pátio do Tabernáculo e na ordem, ou seja, nos horários de trabalho dos Qohenim. (כהנים) Sacerdotes nesses utensílios.

O altar ficava mais perto da entrada do pátio do Tabernáculo, enquanto a pia ficava mais para dentro entre o altar e o próprio Tabernáculo. Quando os Sacerdotes entravam no pátio do Tabernáculo inicialmente encontravam o altar e somente depois que eles chegavam na pia. De modo que o desejo de subir que é representado pelo altar, o fogo é encontrado antes do processo de renovação que é a pia e a água.

Mas, porém, na ordem dos trabalhos dos Sacerdotes, primeiro eles devem santificar suas mãos e pés na água da pia, para só então trabalhar no altar. Ou seja, primeiramente vem Shuv (שוב) renovação, água e só então vem Ratzvon oz (רצון עז) fogo, desejo de subir.

Qual o significado destas coisas que inicialmente no trabalho dos Yehudim, primeiro vem a motivação, o desejo de subir para Hashem e somente depois ocorre a renovação com sua mudança? *Os Yehudim devem se esforçar para se unir a D'us e transcender a vida; transformando esse mundo em um desejo de fogo ou de transcendência. Mas, depois devemos saber que apesar de atingir um grau de transcendência espiritual, com o desejo de nos unirmos a Hashem, o objetivo é a renovação, a correção, iluminação desse mundo e não fugir dele e sim permanecer nele refiná-lo e corrigi-lo.*

Assim sendo, ao entrar no pátio do Tabernáculo para servir Hashem, a primeira coisa vista é o altar o lugar onde o fogo queima, que simboliza o movimento Ratzvon oz a subida em direção a Hashem o desapego do mundo Gueburah e só depois está a pia e a água, utensílio que simboliza o trabalho de renovação com o respectivo retorno aos assuntos deste mundo que é Chassadim. Essa é a ordem do trabalho do Ratzvon e depois Shuv antes o altar e depois a pia.

Todavia para que possamos começar a adorar Hashem na linha do Ratzvon, ou colocar fogo no altar é preciso primeiramente receber força de Hashem que vem na forma de um fluxo de bondade. O Rei Salomão em (שיר השירים) Shir a Hashyrym - Cântico dos Cânticos 01:04, ele diz o seguinte verso: me puxa e vamos correr atrás do Senhor (Tanakh pg. 2027- [Israel] Leva-me, correremos atrás de Ti!). ***O que significa isso?*** *Correr atrás de Hashem é a corrida da alma em direção a Hashem (Ratzvon), mas antes disso vem o "me puxe", que é a aproximação de D'us para nós, o fluxo de bondade da água, o poder que Hashem nos concede para que possamos trabalhar em Ratzvon.*

Antes das Gueburah é preciso Chassadim bondade e água. Anteriormente ao nosso Patriarca Isaac que simboliza a Gueburah, surgiu o Patriarca Abraão cujo poder é Chassadim Bondade - água. Este é o motivo por que embora o altar esteja posicionado na frente no pátio do Tabernáculo, antes de realizar o trabalho nele, é preciso santificar as mãos e os pés lavando-os nas águas da pia, porque precisamos trazer Chassadim e dessa forma executamos o serviço Divino que é esperado de nós". Os Pedreiros devem se lembrar dos eventos da água e do fogo.

6.(Tetsavê) - Shemot – 29:38-46 – "*D'us concluiu Sua descrição dos rituais de inauguração denominando o Mishcan de 'A Tenda do Encontro'. Este nome significa que o Mishcan seria o lugar onde D'us se encontraria com Moshê para se comunicar com ele e, também o local onde se reuniria com o povo israelita toda vez que este fosse ali para rezar e escutar o que D'us tivesse transmitido a Moshê.*

Recompensas - Há pessoas que se queixam dizendo o seguinte: ***'****O caminho da Torá nos coloca em desvantagem. Temos que observar o Shabat e as festividades, mas precisamos competir nos negócios com pessoas que não o fazem. Pela manhã, antes de ir trabalhar, temos que rezar e estudar a Torá. No meio do trabalho, temos que fazer uma pausa e rezar de novo (Minchah – Oração da tarde). À noite, quando finalmente retornamos à nossa casa, ainda temos mais uma oração que recitar (Arvit - também conhecido como Maariv, é uma oração realizada à noite). No trabalho temos que nos distanciar da desonestidade e das práticas comerciais ilícitas. Há muitas situações em que nem podemos sequer competir com o negócio de outra pessoa.* ***Como podemos sobreviver nessas circunstâncias?'.***

A isto, D'us responde: 'Eu os retirei do Egito. Até então, nenhum escravo tinha conseguido sair dali. Ainda assim, Eu retirei vários milhões de vocês e lhes concedi abundantes riquezas. Vejam, pois, que as restrições da natureza não Me limitam. Se vocês cumprirem as Minhas orientações, serão recompensados de forma sobrenatural e garantirei que tenham abundância em tudo o que necessitarem'."

Há trabalhos que devem ser mantidos reservados. Essa injunção é tão importante que, segundo o Midrash, foi um dos fatores primários que contribuíram para a nossa libertação do Egito. Pelo mérito de quatro coisas, os israelitas foram redimidos do Egito. 1) Eles não mudaram seus nomes; 2) não mudaram seu idioma; 3) não revelaram os segredos uns dos outros; e 4) não romperam barreiras da moralidade. Talmud Bamidbar Rabá 20:21.

Essa proibição pode se estender até a conversas que você não foi especificamente orientado a manter segredo. Na verdade, o primeiro versículo em Vayikrá declara: "*E Ele chamou Moshê, e o Eterno falou com ele da Tenda do Encontro, para dizer [leimor]*."

A palavra "*leimor*" significa "*para falar para os outros*". A partir dessa palavra extra, o Talmud entende que se D'us não tivesse autorizado Moshê a partilhar o comunicado que se seguiu, ele teria sido proibido de fazê-lo. Talmud Yoma 4a. Texto extraído de *Posso Revelar Conversas Particulares? - A controvérsia cercando a biografia do antigo Secretário de Defesa Robert Gates - pt.chabad.org*

Ao denominar o Mishcan de "*A Tenda do Encontro*", a Torá estabelece que a relação entre D'us e os israelitas é concreta, regular e sustentada por disciplina espiritual diária. Segundo a interpretação do Rebe, as exigências da Torá, que em linhas gerais são o Shabat, as orações e a integridade comercial, não colocam os israelitas (hoje judeus) em desvantagem econômica. Em vez disso, estabelecem as condições para que a Providência Divina, que ultrapassa as limitações naturais, se manifeste, tal como ocorreu durante o êxodo do Egito.

Essa confiança na supervisão Divina está ligada à fidelidade interior e coletiva do povo. Está expressa também nos méritos que, conforme o Midrash (Talmud Bamidbar Rabá 20:21), garantiram a redenção. A preservação da identidade, da linguagem, da moralidade e da confidencialidade moldam o ambiente adequado para que o Divino possa atuar.

A própria palavra "*leimor*" em Vayikrá, interpretada no Talmud (Yoma 4a), ensina que mesmo a comunicação profética depende de autorização para ser transmitida, estabelecendo um princípio de responsabilidade ética no uso da palavra. Assim, "*A Tenda do Encontro*" simboliza além de um espaço de revelação, um modelo de vida, onde disciplina, discrição, lealdade e integridade criam o ambiente para que a Presença Divina habite entre o povo, demonstrando que a verdadeira segurança e prosperidade não derivam da flexibilização moral, mas da fidelidade às orientações do Eterno.

/

7.(Tetsavê) - Shemot – 30:01-10 – "*Após concluir Suas instruções para consagrar os Qohenim por meio das vestimentas especiais e dos rituais de ordenação, D'us mostrou a Moshê como construir o Altar do incenso, o qual deveria ser colocado na câmara exterior do Mishcan. A vida interior - Uma das razões pelas quais a descrição do Altar interior se encontra no final das especificações referentes ao Mishcan e de tudo o que havia nele, é para indicar que este possuía um caráter único, superior e diferente de todos os outros elementos do Mishcan.*

A diferença entre o Altar interior e todos os demais rituais praticados no Mishcan era que nos outros havia espectadores. No Altar interior, ao contrário, quando se queimava incenso somente estavam presentes o sacerdote e D'us. Além disso, sabemos que especificamente graças a este serviço restrito a Presença Divina era percebida no Mishcan com a maior intensidade.

Esta lição do incenso é muito relevante no nosso mundo moderno e barulhento. Na vida Sagrada, especialmente no que se refere à bondade e caridade, as maiores obras são realizadas quando ninguém está presente; isto é, quando mostramos generosidade sem fazer publicidade, simplesmente para fazer o que é certo".

Segundo Rashi Êxodo (Shemot) pg. 161, apresenta que a Torá nos diz que, efetivamente, toda a descrição extensa e detalhada do Tabernáculo e do ofício sacerdotal é apenas um prelúdio ou antecedente para esse altar (dos perfumes). De fato, o Midrash afirma que, depois que o Tabernáculo e todos os seus utensílios foram concluídos, e todos os ritos de investidura foram realizados, [...] a Presença Divina não desceu [nem se manifestou] até que o incenso fosse ofertado.

A razão disso é que o incenso se diferencia fundamentalmente das outras oferendas feitas no Tabernáculo, sendo uma categoria em si mesmo. O propósito das demais oferendas e sacrifícios é elevar ou refinar o aspecto físico, corpóreo de nosso Ser, enquanto o incenso tem a finalidade de ligar nossa alma a D'us. A palavra "*sacrifício*" (Corban) (קרבן) significa também meio de aproximação e a palavra incenso (*Ketóret*) - (קטרת) é meio de ligação. Os sacrifícios e outras ofertas envolvem principalmente os quatro sentidos mais físicos (tato, visão, audição e paladar), ao passo que o incenso mobiliza nosso quinto sentido, mais espiritual que é o olfato.

A relativa espiritualidade do olfato comparativamente aos outros sentidos pode ser observada na utilização de "*sais aromáticos*" para reanimar uma pessoa desmaiada, bem como no fato de a lei judaica permitir a inalação de fragrâncias no dia mais espiritual do ano, o Yom Kipur, quando outros prazeres corporais são proibidos.

O verdadeiro Ser Humano (Pedreiro) não é aquele que tem tudo em comum com os animais, senão aquele que sabe elevar-se e progredir sobre o que lhe é específico, seu espírito e sua consciência moral. Só é homem aquele que conquista o Universo não com armas mortíferas, mas subjugando a matéria com o poder de seu espírito, dedicando-lhe as gotas mais puras do azeite. O nosso peito deve ser um oráculo luminoso e preciso. Espalhar essa luz que todos temos, fazendo com que o caroço brote no solo. Ou trazendo para luz àqueles que ainda se encontram no mar revolto das paixões.

Mas, como praticar tal missão? É usando a balança, pois ela simboliza a justiça, o equilíbrio e a imparcialidade, características que um Mestre deve buscar em seu caráter, por meio do pensamento, fala e ação. Mas, antes de usarmos a severidade é preciso utilizarmo-nos de Chassadim, bondade e água (Torá). Precedentemente ao nosso Patriarca Isaac que simboliza a Gueburah, surgiu o Patriarca Abraão, cujo poder é Chassadim Bondade - água. A água simboliza a Torá.

O Eterno autorizou a Moshê a compartilhar com os Irmãos àquilo que os Pedreiros são privilegiados em conhecer. Entretanto, devemos ter muito cuidado para não praticarmos atos que são classificados como poeira de maledicências.

Façamos, individualmente, os nossos sacrifícios (Orações, Teshuvá e Tzedaka). Mas, temos de focar no acender o incenso. Os sacrifícios e outras ofertas envolvem principalmente os quatro sentidos mais físicos (tato, visão, audição e paladar) ao passo que o incenso mobiliza nosso quinto sentido mais espiritual que é o olfato.

É proibida a comercialização deste Livro - 100

10 - Parashat Ki Tissá - Quando Receberes - As Tábuas

Sinopse

D'us ordenou a Moshê realizar dois censos do povo israelita: um, após ele descer do Monte Sinai; e o segundo, quando construísse o Mishcan. Em ambos os casos seriam contabilizados os homens israelitas a partir dos vinte anos de idade fazendo com que cada um contribuísse com uma moeda de prata de meio shekel. A partir dos vinte anos, que é a idade de responsabilidade plena, essa exposição seria ainda mais significativa. Assim, o meio-shekel é um mecanismo espiritual que preserva a vida ao manter o povo unido sob a proteção coletiva, ensinando que a verdadeira segurança não está na soma de indivíduos, mas na consciência de pertencimento e missão compartilhada por todos. *Moshê havia dito aos israelitas que ele permaneceria quarenta dias completos no Monte Sinai, mas eles cometeram um erro ao considerar o primeiro meio-dia como um desses quarenta. Quando Moshê não apareceu na data prevista, alguns israelitas se convenceram de que ele havia morrido e de que era preciso encontrar um substituto.* ***Como o povo que testemunhou os milagres de D'us e experimentou Sua revelação no Monte Sinai pode cometer uma transgressão tão grosseira tão pouco tempo depois?*** *É verdade que foi apenas uma pequena porcentagem do povo que adorou o bezerro, mas até mesmo isso parece inconcebível.* **Qual a mordida em algo proibido é a mais importante? A primeira mordida quando desconhecemos totalmente o prazer que sentiremos ao dar uma mordida? Ou a segunda mordida, quando temos consciência plena do prazer que àquela mordida pode nos proporcionar?** Resistir a uma segunda mordida é muito mais difícil. Por isso, resistir a morder pela segunda vez, é muito mais elevado espiritualmente. É preciso conhecer o pecado para poder sentir as dificuldades do próximo. *Moshê ainda estava no Monte Sinai quando D'us lhe contou que uma parte do povo estava adorando o bezerro de ouro, e que Ele planejava responsabilizar toda a comunidade por não censurar a transgressão dessa minoria. Moshê implorou a D'us que perdoasse ao povo; então, Ele aceitou punir apenas a minoria culpada, mas insistiu que Sua presença deixaria de acompanhar o povo.* Após o pecado do bezerro de ouro, revela-se a amplitude da liderança de Moshê e o verdadeiro significado de uma aliança. Muito além de um mero acordo racional baseado em vantagens mútuas, a aliança é um laço de amor que transcende motivos circunstanciais. Mesmo quando razões objetivas parecem falhar, como após uma transgressão grave, a aliança permanece porque sua raiz está acima da lógica. Assim também é o que ocorre entre as pessoas (Pedreiros). Cultivar a união significa amar mesmo quando existem falhas. *Moshê ainda pediu a D'us que lhe mostrasse que tudo o que Ele faz é por bondade. D'us lhe respondeu que a mente humana só consegue captar isso 'olhando para trás', ou seja, só algum tempo depois que algo acontece é que conseguimos ver nisso a bondade Divina. O rosto de D'us – D'us disse a Moshê: 'Você pode ver as Minhas 'costas', mas Meu 'rosto' não pode ser visto'.* A expressão "*na fenda da rocha*" conecta esse ensinamento ao relacioná-lo com o conceito de fogo revelado e fogo oculto. O fogo revelado depende de combustível, que em linhas gerais são o estudo da Torá e cumprimento das Mitzvot. Entretanto, o fogo revelado pode enfraquecer quando tais condições faltam. Já o fogo oculto, como o fogo contido na pedra, permanece sempre presente, independentemente das circunstâncias externas. *Em seguida, D'us convocou Moshê pela terceira vez para que ele permanecesse outros quarenta dias no Monte. Neste período, D'us lhe revelou Seus treze atributos de misericórdia. Com a invocação desses atributos, sempre seria possível garantir o perdão de D'us.* De forma simplificada, quando ocorrem pecados semelhantes ao do bezerro de ouro, ocorre simultaneamente um afastamento do último Hei do (YHWH) (יהוה). Sabemos que Teshuvá (תשובה) é a prática de voltar às origens, ou seja, "*reunificar*" o Nome Inefável. Retornar a essência Divina que existe em nossa alma. Retornar ao que éramos antes de termos errado. A palavra Teshuvá pode ser reescrita na forma Teshuv Hei, ou retorno do Hei, ou ao sopro Divino que a tudo cria constantemente. Temos um coração de pedra. Mas, dentro da pedra, em essência, existe o fogo oculto. *D'us renovou então o pacto que Ele havia forjado com o povo israelita no Monte Sinai e que tinha sido anulado pelo pecado do bezerro de ouro. Parte desse pacto foi a promessa de D'us de dar aos israelitas a Terra de Israel, ocupada naquela época por sete nações canaanitas. Purificar pensamento, fala e a ação.* No plano interior, a promessa de expulsar as seis nações canaanitas representa, na Árvore da Vida, as seis

emoções não retificadas da alma animal. Os Guirgashitas (a 7ª) são o impulso que temos de exteriorizar essas emoções por meio do pensamento, fala e ação (vestimentas). A ausência explícita dos Guirgashitas na lista indica que, quando as emoções são refinadas em sua raiz, desaparece também a necessidade de lutar contra suas expressões externas. *Após a sua terceira estada de quarenta dias no Monte Sinai, Moshê desceu em 10 de Tishrei do ano 2449 carregando um segundo par de tábuas de pedra que substituía o primeiro, quebrado por ele ao ver os israelitas adorando o bezerro de ouro. A longa permanência de Moshê na presença de D'us acabou deixando uma marca permanente em seu corpo: seu rosto irradiava luz.* "*Correm todos os rios para o mar, sem, entretanto, preenchê-lo; fluem continuamente para o mesmo lugar*". Somos poeiras de estrelas.

1.(Ki Tissá) - Shemot – 30:11-31:17 – "*D'us ordenou a Moshê realizar dois censos do povo israelita: um, após ele descer do Monte Sinai; e o segundo, quando construísse o Mishcan. Em ambos os casos seriam contabilizados os homens israelitas a partir dos vinte anos de idade fazendo com que cada um contribuísse com uma moeda de prata de meio shekel. A prata arrecadada no primeiro censo foi empregada para confeccionar as bases das vigas de madeira que constituíam as paredes do Mishcan. A prata obtida no segundo foi utilizada para adquirir os sacrifícios 'comunitários', ofertados em nome de todo o povo israelita, os que diferem dos sacrifícios particulares, que eram custeados pela pessoa que os oferecia.*

O meio shekel era uma expressão da união israelita: ricos e pobres entregavam a mesma quantia. Todos deviam contribuir somente com meio shekel, o que nos ensina que a única maneira de conseguir a união é reconhecer que todos somos apenas 'metades'. Para ser 'um shekel completo' devemos nos unir ao nosso próximo.

D'us relaciona-se com a Criação através de dez Sefirot (ou atributos Divinos). Nossa alma também tem dez poderes, que são um reflexo destas Sefirot: três poderes intelectuais e sete poderes emocionais. Esses dez poderes equivalem às dez Sefirot que D'us empregou para criar o mundo e continua utilizando para recriá-lo constantemente".

Ao lermos os primeiros versículos de Ki Tissa nos deparamos com a ordem do Eterno que seja realizado um censo dos filhos de Israel, cada homem a partir de vinte anos deveria dar meio-shekel como "*resgate por sua alma*", para que não houvesse praga ao serem contados.

A ideia de que a simples contagem pudesse trazer morte é uma expressão de um princípio espiritual. Na tradição contar pessoas diretamente significa individualizá-las, destacá-las do coletivo e, assim, expô-las a um julgamento mais rigoroso. Quando alguém é isolado numericamente, deixa de estar protegido pelo mérito da comunidade e passa a ser avaliado por seus próprios méritos e falhas. A tradição estabelece que Israel não deve ser contado diretamente. O episódio do censo realizado pelo rei David, que resultou em praga (Tanakh II Samuel 24:15), ilustra as consequências dessa exposição ao rigor do juízo.

Há também um ensinamento que nos apresenta que Israel não é uma realidade quantitativa, mas qualitativa. Reduzir o povo a um número é obscurecer sua vocação espiritual. O meio-shekel ensina que ninguém é completo sozinho; cada indivíduo é apenas "*metade*". A totalidade surge apenas na união. Ao dar meio-shekel, cada pessoa reconhece sua incompletude individual e sua dependência do coletivo. Esse gesto transforma a contagem em um ato de consagração e humildade, reintegrando cada indivíduo à comunidade e evitando a fragmentação espiritual que atrai julgamento. A separação ativa forças de rigor (*Din*), enquanto unidade desperta misericórdia (R*achamim*). Ou seja, para que tivesse um shekel inteiro são necessárias duas pessoas ou, simbolicamente, a comunidade.

A partir dos vinte anos, que é a idade de responsabilidade plena, essa exposição seria ainda mais significativa. Assim, o meio-shekel é um mecanismo espiritual que preserva a vida ao manter o povo unido sob a proteção coletiva, ensinando que a verdadeira segurança não está na soma de indivíduos, mas na consciência de pertencimento e missão compartilhada por todos.

A palavra "*Receberes*" foi utilizada porque, como vimos acima, não se contava as pessoas no recenseamento. Cada indivíduo, de mais de 20 anos, doava meio Shekel. Pelo número de moedas sabia-se o número de pessoas em cada tribo. Ver Rashi Shemot 30:12, pg. 186: "*Além da prata coletada como doação voluntária, coletarás o imposto de captação, porque uma contagem direta poderia fazer Meu atributo da justiça reconsiderar se merecem ser tão numerosos*". Também segundo Rashi, a palavra Tissá, literalmente '*te levantares'*, após terem recebido a Torá e erguido o Mishcan os filhos de Israel ainda tinham níveis mais elevados para serem atingidos". Um shekel (שקל) vale 20 guerá (גרה) e cada guerá é 0,8g, neste caso de prata. (Fonte Rashi – Shemot).

"**Por que a prata?** *Prata e ouro representam a base de toda a existência física e materialista. Essa inferioridade simbólica também é expressa na forma e lugar, onde e como, prata e ouro existem na natureza. Não somente são minerais e inanimados, como também são extraídos não em montanhas, ou planícies, mas nas entranhas da terra – certamente o reino de toda existência inanimada, mundana e materialista.*

No fundo, a doação de meio Shekel representa o resgate da alma da pessoa ao Eterno no momento de contá-los. Mas, estando ainda Moshê no Monte, o Eterno lhe mostrou uma moeda de fogo. Ao escolher uma moeda de fogo, D'us indicou a Moshê que o ato tem a natureza do fogo; elevar-se cada vez mais no reino da santidade. Isso nos ensina que quando um israelita dá uma moeda para Tzedaka, ele não está apenas doando uma moeda física, mas sim uma moeda de fogo, como aquela que D'us mostrou a Moshê; é um ato espiritual e Sagrado que se esforça para subir, e o eleva ainda mais alto.

Porém, a outra metade permanece em sua posse, mas ainda relacionada com a metade doada para Tzedaka. Juntas formam um 'shekel sagrado'. A parte doada e elevada, juntamente com sua parte remanescente, são incluídas no todo; sua metade é também uma moeda de fogo. Portanto, não apenas o Santuário se torna uma morada para a Divindade, mas a morada do israelita e todos os seus atos se tornam sagrados, proporcionando uma morada para a Shechina; duas metades da moeda de fogo, que fazem um 'shekel sagrado'. Que seja a vontade do céu que todo aquele que ouve e escuta estas palavras seja levado à ação para cumprir a verdadeira intenção do meio-shekel agora, e que mereça no futuro doar o verdadeiro meio-shekel ao 3º Bet Hamicdash". Inspirado em www.pt.chabad.com O Meio Shekel: Uma Moeda de Fogo.

A Árvore da Vida que está dentro de cada pessoa (meio Shekel) pode ser canalizada para unir-se ao Criador (meio Shekel), eternamente. *"Quando canalizamos os dez poderes de nossa alma cada matiz de nosso ser para nos unir a D'us e cumprir nossa missão Divina, os alinhamos aos Seus dez atributos. Nossos dez poderes, então, se tornam vinte, ou seja, um shekel sagrado*".

2.(Ki Tissá) - Shemot – 31:18-33:11 – "*Moshê havia dito aos israelitas que ele permaneceria quarenta dias completos no Monte Sinai, mas eles cometeram um erro ao considerar o primeiro meio-dia como um desses quarenta. Quando Moshê não apareceu na data prevista, alguns israelitas se convenceram de que ele havia morrido e de que era preciso encontrar um substituto. Eles sabiam que mais adiante D'us se comunicaria com eles por meio das imagens de ouro no Mishcan (os querubins) e imaginaram que, se Aharon forjasse outra figura de ouro, D'us consentiria em comunicar-se com eles por seu intermédio. Aharon era contrário à ideia, mas pensou que, se trabalhasse lentamente, acalmaria o povo até a chegada de Moshê. Quando o bezerro de ouro ficou pronto, alguns israelitas adoraram-no como um ídolo.*

Como o povo que testemunhou os milagres de D'us e experimentou Sua revelação no Monte Sinai pode cometer uma transgressão tão grosseira tão pouco tempo depois? *É verdade que foi apenas uma pequena porcentagem do povo que adorou o bezerro, mas até mesmo isso parece inconcebível. Os sábios do Talmud nos ensinam que, na realidade, os israelitas dessa época eram incapazes de pecar. Então, para que as pessoas pudessem elevar-se à altura daquelas conquistas espirituais que somente podem ser alcançadas através do arrependimento, D'us teve de "forçar" tal episódio a*

acontecer com elas. À luz disso, todos podemos encarar nossos erros passados como oportunidades para, por causa deles, escalar através do arrependimento alturas espirituais que de outra maneira seriam inalcançáveis".

A vestimenta da Luz Ein Sof dentro das Sefirot é conhecida como Adam, como no versículo: "*E sobre o firmamento, acima de suas cabeças havia algo que parecia ser um trono com o resplendor de uma pedra de safira; e sobre o que parecia ser um trono percebia-se algo como a imagem de um homem (Ezequiel 01:26), pois 'homem' denota uma visão compreendendo as Dez Sefirot. "Adão foi feito do barro da terra. Ele estava conectado a terra. Quando cometeu o pecado ocorreu uma ruptura entre Adão e a terra. A terra nos rejeita*.", Tanya Iguéret HaCôdesh Carta 15 pg. 282. A moeda é de prata e o bezerro é de ouro, ambos retirados das entranhas da terra.

"*As transgressões (faltas/pecados), bem como a própria Teshuvá (arrependimento - retorno) podem ser divididas em 3 categorias. 1) Faltas cometidas com o pensamento. 2) Faltas cometidas com a fala e 3) transgressões que resultam da ação. Cada uma das três categorias possui um agravante específico: por um lado, o pecado cometido com a ação é o mais grave de todos (no que se refere ao castigo), enquanto, como todos sabem, não se pode castigar alguém por uma falta cometida no pensamento*" (Tanya III, cap 37). Por outro lado, visto que o pensamento é a '*roupagem*' mais transparente da alma, o pecado cometido com ele é o mais grave, já que o pensamento revela o interior da pessoa. Vejam, que àqueles que desejavam fazer um ídolo, praticaram as três formas de faltas, no pensamento, fala e ação.

Como o arrependimento é aceito? Como pode a pessoa retornar ao caminho correto? "*É com o arrependimento sincero, reconhecendo o próprio pecado e não procurando pretextos para justificá-lo. Além disto, deve demonstrar que não mais realizará tal transgressão. Essa era a missão de Moshê quando subiu ao Monte Sinai pela 2ª vez".* (Shemot – Da escravidão para o Desenvolvimento, pg. 344). A Teshuvá (arrependimento – retorno) tem três fases: Primeiramente temos de reconhecer o que fizemos de errado (e pronunciá-lo); em seguida devemos sentir remorso pelo erro cometido. Por fim, precisamos resolver não repetir o ato.

Por que esse evento do bezerro de ouro ocorreu? Moshê está conectado Sefirá de Netsah, que representa vitória. Aarão está conectado à Sefirá de Hod, que representa a glória. Portanto, quando os filhos de Israel saíram do Egito, eles precisavam destes dois líderes (Moshê e Aarão). Moshê era mais voltado para perseverar e Aarão tinha a capacidade de interpretar as situações. Mas, somente quem pecou pode entender ou perceber a falha do outro. Por isso, Aarão foi escolhido o Sumo Sacerdote. Nesta posição, trabalhou para que tanto as pessoas como todo o povo fizessem Teshuvá.
Se bravo para defender a verdade e se bravo contra as tuas fraquezas.

O último Rebe de Lubavitch, em uma audiência particular, depois que a pessoa lhe contava as suas falhas e/ou dificuldades, ele ficava pensando se dentro dele tinha aquela falha ou parte daquilo que a pessoa estava a lhe revelar. Isto, para que ele pudesse encontrar como responder, ou como aconselhar. Ele precisava, portanto, sentir.

Qual a mordida em algo proibido é a mais importante? A primeira mordida quando desconhecemos totalmente o prazer que sentiremos ao dar uma mordida? Ou a segunda mordida, quando temos consciência plena do prazer que àquela mordida pode nos proporcionar? Resistir a uma segunda mordida é muito mais difícil. Por isso, resistir a morder pela segunda vez, é muito mais elevado espiritualmente. É preciso conhecer o pecado para poder sentir as dificuldades do próximo.

Isto significa, portanto, que aquela geração, após a revelação do Sinai, estava em nível tal que o pecado não lhes seria natural. Assim, foi-lhes permitido praticar tal '*erro*' para que a porta da Teshuvá fosse aberta, alcançando desta forma alturas espirituais que eram inacessíveis mesmo pela experiência da revelação.

A "*imagem de homem*" descrita em Ezequiel representa a estrutura das Dez Sefirot (a vestimenta da Luz do Ein Sof) e o pecado introduz ruptura nessa harmonia, assim como o primeiro Adão rompeu sua integração com a terra.

O contraste entre a moeda de prata (meio-shekel, instrumento de união e expiação) e o bezerro de ouro (idolatria materializada) revela dois usos possíveis da matéria extraída da terra. Um que integra e outro que separa. O bezerro envolveu pensamento, fala e ação, que são as três vestimentas da alma e, por isso, exigiu uma Teshuvá igualmente completa. Ou seja, reconhecimento verbal do erro, remorso genuíno e resolução firme de não repetir a falha.

Moshê, associado a Netsah (perseverança), sobe novamente ao Sinai para restaurar a aliança. Aarão, ligado a Hod (empatia e reconhecimento), torna-se o Sumo Sacerdote capaz de conduzir o povo ao retorno, pois somente quem compreende a falha pode ajudar a curá-la.

A comparação com a "*segunda mordida*" ilustra essa dinâmica que é resistir antes de conhecer o prazer é virtude. Resistir depois de experimentá-lo é elevação superior. Assim, o pecado do bezerro de ouro é a abertura do caminho pelo qual o Ser Humano transforma queda em ascensão, matéria em serviço Divino e fragilidade em consciência mais profunda da própria essência.

3.(Ki Tissá) - Shemot – 33:12-16 – "*Moshê ainda estava no Monte Sinai quando D'us lhe contou que uma parte do povo estava adorando o bezerro de ouro, e que Ele planejava responsabilizar toda a comunidade por não censurar a transgressão dessa minoria. Moshê implorou a D'us que perdoasse ao povo; então, Ele aceitou punir apenas a minoria culpada, mas insistiu que Sua presença deixaria de acompanhar o povo. Quando Moshê viu as pessoas adorando o bezerro de ouro, ele compreendeu que o povo ainda não estava preparado para receber a Torá. Atirou no chão as tábuas sobre as quais D'us havia gravado os Dez Mandamentos, e estas se romperam. Em seguida, Moshê voltou a subir no Monte Sinai por outros quarenta dias, durante os quais assegurou o perdão de D'us ao povo. Depois de descer de sua segunda estada no Monte Sinai, Moshê pediu a D'us que Sua presença voltasse a morar entre o povo, e Ele aceitou.*

Moshê pediu a D'us para omitir seu nome da Torá, caso Ele se recusasse a perdoar os israelitas. Moshê estava disposto a sacrificar sua conexão com a Torá pelo bem de todo o seu povo, inclusive daqueles que haviam adorado o bezerro de ouro. Todos podemos seguir o exemplo da abnegação de Moshê pelo povo israelita. Não é suficiente apenas cumprir o mandamento de 'amarás a teu próximo como a ti mesmo'; devemos estar preparados para sacrificar até mesmo o que nos é mais querido para o benefício do povo israelita em geral e de cada israelita em particular, por mais distante que naquele momento pareçam estar de D'us e de Sua Torá".

Qual o significado de uma aliança ou união? Por que se fala tanto em união? É a corrente que nos une (Aliança – União). "*Aliança é um laço de amor que transcende a racionalidade. Ainda que os motivos racionais que nutrem o amor estejam ausentes em algum momento, as partes da aliança concordam em continuar amando-se mesmo assim. Despertamos essa atitude suprarracional no relacionamento de D'us conosco estimulando-a primeiro entre nós, por meio do cultivo do amor a nossos irmãos, mesmo quando os motivos racionais que sustentam esse amor mútuo estão ausentes. Isto significa que se amamos verdadeiramente a D'us, significa que amamos o que Ele ama, o seu povo (Pedreiros). Mas, isto implica que esse amor deve ser colocado em ação. Por isso Moshê nos ordena que devemos ficar juntos e unidos tratando-nos de maneira amorosa e funcionando em conjunto*". (Rashi Devarim, pg. 143.) Ame a teu próximo como a ti mesmo. Não faça a outrem o que não quere que te façam.

Após o pecado do bezerro de ouro, revela-se a amplitude da liderança de Moshê e o verdadeiro significado de uma aliança. Quando D'us anuncia que Sua Presença não mais acompanhará o povo, Moshê se identifica totalmente com Israel, a ponto de declarar que prefere ter seu nome apagado da Torá a ver seu povo rejeitado. Esse gesto ultrapassa o mandamento formal de "*amarás o teu próximo como a ti mesmo*". Trata-se de uma abnegação que coloca o destino coletivo acima da própria

grandeza espiritual. Ao quebrar as primeiras tábuas, Moshê reconhece que a relação entre D'us e Israel teria de ir além de permanecer apenas no nível da revelação extraordinária. Ela precisava ser reconstruída por meio de responsabilidade, arrependimento e renovação do vínculo. Quando Moshê sobe novamente ao Sinai e obtém o perdão, ele ultrapassou a restauração da lei, pois reconstituiu a "*Presença Divina*" como realidade habitável entre o povo.

Assim, compreende-se o sentido e a direção que uma "*aliança*" tem. Muito além de um mero acordo racional baseado em vantagens mútuas, a aliança é um laço de amor que transcende motivos circunstanciais. Mesmo quando razões objetivas parecem falhar, como após uma transgressão grave, a aliança permanece porque a sua raiz está acima da lógica. Assim também é o que ocorre entre as pessoas (Pedreiros). Cultivar a união significa amar mesmo quando existem falhas. Amar o que D'us ama implica amar Seu povo em todos os estados e transformar esse amor em ação concreta que se reveste de solidariedade, defesa, cuidado e compromisso coletivo. A verdadeira união é a corrente invisível que mantém o povo íntegro diante de crises. E é essa unidade suprarracional que permite que a Shechina continue a habitar entre nós (Pedreiros).

4.(Ki Tissá) - Shemot – 33:17-23 – "*Moshê ainda pediu a D'us que lhe mostrasse que tudo o que Ele faz é por bondade. D'us lhe respondeu que a mente humana só consegue captar isso 'olhando para trás', ou seja, só algum tempo depois que algo acontece é que conseguimos ver nisso a bondade Divina. O rosto de D'us – D'us disse a Moshê: 'Você pode ver as Minhas 'costas', mas Meu 'rosto' não pode ser visto'. Somente é necessário negar uma coisa quando ela é possível, não quando é impossível. Assim, quando D'us disse 'Meu rosto não pode ser visto', isto significa que o benefício da Providência Divina pode ser percebido, mas não diretamente.*

Explicando melhor: existem duas maneiras de compreender um conceito: pelo que ele é, ou pelo que ele não é. Se o conceito se encontra dentro de nossa esfera de experiência, podemos compreendê-lo pelo que ele é. Contudo, se está fora dessa esfera, não o compreenderemos, mas podemos entendê-lo pelo que ele não é. Rejeitamos mentalmente uma possibilidade após outra até que, por meio de eliminação, obtemos uma noção do conceito.

Portanto, a afirmação de D'us: 'Meu rosto não pode ser visto' significa que não podemos compreender a Divina Providência de modo direto, mas podemos entendê-la pela negação do que sabemos que ela não é".

O rosto de D'us representa a Sua essência, que está além das limitações dos Seres Humanos, sendo assim incompreensível. Moshê é o maior dos Profetas, mas ele também é um Ser Humano e, portanto, lhe é impossível compreender a essência de D'us. O Ser Humano pode inferir sobre os atributos do Eterno D'us, por exemplo, usando o Conceito da Árvore da Vida

Neste sentido, fiz um resumo da aula do Rabino Gourarie sobre Teshuvá e Fogo oculto e fogo revelado de 23/08/2021. **{O que a Cabala nos ensina sobre retorno (Teshuvá) a D'us?** O povo de Israel pecou com respeito ao bezerro de ouro, ou idolatria. Eles gritaram isso é o nosso deus que nos tirou da terra do Egito. Idolatria é o pecado mais severo. Em seguida Moshê implorou para D'us perdoar os Binei Israel.

Entretanto, em seguida Moshê fez um pedido estranho para D'us: **Por favor, mostra-me a Sua Glória?** E D'us falou a Moshê: você não conseguirá ver minha face, pois nenhum homem pode me ver e viver. E D'us disse: eis aqui um lugar comigo e você pode ficar na montanha rochosa. Quando minha Glória passar, Eu lhe colocarei em uma fenda da Rocha. E Eu lhe cobrirei com minha mão até que Eu tenha passado, Eu removerei a minha mão e você verá as minhas costas, mas minha face não será vista. Shemot 33:18-23.

O que significa esse assunto "*na fenda da Rocha*"? A Cabala diz que há uma diferença entre o fogo revelado e o fogo escondido em uma pedra. Para ter um fogo revelado precisamos de combustível,

como o pavio de uma vela, madeira, óleo, ou elementos para segurar o fogo. O fogo não pode existir se existem elementos opostos que estão lhe atrapalhando a existência. Por exemplo, a água, pois a água apaga o fogo.

Diferente é o fogo que está dentro de uma pedra. O fogo oculto dentro de uma pedra não precisa de nenhuma condição para ele existir. Ele não precisa de pavio, ou madeira etc. Ou seja, o fogo está dentro da pedra sempre. Mesmo que aquela pedra tenha ficado centenas de anos debaixo da água, ainda assim, o fogo dentro da pedra continuará existindo. Basta tirar a pedra da água e ao atritar, sairá o fogo. Diz a Cabala que isso é um exemplo que temos sobre a nossa alma Divina. Diz o versículo que ela é fogo. Cantares 08:06 "*a sua chama é chama de fogo, verdadeiras labaredas do Senhor*".

Mas a alma possuí dois tipos de fogo. Ela possui o fogo revelado e ela possuí o fogo oculto. Para o fogo revelado florescer, iluminar e funcionar existem condições. A pessoa tem de estudar a Torá, cumprir as Mitzvot, tem de fazer aquilo que D'us pediu. Todos esses são elementos que alimentam o fogo da alma Divina para se conectar com D'us. Também não pode haver elementos opostos que são os pecados e que apagam o fogo revelado da alma. Essas são as condições para o fogo revelado.

Mas, há um fogo escondido dentro das profundezas de nosso coração. Esse fogo nunca apaga. Se não tem mandamentos ou bons hábitos, o fogo continua independente, pois é semelhante ao fogo da pedra. É a ligação profunda e íntima que existe entre nós e D'us. Devemos procurar maneiras de revelar esse fogo e retirar aquilo que encobre e oculta aquela Luz.

Agora entendemos as diretrizes de D'us para Moshê. D'us falou para Moshê que os Binei Israel pecaram com o pior pecado, que é a idolatria. Diz D'us para Moshê. Eu vou te colocar na fenda da rocha e se você se aprofundar no conceito rocha, você vai despertar aquele fogo íntimo e poderoso que existe dentro de cada um. Assim, mesmo os piores pecados, como idolatria, podem ser perdoados. Mas, tem de revelar aquele fogo oculto. E isso é inabalável, ou seja, a ligação dos Binei Israel com D'us e a ligação de D'us com os Binei Israel.

Como se revela aquele fogo? O que significa revelar um amor inerente em cada um de nós, apesar de estar encoberto? Se é uma pedra, temos de bater e esfregar a pedra muitas vezes. Ou seja, o segredo é Teshuvá, arrependimento ou retorno a condição que a pessoa era antes de cometer a falha. Quando uma pessoa se arrepende, ela revela o mais íntimo de sua alma. Quando olhamos o assunto Teshuvá, ele pode parecer algo difícil de entender o conceito. Uma pessoa que se considerou o máximo, foi contra as ordens de D'us, achou que ela tinha o direito de se rebelar contra D'us. Quando ela cometeu os seus pecados, essa pessoa gostou de tê-los cometido. **Caso contrário, por que iria fazê-los?** (Transformação de pedra bruta em pedra polida, tira-se as arestas)

O que traz a pessoa para sentimentos de arrependimento? Se fosse uma pessoa que pratica as Mitzvot, faz a vontade de D'us e uma vez cometeu um pecado, poderíamos entender o seu arrependimento. Mas, tem pessoas que são realmente pecadoras. Mas, também essas pessoas se deparam com momentos na vida que se arrependem de terem cometido aqueles pecados. Dentro de cada um de nós, existe um fogo Divino que está escondido nas profundezas de nosso coração. Mesmo que o fogo revelado da alma não tenha como continuar aceso, pois lhe falta o combustível, existe, nas profundezas de seu coração e na fenda da rocha, um fogo fortíssimo. Quando aquele fogo é despertado, a pessoa se arrepende verdadeiramente e faz Teshuvá. Foi isto que D'us mostrou para Moshê.

Dentro de cada um de nós há um fogo revelado, que se baseia no cumprimento dos mandamentos de D'us, e, um fogo oculto que não depende de nada e sempre existe. De forma "*metafórica*" estes também existem dentro de D'us, a saber: o externo e o interno. Existe o nível de D'us que ele se ligou conosco por meio da Tora e Mitzvot, onde ele declara que quer ter um contato conosco. Já que vocês também estão querendo este contato, vou dar para vocês a Torá e as Mitzvot. Cumpram estes mandamentos e vocês ficarão ligados Comigo. Evidentemente, essa ligação depende de estudar a

Torá e cumprir os mandamentos de D'us. Pois, toda a ligação é alicerçada sobre o comportamento da pessoa. Essa é a condição do fogo revelado.

Mas, existe o fogo interno de D'us, onde ELE deixa claro que, mesmo que aconteça do fogo revelado se apagar, diz D'us para cada um de nós: Eu também tenho um fogo interno, um amor profundo por cada um de vós, que transcende o cumprimento das Mitzvot. Ou seja, há uma ligação intrínseca, profunda de D'us com cada um de nós. Essa ligação é tão forte, que mesmo quando pecamos, pelo amor incondicional de D'us tem com cada um de nós, D'us nos perdoa e abre uma nova página em nossas vidas.

Ou seja, entre nós e D'us também existe dois níveis. Um revelado e outro oculto. O revelado se dá por meio do cumprimento da Torá e Mitzvot e o oculto, o íntimo, ocorre por meio do conceito de Teshuvá. A Teshuvá revela aquela ligação íntima. Entretanto, é necessário mostrar que a nossa ligação é muito importante e é necessário que D'us sinta que essa ligação é verdadeira. Ou seja, temos de ficar na fenda da rocha. Temos de despertar o verdadeiro "*eu*". **Quem sou "*eu*"?** A pessoa tem de sentir que é uma verdadeira centelha Divina}.

O que de fato busca Moshê quando pede: "***Mostra-me a Tua Glória*"?** Ele busca a compreensão da bondade Divina mesmo após a crise do bezerro de ouro. A resposta de D'us é "*Você verá as Minhas costas, mas Meu rosto não será visto*". Isto estabelece um princípio espiritual fundamental. A essência Divina é impenetrável diretamente, mas pode ser compreendida indiretamente, pelo uso do que Ela não é. E sobretudo, retrospectivamente, ao "*olhar para trás*" e reconhecer a Providência nos acontecimentos que ocorreram ao longo do tempo.

O "*rosto*" representa a essência Divina (Infinita), muito além da capacidade humana. As "*costas*" indicam os efeitos perceptíveis da ação Divina ao longo do tempo. Essa distinção corresponde também como os Seres Humanos O conhecem. Isto é, quando algo transcende nossa experiência, não o captamos em si mesmo, mas por via negativa, eliminando equívocos até aproximar-nos de uma compreensão possível.

Essa técnica é comum na pesquisa científica quando não é possível observar diretamente um fenômeno. Formula-se uma hipótese negativa; ao confirmar várias hipóteses negativas, aproxima-se gradualmente do entendimento real do fenômeno pela confirmação daquilo que ele não é. Na Parashat Mishpatim, anteriormente apresentada, podemos ver que Maimônides usa esta mesma metodologia para inferir o que D'us não é e assim, buscar se aproximar do que D'us realmente é.

A expressão "*na fenda da rocha*" conecta esse ensinamento ao relacioná-lo com o conceito de fogo revelado e fogo oculto. O fogo revelado depende de combustível, que em linhas gerais são o estudo da Torá e cumprimento das Mitzvot. Entretanto, o fogo revelado pode enfraquecer quando tais condições faltam. Já o fogo oculto, como o fogo contido na pedra, permanece sempre presente, independentemente das circunstâncias externas.

A Alma Divina permanece intacta, ainda que a ligação visível com D'us esteja enfraquecida pelo pecado. Ou seja, persiste a centelha interior imutável. Colocar Moshê na fenda da rocha simboliza conduzi-lo à contemplação dessa dimensão essencial, onde a ligação entre D'us e Israel é incondicional.

A Teshuvá não cria essa ligação; ela a revela. Ao despertar o fogo oculto por meio do arrependimento sincero, com o reconhecimento do erro, da dor interior e a decisão de não o repetir, a pessoa acessa o nível mais profundo de sua identidade que é a centelha Divina. Do lado Divino, existe igualmente um "*fogo interno*" que é um amor essencial que transcende até mesmo o cumprimento formal das Mitzvot. Embora não possamos ver o "*rosto de D'us*", ou Sua essência absoluta, podemos experimentar Sua bondade ao despertar a chama interior que nos une a Ele, transformando queda em retorno e ocultamento em revelação.

5.(Ki Tissá) - Shemot – 34:01-09 – "*Em seguida, D'us convocou Moshê pela terceira vez para que ele permanecesse outros quarenta dias no Monte. Neste período, D'us lhe revelou Seus treze atributos de misericórdia. Com a invocação desses atributos, sempre seria possível garantir o perdão de D'us. O 11º, 12º e 13º dos atributos de misericórdia Divina são o que D'us pode perdoar, ou faltas premeditadas, faltas por rebeldia e faltas involuntárias.*

A palavra em hebraico para 'perdoar' utilizada neste versículo significa literalmente 'carregar' ou 'levantar' (נשא) (Edusp. Pg. 464). *Baseado nisto, o Rabi Israel Baal Shem Tov fundador do Chassidismo ensinou que D'us eleva a "faísca" de santidade que está contida na falta, no erro. Nada nem mesmo um pecado - pode existir sem conter dentro de si ao menos uma centelha de santidade. Quando uma pessoa se arrepende, D'us eleva a faísca Divina presente na falta cometida e a devolve à sua fonte Divina.*

O Rabi Shneur Zalman de Liadi - fundador do ramo Chabad do Chassidismo - explicou esta ideia da seguinte maneira: na realidade é impossível elevar uma ação pecaminosa; tal ação é uma maldade, e o único tratamento apropriado para o mal é renunciar a ele. Por outro lado, a força do desejo investida na ação não é má em si, pois é possível empregá-la para desejar tanto o bem quanto o mal. Quando nos arrependemos da maneira apropriada, despimos a força do nosso desejo de seu matiz de maldade e a restituímos à sua fonte sagrada".

Moisés subiu 3 vezes ao Monte Sinai como podemos ler na Torá Sefer em E31:18, pg. 259, E34:01-02, pg. 266. Deut. 09:10, pg. 532 "*E deu-me o Eterno as duas Tábuas de pedra escritas com o dedo de D'us*". Deut. 10:01-02, pg. 534 – "*E Escreverei nas Tábuas as palavras que estavam nas primeiras Tábuas que quebraste, e as porás na Arca*". Deut 10:04, pg. 534 *"E escreveu sobre as Tábuas como a primeira escrita, os dez pronunciamentos que vos falou o Eterno no monte, no meio do fogo, no dia da congregação, e as deu o Eterno a mim*". Ou seja, D'us escreveu em ambas as Tábuas. A diferença é que as duas primeira Tábuas foram entregues por D'us a Moshê e as segundas, Moshê lavrou-as e D'us as escreveu. Essa distinção é muito importante tanto no nível literal quanto no nível espiritual. Nas primeiras Tábuas a pedra era obra de D'us e a escrita era obra de D'us. Já nas segundas Tábuas, Moshê lavrou a pedra e D'us escreveu sobre ela. Portanto, a matéria passou a envolver participação humana, mas a revelação da Torá continuou sendo inteiramente Divina.

Cada permanência de Moshê no Monte Sinai foi de quarenta dias, totalizando cento e vinte dias. Na primeira subida, ele recebeu as primeiras Tábuas da Aliança. A Torá declara explicitamente que "*as Tábuas eram obra de D'us, e a escrita era escrita de D'us*" (Shemot 32:16). Portanto, tanto a pedra quanto as letras gravadas eram inteiramente de origem Divina. Tratava-se de uma revelação absoluta, que vinha exclusivamente "*de cima*", sem participação humana na sua formação material. Contudo, antes que esse estado pudesse consolidar-se, ocorreu o pecado do bezerro de ouro e Moshê quebrou as Tábuas ao descer do monte.

Na segunda subida, Moshê permaneceu outros quarenta dias intercedendo pelo povo e obtendo o perdão Divino, mas ainda não recebeu as novas Tábuas. Somente na terceira subida ocorre a renovação da aliança. Veja, D'us ordena a Moshê "*Lavra para ti duas tábuas de pedra*" (Shemot 34:01). Desta vez, a pedra é preparada por Moshê, enquanto a escrita continua sendo gravada por D'us. A matéria passa a ser fruto do esforço humano. A inscrição permanece Divina. Essa mudança é muito importante. As primeiras Tábuas simbolizam uma revelação puramente espiritual. As segundas Tábuas representam uma parceria. A aliança agora incorpora o trabalho humano, o arrependimento e a reconstrução após a queda.

As primeiras Tábuas correspondem à luz direta, uma manifestação intensa da presença Divina. As segundas representam uma luz mais amadurecida, resultante do retorno e da superação da falha. Paradoxalmente, os sábios ensinam que as segundas Tábuas são espiritualmente mais elevadas, pois incluem o elemento da Teshuvá, a transformação da queda em crescimento (a transformação do amargo em doce). A primeira aliança foi recebida. A segunda foi conquistada. E aquilo que é

conquistado após ter ocorrido uma crise e, posteriormente, ocorre a reconstrução torna-se mais estável e profundo.

Quais são os treze atributos da Misericórdia? Em Torá 34:06-07 contém os 13 atributos de D'us. A saber: "*1 e 2) Eterno (Ado-nai) Eterno (Ado-nai). A repetição do nome Eterno (Ado-nai) aqui significa que Ele é misericordioso com qualquer pessoa, no que diz respeito aos seus pecados e como pecador arrependido. 3) El – D'us todo poderoso que age de acordo com Seus sábios ditados. 4) Rachum – Misericordioso como um pai para com seus filhos, prevenindo-os para não cair. 5) Chanún – Benevolente e que ajuda os caídos que não podem regenerar-se por si mesmo. 6) Érech-apáyim – Paciente, espera que o pecador se arrependa. 7) Verav-Hessed – Cheio de misericórdia com a pessoa correta e também com a incorreta. 8) Emet – Verdadeiro e direto em Suas promessas. 9) Notser-Hessed laalafim – Bondoso e misericordioso: considera os méritos dos pais nos filhos, ao menos por duas mil gerações. 10) Nossé Avon* (נֹשֵׂא עָוֹן) *– Perdoa os pecados cometidos premeditadamente. 11) Vafesha – Perdoa as ofensas e pecados cometidos com o espírito de rebeldia. 12) Vechataá – Esquece os pecados cometidos involuntariamente e 13) Venakê – Absolve o penitente. O Talmud escreve que D'us disse a Moshê: "Sempre que Israel pedir o Meu perdão, que mencione estas minhas qualidades". Essa prece somente pode ser rezada quando houver pelo menos um Minian (quórum de 10 homens)*".

Antes do pecado, a relação entre D'us e os israelitas estava baseada em uma revelação direta, simbolizada pelas primeiras Tábuas, que eram obra Divina. Essa relação operava dentro do equilíbrio entre bondade (Hessed) e rigor (Gueburah). O pecado resultou em exacerbação da severidade (julgamento), revelando a fragilidade de uma conexão fundamentada apenas na elevação espiritual momentânea. Para restaurar o equilíbrio, foi necessário que D'us revelasse um nível mais alto da própria Divindade, portanto, muito acima da dinâmica de mérito e culpa.

Os Treze Atributos da Misericórdia estão ligados, portanto, ao nível de Kether, que está associado à vontade primordial e à misericórdia infinita que antecede a própria estrutura das Sefirot, simbolizando um fluxo de compaixão que não anula o sistema de justiça, mas o transcende.

Por isso, sua revelação ocorre apenas após a quebra das primeiras Tábuas. A nova aliança, selada com as segundas Tábuas, cuja pedra foi lavrada por Moshê e a escrita foi gravada por D'us, passa a incorporar o elemento humano da Teshuvá. A conexão não depende mais apenas da perfeição, mas da capacidade de retorno.

O número treze é relevante, pois corresponde a Guematria de Echad (unidade) (אֶחָד) e Achavah (amor) (אַהֲבָה), indicando que o perdão Divino brota da Unidade Essencial. Isto explica por que os Treze Atributos são recitados apenas na presença de um Minian (10 homens judeus – Árvore da Vida), pois a dimensão coletiva (meio Shekel) manifesta a Shechina de modo pleno, enquanto a individualização tende a estimular o julgamento. Assim, os Treze Atributos da Misericórdia revelam que a aliança está alicerçada na vontade Divina anterior à criação. Mesmo após a idolatria, a relação não foi anulada, pois sua raiz está acima das falhas históricas. A revelação desses Atributos nos ensina que o vínculo entre o Criador e Seu povo repousa numa Misericórdia essencial, capaz de transformar ruptura em renovação e queda em ascensão espiritual (fogo oculto).

De forma simplificada, quando ocorrem pecados semelhantes ao do bezerro de ouro, ocorre simultaneamente um afastamento do último Hei do (YHWH) (יהוה). Sabemos que Teshuvá (תשובה) é a prática de voltar às origens, ou seja, "*reunificar*" o Nome Inefável. Retornar a essência Divina que existe em nossa alma. Retornar ao que éramos antes de termos errado. A palavra Teshuvá pode ser reescrita na forma Teshuv Hei, ou retorno do Hei, ou ao sopro Divino que a tudo cria constantemente. Temos um coração de pedra. Mas, dentro da pedra, em essência, existe o fogo oculto.

6.(Ki Tissá) - Shemot – 34:10-26 – "*D'us renovou então o pacto que Ele havia forjado com o povo israelita no Monte Sinai e que tinha sido anulado pelo pecado do bezerro de ouro. Parte desse pacto foi a promessa de D'us de dar aos israelitas a Terra de Israel, ocupada naquela época por sete*

nações canaanitas. Purificar pensamento, fala e a ação – D'us ordenou a Moshê dizer ao povo israelita: 'Eis que expulsarei diante de ti aos Emoreu, aos Canaanitas, aos Hititas, aos Perizeus, aos Hivitas e aos Jebuseus'. São mencionadas aqui apenas seis das sete nações canaanitas: faltam os Guirgashitas. Isso, porque as primeiras seis nações canaanitas personificavam as seis emoções não retificadas da alma animal, enquanto os Guirgashitas personificavam o impulso da alma animal de expressar essas emoções não retificadas através do pensamento, a fala e a ação. Quando tivermos retificado as seis emoções da nossa alma animal, não teremos mais que nos preocupar em combater qualquer impulso ou vontade de expressá-las em pensamento, fala ou ação.

No entanto, até que este processo se complete, devemos controlar nossas faculdades do pensamento, da fala e da ação para assegurarmo-nos de que sirvam exclusivamente a propósitos sagrados, e não às seis emoções não retificadas de nossa alma animal. Por isso, o seguinte versículo nos prescreve: 'Guarde-se para não fazer aliança com os moradores da terra onde você está entrando, para que eles não se tornem uma armadilha dentre vocês'."

"*D'us disse a Moshê que, a partir de então, guiaria o povo por meio de um representante: Ao escutar essa declaração nefasta de que não mais seria guiado pelo próprio D'us, o povo lamentou-se, e ninguém vestiu sua 'joia', isto é, as coroas etéreas que ganharam quando disseram 'faremos e estudaremos'. D'us então disse a Moshê: 'Explica-lhes por que não posso mais manifestar Minha presença no meio deles. Diz aos israelitas: Sois um povo de cerviz dura. Se Eu fosse para o meio de ti, em um instante te destruiria completamente. Se vosso comportamento descaísse por um só momento e vossa consciência espiritual sofresse uma queda concomitantemente, a intensidade de Minha presença vos consumiria imediatamente. Agora, agistes corretamente não vestindo vossas coras. Tira tua joia permanentemente. Quanto à maneira de expiar os defeitos remanescentes do pecado do bezerro de ouro, saberei com o desenrolar da história o que fazer contigo, como e quando fazê-lo gradativamente'. Os israelitas, portanto, despojaram-se de sua 'joia' no Monte Horeb*". (Rashi Êxodo pg. 198, Êxodo 33:04).

Há algumas interpretações sobre essa "*joia*": Eles removeram a sua '*joia*' como um sinal de luto por seu rebaixamento, ou seja, "*eles praticaram o luto*", em função do pecado do bezerro de ouro que haviam cometido anteriormente. Outra é que a '*joia*" é o jugo da Torá que eles haviam se curvado quando a receberam. Mas, com o pecado do bezerro de ouro, não poderiam mais usá-la. Uma terceira é que seriam roupas brilhantes, semelhante as que os anjos usam quando aparecem para os Seres Humanos durante uma missão que lhes foi confiada por D'us. Essas roupas eles usaram quando receberam a Torá, mas com o pecado do bezerro de ouro não poderiam mais usá-las. Há outras explicações nos diversos livros.

Mas, toda essa consequência é decorrente do pecado do bezerro de ouro. Quando eles chegassem à terra prometida, deixariam seu '*estado mais elevado, espiritualmente*' e passariam a conviver com as condições presentes no mundo profano. Portanto, teriam de controlar as faculdades do pensamento, da fala e da ação direcionando-as exclusivamente a propósitos sagrados. Isto não é corriqueiro de fazê-lo. Nós temos de trabalhar para poder alcançar, por nossos próprios méritos, níveis mais elevados de espiritualidade.

Mas, porque Moshê não protestou, como já havia feito anteriormente, diante da assertiva de D'us, de que não guiaria mais o povo diretamente e sim por intermédio de um anjo? Como já vimos acima, a renovação do pacto ocorre após a revelação dos Treze Atributos da Misericórdia e marca uma nova etapa na relação entre D'us e o povo israelita. Se antes a conexão estava baseada numa revelação direta, agora ela é reconstruída sob a consciência da fragilidade humana.

No plano interior, a promessa de expulsar as seis nações canaanitas representa, na Árvore da Vida, as seis emoções não retificadas da alma animal. Os Guirgashitas (a 7ª) são o impulso que temos de exteriorizar essas emoções por meio do pensamento, fala e ação (vestimentas). A ausência explícita

dos Guirgashitas na lista indica que, quando as emoções são refinadas em sua raiz, desaparece também a necessidade de lutar contra suas expressões externas.

Até que esse refinamento seja completo, porém, a pessoa deve disciplinar rigorosamente suas faculdades práticas para que sirvam apenas a propósitos Sagrados. A entrada na Terra de Israel, portanto, significa a transição para uma realidade onde a Santidade deve ser construída no interior do mundo profano.

Nesse contexto é possível compreender também a remoção da "*joia*", seja ela coroas etéreas, jugo da Torá ou vestes luminosas, pois simbolizava o estado elevado alcançado ao dizer "*faremos e ouviremos*".

Após o pecado do bezerro, a intensidade direta da Presença Divina tornou-se perigosa. Um povo ainda instável espiritualmente não poderia suportar tal proximidade sem ser consumido pelo rigor inerente à santidade absoluta. Por isso, D'us anuncia que não mais os conduzirá diretamente, mas por meio de um representante.

A experiência demonstra que uma revelação excessivamente elevada, produz ruptura em vez de permanência (uma plantinha tenra ao sol do meio-dia). A condução por intermédio de um anjo representa uma diminuição da intensidade Divina, permitindo que o povo amadureça espiritualmente por esforço próprio. Assim, a ausência de um protesto por parte de Moshê, indica compreensão de que, após a queda, o caminho para a restauração exige que se proceda o refinamento interior e a conquista progressiva da santidade, mas construída com responsabilidade e disciplina contínuas.

É importante fazermos uma comparação entre o pecado que ocorreu no Jardim do Éden e o pecado do bezerro de ouro. No Éden ocorre primeiro uma revelação elevada. Adão vivia em plena consciência direta da presença Divina. No Sinai, o povo experimentou uma revelação extraordinária decorrente do "*faremos e ouviremos*" e recebeu as primeiras Tábuas.

Em seguida, surge a queda. No Éden, ao comer do fruto antes de estar espiritualmente preparado para integrar aquela consciência. No Sinai, ao tentar materializar a presença Divina por meio do bezerro. Em ambos os episódios há retração do Divino. No Éden, ocorre a expulsão do Jardim e dá início a uma vida de esforço e ocultamento. Após o bezerro e a quebra das primeiras Tábuas, tem-se a diminuição da manifestação direta da Presença Divina.

Contudo, há uma marcante diferença. No caso do bezerro de ouro, a queda conduz à revelação dos Treze Atributos da Misericórdia e à entrega das segundas Tábuas, inaugurando o caminho estruturado da Teshuvá. A aliança deixa de depender apenas de uma revelação concedida "*de cima*" e passa a incorporar o esforço humano de retorno. Assim, enquanto o pecado no Éden marca o início de uma história de trabalho espiritual sob ocultamento, o pecado do bezerro de ouro transforma a ruptura em oportunidade de aprofundamento do vínculo, revelando uma dimensão da Misericórdia que transcende o próprio sistema de julgamento.

7.(Ki Tissá) - Shemot – 34:27-35 – "*Após a sua terceira estada de quarenta dias no Monte Sinai, Moshê desceu em 10 de Tishrei do ano 2449 carregando um segundo par de tábuas de pedra que substituía o primeiro, quebrado por ele ao ver os israelitas adorando o bezerro de ouro. A longa permanência de Moshê na presença de D'us acabou deixando uma marca permanente em seu corpo: seu rosto irradiava luz. Um rosto resplandecente – Moshê não tinha consciência de que a pele do seu rosto havia se tornado luminosa. D'us pessoalmente esculpiu o primeiro par de Tábuas a partir das pedras sobre o Monte Sinai, enquanto o segundo par de Tábuas foi esculpido por Moshê. Contudo, foi especificamente depois de receber o segundo par de Tábuas que o rosto de Moshê se iluminou.*

Isto aconteceu porque, quando D'us nos dá algo sem termos trabalhado para recebê-lo, não se torna parte de nosso ser. Não foi por acaso, portanto, que as primeiras Tábuas foram quebradas e as

segundas se mantiveram íntegras. Quando trabalhamos por algo, tal coisa pode manter-se permanentemente conosco, mas quando recebemos algo sem ter nos esforçados por isso, tal coisa se perde com maior facilidade.

Assim, quando Moshê esculpiu o segundo par de Tábuas com suas próprias mãos, a santidade penetrou em seu corpo físico e, consequentemente, seu rosto se tornou luminoso. Do mesmo modo, os esforços que realizamos ao estudar a Torá e cumprir os mandamentos de D'us refinam até mesmo o nosso próprio corpo físico. Se nos esforçarmos ao ponto de que a Torá penetre em nós, também nossos rostos se iluminarão".

Porque o rosto de Moshê se tornou luminoso? "*Quando Moshê subiu pela 1ª vez para receber as Tabuas da Lei, foi objeto de um milagre constante, que impedia que necessitasse de elementos materiais para subsistir. As Tábuas eram de origem Divina e eram "a escrita de D'us", e essa maneira milagrosa se estendeu também a Moshê.*

A segunda oportunidade em que subiu era para pedir perdão pelo pecado do bezerro de ouro. Ele se encontrava totalmente entregue às suas rezas e súplicas pelo povo de Israel e suas necessidades físicas ficaram totalmente relegadas, podendo subsistir sem elas.

A terceira vez, quando subiu para receber as segundas Tábuas, chegou a uma elevação espiritual tão grande, que seu corpo chegou a transformar-se ao nível de um anjo.

Por isso mesmo, somente depois da terceira subida que ele teve o privilégio de receber os "karnei or" (raios de luz) que irradiavam de seu rosto; eles testemunharam o refinamento da própria matéria de seu corpo. O mesmo semblante de Moshê irradiava a luz de sua alma". A Luz Que Irradiava do Rosto de Moshê - Artigos - Parshah www.chabad.org.

"*Quando Moshê desceu naquele dia do Monte Sinai pela terceira e última vez, e as duas Tábuas do Testemunho estavam na mão de Moshê enquanto ele descia da montanha, Moshê não estava ciente de que a pele de seu rosto havia se tornado radiante quando D'us havia falado com ele e o abrigado com Sua mão. Como o corpo físico de Moshê havia se tornado quase angelical enquanto ele estava na montanha pela terceira vez, raios de luz brilharam de seu rosto.*

Arão e todos os israelitas viram Moshê, e eis que a pele do seu rosto estava radiante. Porque eles tinham pecado e descido a um nível espiritual mais baixo, eles ficaram impressionados com o rosto brilhante de Moshê e ficaram com medo de se aproximar dele. Em contraste, antes de terem pecado, eles tinham sido capazes de contemplar a glória do próprio D'us e não ter medo". Exodus 34 - O Kehot Chumash – in sefaria.org.
https://www.sefaria.org/Exodus.34.30?ven=english|The_Kehot_Chumash%3B_Chabad_House_Publications,_Los_Angeles&lang=bi&aliyot=0

Como vimos acima, "*se nos esforçarmos ao ponto de que a Torá penetre em nós, também nossos rostos se iluminarão*". Entretanto, tudo tem consequências. Veja que os filhos de Israel tiveram medo de Moshê.

A árvore da vida que está dentro de cada pessoa (meio Shekel) pode ser canalizada para unir-se ao Criador (meio Shekel), eternamente. *"Quando canalizamos os dez poderes de nossa alma para nos unir a D'us e cumprir nossa missão Divina, os alinhamos aos Seus dez atributos. Nossos dez poderes, então, se tornam vinte, ou seja, um shekel sagrado*".

Qual a mordida em algo proibido é a mais importante? A primeira mordida quando desconhecemos totalmente o prazer que sentiremos ao dar uma mordida? Ou a segunda mordida, quando temos consciência plena do prazer que àquela mordida pode nos proporcionar? Resistir a uma segunda mordida é muito mais difícil. Por isso, resistir a morder pela segunda vez, é muito mais elevado espiritualmente. É preciso conhecer o pecado para poder sentir as dificuldades do próximo.

Aliança é um laço de amor que transcende a racionalidade, somente assim, poderemos compreender que não devemos fazer a outrem o que não queremos que façam a nós mesmos. Desta forma, poderemos trazer para a realidade o fogo oculto que todos temos dentro de nosso coração. O Talmud escreve que D'us disse a Moshê: "*Sempre que Israel pedir o Meu perdão, que mencione estas minhas qualidades"*. Nós temos de trabalhar para poder alcançar, por nossos próprios méritos, níveis mais elevados de espiritualidade. "*Se nos esforçarmos ao ponto de que a Torá penetre em nós, também nossos rostos se iluminarão*". Entretanto, tudo tem consequências. Veja que os filhos de Israel tiveram medo de Moshê. "*Correm todos os rios para o mar, sem, entretanto, preenchê-lo; fluem continuamente para o mesmo lugar*". Eclesiastes 01:07, Torá, Sefer pg. 669. (PIII). Somos poeiras de estrelas.

É proibida a comercialização deste Livro - 114

11 - Parashat Vayakhel – E Reuniu – Mishcan

Sinopse

Moshê prefaciou suas instruções para o Mishcan recordando ao povo israelita que ele devia cumprir as leis do Shabat. Não deviam permitir que o entusiasmo pela construção do Mishcan os levasse a transgredir a proibição de trabalhar no sétimo dia. O significado do descanso no Shabat - Moshê disse ao povo israelita: 'Vocês trabalharão seis dias; e o sétimo dia será sagrado para vocês, um repouso absoluto'. Recomenda-se ao Pedreiro Livre que selecione uma das proibições que ele normalmente pratica durante o Shabat e se comprometa a não mais realizá-la nesse período. A partir de então, deve definir o Shabat em que iniciará essa observância. Reconhece-se que manter tal restrição ao longo do tempo pode apresentar dificuldades, pois diversos fatores podem impulsioná-lo a retomar a prática proibida. Trata-se de um desafio relacionado à Yetzer Hara, ou má inclinação, que testará seu compromisso com a vontade Divina. Será necessário resistir a esse impulso para garantir a observância adequada. *Após Moshê informar ao povo o que era necessário para se construir o Mishcan, as pessoas começaram a trazer suas contribuições. Como educar com sucesso: O povo trouxe seus braceletes, anéis para o nariz, anéis para os dedos e cintos de castidade todos de ouro.* Quem pretende identificar-se e quiser ser incluído na coletividade, deve contribuir com o seu óbolo, voluntariamente, de todo o coração, com entusiasmo, com alegria e a satisfação de poder dar e de ter algo para dar. *Tal como D'us lhe ordenou, Moshê designou aos artesãos Betsalel e Aholiav para a supervisão das tarefas. A contribuição única de cada um - Moshê disse: 'D'us dotou-os com a capacidade de trabalhar com ouro, prata e cobre'.* O Mishcan é a própria alma coletiva de Israel sendo tecida, refinada e integrada para tornar-se receptáculo permanente da Presença Divina. Ou seja, a presença de diferentes profissionais entre os filhos de Israel tornou possível a construção do Mishcan. Em nossa Organização, que visa a construção do Templo Interno, também utiliza diferentes profissionais. Seja humilde, pois cada Pedreiro traz um olhar diverso de um mesmo quadrante. *Os primeiros artigos que os artesãos produziram foram as tapeçarias que formavam a cobertura do Mishcan. A dinâmica de uma relação. Os artesãos fizeram as tapeçarias de linho, lã turquesa, lã púrpura e lã escarlate. Estes quatro elementos fazem alusão às quatro bases de nossa relação emocional com D'us.* Além disto, a lã (animal) representa calor emocional e o linho (vegetal) representa pureza essencial. Em nosso mundo (dos Pedreiros) o animal e o vegetal pertencem a níveis distintos e sua mistura gera dissonância (conflito). Mas, no Mishcan tudo é elevado e os níveis se reconciliam, porque o Mishcan está ligado ao nível do 50 e a transcendência, portanto, permite a integração do que normalmente é contrastante ou proibido. Essa mistura dos contrastantes não deve ser feita em nosso mundo. *Depois de confeccionar as coberturas e as paredes do Mishcan, os artesãos começaram a elaborar os seus artefatos; o primeiro deles foi a Arca da Aliança. Os artesãos fizeram a Arca como lhes foi instruído: dois cúbicos e meio de comprimento, um cúbico e meio de largura e um cúbico e meio de altura.* As medidas fracionadas da Arca ensinam que o estudo da Torá deve "*quebrar*" os traços negativos, dissolver a rigidez do ego e transformar a estrutura interior. O fracionamento (quebra) aqui é refinamento do interior de um Pedreiro, é transformar o amargo em doce. O fato de apenas Betsalel ser mencionado como construtor da Arca reforça essa dimensão interior. Seu nome que é "*Betsel-El"*, ou "*à sombra de D'us*" indica alguém que se auto anulou (bitul) perante o Criador, para tornar-se um canal da presença Divina. Construir a Arca significa construir o espaço interno onde a Torá pode repousar. *Depois, Moshê atirou o ouro da Menorá no fogo e D'us lhe deu forma. Sete maneiras de iluminar o mundo. D'us fez a Menorá de ouro puro. A Menorá, a fonte de luz presente no Mishcan, simboliza a compreensão e o esclarecimento. O repentino e fugaz resplendor de uma ideia na mente é semelhante a um relâmpago cruzando o céu escuro. Cada alma Divina é uma fonte de iluminação Divina. É neste tido que a alma é denominada metaforicamente de 'lâmpada D'us'.* Cada Pedreiro é chamado a tornar-se uma Menorá viva. Primeiro acendendo a própria chama interior, depois irradiando essa luz no ambiente próximo e, por fim, expandindo-a para o mundo. Quando o espírito penetra os seis dias de trabalho, a realidade cotidiana torna-se um Mishcan e o Ser Humano converte-se em portador consciente da luz que emana do Infinito. Em seguida, o*s artesãos ergueram o Altar interior e o Altar exterior, seguidos do Lavatório e dos Pilares*

do Pátio. Combinar firmeza e humildade. Como os ordenaram, os artesãos construíram o Altar Exterior de cobre como uma estrutura oca. O Altar exterior é o lugar onde se efetua o processo de refinamento de nossa natureza animal. O material e a forma do Altar exterior se referem às atitudes opostas que precisamos cultivar para conseguirmos realizar este refinamento. **Mas, como realizar essa missão?** É ser um Ser Humano.

1.(Vayakhel) - Êxodo 35:01-20 – "*Moshê prefaciou suas instruções para o Mishcan recordando ao povo israelita que ele devia cumprir as leis do Shabat. Não deviam permitir que o entusiasmo pela construção do Mishcan os levasse a transgredir a proibição de trabalhar no sétimo dia. O significado do descanso no Shabat - Moshê disse ao povo israelita: 'Vocês trabalharão seis dias; e o sétimo dia será sagrado para vocês, um repouso absoluto'.*

Espiritualmente, cada semana é uma repetição no nível espiritual da semana da Criação: D'us recria o mundo durante os seis dias de trabalho e 'descansa' a cada Shabat. D'us 'repousa' ao reexperimentar a ideia original que deu lugar à criação do mundo. Durante os seis dias originais da Criação, D'us esteve ocupado com os detalhes da execução de Sua ideia; depois que o Arquiteto-mor completou Sua obra-prima, examinou-a e a aprovou como a culminância de Seu plano. Deste modo, durante os seis dias de trabalho, o mundo é recriado por obra da energia "criativa" de D'us, enquanto no Shabat o mundo é recriado através de Sua energia 'contemplativa'.

Portanto, nossa tarefa no Shabat não é trabalhar para retificar a Criação, e sim, vivenciá-la como a moradia para D'us, a qual ajudamos a construir com o nosso trabalho durante a semana. Entramos nesse estado de consciência ao nos abster de realizar os trinta e nove tipos de trabalho criativo que executamos no transcorrer do resto da semana".

Torá Sefer pg. 271 sobre 35:01-02 "*Ao começar a construção do Mishcan, a Torá nos faz recordar a observância do Shabat para dizer-nos que, apesar da construção do santuário ser um preceito Divino, não se permite por isso profanar a santidade do Shabat*".

Encontramos em Torá 35:05 "*Tomai de vós oferenda separada para o Eterno; todo doador de coração trará oferenda do Eterno*". Tzedaka significa caridade, mas no sentido de justiça social, ou seja, retidão. É uma obrigação moral que consiste em doar algo a quem precisa, independentemente das condições financeiras do doador. A Tzedaka é uma das Mitzvot que pode salvar um israelita de um mau destino (decreto). Isto inspira os Pedreiros de coração quando pratica Tzedaka.

Recomenda-se ao Pedreiro Livre que selecione uma das proibições que ele normalmente pratica durante o Shabat e se comprometa a não mais realizá-la nesse período. A partir de então, deve definir o Shabat em que iniciará essa observância. Reconhece-se que manter tal restrição ao longo do tempo pode apresentar dificuldades, pois diversos fatores podem impulsioná-lo a retomar a prática proibida. Trata-se de um desafio relacionado à Yetzer Hara, ou má inclinação, que testará seu compromisso com a vontade Divina. Será necessário resistir a esse impulso para garantir a observância adequada.

As informações a seguir estão em: The 39 Melachot - Chabad.org [Há 39 categorias gerais de trabalho que são proibidas no Shabat. Cada uma dessas categorias inclui uma série de leis e atividades derivadas.

***Melachá* proibida**	**Explicação curta da M*elachá* proibida**	**Como a M*elachá* foi realizada na construção do *Mishcan***
1. *Zeriá*	Plantar e outros atos que fazem crescer as plantas	As M*elachot* 1 a 11 se faziam no *Mishcan* para preparar as tintas para tingir a lã necessária para cobrir o *Mishcan*
2. *Charishá*	Arar e outros atos de preparar o terreno para o plantio	
3. *Ketsirá*	Arrancar ou cortar uma planta do lugar onde cresceu	
4. *Hameamer*	Juntar plantas para formar pilhas ou feixes	
5. *Dishá*	Debulhar; separar o grão de uma planta de sua casca	
6. Zeriyá	Dispersar o grão ao vento	
7. Bererá	Selecionar e separar	
8. *Techiná*	Moer	
9. *Harcadá*	Peneirar	
10. *Lishá*	Fazer massa	
11. *Afiyá/bishul*	Assar, cozinhar ou fritar	
12. *Guezizá*	Tosquiar	As M*elachot* 12 a 20 serviam para obter a lã e entrelaçá-la nas tapeçarias do *Mishcan*
13. *Libun*	Lavar	
14. *Niputs*	Desembaraçar a lã não trabalhada	
15. *Tseviá*	Tingir	
16. *Reviyá*	Fiar	
17.*Hansachat hamassêchet*	Esticar o fio para prepará-lo para tecer	
18.*Assiyat batê nirin*	Passar o fio entre dois anéis	
19. *Arigá*	Tecer	
20. *Petsiá*	Desfazer os fios a fim de retocá-los	
21. *Keshirá*	Arar	As M*elachot* 21 e 22 eram feitas quando a cerca para o *chatser* **(pátio do *Mishcan*)** era desarmada e montada. A rede que rodeava o *chatser* se apoiava com cordas presas a presilhas
22. *Hatará*	Desatar	
23. *Tefirá*	Costurar	Algumas tapeçarias do *Mishcan* eram costuradas juntas e às vezes era preciso cortar nas junções.
24. *Keriá*	Rasgar com intenção de suturar	
25. *Tsedá*	Caçar	*Benê Yisrael* precisavam caçar animais cuja pele necessitavam, como o *Tachash*
26. *Shechitá*	Abater	As M*elachot* 26 a 31 eram feitas para preparar as peles dos animais que cobriam o *Mishcan*
27. *Hafshatá*	Pelar o couro	
28. *Ibud or*	Curtir o couro	
29. Sirtut	Alisar o couro	
30. *Hamemachec*	Demarcar o couro	
31. *Chituch*	Cortar	
32. *Ketivá*	Escrever	As vigas do *Mishcan* eram marcadas com um número para serem sempre colocadas na mesma ordem
33. Mechicat ketav	Apagar	
34. Benivá	Construir	Para erguer o *Mishcan*
35. *Setirá*	Destruir ou demolir	Quando *Benê Yisrael* iam partir, desarmavam o *Mishcan*
36. *Kibui*	Apagar fogo	Para cozinhar as tintas se acendia (ou apagava) um fogo
37. *Hav'ará*	Acender fogo	
38. *Macá bepatish*	Terminar a manufatura de um objeto	Quem construía um objeto para o *Mishcan*, ao final dava uma batida de martelo (para testar sua durabilidade) ou outro toque final
39. *Hotsaá*	Transportar de uma propriedade para outra ou carregar em domínio público	*Benê Yisrael* levavam a Moshê os objetos que haviam feito para o *Mishcan*

2.(Vayakhel) - Êxodo 35:21-29 – "*Após Moshê informar ao povo o que era necessário para se construir o Mishcan, as pessoas começaram a trazer suas contribuições. Como educar com sucesso: O povo trouxe seus braceletes, anéis para o nariz, anéis para os dedos e cintos de castidade todos de ouro. O estudioso bíblico medieval Rabi Avraham Ibn Ezra traduz a lista de objetos de maneira um pouco diferente, como 'brincos, anéis para nariz, anéis para os dedos e braceletes'.*

Os quatro tipos de objetos doados pelas mulheres se referem aos quatro aspectos relevantes, em termos de educação judaica e formação, para criar e educar adequadamente as crianças israelitas: ***Brincos****: Escutar cuidadosamente a conversa das crianças com seus companheiros, porque eles aprendem a falar com o exemplo de seus pais; se há algo impróprio no que dizem, isto significa que*

*há algo de impróprio na fala de seus modelos. **Anéis para o nariz**: Desenvolver um senso de 'olfato' aguçado para determinar se certas amizades das crianças lhes são benéficas. **Anéis para os dedos**: Indicar às crianças o caminho apropriado, guiando-as com suavidade a apegar-se aos ensinamentos da Torá e mostrar-lhes como não seguir caminhos prejudiciais. **Braceletes**: Usar o braço forte, a firmeza, pois, mesmo quando as crianças se comportam bem, é necessário ser enérgico com elas para incentivar o entusiasmo por seus estudos*". (Troque criança por Neófito e Pais por Mestres – releia).

Em Likutei Diburim, Vol. 3, pg. 573-579 encontramos que "*Ainda cheirava a preguiça: Essa sugestão de preguiça resultou de uma falta de altruísmo por parte dos príncipes. Eles estavam um pouco impressionados demais com sua posição e isso os levou a se concentrar exageradamente em suas responsabilidades principescas e negligenciar suas próprias responsabilidades pessoais.*

Todos nós devemos aprender com o erro de julgamento dos príncipes. Somos todos "príncipes" em um sentido ou outro: todos nós temos encargos pelos quais somos responsáveis, começando com nosso próprio corpo, que D'us confiou aos nossos cuidados, e estendendo-se aos membros de nossa família, nosso ambiente e nossa esfera de influência.

Em nosso zelo em assumir a responsabilidade por nossos encargos, não devemos pensar que qualquer influência positiva que possamos ter ou tenhamos, seja nossa própria realização. Em vez disso, somos meramente os canais pelos quais D'us realiza Seus propósitos na criação. Tendo removido nosso próprio ego da equação, podemos ter certeza de que não cairemos na armadilha de pensar que cumprimos nossa obrigação para com D'us. Tomemos cuidado para não negligenciar nossas próprias obrigações de estudar a Torá e cumprir Seus mandamentos". Algum Pedreiro já ouviu algo semelhante de algum príncipe: 'Já fiz a minha parte, tchau'. O leitor pode encontrar informações similares no link www.chabad.org sob o título "Insights Chassídicos para a Parashá Vayakhel".

Além disto é interessante ressaltar o versículo 35:22 "*E vieram os homens com as mulheres, todos doadores de coração, e trouxeram pulseiras e aros, anéis, cintos de castidade e todo objeto de ouro; e todo homem que separou oferta de ouro para o Eterno*". A expressão Nevid Lev (נְדִיב לֵב) quer dizer, na realidade, que o ato deveria sair do coração. Segundo Maimônides há oito graus na prática de donativos ou oito níveis de Tzedaka (caridade - justiça), a saber: **1º** Doar a contragosto. **2º** Doar menos do que deveria, mas dar com alegria. **3º** Doar depois de ser solicitado. **4º** Doar antes de ser solicitado. **5º** Doar quando você não conhece a identidade do destinatário, mas o destinatário conhece sua identidade. **6º** Doar quando você conhece a identidade do destinatário, mas o destinatário não conhece a sua identidade. **7º** Doar quando nenhuma das partes conhece a identidade da outra e **8º** Permitir que o destinatário se torne autossuficiente. Torá comentários pg. 272.

Outro ponto, também muito importante para um Pedreiro, o qual devemos abordar é a questão da origem dos recursos financeiros, dos bens materiais, joias etc. e a destinação que devemos fazer daqueles recursos. Inicialmente destaca-se que é fundamental que a origem seja honesta. Nos comentários do Torá Sefer sobre o versículo 35:29, pg. 273-274, encontramos que a "*uma pessoa honesta e correta deve se esforçar para ganhar escrupulosamente o seu sustento, e só depois poderá dispor de seu ganho, distribuindo-o em Terumá, Tzedaka e Nedavót. O termo Terumá significa separar, contribuir e elevar. E a Torá pretende ensinar-nos que, com a separação de uma parte da fortuna para fins sagrados e caritativos, o doador eleva-se a um nível ético. Não são a fortuna ou os bens materiais que fazem a felicidade humana, mas sim a sua boa e justa aplicação.*

Também aquele que gostaria de dar, mas que infelizmente não tem meios, e a única coisa com que pode contribuir é o seu coração, a sua boa vontade de colaborar, a sua compaixão e compreensão, isto também é considerado como Tzedaka. O Shekel primitivamente introduzido por Moisés quando os israelitas ainda estavam no deserto, tinha por grande objetivo o Cófer Nefesh, o resgate da alma, o remir-se do grande pecado do bezerro de ouro, pois, se não hesitaram em contribuir com ouro,

prata e joias para fabricar um bezerro, não havia justificativa alguma para dispensá-los desta Sagrada dádiva que é o Shekel. Quem pretende identificar-se e quiser ser incluído na coletividade, deve contribuir com o seu óbolo, voluntariamente, de todo o coração, com entusiasmo, com alegria e a satisfação de poder dar e de ter algo para dar.

A ideia básica de dar somente meio Shekel era para nos ensinar que o israelita que não se sente ligado ao seu correligionário, que não procura ou não quer identificar-se com a sua coletividade, é só meio-israelita, é um israelita (Pedreiro) *mutilado* (defeituoso). *Isto não diz respeito somente aos israelitas ou aos atuais judeus; a ética judaica não é e nunca será chauvinista* (bairrista). *Um indivíduo para o qual o destino do seu semelhante é indiferente não passa de uma criatura mutilada, que necessita de nossa compaixão*".

Comparação entre Terumá, Tzedaka e Nedavót

Conceito	Significado	Tipo de obrigação	Observações
Terumá	Porção separada e "*elevada*" para um propósito sagrado.	Pode ser obrigatória (agricultura) ou voluntária (doações para o Mishcan).	Simboliza elevar o material ao espiritual.
Tzedaka	Justiça social, que normalmente é associada a caridade.	É obrigatória segundo a lei judaica. Tem a finalidade de ajudar aos necessitados. É nossa responsabilidade comunitária.	No fundo, é um dever ético, legal e espiritual.
Nedavót	Ofertas voluntárias e/ou doações espontâneas.	Na prática, são sacrifícios voluntários no Templo e doações gerais.	Expressa generosidade do coração (Nevid Lev).

3.(Vayakhel) - Êxodo 35:30-36:7 – "*Tal como D'us lhe ordenou, Moshê designou aos artesãos Betsalel e Aholiav para a supervisão das tarefas. A contribuição única de cada um - Moshê disse: 'D'us dotou-os com a capacidade de trabalhar com ouro, prata e cobre'.*

A prata, o ouro e o cobre representam três tipos de israelitas: ***a prata*** *representa aqueles entre nós que não se perturbam pela escuridão espiritual do mundo, mas, pelo contrário, canalizam nele consciência Divina.* ***O ouro*** *representa aqueles de nós que já estiveram presos (apegados) ao mundo material, mas conseguiram superar a pressão do seu materialismo.* ***E o cobre*** *representa aqueles de nós que ainda lutam para superar o apego ao materialismo deste mundo.*

A Torá requer a utilização dos três metais na construção do Mishcan. Esta é uma lição tanto para aqueles que se veem como 'ouro' e 'prata', como para aqueles que se consideram 'cobre'. ***Quem é 'prata'*** *não deve fugir ao envolvimento no mundo físico e, no lugar disso, preferir ocupar-se apenas de assuntos espirituais. De maneira análoga,* ***quem é 'ouro'****, quer dizer, quem superou o materialismo e, portanto, pode sentir-se imune a seus perigos, ainda assim não está isento de elevar o mundo físico. Por último****, quem é 'cobre'*** *pode pensar que primeiro ele mesmo teria que se refinar, e só depois disso estaria em condições de elevar o mundo, mas a Torá lhe diz algo diferente: ele também deve fazer a sua parte na construção de uma moradia para D'us neste mundo*".

Profissões artísticas se mostram presentes na Torá entre os filhos de Israel. Comentários da Torá Sefer pg. 275 encontramos que "*os filhos de Israel fizeram uso de suas artes na confecção do Mishcan e seus apetrechos. As cortinas eram feitas de linho retorcido, tecido de lã azul-celeste, púrpura e carmesim, com desenhos de querubins, obra de artista. Um modelo desta classe de obras foi visto em algumas telas antigas, encontradas no Egito, envoltas nas múmias. Os antigos gregos denominavam este trabalho de 'Opus Polymitarium'. Heródoto escreve que era um gênero de tecelagem usado no Egito. Para fazer este trabalho, os filhos de Israel deviam ter conhecimentos profundos dos ofícios de tecelão. Também as mulheres eram familiarizadas na tecelagem de pelo de cabra. Tudo isto nos revela a existência de profissões artísticas entre os Benê Israel*".

É interessante observarmos que os três metais, ouro, prata e cobre, representam três estados da alma diante da materialidade. O **ouro** corresponde àqueles que já transformaram a escuridão em luz, convertendo o apego material em consciência refinada. A **prata** simboliza os que permanecem íntegros mesmo imersos no mundo físico, canalizando santidade sem serem afetados. E o **cobre** expressa o estado de luta constante, onde a alma ainda confronta suas inclinações.

Contudo, a construção do Mishcan exige todos os três, pois a morada Divina só se completa quando cada nível da realidade, ou seja, do mais refinado ao mais denso deve participar da elevação. Espiritualmente, isso corresponde à integração das três linhas da Árvore da Vida, onde a direita (Hessed), esquerda (Gueburah) e centro (Tifereth), formando um recipiente harmonizado capaz de sustentar a Shechina (A Presença Divina). Sefer Etz Chaim: Árvore da Vida - 2026.

As artes empregadas na confecção do Mishcan, que são tecelagem sofisticada, cores simbólicas, figuras de querubins, revelam que o trabalho manual era também trabalho místico. A habilidade artística era uma expressão de Hokhmah, sabedoria implantada no coração e não era mera técnica.

Tecer os fios de linho, lã azul, púrpura e carmesim corresponde a entrelaçar forças espirituais distintas, unindo julgamento e misericórdia, céu e terra. O fato de homens e mulheres participarem da obra indica que todas as dimensões da alma coletiva estavam envolvidas.

Assim, o Mishcan foi construído especialmente com estados de consciência, muito além de ser construído somente com metais e tecidos. Cada profissão, cada talento, cada nível espiritual tornou-se um veículo para revelar o Ein Sof dentro da matéria. A lição é que a participação na construção da morada Divina independe de perfeição prévia. Ao contrário, é justamente através da contribuição dos três níveis de ouro, prata ou cobre é que a transformação ocorre. O Mishcan é a própria alma coletiva de Israel sendo tecida, refinada e integrada para tornar-se receptáculo permanente da Presença Divina.

Ou seja, a presença de diferentes profissionais entre os filhos de Israel tornou possível a construção do Mishcan. Em nossa Organização, que visa a construção do Templo Interno, também utiliza diferentes profissionais. Seja humilde, pois cada Pedreiro traz um olhar diverso de um mesmo quadrante.

4.(Vayakhel) - Êxodo – 36:8-19 – "*Os primeiros artigos que os artesãos produziram foram as tapeçarias que formavam a cobertura do Mishcan. A dinâmica de uma relação. Os artesãos fizeram as tapeçarias de linho, lã turquesa, lã púrpura e lã escarlate. Estes quatro elementos fazem alusão às quatro bases de nossa relação emocional com D'us.*

***A lã escarlate, vermelha, se refere ao fogo**. O fogo de dentro da alma é o amor ardente a D'us que provém da contemplação de Sua infinitude. Quando nos damos conta de até que ponto D'us está acima da Criação e que Ele é a verdadeira realidade, nos envolve um desejo apaixonado de superar as limitações do mundo para conhecê-Lo e nos fundirmos com Ele.*

***A lã turquesa é a cor do céu**, que faz alusão à nossa experiência da magnificência de D'us. Também nesta experiência contemplamos a infinitude de D'us, mas a partir da perspectiva de nossa própria insignificância comparada a Ele, o que nos preenche de sentimentos de reverência (temor).*

***A lã púrpura combina as cores azul e vermelho (amor e temor) e se refere à compaixão**, que é composta de amor e raiva: amor pelo ideal, e raiva por este não ter sido atingido. Especificamente, sentimos piedade por nossa alma Divina quando consideramos sua provação de ter de viver a tanta distância espiritual de seu lar natural, isto é, na presença de D'us.*

***O linho branco alude a nosso básico e inerente amor a D'us**, um sentimento que está acima da racionalidade. Este amor é o que nos torna capazes de dar a vida e realizar sacrifícios em Sua honra, uma vez que expressa nossa conexão inquebrantável com Ele*".

Nos versículos acima podemos encontrar uma referência marcante do número 50. O número 50 simboliza liberdade, espiritualidade elevada e a transição para uma dimensão além dos limites humanos. Por exemplo, o Jubileu (Yovêl) ocorre a cada cinquenta anos, marcando um tempo de libertação e renovação. Da mesma forma, os cinquenta dias entre Pessach e Shavuot representam a jornada de purificação e preparação espiritual, culminando na entrega da Torá no Monte Sinai.

Assim, no contexto do Mishcan, o número 50 reflete a conexão entre o material e o Divino, representando um meio pelo qual o povo podia se aproximar de D'us e alcançar um nível mais elevado de santidade.

O Nun representa a humildade, fidelidade e eternidade. Ao escrevermos Nun, o fazemos com dois Nuns (נון). Tem o Nun inicial que está curvado e o num final que está ereto. A palavra Nun, tanto representa o lado feminino quanto o masculino. O Nun curvado representa a humildade. Também representa a pessoa fiel (נאמן), neeman, e eternidade (נֶצַח), netzar. Ou seja, o lado feminino normalmente é humilde, fiel e tem uma ligação espiritual muito grande. Também está ligado a alma (נשמה) Neshama. Ou seja, a nossa alma tem as características de ser humilde, fiel e eterna.

Relacionando o Nun com o Hei (5) e recordando, o mundo foi criado com a letra Hei (5). O Hei representa o sopro, a fala e o lado feminino. O 5 representa a criação do 'corpo' de matéria, mas o 50 representa a criação da alma que vai dentro da matéria. Ou seja, o 5 e o 50 estão ligados. O Nun também está ligado a uma palavra em Hebraico que significa milagre (נֵס), Ness. O milagre é difícil de alcançar, pois representa o topo. Mas, também tem o lado negativo que é a queda (נפילה), Nefilá, que pode ser violenta. Ambos são difíceis de alcançar, seja o milagre (topo) ou a queda violenta.

O Nun curvado está de joelhos e pode representar a pessoa que caiu de joelhos e o Nun final, está de pé, mas abaixo da linha. Hora está no topo, nos portões celestiais (sabedoria e santidade), ou nas fossas abissais. Lembre-se que o povo israelita saiu do Egito e no 50º dia recebeu a Torá no Monte Sinai. Mas, quando ele cai e chega quase ao 50º nível de impureza, é uma queda abissal. Veja que Moshê está enterrado no Monte Nebó (הַר נְבוֹ) onde a palavra Nebó começa com um Nun, o seja, 50 é o máximo do máximo. Mas, o povo israelita quando estava no Egito atingiu 49 níveis de impureza. Se alcançassem o 50º nível, não sairiam mais de lá. A cobra (נָחָשׁ), nachash, cuja palavra em Hebraico começa com um Nun, instigou o Ser Humano a cair. Ou seja, temos de tomar cuidado. A corda que segura o avental de um Mestre Pedreiro, simboliza a cobra.

Mas, é também possível perceber que a palavra cinquenta (חֲמִשִּׁים) aparece 6 vezes em Êxodo 36:12–18, sempre relacionada às cinquenta laçadas, cinquenta colchetes e união das cortinas, lembrando que nada na estrutura do Mishcan é acidental.

Distribuição no hebraico

Versículo	Hebraico	Quantidade
36:12	חמישים לולאות	(1ª vez)
36:12	חמישים לולאות	(2ª vez)
36:13	חמישים קרסים	(3ª vez)
36:17	חמישים לולאות	(4ª vez)
36:17	חמישים לולאות	(5ª vez)
36:18	חמישים קרסים	(6ª vez)

Na tradição, 50 está associado aos 50 Portões de Entendimento de Binah, ao Yovêl (Jubileu) – o 50º ano, a Shavuot – após 50 dias e a transcendência do ciclo natural (7 × 7 = 49, o 50 é além), pois 49 representa o mundo estruturado (7 emoções × 7 níveis). Portanto, o cinquenta representa aquilo que transcende a estrutura ou é aquilo que está além da ordem emocional natural.

Mas, por que aparece 6 vezes? Seis corresponde às seis Midot emocionais doadoras da Árvore da Vida (Hessed, Gueburah, Tifereth, Netsah, Hod e Yessod). Malkhuth é a sétima emoção, mas é

receptora. Essas seis emoções constroem a realidade e sabemos que o Mishcan é a retificação das emoções. Agora observe que 50 laçadas unem uma cortina à outra, 50 colchetes conectam os painéis, ou seja, a função do cinquenta é unir.

Então por que o 50 não aparece? Porque 49 ainda pertence à estrutura do mundo emocional. O 50 é o ponto onde a estrutura se abre para o Infinito (transcendência de Binah - Malkhuth da cabeça de Arich Anpin é Kether de Binah e Tifereth de Hokhmah). O Mishcan é uma abertura para Ein Sof e não é apenas ordem. As laçadas unem tecidos separados e representam o vínculo entre dimensões.

Anteriormente, falamos sobre o meio-shekel que está ligado à ideia de união. Aprendemos que o indivíduo não é inteiro, precisa do outro para se tornar Um. Aqui aprendemos que a emoção não se completa sem transcendência. Portanto, o Mishcan nos ensina que as seis emoções humanas só se tornam uma morada Divina quando conectadas ao nível que está além delas.

Mas, também podemos observar que há uma mistura de lã e linho no Mishcan. **Isto é uma contradição**? A proibição de misturar lã com linho vale para as nossas roupas comuns, ou seja, para as roupas dos Pedreiros. Mas, no Mishcan e nas vestes do Cohen Gadol essa mistura é permitida. No ambiente diário dos Pedreiros em nosso mundo, a junção de lã e linho representa uma mistura desordenada de forças opostas, pois Hessed (lado direito - lã - quente) e Gueburah (lado esquerdo - linho - frio) e se misturarmos essas forças, elas podem entrar em conflito. Mas no Mishcan, elas estão harmonizadas por uma dimensão superior. Ou seja, quando existe uma integração sob uma Luz transcendental, a mistura é unidade e, portanto, não é caos. O Mishcan representa o mundo já retificado.

O Rebe nos apresenta que vermelho (lã escarlate) é o amor ardente; o azul (turquesa) é o temor reverente; a púrpura é a compaixão ou equilíbrio entre amor e rigor e o branco (linho) é o amor essencial acima da razão. As emoções (ou as cores) só podem coexistir harmonicamente quando conectadas ao 50. Pois, sem a transcendência (50) o amor pode virar descontrole, o temor pode virar paralisação e a compaixão pode virar desequilíbrio. Com a transcendência elas são amarradas (laçadas), conectadas (colchetes) e unificadas, posto que as laçadas de cinquenta unem as cortinas e as emoções são unidas pela transcendência.

Além disto, a lã (animal) representa calor emocional e o linho (vegetal) representa pureza essencial. Em nosso mundo (dos Pedreiros) o animal e o vegetal pertencem a níveis distintos e sua mistura gera dissonância (conflito). Mas, no Mishcan tudo é elevado e os níveis se reconciliam, porque o Mishcan está ligado ao nível do 50 e a transcendência, portanto, permite a integração do que normalmente é contrastante ou proibido. Essa mistura dos contrastantes não deve ser feita em nosso mundo.

5.(Vayakhel) - Êxodo – 36:20-37:16 – "*Depois de confeccionar as coberturas e as paredes do Mishcan, os artesãos começaram a elaborar os seus artefatos; o primeiro deles foi a Arca da Aliança. Os artesãos fizeram a Arca como lhes foi instruído: dois cúbicos e meio de comprimento, um cúbico e meio de largura e um cúbico e meio de altura.*

Diferentemente das medidas indicadas por D'us para os outros artefatos do Mishcan, as dimensões da Arca eram todas medidas fracionadas, 'quebradas'. Como a Arca era onde se alojava a Torá, isto faz alusão à ideia de que a Torá deve 'nos quebrar': deve-se estudar Torá de tal forma que isso quebre os maus hábitos e os traços de personalidade de índole negativa que se encontram arraigados em nós".

"*Encontramos esse conceito expresso na oração Elokai Netzor, no final da Amidah: 'Que minha alma seja [tão humilde que seja] como terra para todos. Abra meu coração para Sua Torá...'; ou seja, somente com humildade e auto abnegação pode-se ter sucesso no estudo da Torá. Isso é porque a Torá é a sabedoria de HaShem; assim como Ele é infinito e, portanto, completamente além da compreensão intelectual de qualquer ser criado, assim como Sua Torá. Embora HaShem*

condensasse sua sabedoria na Torá como nos foi dada para que até mesmo os mortais possam captá-la, mas a Torá continua sendo a sabedoria de HaShem.

Como compreender a Sabedoria Divina? *Assim, para uma pessoa compreender verdadeiramente a Torá, ela deve primeiro alcançar a autoanulação total, assegurando assim que seu 'ser' não o impedirá de se apegar ao ser de HaShem, o que, por sua vez, lhe permite compreender a sabedoria de HaShem*". Inspirado na aula do Rabino Nurkin de 2021/06/30 - Aula 33 baseada em Likutei Sichot, Vol. XXVI, p. 249-252.

No livro Shemot, Da escravidão para o Desenvolvimento, pg. 363, encontramos que em Êxodo (Shemot) 37:01, "*aprendemos que apenas Betsalel (בצלאל) construiu a arca e que somente seu nome foi mencionado nesta obra. O motivo de tal fato é que somente ele foi inspirado para esta Sagrada tarefa, já que ficava à sombra Divina, como seu próprio nome indica, pois, dividindo Betsalel em duas palavras, obtemos Betsel (בצל) 'à sombra de' e El (אל) D'us. Isso evidencia que era dotado de segredos espirituais a respeito da Arca e da carruagem Divina*".

A Arca representa o ponto mais interior do Tabernáculo, onde encontra-se abrigada a Torá. As medidas fracionadas representam para um profissional somente um detalhe técnico. Entretanto, no nível interior de um Pedreiro revela o quanto ele foi capaz de se dirigir para dentro dele mesmo. As medidas fracionadas representam que a Torá só pode residir em quem não se percebe "*inteiro*". Cada Pedreiro vale meio Shekel. O recipiente adequado para a sabedoria Divina é o coração o qual reconhece sua incompletude.

Mesmo quando a Torá é percebida em linguagem acessível, sua essência permanece infinita. Para que essa sabedoria seja assimilada, o "*eu*" precisa ser reduzido. É isso que expressa a oração *Elokai Netzor*: "*Que minha alma seja como pó para todos; abre meu coração para Tua Torá*". A humildade é a condição para o conhecimento verdadeiro e não uma fragilidade. Enquanto o indivíduo se considera pleno (faraó), ele estará fechado, sem ter espaço interno para a Luz Superior.

As medidas fracionadas da Arca ensinam que o estudo da Torá deve "*quebrar*" os traços negativos, dissolver a rigidez do ego e transformar a estrutura interior. O fracionamento (quebra) aqui é refinamento do interior de um Pedreiro, é transformar o amargo em doce. O fato de apenas Betsalel ser mencionado como construtor da Arca reforça essa dimensão interior. Seu nome que é "*Betsel-El"*, ou "*à sombra de D'us*" indica alguém que se auto anulou (bitul) perante o Criador, para tornar-se um canal da presença Divina. Construir a Arca significa construir o espaço interno onde a Torá pode repousar.

"*O objetivo da Cabala é a transformação de um Ser Humano em uma carruagem para o Divino*". 2021/05/26 Rabino Nurkin - Aula 26. Entretanto, essa transformação deve ocorrer, verdadeiramente, no coração da pessoa. O homem que se reconhece "*incompleto*" torna-se o único capaz de receber o Infinito. O Pedreiro Livre (*Betsalel*) deve cuidar, diuturnamente, do seu pensamento, fala e ação. A Organização não é um reformatório. O objetivo é fazer de um homem bom, uma pessoa melhor ainda, ou seja, elevando-o para ser um Ser Humano melhor e maior.

6.(Vayakhel) - Êxodo – 37:17-29 – "*Em seguida, os artesãos construíram a Mesa dos Doze Pães (Léchem). Depois, Moshê atirou o ouro da Menorá no fogo e D'us lhe deu forma. Sete maneiras de iluminar o mundo. D'us fez a Menorá de ouro puro. A Menorá, a fonte de luz presente no Mishcan, simboliza a compreensão e o esclarecimento. O repentino e fugaz resplendor de uma ideia na mente é semelhante a um relâmpago cruzando o céu escuro. Cada alma Divina é uma fonte de iluminação Divina. É neste tido que a alma é denominada metaforicamente de 'lâmpada D'us'.*

As sete lâmpadas da Menorá simbolizam os sete tipos de Almas judias. Cada um tem seu caminho particular na revelação da Divindade, fundamentado nas sete emoções básicas: ***(1)*** *amar a D'us,* ***(2)*** *temer a D'us,* ***(3)*** *se conectar com D'us por meio do estudo da Tora* ***(4)*** *superar os obstáculos à*

Divindade no mundo, ***(5)*** *valorizar e apreciar a bondade de D'us,* ***(6)*** *se orgulhar de ser um emissário de D'us no mundo e* ***(7)*** *ser humilde".*

"*Os milagres que ocorreram no Mishcan têm suas origens remetidas aos três milagres que ocorrem na casa de Sara. O local de revelação da Presença Divina, o frescor dos pães e a luz contínua do Menorah; todos remontam a três milagres que ocorreram regularmente na casa de Sara: suas luzes de Shabat permaneceram acesas de semana a semana, havia uma bênção em sua massa que sempre satisfez as pessoas e uma nuvem pairava sobre sua tenda representando a Presença Divina*". 2021/10/27 – Aula 47 do Rabino Nurkin.

É interessante também olharmos um pouco mais sobre o significado do número 7 (ז). O 7 representa no fundo o espírito que está dentro da matéria e que seria o motor que movimenta e mantém vivo o Ser Humano. Nos dias da semana o 7 representa o Shabat. No dia do sábado renunciamos a nossos interesses físicos e nos dedicamos a D'us. Nos dias da criação o 7 seria o mais elevado dos dias, por isso dedica-se esse dia ao lado espiritual, mostrando que o 7 é o espírito que está dentro da matéria. Para que tenha vida ela precisa de energia. O espírito que se encontra dentro da matéria é a energia que a faz viver durante os outros dias da semana (7 dias e +). As festas de 7 dias são: a festa das cabanas; das quatro espécies que se utilizam na festa de Sucot que são 1 fruto, 1 palmeira, 3 mirtas e 2 chorões =7; 7 Ushpizín (os Pastores do povo judeu Abraão, Isaac, Jacob, José, Moisés, Aarão e David); 7 bençãos de casamento; a noiva dá 7 voltas em torno do noivo; 7 virtudes do povo israelita; 7 notas musicais; os 7 dias de luto; 7 dias de Pessach e 7 frutas de Israel, ou seja, o 7 é muito presente. O 7 portanto é responsável pelo nosso movimento, pois um corpo sem energia não se move.

Portanto, se o 7 é o responsável pelo movimento, também o é responsável pela '*batalha*' de cada dia. Somente posso dedicar o 7 ao espírito se trabalhei os outros 6 dias da semana. Assim, o 7 representa o sustento, ou a energia proveniente de D'us que nos dá força para executarmos o nosso trabalho. Isto é, o porquê vou trabalhar. A figura do Zain nos remete a espada ou faca, um martelo (malho) etc., que são no fundo instrumentos que nos remetem ao sustento (trabalho). Ou seja, o esforço só é possível quando o espírito penetra dentro da matéria permitindo o trabalho.

A Menorah está alinhada com os princípios irradiação da Luz, da Sabedoria e da Espiritualidade que permeiam a nossa Organização. Conhecer e aplicar, 1º internamente no próprio Pedreiro e 2º no meio que nos cerca e 3º espalhando essa energia para o mundo, isto ao vivermos os outros dias da semana longe de nossos Templos Sagrados.

Diferentemente dos demais utensílios, a Menorá não foi moldada por técnica humana. O ouro foi lançado ao fogo e dela emergiu sua forma. Como já falamos anteriormente, isso ensina que a Luz verdadeira é produto do refinamento interior (bitul). A chama representa a centelha da alma, ou "*a lâmpada de D'us*", cuja revelação exige que o ouro do ego seja submetido ao fogo da transformação. O lampejo de compreensão é comparável ao relâmpago que corta o céu escuro. Um instante de clareza que revela uma realidade superior. A Menorá, portanto, simboliza a iluminação da consciência.

O número sete, repetido em múltiplas estruturas da vida judaica, indica a plenitude do ciclo natural santificado. Seis dias representam o esforço do Ser Humano. O sétimo revela a energia espiritual que sustenta e dá sentido aos demais. No plano interior, o "*sete*" é o espírito que penetra a matéria, o motor invisível que permite movimento e batalha diária. A letra ז (Zain), associada a um instrumento ou arma, alude ao trabalho e à luta; mas o verdadeiro sustento provém da energia Divina que vivifica a ação. Assim, a Menorá, com seus sete braços, representa a integração das seis direções da experiência humana com um centro espiritual que as unifica e ilumina.

Os milagres do Mishcan que são a luz contínua, pão abençoado, presença manifesta, ecoam os milagres da tenda de Sara, indicando que o Sagrado começa no espaço doméstico interior. A nuvem sobre a tenda, o frescor da massa e a chama que não se apaga, simbolizam as três dimensões da alma, que são a presença, o sustento e a iluminação.

Cada Pedreiro é chamado a tornar-se uma Menorá viva. Primeiro acendendo a própria chama interior, depois irradiando essa luz no ambiente próximo e, por fim, expandindo-a para o mundo. Quando o espírito penetra os seis dias de trabalho, a realidade cotidiana torna-se um Mishcan e o Ser Humano converte-se em portador consciente da Luz que emana do Infinito.

7.(Vayakhel) - Êxodo – 38:1-20 - *Os artesãos ergueram o Altar interior e o Altar exterior, seguidos do Lavatório e dos Pilares do Pátio. Combinar firmeza e humildade. Como os ordenaram, os artesãos construíram o Altar Exterior de cobre como uma estrutura oca. O Altar exterior é o lugar onde se efetua o processo de refinamento de nossa natureza animal. O material e a forma do Altar exterior se referem às atitudes opostas que precisamos cultivar para conseguirmos realizar este refinamento: Por um lado, devemos estar decididos em dedicarmo-nos a evoluir espiritualmente. O povo israelita é chamado de 'povo de dura-cerviz (obstinado)', o que pode ser uma qualidade positiva quando isto expressa determinação em atingir objetivos espirituais. Esta qualidade se relaciona com o fato do Altar ter sido construído em cobre, uma vez que a palavra hebraica para 'cobre' (nechoshet) tem relação com a palavra hebraica para 'obstinação' (nachush)*'. *Por outro lado, o Altar, que era oco, estava preenchido com terra. Da mesma maneira que externamente devemos ser obstinados, internamente devemos ser humildes como a terra. Como dizemos em nossas orações, que minha alma seja para todos como o pó da terra*".

"*D'us ordenou a Moshê: 'Farás um altar de madeira de acácia. Deve ser quadrado'. Os sacrifícios eram oferecidos sobre este altar. Por isso era chamado do* ***altar de sacrifícios de Olá****. Também era denominado de:* ***O Altar de Cobre*** *- pois era recoberto de cobre.* ***O Altar da Terra*** *- pois era construído sendo oco por dentro, e devia ser enchido de terra sempre que o povo de Israel acampava.* ***O Altar Exterior*** *- pois estava localizado no pátio do Tabernáculo.* ***Mas, o que o Altar Simbolizava?*** *O propósito do altar (מִזְבֵּחַ) (mizbêach) está indicado por meio das iniciais da palavra altar em hebraico. Concede ao povo israelita:* ***M (מ)*** *- Mechilá – perdão.* ***Z – (ז)*** *Zechut – mérito.* ***B – (ב)*** *Beraché – bênção.* ***CH (ח)*** *- Chayim – vidas*. Em Hebraico não tem a palavra vida no singular.

O Templo Sagrado em Jerusalém ficava no Monte Moriya. D'us fez com que o Altar de Cobre, ficasse num local muito especial sobre aquela montanha. Foi construído exatamente no mesmo local do qual D'us pegou terra com a qual criou o primeiro homem, Adão; onde a humanidade ofereceu seus primeiros sacrifícios através de Caim e Abel (filhos de Adão); onde Noach (Noé) construiu um altar após o Dilúvio; e onde Avraham atou Yitschaci com intenção de sacrificar seu filho ao Todo-Poderoso". O Altar de Cobre para Sacrifícios - Seleções do Midrash - Parshah

A matéria prima da criação do Ser Humano foi o pó da terra. É na terra que foi derramado o sangue de Abel. Foi neste local que um homem justo e perfeito (Noach – Noé) construiu um altar para agradecer a D'us (um Pedreiro nunca inicia os trabalhos sem antes agradecer ao Eterno) e é o local onde Avraham atou Yitschaci. **Mas, como realizar essa missão?** O *Altar exterior é o lugar onde se efetua o processo de refinamento de nossa natureza animal.* "*O verdadeiro homem não é o que tem tudo em comum com os animais, senão aquele que sabe elevar-se e progredir sobre o que lhe é específico, seu espírito e sua consciência moral. Só é homem aquele que conquista o Universo não com armas mortíferas, mas subjugando a matéria com o poder de seu espírito*". Torá Sefer pg. 243.

Em Torá Sefer pg. 271 sobre 35:01-02 encontramos que "*Ao começar a construção do Mishcan, a Torá nos faz recordar a observância do Shabat para dizer-nos que, apesar da construção do santuário ser um preceito Divino, não se permite por isso profanar a santidade do Shabat*". Não é fácil ficar sem fazer as proibições de um Shabat. Logo, algo o impelirá a fazer o que é proibido. É a Yetzer Hara, ou a má inclinação, que o testará a violar a vontade de D'us. É uma prova, você deve resistir, par conseguir passar na prova. *Em nosso zelo em assumir a responsabilidade por nossos encargos, não devemos pensar que qualquer influência positiva que possamos ter ou tenhamos, seja nossa própria realização. Em vez disso, somos meramente os canais pelos quais D'us realiza Seus propósitos na criação.*

Ou seja, a presença de diferentes profissionais entre os filhos de Israel tornou possível a construção do Mishcan. A nossa Organização, que visa a construção do Templo Interno, também utiliza diferentes profissionais. Seja humilde, pois são eles que trazem um olhar diverso de um mesmo quadrante (Cuidado). A vida nos mostra que hora estamos no topo, nos portões celestiais (sabedoria e santidade), ou nas fossas abissais. Entretanto, a transformação deve ocorrer, verdadeiramente, no coração da pessoa. O Pedreiro Livre deve cuidar, diuturnamente, do seu pensamento, fala e ação. A Menorah está alinhada com os princípios de irradiação da Luz (Verdade), da Sabedoria e da Espiritualidade que permeiam a nossa Organização. Conhecer e aplicar, primeiro internamente no próprio Pedreiro, depois no meio que nos cerca e a seguir espalhando essa energia para o mundo, isto ao vivermos os outros dias da semana longe de nossos Templos Sagrados. **Mas, como realizar essa missão? É ser um Ser Human**o / "*Betsalel*".

12- Parashat Pecudê – Contas - Inauguração

Sinopse

Ao descrever a designação por parte de Moshê das pessoas que atuariam no funcionamento e transporte do Mishcan, a Torá se refere pela primeira vez a ele como um 'testemunho'. Segunda inocência. Estes são os nomeados para supervisionar o Mishcan. O Mishcan era um testemunho. Prestar contas é um dever de quem administra, arrecada, guarda, gerencia ou utiliza bens e valores provenientes de um grupo de pessoas. Do mais alto ao mais humilde dos dirigentes que se utiliza de recursos oriundos de outras pessoas, mensalidades, contribuições espontâneas, impostos etc., é indispensável uma prestação de contas objetiva de forma que, todos saibam como àqueles recursos foram utilizados. Decorrente da prestação de contas, nos faz lembrar que temos de ter humildade, pois os nossos Rituais não foram feitos para explicar, mas sim para esconder. Nós temos de, gradativamente, descortinar o que está por detrás das palavras. Assim, com humildade, sabendo que não construiremos o nosso Mishcan interno sozinhos, podermos ao fim de uma grande jornada alcançar de fato "*o nosso próprio Mishcan espiritual interno e pessoal, ao superar toda deficiência espiritual que tenhamos adquirido no transcurso de nossa vida*". *Em seguida, a Torá descreve como os artesãos confeccionaram as vestimentas sacerdotais, incluindo o efod do Cohen Gadol. As duas tiras que se estendiam pelas costas da cintura do efod até pouco acima dos ombros tinham engastadas duas pedras de ônix nos seus extremos superiores. Os artesãos fizeram as pedras de ônix... gravadas com os nomes dos filhos de Israel. os nomes dos filhos de Yaacov, gravados nas duas pedras do efod (costuradas no topo das tiras, que se estendiam até os ombros), apareciam na sua ordem de nascimento, e não de sua importância ou prestígio. Isto realçava o denominador comum e unificador deles o fato de serem todos filhos de Yaacov. Mas, pelo seu mérito, Biniamin mereceu que o Bet Hamicdash ficasse em seu território (após a divisão da terra de Israel entre as tribos), pois D'us somente faz pairar a sua Shechina em um lugar onde há união, amor e solidariedade*". Uma lição que todos os Pedreiros devem se lembrar, para exercê-la em nossas reuniões em qualquer grau ou tempo. Ele (Criador) está no meio de nós, desde que seja *um lugar onde há união, amor e solidariedade. Jamais devemos proferir um julgamento que seja discrepante daquilo que temos no coração*". Justiça sem misericórdia é tirania, mas misericórdia sem justiça é impunidade. *Uma das vestimentas do Cohen Gadol era o Tsitsit, uma lâmina fina de ouro com o dizer 'Sagrado para D'us' nela gravado que ficava atada acima da testa. Os artesãos fizeram o Tsitsit e inscreveram sobre ele 'Sagrado para D'us'*. **Portanto, o que o Pedreiro Neófito recebeu de fato?** Recebeu a Torá escrita em letras de fogo. Ele está tendo a oportunidade ímpar de atrair para si e para todos os que o rodeiam, inclusive os outros irmãos que estão a seu lado, a Luz de Ein Sof Or. No dia da recepção de um novo Pedreiro é como se ele estivesse no Monte Sinai recebendo a Torá. Eles ao ouvirem a "*Voz*" do Eterno D'us, suas almas saíram do corpo e foram restituídas pelo Eterno. Na câmara de reflexões ele morreu para a vida profana e Renasceu para uma nova vida. Foi o mesmo que ocorreu com os israelitas no Monte Sinai. Mas, para continuar a receber a Luz de Ein Sof Or (O abençoado) ele precisa cumprir os mandamentos, posto que assim, vai manter o fluxo de energia proveniente do Eterno D'us. Ou seja, o Pedreiro precisa buscar se abster de não cometer o pecado do bezerro de ouro, indo adorar outros deuses. Lembremo-nos que os 248 mandamentos positivos requerem uma "*atitude*", ou o exercício efetivo do pensamento, da fala e da ação. Os 365 negativos requerem o "*não praticar algo*". *'Sagrado para D'us': é por isso que essa frase estava gravada no próprio Tsitsit*". Neste momento ele se torna um sacerdote. *Após todos os objetos do Mishcan serem produzidos, as pessoas os levaram a Moshê, que inspecionou o seu trabalho e viu que tudo tinha sido preparado exatamente conforme as instruções que ele tinha recebido de D'us. Em seguida, Moshê abençoou o povo israelita e rezou a D'us para que Sua presença habitasse nas obras de suas mãos, como Ele tinha prometido.* O aprofundamento contínuo do conhecimento, muitas vezes, se dá pela repetição das instruções. Em um momento que não se percebe que algo estava naquela instrução, na repetição a informação aparece clara e límpida na releitura do texto. Essa prática reforça a união entre o grupo, pois o reavivar ou se aprender novos conhecimentos e o compartilhamento da descoberta conecta os Pedreiros em um propósito comum que é trilhar o Caminho da Espiritualidade. *A seguir, D'us forneceu a Moshê*

instruções específicas sobre como erguer o Mishcan. Incluíam-se nelas orientações sobre o lugar onde colocar o Lavatório (Kior), o receptáculo cujas águas os Qohenim iriam usar para lavar suas mãos e pés como preparação para a execução de suas funções no Templo. D'us disse a Moshê: 'Você colocará o Lavatório entre a Tenda do Encontro e o Altar'. Cabe a nós Pedreiros, saber cuidar do Livro Sagrado e que não nos esqueçamos nunca de preservar a morada da qual o Eterno possa fazer uso. Este local é o Templo – a Casa de D'us. Um lugar Sagrado e que deve sempre ser respeitado ao máximo. *No dia 1.º de Nissan de 2449, seguindo as instruções de D'us, Moshê ergueu o Mishcan. Como foi mencionado anteriormente, uma das peças do Mishcan era o Altar interior, sobre o qual se queimava a oferenda diária de incenso. Moshê queimou uma oferenda de incenso sobre o Altar interior, assim como D'us lhe ordenou.* Cada pessoa tem uma missão a ser realizada. Alguns tem missões que os levam a ser um Cohen Gadol, outros para carregar e limpar o Templo, outros para guardá-lo, etc. Mas, para que o Templo consiga subsistir, precisa da massa de pessoas que dedicam as suas vidas ao comércio, a construção, ao desenvolvimento das ciências etc. Lembremo-nos sempre: Todos juntos somos mais fortes. *Uma vez erguido o Mishcan e todos seus elementos colocados nos lugares correspondentes, Moshê executou os rituais de sua inauguração e os da ordenação dos sacerdotes. Como sinal de que tudo tinha sido realizado de maneira apropriada, e que o Mishcan estava efetivamente preparado para servir como o local onde seria possível experimentar a presença de D'us, uma nuvem se materializou sobre ele e ali permaneceu suspensa. A dimensão mística. Moshê não pôde entrar na Tenda do Encontro por causa da nuvem que se havia instalado sobre ela, e a glória de D'us preencheu o Mishcan.* A Criação do mundo foi complementada através da criação do Mishcan.

1.(Pecudê) - Êxodo 38:21-39:1 – "*Ao descrever a designação por parte de Moshê das pessoas que atuariam no funcionamento e transporte do Mishcan, a Torá se refere pela primeira vez a ele como um 'testemunho'. Segunda inocência. Estes são os nomeados para supervisionar o Mishcan. O Mishcan era um testemunho.*

A Torá se refere ao Mishcan como sendo um 'testemunho' porque este mostrava que D'us havia perdoado os israelitas pelo pecado do bezerro de ouro. Além disso, a palavra hebraica para 'testemunho' (עֵדֻת) – edut – está relacionada com a palavra que a Torá emprega para 'joias' (עֲדִי) – edi -, isto é, as coroas espirituais que o povo recebeu por ocasião da Entrega da Torá e que, posteriormente, tiveram que retirar após o episódio do bezerro de ouro. Assim, o Mishcan também é chamado do 'Mishcan das joias'. Isto indica que este era o meio pelo qual D'us possibilitou ao povo israelita recuperar as elevações espirituais e a consciência Divina que haviam alcançado quando Ele lhes entregou pela primeira vez a Torá, antes do pecado do bezerro de ouro.

De maneira análoga, ao construirmos nosso próprio Mishcan espiritual interno e pessoal nós também podemos superar toda deficiência espiritual que tenhamos adquirido no transcurso de nossa vida, e assim obter parte da pura consciência Divina que D'us nos concedeu quando nos entregou a Torá pela primeira vez".

Inicialmente, encontramos entre os versículos Shemot 38:21-31 e nos comentários da Torá pg. 280 que "*Moshê reuniu a coletividade e declarou as contas do Tabernáculo (Mishcan) em público, para não dar lugar a dúvidas quanto ao emprego da prata, do ouro, e de outras doações feitas para a confecção do Mishcan. Mesmo sendo venerado e sua honestidade conhecida por todos, Moshê fez questão de prestar contas, servindo de exemplo a todos dirigentes comunais, para que fizessem o mesmo. 'Quando a hora do comparecimento do homem perante o Juiz Supremo soar, em primeiro lugar, D'us pede-lhe que preste contas para ver se foi honesto em suas transações*". Prestar contas é um dever de quem administra, arrecada, guarda, gerencia ou utiliza bens e valores provenientes de um grupo de pessoas. Do mais alto ao mais humilde dos dirigentes que se utiliza de recursos oriundos de outras pessoas, mensalidades, contribuições espontâneas, impostos etc., é indispensável uma prestação de contas objetiva de forma que, todos saibam como àqueles recursos foram utilizados.

Sobre o fato de que a Torá se refere ao Mishcan como '*testemunho*', é importante notar o que está escrito no seguinte versículo: "*E quando entrava Moshê na tenda da reunião para falar com Ele, ouvia a voz que vinha dos céus e falava de cima do tampo que está sobre a Arca do Testemunho; do meio dos dois Querubins, assim lhe falava*". Torá Sefer Bamidbar (Números) 07:89 pg. 409. Continuando, nos comentários da Torá e nesta mesma página, encontramos que "*Era esse o grande diferencial entre a profecia de Moshê e a de todos os demais profetas de Israel, cujas profecias eram recebidas sempre através de uma visão ou sonho. Por isso em Devarim (Deuteronômio) 34:10, pg. 611, depois de Moshê sair de cena, a Torá testemunha este fato único sem rodeios nem meias palavras {E não se levantou mais em Israel profeta algum como Moshê, a quem o Eterno aparecera cara a cara}*".

Entendo que o principal objetivo da Organização dos Pedreiros Livres é trilhar o Caminho da Espiritualidade. Entretanto, ninguém faz nada sozinho. Por exemplo, Moshê para conseguir exercer o seu '*trabalho*' com devoção e precisão, precisou da ajuda de inúmeras pessoas para construir o Mishcan, juntamente com a Arca da Aliança e todo o conjunto de objetos etc. que compunha o Mishcan. Veja que o Criador poderia fazer o que pretendia sozinho, mas deu-nos, em sua infinita sabedoria e humildade este exemplo. Ele chamou aos anjos e os convidou a criar o Ser Humano. Bereshit 01:26-27 "**26***E disse D'us: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra*. **27** *Criou, pois, D'us o homem à sua imagem; à imagem de D'us o criou; homem e a mulher os criou"*.

Decorrente da prestação de contas, nos faz lembrar que temos de ter humildade, pois os nossos Rituais não foram feitos para explicar, mas sim para esconder. Nós temos de, gradativamente, descortinar o que está por detrás das palavras. Assim, com humildade, sabendo que não construiremos o nosso Mishcan interno sozinhos, podermos ao fim de uma grande jornada alcançar de fato "*o nosso próprio Mishcan espiritual interno e pessoal, ao superar toda deficiência espiritual que tenhamos adquirido no transcurso de nossa vida*".

2.(Pecudê) - Êxodo 39:02-21 – "*Em seguida, a Torá descreve como os artesãos confeccionaram as vestimentas sacerdotais, incluindo o efod do Cohen Gadol. As duas tiras que se estendiam pelas costas da cintura do efod até pouco acima dos ombros tinham engastadas duas pedras de ônix nos seus extremos superiores. Os artesãos fizeram as pedras de ônix... gravadas com os nomes dos filhos de Israel.*

Alguns dos filhos de Yaacov se destacaram por seus papéis na liderança: Yehuda foi o pai da dinastia real de David; Levi foi o pai dos Qohenim; e Yossef foi o eleito para liderar a família após a morte de Yaacov. Mesmo assim, os nomes dos filhos de Yaacov, gravados nas duas pedras do efod (costuradas no topo das tiras, que se estendiam até os ombros), apareciam na sua ordem de nascimento, e não de sua importância ou prestígio. Isto realçava o denominador comum e unificador deles o fato de serem todos filhos de Yaacov.

Yaacov foi o único patriarca cujos filhos se mantiveram todos fiéis à missão Divina e à cosmovisão introduzidas por Avraham. Todos os seus filhos aprenderam a canalizar suas particularidades e forças individuais em benefício da perpetuação do judaísmo.

Essa união fez com que estes nomes inscritos se tornassem uma fonte de mérito para nós quando o Cohen Gadol ingressava no Mishcan para nos representar perante D'us. Assim como os pais ficam felizes ao atender aos desejos dos filhos quando todos cooperam carinhosamente entre si, D'us encontra-se mais disposto a nos dar a Sua beneficência quando seguimos a trilha dos filhos de Yaacov e nos unimos em nossa devoção aos ideais do judaísmo".

Há várias interpretações sobre a vestimenta do Cohen Gadol. Uma delas aparece em Shemot 28:20, descrita no Livro da Escravidão Para o Desenvolvimento, pg. 310. "*A Torá enumera os 12 tipos de*

pedras que ficavam no peitoral. Uma delas era chamada de Iashefê (ישפה), cuja Guematria soma 10+30+80+5=395, valor aproximado do nome Biniamin ben (filho de) Yaacov – (בנימין בן יעקב) que soma 2+50+10+40+10+50 + 2+50 + 10+70+100+2=396, evidenciando que essa pedra representava sua tribo.

O motivo dela representar Biniamin é porque ele foi o único filho que não causou sofrimento a seu pai Yaacov e nem o magoou verbalmente no episódio da venda de Yossef pelos seus irmãos, já que se calou a respeito disso. Se dividirmos a palavra Iashefê (ישפה) em duas obteremos (יש) ish (tem) e (פה) pê (boca) indicando que ele soube conter-se, preservando a honra de seu pai.

Por este mérito, Biniamin mereceu que o Bet Hamicdash ficasse em seu território (após a divisão da terra de Israel entre as tribos), pois D'us somente faz pairar a sua Shechina em um lugar onde há união, amor e solidariedade".

Uma lição que todos os Pedreiros devem se lembrar, para exercê-la em nossas reuniões em qualquer grau ou tempo. Ele (Criador) está no meio de nós, desde que seja *um lugar onde há união, amor e solidariedade.*

Na mesma página e acima, há um comentário complementar que deve ser observado por todos os Pedreiros. Temos que "*em Shemot 28:28 aprendemos que não se desprendia o peitoral (que ficava preso em seu peito sobre o seu coração) de cima do efod (אפד). A Guematria de efod (אפד) soma 1+80+4=85 é a mesma de pê (פה), boca. Este fato nos ensina que nossas palavras jamais podem se desprender de nosso coração, sempre nos mostrando coerentes com nossas ações e sentimentos. Jamais devemos proferir um julgamento que seja discrepante daquilo que temos no coração*". Justiça sem misericórdia é tirania, mas misericórdia sem justiça é impunidade.

Essa questão do peitoral é bastante interessante, pois para funcionar como um meio de comunicação entre o Cohen Gadol e o Eterno, ele tinha de conter todas os caracteres hebraicos. Assim, os nomes das tribos foram "*inscritos quimicamente*" de acordo com a cor da gema refletindo sua individualidade. As pedras preciosas contêm os nomes dos filhos de Israel, todos os 12 pelo nome, o nome de cada um será gravado como que sobre anel de sinete, para todas as 12 tribos. A fim de que o peitoral funcione como oráculo, o alfabeto hebraico inteiro deve estar sobre as pedras; porém os nomes das tribos não contêm todas as letras. Para corrigir essa situação, grava-se os nomes dos Patriarcas – Abraão, Isaac e Jacob – sobre a primeira pedra, acima do nome de Rubem, e a palavra "Yeshurun Shivty" sobre a última pedra, abaixo do nome Benjamim. Rabeinu Bahya, Shemot 28 in www.sefaria.org.

Obs.: Shivty Yeshurun é um nome poético para o povo israelita (Israel) no Tanakh. O significado de Yeshurun é derivado de uma palavra raiz que significa "*reto*", "*justo*" ou "*direito*". No entanto, também pode ter origem na palavra "*shur*", que significa "*ver*", ou ser uma forma diminutiva da palavra Israel. E a palavra Shivty é tribo.

3.(Pecudê) - Êxodo 39:22-32 – "*Uma das vestimentas do Cohen Gadol era o Tsitsit, uma lâmina fina de ouro com o dizer 'Sagrado para D'us' nela gravado que ficava atada acima da testa. Os artesãos fizeram o Tsitsit e inscreveram sobre ela 'Sagrado para D'us'.*

*O Cohen Gadol devia vestir o **Tsitsit** sobre a sua testa porque a testa representa a determinação obstinada. Todos nós enrugamos naturalmente os músculos da testa quando decidimos levar a cabo alguma coisa apesar de todo obstáculo.*

*A obstinação pode ser positiva ou negativa. A insolência ou arrogância de mostrar desprezo pela lei de D'us é definitivamente negativa. Não é coincidência que a pedra com que David matou Golias (Goliat) o tivesse golpeado na testa: Golias desafiava a D'us de modo aberto e insolente. Os sábios explicam que o **Tsitsit** sobre a testa do Cohen Gadol expiava o pecado da arrogância.*

Um exemplo de obstinação positiva é a determinação que nos permite, ao longo do dia, nos manter fiéis ao despertar espiritual que sentimos durante as orações da manhã. À medida que transcorre o dia de trabalho, pode ser difícil manter a consciência Divina elevada que almejamos durante as orações. Mas, sem dúvida, podemos manter a atitude em relação à vida implícita nessa consciência elevada, isto é, que nossa missão Divina é nossa principal preocupação e que o objetivo de nosso envolvimento com o mundo material é elevá-lo fazendo uso dele com propósitos Divinos. O nosso objetivo maior é fazer com que tudo a nossa volta seja 'Sagrado para D'us': é por isso que esta frase estava gravada no próprio ***Tsitsit***".

"*Tsitsit e Cohen Gadol: O termo tsitsit lembra o tsits, a placa de ouro usada pelo Cohen Gadol, o Sumo Sacerdote, na qual estavam gravadas as palavras 'Santidade a D'us'* (קֹדֶשׁ לַיהוָה). *Assim como tsits é derivado do hebraico 'fitar' porque era usado na testa um lugar visível a todos. Tsitsit também é derivado da mesma raiz. Tsitsit se refere também aos cabelos, ou 'franjas' na fronte. Assim, essa palavra denota que as franjas devem ser vistas, olhadas: e sua melhor tradução é, portanto, 'franjas à mostra' (i.e., as franjas ligadas à veste a fim de serem vistas). Na verdade, e mais a fundo, o relacionamento tsits/tsitsit é mais do que etimológico e os tsitsit do homem comum são de fato um modelo do tsits do Cohen Gadol*". https://www.chabad.org.br/mitsvot/tsitsit_talit/tsitsit_talit.html

"*E será para vós como franjas* ***Tsitsit*** *(ציצית), e as vereis e lembrareis todos os mandamentos do Eterno, e fareis, e não errareis indo atrás de (pensamentos de) vosso coração e atrás (à vista) de vossos olhos atrás dos quais, vós andais errando)*" - Números 15:38, pg. 434, Tanya V2 pg. 427 - Franjas (ציצית) **Tsitsit** 90+10+90+10+400=600 + 8 fios +5 nós de uma franja temos 613, representando o número total de preceitos da Torá.

Em Tanya Iguéret HaCôdesh Carta dez, pg. 187-192 encontramos que {Há dois tipos diferentes de Hessed. O **1º** é a Hessed Olam ou um Hessed da qualidade do mundo um grau de benevolência limitada, que é limitado pelas fronteiras temporais. **2º** é o Hessed benevolência ilimitada. É sabido que a Torá é chamada de oz - (עוז) ou (עֹז)- "*Força*", como encontrado no versículo '*HaShem concede força ao Seu povo*' (Tehilim 29:11). A Guemará no Tratado Zevachim 116a explica que "*Força*" refere-se à Torá. "*Força*" é uma referência à Torá, que é a força do povo judeu. Imediatamente, todos começaram a dizer: '*O Senhor abençoará o seu povo com paz*' (Tehilim 29:11). Lembremo-nos que Gueburah significa '*poder*', restrição, justiça estrita em contraposição a Hessed. Em Macot 23b encontramos que nossos Sábios, de abençoada memória, ensinam que os 613 mandamentos foram transmitidos a Moshê no Sinai a partir da Boca de Gueburah. Mas, está escrito igualmente em Devarim 33:02 '*De Sua Mão direita uma Torá de fogo foi dada para eles'*. Uma vez que a Torá foi dada '*da Sua Mão direita*', o que sempre indica benevolência e bondade (Tora Hessed - Mishlê 31:26).

Como pode, então, o versículo acima dizer que a Torá é uma expressão de fogo e de Gueburah? O Ser Humano atrai a Luz de Ein Sof (O abençoado) para os mundos inferiores através do cumprimento dos 248 mandamentos positivos, pois cada um dos mandamentos serve como receptor para a iluminação Divina para àquela pessoa. Entretanto, este fluxo descendente foi primeiro investido no atributo de D'us de Gueburah, que é chamado "*Fogo*", e que reflete uma contração (tzimtzum) da luz e força vital que emana da infinita luz Ein Sof (O abençoado), assim permitindo-a tornar-se investida no cumprimento dos mandamentos, que praticamente todos envolvem coisas materiais, tais como tsitsit, tefilin e caridade. Pois, nem mesmo por um momento, poderia o homem suportar em seu coração um amor a D'us tão intenso, sem fim e sem limite, e ainda permanecer vivo em existência no seu corpo. Na verdade, um amor assim tão intenso, sem fim e sem limite faria a alma voar para o ALTO}.

Portanto, o que o Pedreiro Neófito recebeu de fato? Recebeu a Torá escrita em letras de fogo. Ele está tendo a oportunidade ímpar de atrair para si e para todos os que o rodeiam, inclusive os outros irmãos que estão a seu lado, a Luz de Ein Sof Or. No dia da recepção de um novo Pedreiro é como

se ele estivesse no Monte Sinai recebendo a Torá. Eles ao ouvirem a "*Voz*" do Eterno D'us, suas almas saíram do corpo e foram restituídas pelo Eterno. Na câmara de reflexões ele morreu para a vida profana e Renasceu para uma nova vida.

Foi o mesmo que ocorreu com os israelitas no Monte Sinai. Mas, para continuar a receber a Luz de Ein Sof Or (O abençoado) ele precisa cumprir os mandamentos, posto que assim, vai manter o fluxo de energia proveniente do Eterno D'us. Ou seja, o Pedreiro precisa buscar se abster de não cometer o pecado do bezerro de ouro, indo adorar outros deuses. Lembremo-nos que os 248 mandamentos positivos requerem uma "*atitude*", ou o exercício efetivo do pensamento, da fala e da ação. Os 365 negativos requerem o "não praticar algo". *'Sagrado para D'us': é por isso que esta frase estava gravada no próprio* ***Tsitsit***". Neste momento ele se torna um sacerdote.

4.(Pecudê) - Êxodo 39:33-43 – "*Após todos os objetos do Mishcan serem produzidos, as pessoas os levaram a Moshê, que inspecionou o seu trabalho e viu que tudo tinha sido preparado exatamente conforme as instruções que ele tinha recebido de D'us. Em seguida, Moshê abençoou o povo israelita e rezou a D'us para que Sua presença habitasse nas obras de suas mãos, como Ele tinha prometido.*

O povo israelita sabia que era Moshê quem devia erigir o Mishcan, mesmo que foram os outros judeus que realizaram as tarefas de construção e preparação das peças.

O mesmo se aplica ao Mishcan espiritual que devemos construir em nosso interior. Temos que fazer tudo quanto for possível para fazer todas as suas partes; mas depois disso precisamos pedir auxílio a nosso 'Moshê', o mestre e mentor que nos ensina a Torá e nos mostra como viver de acordo com ela, pois a tarefa dele é nos conectar com D'us. Aí então, poderemos estar seguros de que todas as peças de nosso Mishcan interior se uniram à perfeição para desempenhar sua função da forma mais acabada".

No livro Shemot, Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 368, encontramos que {essa Parashat é uma revisão das anteriores, que trataram sobre os detalhes do Mishcan. Da mesma forma, em educação sempre é importante fazermos uma retrospectiva periódica afim de avaliarmos nosso trabalho e assim termos certeza de que tudo foi realizado como se devia. Sendo assim, seremos abençoados em tudo o que fizermos.

Em Shemot 39:32 estudamos sobre o término da obra do Mishcan conforme escrito (Vatechel kol Avodá Mishcan) (ותכל כל עבדת משכן) (6+400+20+30+20+30+70+2+4+400+40+300+20+50=1392), e acabou-se todo o serviço do Mishcan. Nossos sábios esclarecem que isto ocorreu em 25 do mês de Kislev, data que futuramente foi instituído o início das comemorações de Chanucah. A fim de corroborar este apontamento de nossos sábios, pode-se observar que a Guematria das palavras acima soma 1392, mesmo valor das palavras Beerin vechamishá beKislev nigmar (בעשרים וחמשה בכסלו נגמר) (2+70+300+200+10+40 +6+8+40+300+5 +2+20+60+30+6 +50+3+40+200 = 1392). No dia 25 de Kislev acabou. Ou seja, neste dia, ocorreu a vitória dos Macabeus sobre os Gregos sírios e a reinauguração do Templo Sagrado em Jerusalém}.

Os parágrafos acima, no fundo, trazem o sentido de renovação ou revisitação dos conhecimentos adquiridos, bem como a sua importância de fazê-lo para a vida de toda a comunidade. Os Pedreiros revisitam, periodicamente, as instruções ministradas anteriormente. O aprofundamento contínuo do conhecimento, muitas vezes, se dá pela repetição das instruções. Em um momento que não se percebe que algo estava naquela instrução, na repetição a informação aparece clara e límpida na releitura do texto. Essa prática reforça a união entre o grupo, pois o reavivar ou se aprender novos conhecimentos e o compartilhamento da descoberta conecta os Pedreiros em um propósito comum que é trilhar o Caminho da Espiritualidade.

5.(Pecudê) - Êxodo 40:1-16 – "*A seguir, D'us forneceu a Moshê instruções específicas sobre como erguer o Mishcan. Incluíam-se nelas orientações sobre o lugar onde colocar o Lavatório (Kior), o receptáculo cujas águas os Qohenim iriam usar para lavar suas mãos e pés como preparação para*

a execução de suas funções no Templo. D'us disse a Moshê: 'Você colocará o Lavatório entre a Tenda do Encontro e o Altar'.

O Lavatório foi confeccionado com os espelhos doados pelas mulheres judias para a construção do Mishcan. Esses objetos tinham sido usados anteriormente pelas mulheres para assegurar que o povo judeu continuasse existindo: quando o homem retornava para casa, espancado e exausto após esforçar-se o dia todo trabalhando como escravo no Egito, a esposa se aproximava dele com o espelho para que se vissem juntos refletidos, o que despertava neles a paixão marital.

No sentido espiritual, o Lavatório significa a necessidade de nos despojarmos de qualquer resquício de materialismo por menor que seja antes de penetrar em nosso Mishcan interior. Por isso, parece ilógico que o Lavatório tenha sido construído com espelhos usados para despertar a sensualidade. De fato, por essa razão, Moshê inicialmente quis rejeitar a doação.

O instinto sensual é sem dúvida a forma mais poderosa de desejo. No entanto, o fato do Lavatório ter sido construído com os espelhos das mulheres judias nos ensina que a intimidade física pode não somente ser um ato sagrado em si, como também quando se usa para atingir alturas espirituais maiores, como no Mishcan pode até nos ajudar a purificarmo-nos de nossa orientação mundana, materialista e física".

Em Torá Sefer, pg. 284 e 285 podemos encontrar o seguinte texto, entre chaves: {**A Casa de D'us - Tabernáculo** – O Midrash escreve a seguinte parábola referente à Casa de D'us: Um rei tinha uma filha a quem adorava. Educou-a da melhor forma e quando estava em idade de se casar, escolheu lhe um marido digno. Uma vez celebrada a boda, ao chegar o amargo momento da despedida, ele falou nestes termos ao jovem cônjuge: '*Dou-te minha filha como esposa, desligando-me assim de meu direito de permanecer em sua proximidade. Espero que saberás cuidar bem dela e como me é difícil esta separação, peço-te, querido genro, que sempre me reserves um aposento para que possa ir de vez em quando desfrutar da companhia deste ser que me é tão querido*'. Da mesma forma, D'us deu a Torá, sua filha, querida, ao povo dos filhos de Israel, recomendando-lhe: *'Confio-vos esta joia. Espero que sabereis cuidar dela e que não esquecereis de reservar-Me em qualquer lugar em que viveis, uma morada da qual Eu possa fazer uso, para permanecer a seu lado*'. E desde então o Templo constituiu a Casa de D'us.

Porás ali a arca - Todo o projeto e o objetivo principal da construção do Tabernáculo deviam ser elaborados com o objetivo de poder traduzir a união espiritual entre o homem e D'us. Por isso, também, os objetos que deviam ornamentar o santuário teriam que ser colocados em tal ordem que pudessem simbolizar, pela sua forma e disposição, a maneira de viver e o estilo de pensar dos filhos de Israel. Em outras palavras, o propósito foi de ressaltar e evidenciar a essência da doutrina judaica. Para o sábio Malbim, a colocação da Arca Sagrada num lugar tão Sagrado e separado se deve ao fato dela representar e simbolizar a Hokhmah Elioná, a sabedoria superior que nem a todos é dado compreender; só os sumos-sacerdotes, graças às suas extraordinárias faculdades espirituais e intelectuais, seriam capazes de perceber e de penetrar os exatos ensinamentos da Torá e isso não significa ou implica que as leis ético-sociais não devessem ser cumpridas por todos}.

A nossa Organização nos entregou, no primeiro dia que fomos recebidos em Loja, a Torá (ou um Livro Sagrado referente a denominação religiosa do Neófito). No fundo, repetiu-se o ato que foi realizado, por D'us no Monte Sinai. Cabe a nós Pedreiros, saber cuidar do Livro Sagrado e que não nos esqueçamos nunca de preservar a morada da qual o Eterno possa fazer uso. Este local é o Templo – **a Casa de D'us**. Um lugar Sagrado e que deve sempre ser respeitado ao máximo.

6.(Pecudê) - Êxodo 40:17-27 – *"No dia 1.º de Nissan de 2449, seguindo as instruções de D'us, Moshê ergueu o Mishcan. Como foi mencionado anteriormente, uma das peças do Mishcan era o Altar interior, sobre o qual se queimava a oferenda diária de incenso. Moshê queimou uma oferenda de incenso sobre o Altar interior, assim como D'us lhe ordenou.*

Um dos ingredientes do incenso era o gálbano. O odor desagradável desta erva faz alusão aos malfeitores de nosso povo. O fato do gálbano ser um componente essencial do incenso ensina-nos que todos os judeus são parte essencial da nação judaica, mesmo se o comportamento de alguns for às vezes inapropriado.

É por isso que nunca devemos excluir da comunidade nenhum israelita, ainda que algum aspecto de seu comportamento pareça justificar esta medida. De fato, nossos sábios ensinam que qualquer oração pública ou jejum que intencionalmente exclua os pecadores não será efetiva! Isso porque, em virtude de suas almas Divinas, cada israelita possui um valor inestimável e, na verdade, está repleto de boas ações. A personalidade especial de cada indivíduo desempenha um papel crucial no destino do povo israelita e do mundo em geral".

No livro Shemot – Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 370, e entre chaves o seguinte texto: {Em Shemot 40:17 está escrito o seguinte (הוקם המשכן), Hukan ha Mishcan – Mishcan levantado. Também as letras da palavra (הוקם) Hukan podem formar a palavra micvê (מקוה). Este fato, nos indica que o Mishcan era a fonte da Shechina, a qual proporcionava pureza e santidade para o mundo}.

Nos comentários da Torá Sefer, pg. 285, podemos encontrar que [o Tabernáculo foi levantado. O Mishcan foi feito, sobretudo, para inculcar no povo a ideia da Presença Divina e que D'us se encontra em todo lugar e acompanha o Ser Humano onde quer que esteja. '*Em todo lugar onde Eu fizer recordar o Meu nome virei ter contigo e te abençoarei*'. Êxodo 20:24. Quando Tito entrou no Templo de Jerusalém, buscou o D'us que os filhos de Israel adoravam, mas nada pode encontrar. Como pagão, ele não podia compreender como era possível adorar aquele D'us invisível. '*Eis que os céus dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa*'. 1 Reis 08:27. Porém, quando os Ser Humano unidos elevam com sinceridade seus corações ao Eterno, D'us desce e mora entre eles: '*E farão para Mim um santuário, e Eu habitarei entre eles*. (Shemot 25:08)].

Cada pessoa tem uma missão a ser realizada. Alguns tem missões que os levam a ser um Cohen Gadol, outros para carregar e limpar o Templo, outros para guardá-lo, etc. Mas, para que o Templo consiga subsistir, precisa da massa de pessoas que dedicam as suas vidas ao comércio, a construção, ao desenvolvimento das ciências etc. Lembremo-nos sempre: Todos juntos somos mais fortes. Assim, poderemos desfrutar da presença da Shekinah em nossas vidas, mesmo que não tenhamos a condição de percebê-la efetivamente. Nossas vidas são um conjunto de milagres de milagres. Milhões de espermatozoides partiram para fecundar um óvulo, somente um sobreviveu. Depois passamos pelos perigos da gestação, do parto, de crescer e superar as doenças, chegamos a fase adulta, quantos obstáculos tivemos e teremos de superar. E assim, vai até o dia que o Eterno nos chamar para o grande retorno. Isto também é um milagre!!!

7.(Pecudê) - Êxodo 40:28-38 – "*Uma vez erguido o Mishcan e todos seus elementos colocados nos lugares correspondentes, Moshê executou os rituais de sua inauguração e os da ordenação dos sacerdotes. Como sinal de que tudo tinha sido realizado de maneira apropriada, e que o Mishcan estava efetivamente preparado para servir como o local onde seria possível experimentar a presença de D'us, uma nuvem se materializou sobre ele e ali permaneceu suspensa. A dimensão mística. Moshê não pôde entrar na Tenda do Encontro por causa da nuvem que se havia instalado sobre ela, e a glória de D'us preencheu o Mishcan.*

As nuvens ocultam o que está dentro e por trás delas, e por isso são uma metáfora da incompreensível infinitude de D'us, que se encontra acima da capacidade do entendimento humano. Uma vez que D'us repousava no Mishcan, nem mesmo Moshê podia entrar lá.

No entanto, no início do próximo Livro da Torá, o Levítico (na parashá Vayikrá), D'us chama Moshê de dentro do Mishcan, permitindo-lhe entrar apesar da nuvem Divina pousar sobre o local e a glória de D'us preencher o ambiente.

Os sábios nos ensinam que, na ausência do Mishcan (e seu sucessor, o Templo Sagrado), D'us se revela a nós através da Torá. Todos possuímos um 'Moshê' interior, ou seja, a capacidade de nos devotar a D'us e à Sua vontade altruisticamente. D'us nos convoca por meio deste Moshê interior, e assim nos possibilita acessar os mistérios da Torá e nos unir com Ele. Ao cumprirmos os mandamentos e ao fazer nossas orações, vamos nos refinando, de modo a captar cada vez com maior clareza a presença de D'us no nosso estudo de Sua Torá".

No livro Shemot – Da Escravidão para o Desenvolvimento, pg. 370, encontramos o seguinte texto: {Em Shemot 40:33 consta o seguinte: Vaichal Moshê et hamelachá (ויכל משה את המלאכה) cuja Guematria é (6+10+20+30+40+300+5+1+400+5+40+30+1+20+5=913). A Guematria de Bereshit é (בְּרֵאשִׁית) (2+200+1+300+10+400=913), indicando que a criação do mundo foi complementada através da criação do Mishcan.

Na página 371, temos: Para finalizar nosso estudo sobre o segundo tomo da Torá, podemos salientar que as 11 Parashiot do livro de Shemot correspondem ao Shabat e as festas de nosso ano:

1- Shemot: que significa os '*nomes*' das festas.
2- Vaerá e 3- Bô: simbolizam Pessach, devido ao seu conteúdo.
4- Beshalach: simboliza Purim por descrever a Mitzvah de exterminar Amalec.
5- Itró: simboliza Shavuot por relatar o recebimento da Torá.
6- Mishpatim: simboliza Rosh Hashaná por esclarecer as leis de julgamento.
7-Terumá: simboliza Shimchah Torá devido a descrição da arca onde se guardava as tábuas da Torá.
8-Tetsavé: simboliza Chanucah, pois narra o acendimento da Menorá.
9- Ki Tissá: simboliza Yom Kipur por descrever os Shekalim que perdoavam.
10- Vayakhel: simboliza o Shabat pelo seu conteúdo.
11- Pecudê: simboliza Sucot pelos sinais das nuvens}.

CHAZAC CHAZAC VENIT'CHAZEC!
FORÇA! FORÇA! QUE SEJAMOS TODOS FORTALECIDOS!

13 – Referências

Além das fontes mencionadas ao longo do texto, as referências também incluem materiais que contribuem tanto para o aprofundamento dos estudos sobre a Torá quanto para uma compreensão mais ampla da Cabala Judaica Tradicional.

1963 Maimonides (Moses ben Maimon). **The Guide of the Perplexed**. Tradução e introdução por Shlomo Pines. Vol.1. Chicago: University of Chicago Press, ISBN 978-0-226-50230-4.

1985 Locks, G. G., "**The Spice of Torah-Guematria**", Editora Judaica Press, New York, USA, ISBN 0-910818-58-4.

1995 Touger, Eliyahu, comp. "**At Our Rebbes' Seder Table:** Commentary and Stories on the Haggadah Collected from the Works of the Lubavitcher Rebbe, Rabbi Menachem M. Schneerson and the Preceding Rebbeim of Chabad". Brooklyn: Sichos in English. ISBN 978-1881400134.

1998 Schneersohn, Yosef Yitzchak. "**Likutei Diburim: An Anthology of Talks"**. Traduzido por Uri Kaploun. Vol. 3. Brooklyn, NY: Kehot Publication Society.

2000 **Salmos** – "**Hebraico Português**", Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85583-25-8.

2001 Lefer, B.; Gorodovits, D.; Pamplona, E. V. R.; Levy, I.; Fridlin, J.; Najmanovich, R. "**Torá a Lei de Moshê**". Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85583-26-6.

2001 Blech, B. "**The Secrets of Hebrew Words**". Editora A Jason Aronson Book, New York, USA. ISBN 1-56821-918-0.

2003 Rifka Berezin, "**Dicionário Hebraico Português – Edusp**", Editora Edusp, ISBN 85-314-0128-3. São Paulo, SP, Brasil.

2003 Carmell, Aryeh. "**Judaísmo para o Século 21**". Tradução do inglês. São Paulo: Editora Sefer, s.d. Título original: Judaism for the Modern Age. ISBN: 978-85-86448-02-6

2006 Laitman, M. "**Cabala Alcançando Mundos Superiores**". Editora Planeta. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 85-7665-197-1.

2006 Dichi, I. "**A Fonte da Vida**". Editado pela Congregação Mekor Haim. Rua São Vicente de Paula, 276, São Paulo, SP, e-book

2008 Luzzato, M. C. "**A Sabedoria da Alma**". Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-7931-045-4. e-book.

2009 Ian Mecler. **"A força: O poder dos anjos da Cabala"**. Rio de Janeiro: Record. ISBN 978-8501086013.

2011 Raskin, A. L. – Rabino. "**A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico**". Edição brasileira, São Paulo, SP, Brasil, Editora Lubavitch – Brasil. ISBN 978-85-85553-21-0.

2011 Zumerkorn, D. "**Numerologia Judaica e seus Mistérios**". Editora Maayanot. Brasil. ISBN 978-85-7903-025-3.

2011 Lehman, Meir (Marcus), "**Akiva – A História de Rabi Akiva**", Editora Lubavitch, Rua Talmud Torá, 296 – SP – Brasil, ISBN 978-85-85553-19-7.

2012 Rabino Daniel Haim Mizrahi: "**Bereshit – Os Patriarcas e a Educação – Belos Valores**". Produção Editora, São Paulo, SP, Brasil.

2012 Rabino Joseph Saltoun, "**Árvore da Vida Segundo a Cabala**", ed. Cabala Livros. ISBN 978-85-65466-00-4. e-book.

2012 Rabino Moshe ben Maimon (Rambam): "**Sefer Hamitsvot do Rambam**". Editora Beith Lubavitch, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

2013 Ian Mecler. "**O poder de realização da Cabala. Rio de Janeiro**". Record, 2013. ISBN 978-8501095671.

2013 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Shemot Êxodo". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-5.

2014 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Vayikrá Levítico". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-2.

2015 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Bamidbar Números". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-51-2.

2015, Daniel Haim Mizrahi, Belos Valores – Shemot - **Da Escravidão para o Desenvolvimento**. Copyright by Daniel Haim Mizrahi.

2016 MILLER, Chaim. **Torá - Chumash Gutnick** – Bereshit. 2ª ed. São Paulo: Editora Maayanot BR, 5 volumes.

2016 "**Talmud Massechet Berachot – 3 Volumes**" Min Talmud Bavli. Editora Lubavitch, São Paulo, Brasil. ISBN 978-8585553-23-4.

2016 "**Manual de Bençãos**" Beit Chabad do Brasil, São Paulo, Brasil. ISBN 978-85-64297-04-3.

2017 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Bereshit Gênesis". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-4.

2017 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Devarim Deuteronômio". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-53-6.

2017 Likutei Amarim **Tanya**, "**O Tanya, de Rabi Shneur Zalman de Liadi**". 7 volumes. Tradução Eliahu Wasserman. Ed. Beith Lubavitch, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Tanya Iguéret HaCôdesh faz parte desta coleção de volumes.
2017 Rabino Avraham Eliyahu Kitov (Mokotovsky), Sefer Hatodaá, **Livro do Conhecimento Judaico**, Editora Sefer, ISBN 978-85-7931-063-8, São Paulo, Brasil.
2018 Dicionário "**Prático Bilíngue Português – Hebraico, Hebraico – Português**", Editora Prolog Ltda., São Paulo, SP, Brasil, ISBN 978-85-7931-078-2.
2018 **Tanakh** Completo – "**Hebraico e Português"**, Editora Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 978-85-7931-077-5.
2018 Rabino Moshê ben Maimon – Rambam – Mishnê Torá – Livro 1. **Sefer Hamadá 1**. Editora Lubavitch do Brasil. ISBN 978-85-85553-30-2. São Paulo, Brasil.
2019 Rabi Menachem Schneerson, "**Sabedoria Todo Dia**", ed. Kehot Publication Society, 770 Eastern Parkway, Brooklyn, NY 11213, USA, ISBN 978-0-8266-0654-9.
2019 Kaplan, Rabi Aryeh – "**O Bahir o Livro da Iluminação**". Editora Polar, São Paulo, Brasil, ISBN 978-85-86775-36-9.
2019 Rabino Diesendruck, M., "**Sermões do Rabino Menahem Diesendruck**", Ed. Perspectiva, ISBN 9788527306645, São Paulo, SP, Brasil.
2019 Immanuel Kant (Autor), Inês A. Lohbauer (Tradutor). "**Fundamentação da Metafísica dos Costumes**". São Paulo, SP. ISBN-13: 978-85-440019-98.
2020 Guedes, R. L. e Selmikat, A., "**O Princípio do Mundo da Humanidade a Luz da Cabala**", São Paulo, Brasil, Ed. Lexia. ISBN 978-65-5685-003-0.
2021 Guedes, R. L., "**Abraão e Isaac a Luz da Cabala**" Library of Congress Control Number 201.867.5309 – USA. Editado Amazon.com. Formato Kindle.
2021 Wasserman, Adolpho, comp. "**O livro de Eclesiastes (Cohêlet)**": Com comentários. 3ª ed. São Paulo: Maayanot. ISBN 978-85-7903-037-6.
2022 Guedes, R. L., "**Cartas Para o Mestre**", Editora Amazon, São Paulo, SP, ISBN 979-85-424-599-81.
2022 **Veshinantam**, Simchat Torá, Shabat Bereshit, 5783, ano 5, número 212 e 214.
2022 Ibn Habib, Jacob ben Solomon. **Ein Yaakov**: Aggada in the Talmud. Traduzido e editado por Shmuel Tzvi-Hirsch **Glick Edition**. Seattle: Independently Published. ISBN 979-8700002486.
2023 Guedes, R. L., "**Cabala Uma Janela Para a Alma: Massach**". Editora Amazon, São Paulo, SP, ISBN-13 979-838-608-58-41.
2024 Rabi Menachem Schneerson, **Likutei Sichot, vol. 1,** Kehot Publication Society, São Paulo, Brasil, ISBN 978-65-86-117-56-1.
2024 Luria, Isaac. 2024. "**Portal das Reencarnações (Shaár Haguilgulim)**". Traduzido por Joseph Saltoun. São Paulo: Instituto Meron, ISBN 978-85-67159-03-4 de 2024
2026 Guedes, R. L., "**Comentários de um Pedreiro Sobre a Torá: Bereshit**" Livro Eletrônico, São Paulo, SP. ISBN: 978-65-01-98240-3. https://archive.org/details/2026-03-10-comentarios-de-um-pedreiro-sobre-a-tora-bereshit.
2026 Chaim Vital. "**Sefer Etz Chaim: Árvore da Vida**". Editado por Isaac Luria. Traduzido por Elizeu Antônio de Souza. Joinville: Clube de Autores. ISBN 978-6583404145.

Sites utilizados

www.chabad.org (Inglês) e www.chabad.org.br (Português)
www.safaria.org (Hebraico e em Inglês)
https://search.nepebrasil.org/interlinear/ (Português)
https://www.zohar.com (Inglês)
https://www.jewishencyclopedia.com (Inglês)
Likutei Sichot, in https://www.torahrecordings.com/likutei-sichos/030/?utm_source=chatgpt.com (Hebraico)
https://etzion.org.il/en/tanakh/torah/

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!
Fraternalmente, B"H - B'ezrat Hashem (בעזרת השם)
Com a ajuda do **Eterno D'us, Bendito Seja.**
São José dos Campos, Shabat, 23 Maio, 2026, 7 Sivan, 5786
Roberto Lage Ben-Guedes

RLG-Êxodo-2026-001 - Profusão – 05/07/2016

ISBN: 978-65-02-15097-9
CBL
9 786502 150979

É proibida a comercialização deste Livro - 138